

**ROSEMARY DE PAULA LEITE CARTER**

***Monteiro Lobato acontece na América:***

**Análise de duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido” de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual do crítico literário Isaac Goldberg com o autor brasileiro**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa Philbert Lajolo**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo  
2011

**ROSEMARY DE PAULA LEITE CARTER**

***Monteiro Lobato acontece na América:***

**Análise de duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido” de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual do crítico literário Isaac Goldberg com o autor brasileiro**

Tese apresentada ao Curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Marisa Philbert Lajolo**

Universidade Presbiteriana Mackenzie

São Paulo  
2011

C325m Carter, Rosemary de Paula Leite.

Monteiro Lobato acontece na América: análise de duas transposições do conto "O Engraçado Arrependido" de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual entre o crítico Isaac Goldberg e o autor brasileiro / Rosemary de Paula Leite Carter. -

365 f. : il. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

Bibliografia: f. 280-289.

1. Monteiro Lobato, José Bento 2. Transposição 3. Goldberg, Isaac. I. Título.

CDD 869.31

**ROSEMARY DE PAULA LEITE CARTER**

*Monteiro Lobato acontece na América:*

**Análise de duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido” de Monteiro Lobato para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e 1947 e a relação intelectual do crítico literário Isaac Goldberg com o autor brasileiro**

Tese apresentada ao Curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como pré-requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras

**Aprovada em: 10 de Fevereiro de 2012**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Dr.<sup>a</sup> Marisa Philbert Lajolo - Orientadora**  
**Universidade Presbiteriana Mackenzie**

---

**Professora Dr.<sup>a</sup> Elizabeth Brait**  
**Universidade de São Paulo**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

---

**Professor Dr. João Cesário Leonel Ferreira**  
**Universidade Presbiteriana Mackenzie**

---

**Professora Dr.<sup>a</sup> Thais de Mattos Albieri**

---

**Professora Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Harabagi Hanna**  
**Universidade Presbiteriana Mackenzie**

*Aos que me marcaram profundamente pelo amor,  
sabedoria e exemplo que deixaram:  
meus pais, Ruy e Isabel Albertina Lourenço de Paula Leite,  
minha avó Laurinda Almeida e Silva Lourenço,  
e minha tia Deiza de Paula Leite Rocha.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos aos colegas, em especial à Maria Oflia, e a todos os amigos que com palavras afetuosas me incentivaram durante a Pesquisa. Ao meu marido Brian que, pacientemente, foi o amigo confidente das alegrias e dos momentos de percalços neste percurso. Aos meus dois filhos Thomas e Steven, à minha irmã Rachel Helena e à minha sobrinha Viviane, pelo constante apoio.

Fica, também, registrado o meu agradecimento ao *Curator of Special Collections – Pittsburg State University – Leonard H. Axe Library*, Sr. Randy Roberts; a *Assistant Secretary* da Fundação Guggenheim; ao *Senior Archive Assistant da Knox College*; e, finalmente, a *Reference Librarian* do *Reference and Reader's Advisory Department* da *Boston Public Library*, pelos dados essenciais gentilmente enviados durante o transcurso deste trabalho.

Além das fontes de fora de nosso país que enviaram dados substanciosos a esta pesquisa, foram consultados arquivos de bibliotecas para o desenvolvimento desta tese. Aproveito, neste momento, para agradecer pela acolhida prestativa dos profissionais das seguintes Instituições: Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato (SP); Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB - USP); Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP); Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE – UNICAMP – Campinas).

Às Professoras Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Harabagi Hanna e Dr.<sup>a</sup> Thais de Mattos Albieri, sou grata pelas sugestões e pelos apontamentos pertinentes durante a realização do exame de Qualificação.

Por fim, e antes de tudo, agradecer à minha Orientadora, Professora Dr.<sup>a</sup> Marisa Philbert Lajolo, que com infinita paciência e sabedoria soube me conduzir nos meandros deste trabalho, apontando as dificuldades a serem transpostas, fazendo-me repensar e prosseguir. Obrigada, Professora, pela leitura cuidadosa que sempre teve com esta Tese.

***Final dos anos de 1930.***

Agora, de novo andando de um lado para outro, continua:

– Aqui no Brasil já consegui o máximo em matéria editorial.

Para diante de mim e acentua:

– Englobadamente, meus livros já estão a caminho do segundo milhão.

– Com as traduções?

– Não.

– E que traduções há de livros seus?

– Há nos Estados Unidos uma tradução de contos meus com o título de *Brazilian short stories*, na coleção Little Blue Book; é o volume 733 da série, editada por Haldeman-Julius.

In: *MONTEIRO LOBATO. Prefácios e Entrevistas.*  
São Paulo: Editora Globo, 2009, p. 164.

## RESUMO

Este trabalho discutirá, num primeiro momento, expectativas e interesses do escritor Monteiro Lobato (1882-1948) em relação à publicação, no idioma inglês, de seus contos no mercado livreiro norte-americano que dispunha, na ocasião, de um contingente maior de leitores. Destacaremos, primeiramente, a obra *Brazilian Short Stories*, Série *Little Blue Books* nº. 733, lançada pela editora Haldeman–Julius em 1925. A pesquisa pretende, também, investigar o papel do crítico literário norte-americano Isaac Goldberg (1887-1938) destacando o pioneirismo de seu papel como intermediário e divulgador de obras da literatura brasileira nos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX.

Num segundo momento, será objeto de análise duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido”, nona edição de *Urupês*, 1923, que neste trabalho será a obra cotejada como texto de partida, com os dois textos de chegada em língua inglesa: “The Penitent Wag”, publicado em *Brazilian Short Stories* (1925), pela Haldeman-Julius Company e “The Funny-Man Who Repented”, título dado ao conto na coletânea *A World Of Great Stories* (1947), publicada pela Crown Publishers Inc.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; América do Norte; Transposição; Isaac Goldberg; *Little Blue Books*.



## ABSTRACT

This thesis has the purpose to investigate Monteiro Lobato's expectations and interests in relation to the publishing of his literary works in North-America with a broader number of readers and a larger book circulation. We will specially focus on *Brazilian Short Stories*, Series *Little Blue Books*, nº 733, published by Haldeman-Julius Company in 1925. The pioneer role of the North-American literary critic Isaac Goldberg (1887-1938) as a go-between and organizer of some Brazilian literary works of Art as well as of some Lobato's earliest published material in The United States of America will also be pursued.

We also aim to examine the accomplishments of two transpositions of the short story "O Engraçado Arrependido" into English. The literary works are: "The Penitent Wag" in *Brazilian Short Stories*, *Little Blue Book* nº 733, by Haldeman Julius Company (1925) and "The Funny-Man Who Repented" published in *A World Of Great Stories* by Crown Publishers (1947). In order to attain this target we intend to compare the text in Portuguese (9<sup>th</sup> edition, *Urupês*, 1923), with the mentioned transpositions into English in 1925 and 1947.

Keywords: Monteiro Lobato; North-America; Transposition; Isaac Goldberg; *Little Blue Books*.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>12</b>
------------------------	-----------

### PRIMEIRA PARTE

<b>Capítulo 1 URUPÊS.....</b>	<b>23</b>
-------------------------------	-----------

1.1 <i>Urupês</i> .....	24
-------------------------	----

1.2 Lobato e o momento livresco na América do Norte após a Primeira Grande Guerra (1914-1918).....	32
--	----

<b>Capítulo 2 O editor da Série <i>Little Blue Books</i>, Sr. E. Haldeman-Julius (1889-1945).....</b>	<b>50</b>
---	-----------

2.1 Histórico: Vida e obra do editor Emanuel Haldeman-Julius.....	51
---	----

<b>Capítulo 3 A série norte - americana <i>Little Blue Books</i> .....</b>	<b>55</b>
--	-----------

3.1 Histórico: Dados sobre a Série <i>Little Blue Books</i> .....	56
---	----

<b>Capítulo 4 O professor norte americano e poliglota Isaac Goldberg, Ph.D.....</b>	<b>74</b>
---	-----------

4.1 Histórico: Dados sobre o tradutor, editor, escritor e professor Isaac Goldberg.....	75
---	----

4.2 Isaac Goldberg, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre e Manoel de Oliveira Lima.....	82
---	----

4.3 A relação entre Isaac Goldberg e o escritor Monteiro Lobato.....	86
--	----

4.4 A obra organizada e publicada por Isaac Goldberg nos Estados Unidos da América: <i>Brazilian Literature</i> (1922).....	90
--	----

4.5 O crítico literário Goldberg e a <i>Revista do Brasil</i> .....	97
---	----

## SEGUNDA PARTE

<b>Capítulo 5 A Análise das Transposições do conto de Monteiro Lobato “O Engraçado Arrependido” para o idioma inglês, respectivamente, em 1925 e em 1947</b> .....	116
5.1 Análise das Traduções do conto “O engraçado arrependido” (1923), em “The Penitent Wag” ( <i>Brazilian Short Stories</i> , 1925), e em “The Funny - Man Who Repented” ( <i>A World of Great Stories</i> 1947).....	117
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>274</b>
<b>Referências</b> .....	<b>280</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>290</b>
ANEXO 1 Tradução. Capítulo 1- O que a América deseja ler. (In: HALDEMAN-JULIUS, E. <i>First Hundred Million</i> . USA: Angelican Press, 2008).....	291
ANEXO 2 Digitação do conto “O Engraçado Arrependido” do escritor Monteiro Lobato, em <i>Urupês</i> , Nona Edição, 1923.....	294
ANEXO 3 Digitação do conto “The Penitent Wag” em <i>Brazilian Short Stories, Little Blue Books</i> n° 733, 1925.....	316
ANEXO 4 Digitação do conto “The Funny-Man Who Repented” em <i>A World of Great Stories</i> , 1947.....	344
ANEXO 5 Relação de <i>Little Blue Books</i> . Séries n°. 600 - 799.....	357

# ***INTRODUÇÃO***

## Introdução

Esta tese compõe-se de cinco capítulos com dois núcleos centrais estruturados a partir da obra adulta do escritor Monteiro Lobato. A pesquisa teve como meta desenvolver: a) uma análise de duas transposições do conto “O Engraçado Arrependido”<sup>1</sup> para a língua inglesa, publicadas nos Estados Unidos da América do Norte, respectivamente, em 1925 e em 1947 com editores e tradutores distintos; e b) uma discussão da relação intelectual entre o autor brasileiro e o crítico literário norte-americano Isaac Goldberg<sup>2</sup>.

A obra lobatiana publicada no Brasil tem sido muito analisada, mas suas publicações no idioma inglês parecem ter sido negligenciadas. Daí o interesse de nos debruçarmos sobre o assunto, pela seara virgem que o mesmo apresenta.

A Primeira Parte da pesquisa é composta de quatro capítulos e incorpora dados históricos e contextuais, abrangendo os seguintes questionamentos: *O escritor Monteiro Lobato “aconteceu” efetivamente na América, como transparecia tanto desejar? Brazilian Short Stories<sup>3</sup> foi sua única obra publicada nos Estados Unidos? O que seriam os Little Blue Books<sup>4</sup>, e qual o perfil do editor da Série, Sr. Haldeman-Julius<sup>5</sup>? Houve alguma ocasião em que o editor Haldeman-Julius manifestou-se sobre a obra de Monteiro Lobato publicada por sua editora em 1925? Qual o papel e a importância do crítico literário Isaac Goldberg como articulador da produção lobatiana em outro sistema literário, o norte-americano?*

As obras de Monteiro Lobato dirigidas às crianças são as que estão mais presentes na mídia, em peças teatrais e em escolas, refletindo-se essa difusão numa maior presença do nome do autor junto ao público infanto-juvenil. Entretanto, as primeiras produções literárias de Lobato estão ligadas ao universo adulto<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> O conto foi nomeado inicialmente como “A Gargalhada do Colector” sendo publicado na *Revista do Brasil*, em Abril de 1917. Cf. MARTINS, M. R. *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica*. O processo de escrita do conto lobatiano. Tese de Mestrado. Campinas: Unicamp/IEL, 1998, p. 33.

<sup>2</sup> GOLDBERG, Isaac. O professor norte-americano Isaac Goldberg (1887-1938) foi autor, crítico literário, tradutor e editor. Disponível em: < <http://holliscatalog.harvard.edu>>. Acesso em: 07 fev. 2010.

<sup>3</sup> LOBATO, Monteiro. *Brazilian Short Stories*. With an Introduction by Isaac Goldberg. In: *Little Blue Books*. Series n°. 733. Girard, Kansas: Haldeman-Julius Company, 1925.

<sup>4</sup> *Little Blue Books*, publicação norte-americana editada pela Haldeman-Julius Company, sediada em Girard, Kansas.

<sup>5</sup> Emanuel Haldeman-Julius - (1889-1951), norte-americano, editor da Série *Little Blue Books*.

<sup>6</sup> MARTINS, Milena.Ribeiro: “[...] o primeiro livro organizado por ele [Lobato] não foi um livro de contos - foi *O Saci - Pererê*, resultado de um inquérito, coletâneas de textos diversos, de diversos autores. Cf. MARTINS, Milena R. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos Lobatianos*. Tese de Doutorado em Letras. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003. p. 164.

Desta forma, o Capítulo 1 que compõe a primeira parte desta tese concentra-se, inicialmente, na obra *Urupês* (1918)<sup>7</sup>, que registra a publicação dos primeiros contos ligados à temática do mundo adulto.

Monteiro Lobato além de escritor foi, também, editor e, como empresário, tinha noção da forte representatividade, em termos financeiros e de prestígio, que a sua produção literária auferiria, caso fosse publicada num mercado livreiro maior que o nacional, com um número muito expressivo de leitores na ocasião.

Conversas epistolares mantidas com seu amigo Rangel<sup>8</sup> ou com o argentino Manuel Gálvez<sup>9</sup> revelam este forte desejo do autor brasileiro: ter sua produção literária publicada nos Estados Unidos da América. Em 22.12.1920, por exemplo, Lobato comenta numa carta ao escritor Gálvez: “Adeus caro amigo e mais uma vez aceite sinceros parabéns pela victoria nos Estados Unidos. Os Estados Unidos hoje são quase o mundo...” (ALBIERI, 2009, p. 39).

A relação de Monteiro Lobato com a cultura norte-americana é estreita: ele trabalhou como Adido Comercial do Governo do Presidente Washington Luís, no Consulado brasileiro, em Nova York. Viajou em 1927 para aquele país, lá chegando em 07 de junho, e permanecendo na América por quatro anos. Admirava os Estados Unidos, não poupando elogios ao país que um dia sonhara em conhecer. Antes ainda, ele menciona a hipótese de uma possível mudança ao amigo de toda vida, Godofredo Rangel:

Estou pensando em mudar-me, continue ou não com a empresa editora. Mudar-me para a beira dum rio – para a beira do Amazonas – do Mississippi... [...] Há por aí um algum rio que não seque? Muda-te para perto dele, Rangel.

<sup>7</sup> Edgard Cavalheiro (1955, p. 199- 200) nos relata sobre a publicação de *Urupês*: “Somente em julho de 1918, aos 36 anos de idade, é que Monteiro Lobato surge em livro, com uma brochura intitulada *Urupês*”. E sobre o título, Monteiro Lobato pensa em *Dez mortes trágicas*, mas é dissuadido por Artur Neiva, chefe do Serviço Sanitário do Estado: “Dez mortes Trágicas! Horrível! Sugere, em substituição, *Urupês*, título do artigo no qual o escritor traça o retrato do Jeca.”

<sup>8</sup> GODOFREDO RANGEL. José Godofredo de Moraes Rangel (1884-1950), mineiro de Três Corações, bacharelou-se em Direito em SP, participando quando acadêmico do grupo do *Minarete* (nome dado ao chalezinho amarelo no bairro de Belém, em São Paulo) e do qual fez parte o escritor Monteiro Lobato. Por quarenta anos correspondeu-se com o amigo Lobato. Dessa troca de missivas (1903-1948) resultou o livro *A Barca de Gleyre*, que registra as cartas de Lobato a Godofredo Rangel. (LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1951, p.21).

<sup>9</sup> A relação de Monteiro Lobato com o argentino Manuel Gálvez (1882-1964) está muito bem explicitada em ALBIERI, Thais M. (2009). Gálvez foi escritor, editor, colaborador em revistas e jornais argentinos, fundou, em 1903, a revista *Ideas*; entre 1906 e 1930, foi inspetor da *La Enseñanza Secundaria y Especial*; em 1916, fundou a *Cooperativa Editorial Buenos Aires* e a *Agencia de Libreria y Publicaciones*; em 1919, fundou junto com seu cunhado Augusto Bunge, a *Cooperativa Editorial Pax*. Gálvez foi um dos responsáveis por editar, em 1921, *Urupês*, de Monteiro Lobato em castelhano. Foi inspetor de *La Enseñanza Secundaria y Especial*, de 1906 a 1930, e seu trabalho, neste posto, incluía viagens a escolas do interior da Argentina. Dados compilados de ALBIERI, T. M. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese de Doutorado em Letras. Campinas: IEL/Unicamp, 2009, p 12.

São Paulo, 10. 06. 1925.  
(LOBATO, 1961, p. 277).

Após a viagem, impregnado pelo entusiasmo que dedicou à terra norte-americana escreve a obra *América* (1932), na qual detalha hábitos da população e dos locais que visitou.

Nessa obra, no entanto, não faz menção à publicação norte-americana de seus contos. Só as menciona – como registrado na epígrafe desta tese – muito posteriormente.

O fato de ser discreto quanto às publicações de sua obra no estrangeiro torna-se ainda mais curioso se notarmos que, em maio de 1926 (um ano, portanto, após a publicação norte-americana), numa pequena nota em carta dirigida a Rangel, explica que:

Estou de sorte. Fui traduzido na Síria por E. Kouri; na Alemanha por Fred Sommer; na França por Duriau. E como de muito tempo ando com a Espanha e a Argentina no Japão, já apareci em seis países.

Rio, 07. 05. 1926.  
(LOBATO, 1961, p. 292).

Em contrapartida, dois meses depois (08.07.26), Monteiro Lobato comenta entusiasmado e faz projetos para o futuro, pois gostaria de ver publicado um romance seu nos Estados Unidos da América:

Sabe o que ando gestando? Uma idéia mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio a Wells, com visão de futuro. [...] Já tenho um bom tradutor, o Stuart, e em New York um agente que se entusiasmou com o plano e tem boa porcentagem no negócio. Imagine se me sai um Best seller! Um milhão de exemplares... [...] Acho o americano sadiamente infantil (LOBATO, 1961, p. 293-294).

Além de obras importantes para o público infantil e adulto, Monteiro Lobato nos deixou correspondência valiosa, de cerca de quarenta anos com o amigo Godofredo Rangel, a qual nos retrata o homem e o escritor; e com escritores e editores brasileiros e estrangeiros (Quiroga<sup>10</sup>, Prieto<sup>11</sup>, Gálvez, para citar alguns) que apontam pelos comentários, o desejo do autor de ter sua obra publicada em outros países.

---

<sup>10</sup>QUIROGA, Horácio. (1878-1937). Diplomata e Escritor, nascido na cidade de Salto, Uruguai, posteriormente, mudou-se para Buenos Aires, Argentina. Foi autor de: *El crime del outro* (1904); *Cuentos de Amor Loucura Y Muerte* (1917) e *Cuentos de La Selva* (1918). Quiroga correspondeu-se com Lobato e conhecia, também, Gálvez. Foi cônsul do Uruguai na Argentina por um certo período. Segundo Albieri, nos anos 20, a crítica literária rotulou Quiroga como autor regionalista assim com a Lobato” (Cf. Albieri, T 2009, p. 201 e 204).

Segundo Albieri (2009, p. 183), Monteiro Lobato e Gálvez trocaram uma valiosa correspondência entre 1919 e 1925, em que comentavam sobre a circulação de suas obras. Gálvez publicou a tradução em castelhano de *Urupês*, no mercado argentino em 1921 e Lobato publicou *Nacha Regules*, de autoria do amigo portenho, traduzido para o português, no Brasil. Nas cartas, registraram observações sobre suas respectivas publicações, trataram de tradutores, ilustradores, editores e mencionavam conhecidos mútuos como, por exemplo, o crítico literário Isaac Goldberg. Em algumas cartas, Monteiro Lobato deixou evidente a Gálvez seu sonho em “acontecer literariamente na América” e, assim, internacionalizar-se.

Entretanto, até o início desta pesquisa, a única produção literária lobatiana entre seus contos adultos, reconhecida entre nós como publicada na América do Norte, era a obra *Brazilian Short Stories* (1925), Série *Little Blue Books* nº. 733, com três contos: “The Penitent Wag” (“O Engraçado Arrependido”); “The Plantation Buyer” (“O Comprador de Fazendas”) e “Modern Torture” (“Suplício Moderno”).

Nos primeiros passos deste trabalho, tínhamos somente como fato concreto essa publicação pela Haldeman-Julius Company<sup>12</sup>, em 1925, além da menção (vaga) de um artigo publicado em jornal estadunidense<sup>13</sup> pelo crítico literário Isaac Goldberg, anterior, portanto, a essa publicação de 1925. Evidenciavam-se como escassas as investigações sobre a obra lobatiana fora do âmbito de sua circulação e recepção no Brasil. Pudemos reconhecer,

---

<sup>11</sup> PRIETO, Juan Ramón. Escritor, editor e tradutor argentino. Prieto está descrito por Albieri (2009): “A partir de 1946 fundou, juntamente com Monteiro Lobato, Miguel Pilato e Manuel Barreiros, a ‘Editorial Actéon’, com sede em Buenos Aires. Em 1947, publicou pela Editorial ‘Al Ateneo’, a sua versão e tradução de *Urupês*, que reunia além de contos lobatianos já traduzidos para o castelhano [...] e veiculados em revistas como *Plus Ultra* e *Atlántida*, textos publicados em *Negrinha*, *Cidades Mortas* e *O macaco que se fez homem*. Cf. ALBIERI, T. M. Tese de Doutorado em Letras. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009, p.94. Prieto em carta datada em 28.10.1945, aconselha Monteiro Lobato sobre a publicação de suas obras infantis na Argentina: “[...] A edição para crianças aqui é um grande negócio e todos os editores estão ainda na etapa de Branca de Neve, O Gato de Botas, C. Vermelho, etc., etc. Nada que interesse as creanças de hoje.” Prieto menciona seus objetivos à Lobato com o comentário: “*Sou editor, iniciando editorial com a série de Hercules y louco por achar alguma coisa mais.*” Prieto traduziu *Urupês* para a segunda edição, no ano de 1947, lançado pelo “Editorial El Ateneo”(ALBIERI, T. 2009, p. 44 e 139).

<sup>12</sup> A *Haldeman-Julius Company* foi fundada pelo norte-americano Emanuel Haldeman-Julius (1889-1951) na pequena cidade de Girard, condado de Crawford, no estado de Kansas, EUA. Em 1954, seu filho Henry assumiu a firma que controlava os *Blue Books*. HERDER, Dale M. “Haldeman-Julius, The Little Blue Books, and the Theory of Popular Culture”. In: *Journal of Popular Culture*. Vol. IV, nº. 4. p. 881-887, [S.I: s.n.], Spring 1971, (Tradução nossa). O Prof. Dale M. Herder, em nota de rodapé, no artigo acima, relata que: “*This article, in somewhat altered form, is part of my proposed Ph.D Dissertation in American Studies at Michigan State University*” (HERDER, 1971, p. 889).

<sup>13</sup> *Jornal Evening Boston*. Cf. A Tabela incluída nesta tese no Capítulo 1 detalha o mapeamento encontrado sobre as datas e as publicações de Lobato na América do Norte. Digitamos, também, o artigo “Um nacionalista do Nacionalismo Brasileiro” que Goldberg refere-se como o da publicação no jornal *Evening Boston*. Não há menção denome de tradutor (In: *Revista do Brasil*, 1921).



também, que eram muito poucas e recentes as dissertações e teses que versam sobre suas publicações num sistema literário externo como, por exemplo, o argentino<sup>14</sup>.

Paradoxalmente ao seu desejo de “acontecer” na América enunciado nas conversas epistolares, em vida, o escritor Monteiro Lobato mostrou-se sempre comedido em discutir, em público, publicações de sua obra nos Estados Unidos e, numa consequência do fato era, também, reticente em nomear tradutores e editores de seus textos naquele país. Daí, acreditamos, a falta de informações precisas sobre o acontecimento de que aqui tratamos nesta primeira parte da pesquisa: *Lobato concretiza seu sonho e “acontece” com outras publicações de sua obra na América?*

Feito o levantamento de obras de Monteiro Lobato, efetivamente como publicadas nos Estados Unidos da América, principalmente na década de 20, partimos para a demarcação de alguns eventos significativos da história norte-americana, a fim de contextualizar, por exemplo, a importância do momento literário naquele país, após a primeira grande guerra que marcou, também, o início das publicações ligadas ao nome do autor brasileiro naquele país.

Desta maneira, o Capítulo 2 da primeira parte desta tese traz a trajetória editorial do norte-americano Haldeman-Julius, responsável pela publicação de *Brazilian Short Stories*, em 1925, na Série *Little Blue Books* nº. 733. Esta obra constitui-se um importante marco no percurso estrangeiro do autor e, através de dados e depoimentos, explicitamos neste capítulo, a metodologia pessoal de Haldeman-Julius para as vendas de seus livros.

A partir do estudo sobre o editor norte-americano, chegamos à Série *Little Blue Books*, que é discutida no Capítulo 3, por ter sido um veículo de propagação do nome e da produção literária do escritor brasileiro Monteiro Lobato, no mercado livreiro norte-americano em duas datas distintas: em 1924 (*Little Blue Book* nº. 646, p. 60) e em 1925 (*Brazilian Short Stories*, *Little Blue Book* nº. 733).

O capítulo 4, o último da primeira parte da tese, é dedicado à figura de Isaac Goldberg, editor, professor, tradutor, escritor e crítico literário. Assim, *Brazilian Literature* (1922), de sua autoria e importante publicação da editora Alfred A. Knopf, de Nova York, é destaque neste capítulo. Nessa obra, Goldberg dedica várias páginas ao autor brasileiro, destacando-o como um importante editor e escritor, com um perfil bem nacionalista.

---

<sup>14</sup> Cf. ALBIERI, T.M. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese de Doutorado em Letras. Campinas: IEL/UNICAMP, setembro de 2009.

Referimo-nos, também, no capítulo 4, à obra *The Spirit of Brazilian Literature*, Série *Little Blue Book* nº. 646, lançada pela editora de Haldeman-Julius, em 1924. De autoria do crítico norte-americano, ela discute o panorama das letras no Brasil desde os tempos coloniais. Goldberg, nessa publicação, menciona Monteiro Lobato como jornalista e editor<sup>15</sup>. Pela mesma editora, a Haldeman-Julius Company, em 1925, Goldberg redige a “Introdução” aos três contos de Monteiro Lobato em *Brazilian Short Stories*, já mencionados anteriormente.

Decidimos, também, complementar o capítulo 4, estendendo o nosso olhar sobre os laços intelectuais e possíveis troca de interesses entre Isaac Goldberg e Monteiro Lobato quanto à publicação de obras, bem como a amizade epistolar que os uniu a outros brasileiros: Gilberto Freyre<sup>16</sup> e Manoel de Oliveira Lima<sup>17</sup>. Esse último recebe uma homenagem de Goldberg, pois *The Spirit of Brazilian Literature* (1924) é dedicado a sua pessoa pelo crítico literário norte-americano.

Até certo ponto desse trabalho, somente contávamos com o conhecimento da publicação de *Brazilian Short Stories*, de autoria de Lobato, pela Haldeman-Julius Company, em 1925, no mercado livreiro norte-americano. Entretanto, com o mapeamento das obras lobatianas em andamento, nos deparamos com outra importante publicação em 1947, pela Crown Publishers: “The Funny-Man Who Repented”. Desse modo, o Capítulo 5 veio compor a Segunda Parte deste trabalho, estruturando-se a partir de algumas indagações que foram levantadas no decorrer da pesquisa e que nos levaram, a seguir, a concretizar uma análise detalhada dessas duas transposições para o idioma inglês. As seguintes ponderações manifestaram-se nesse ponto dos levantamentos: *Como ocorreu o processo da migração do texto lobatiano do português para a língua inglesa? Para acomodar as expectativas do novo leitor, de outra cultura (a anglo-americana) com outro idioma (o inglês) os tradutores se*

---

<sup>15</sup> Goldberg publica três artigos na *Revista do Brasil* (1918-1925), importante publicação nacional, de propriedade do escritor Monteiro Lobato. Os artigos são: “Um Novelista do Nacionalismo Brasileiro”. In: “Notas do Exterior”, *Revista do Brasil*, Anno VI, Vol. XVIII, nº. 72, Dezembro de 1921; “Renascença literária Norte-Americana”. In: “Notas do Exterior”, *Revista do Brasil*, Anno IX, Vol. XXV I, nº. 103, Julho de 1924 e “A Actual Novella Americana”. In: “Notas do Exterior”, *Revista do Brasil*, Anno IX, Volume XXVII, Nº 105, Novembro de 1924. Essas publicações enfatizam a relação intelectual do crítico literário norte-americano com Monteiro Lobato. (Nota: Os artigos encontram-se digitados no Capítulo 4 dessa tese).

<sup>16</sup> Gilberto de Melo Freyre (ou Freire) – sociólogo, antropólogo, político e escritor brasileiro. Nascido em Recife, Pernambuco (1900 - 1987). Filho do juiz de Direito e Professor Dr. Alfredo Freyre e de Francisca de Mello Freyre. Em 1921, torna-se editor associado da Revista *El Estudiante Latino-Americano*, publicada, mensalmente, em Nova York. Em 1923, já graduado, escreve artigos para a *Revista do Brasil* a pedido de Monteiro Lobato. Como Professor convidado ou proferindo conferências, esteve em várias Universidades norte-americanas ao longo de sua vida. Para citar algumas, temos: Stanford (1931); Universidade de Michigan (1939); Universidade do Estado de Indiana (1944); Universidade Católica da América (1949 - Washington D.C.); Universidade da Virgínia (1949); Universidades de Princeton e Columbia (1961). Teve livros publicados na América do Norte pela Alfred A. Knopf. Disponível em: <<http://bvfg.fgv.org.br>>. Acesso em: 05 agosto 2010

<sup>17</sup> Manuel de Oliveira Lima (1867- 1928). Escritor, crítico e diplomata.

*utilizaram de (quais) manipulações, alterações e intervenções? Os dois tradutores, em seus papéis de leitores do texto de partida e produtores do texto de chegada, detalharam elementos contidos no texto inicial, próprios de nossa cultura e vivências, para o cenário do leitor norte-americano?*

Deixamos claro que não era nosso objetivo analisar, nesta pesquisa, todas as transposições da obra adulta de Lobato, encontradas durante o mapeamento de suas publicações no mercado livreiro norte-americano. Optamos por investigar duas transposições em língua inglesa do conto “O Engraçado Arrependido” por esta obra estar presente, como aqui já reiterado, em 1925, em *Brazilian Short Stories* (com o conto “The Penitent Wag”) e pelo acesso que tivemos às publicações do conto em 1947 e 2003.

Desta forma, o Capítulo 5 desta tese detalha a análise de duas transposições para o idioma inglês do conto “O Engraçado Arrependido”<sup>18</sup>, de Monteiro Lobato, como aqui já mencionado.

A primeira transposição analisada tem o título “The Penitent Wag” e é publicada em 1925, em *Brazilian Short Stories*, da Série *Little Blue Book* nº. 733, pela editora Haldeman-Julius Company, com “Introdução” do crítico Isaac Goldberg.

A segunda transposição, aqui cotejada, foi publicada no mercado norte-americano em 1947, com o título “The Funny-Man Who Repented” e faz parte da coletânea *A World of Great Stories*, editada por Hiram Haydn e John Cornos, pela Crown Publishers de Nova York. Posteriormente, a obra foi republicada em 2003, pela Gramercy Books (Random House) em Nova York, edição hoje esgotada, mas à qual tivemos acesso.

Fomos instigados a investigar as escolhas lexicais, bem como as questões morfológicas e sintáticas nas duas transposições para o inglês de “O Engraçado Arrependido”, a começar pela nomeação do conto que é distinta nas duas publicações mencionadas. Optamos por um recorte que evidenciasse tal análise em detrimento de outras contextualizações ou comparações históricas, porque como professora do idioma inglês, consideramos que esse ângulo oferecia, a começar pela análise dos dois títulos com nomeação tão diversa, uma perspectiva instigante para o exame das diferentes escolhas deixadas aos

---

<sup>18</sup> O texto fonte cotejado em português foi publicado em 1923, nona edição de *Urupês* pela Monteiro Lobato e Cia. A razão dessa escolha recai no fato de se tratar da publicação mais próxima de 1925. Segundo Martins (2003), entre 1918 e 1925, há dez edições de *Urupês*. Entretanto, não há acesso à décima edição de *Urupês*. Entre 1925 e 1935, é quase certo que não tenha havido nenhuma edição de *Urupês*. Cf. MARTINS, Milena R. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos Lobatianos* Tese de Doutorado em Letras. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003, p. 187.

tradutores frente à língua, e, além do mais, em dois momentos temporais distintos: 1925 e 1947.

Com esta proposta em foco, entendemos, então, que esta tese está imbricada num cruzamento entre *literatura* e *língua*, já que a produção lobatiana para “acontecer” num outro sistema literário, no caso o norte-americano, foi transposta para outro idioma. Brait (2010) discute essa relação de parceria em sua obra *Literatura e outras linguagens* e explicita ao leitor que:

[...] Ao menos dois pontos justificam e sustentam a empreitada. Por um lado, a convicção de que línguas e literaturas formam uma parceria inquestionável, nata, atestada pela cumplicidade firmada entre criadores, criações e diferentes estudos de linguagem (BRAIT, 2010, p. 11- 12).

A autora faz uma reflexão sobre os termos *literatura* e *língua*, que, como apontado nesta tese, são duas áreas que se entrecruzam para formar o todo:

A boa literatura é sempre uma janela escancarada para o mundo. Por meio dela, a vida pode ser observada, usufruída, compreendida, questionada e, em certa medida, vivida. Tudo isso graças à sensibilidade de um escritor, incessantemente atento à vida e à arte que a reinventa. Isso se traduz, necessariamente, pela capacidade de recolocar em pé o vivido, o imaginado ou a mistura das duas coisas, por meio da linguagem e, generosamente, oferecer vivências, percepções, aos que têm acesso a seu texto. Contar uma história, portanto, é uma maneira de compreender a vida e fazer com que outros a compreendam sob determinada perspectiva. Para isso, o autor escolhe o ângulo por meio do qual os acontecimentos ganham vida, a partir dos recursos oferecidos pela língua e pelo ritmo estabelecido por um narrador (BRAIT, 2010, p. 133 - 134).

Sobre o assunto posto em discussão por Brait (2010), que sublinha a importância do ângulo ou da perspectiva escolhidos pelo escritor ao contar uma história, ousamos acrescentar a essa imagem, as palavras de Arrojo (2007, p. 38) ao sugerir que: “[...] todo leitor ou tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade) seja mediado por suas circunstâncias, suas concepções, seu contexto histórico e social”.

Dessa forma teremos a premissa de que tanto o texto-fonte como o que foi transposto para outro idioma, é único. Octavio Paz torna mais estimulante essas argumentações quando explicita que:

Todo texto é único e é, ao mesmo tempo, a tradução de outro texto. Nenhum texto é completamente original porque a própria língua, em sua essência já é uma tradução: em primeiro lugar do mundo não verbal e, em segundo, porque todo signo e toda frase é a tradução de outro signo e de outra frase. Entretanto, esse argumento pode ser modificado sem perder sua validade: todos os textos são originais porque toda tradução é diferente. Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único (apud ARROJO, 2007, p. 11).

Bassnett (2003, p. 15) afirma que a tradução torna-se efetivamente na outra vida de um texto, um novo “original” numa outra língua. Esta concepção positiva de tradução, vem reforçar a importância da tradução, segundo Bassnett (2003, p. 15-16) enquanto ato “[...] de comunicação simultaneamente intercultural e intertemporal”.

Esta pesquisa pretende, então, tratar de uma relação segunda, pois uma transposição envolve uma nova relação da linguagem com “o vivido, o imaginado ou a mistura das duas coisas”, uma vez que carrega traços da vivência, também, do tradutor, do seu “ângulo”, da sua “perspectiva”. No transcorrer da investigação das duas transposições, recorreremos a reflexões de Bassnett (2003), Lefevere (1992), Campos (2004) e Arrojo (2007), a respeito de possíveis manipulações, intervenções, acréscimos ou omissões por parte dos tradutores frente à reescrita do texto-fonte.

Esclarecemos, também, que o conto “The Penitent Wag”<sup>19</sup>, em *Brazilian Short Stories*, foi transposto para o idioma inglês por uma tradutora amiga de Lobato, cujo nome se desconhece, como informa nota de rodapé inserida na Introdução, assinada por Goldberg, na versão de 1925, pela Haldeman-Julius Company. Já a transposição “The Funny-Man Who Repented” publicada na coletânea *A World of Great Stories* pela Crown Publishers Inc. em 1947 (com republicação em 2003, pela Gramercy Books) é assinada pelo Prof. Harry Kurz<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Anexamos a este trabalho as versões inglesas digitadas.

<sup>20</sup> KURZ, Harry. O Professor e tradutor H. Kurz nasceu em 23 de março de 1889 na cidade de Nova York e faleceu em 12 de Maio de 1973, com 84 anos de idade. Foi o responsável pela tradução do francês para o inglês, do ensaio de Étienne de La Boétie (1548), *Discourse on Voluntary Servitude*, pela *Columbia University Press – New York*, em 1942. Esta tradução ainda é apreciada e divulgada nos EUA. Foi, também, Professor de “Romance Languages” no *Queens College, New York*, segundo a apresentação feita em *A World of Great Stories* (1947). Entre 1921 e 1934, foi Professor de *Romance Languages* e *Chairman of the Modern Language Department* junto ao *Knox College, Illinois* (esta última informação foi recebida em mensagem eletrônica da *Archive Assistant - Knox College*, em 11.06.2010).

Editou muitos trabalhos em francês pela *Columbia University Press*. Contribuiu no *Atlantic Monthly* e outros jornais. Publicou um artigo “The future of Modern Language Teaching” no *The Modern Language Journal* em Novembro de 1943, vol. 27, nº. 7, p. 460-469. Proferiu um discurso no *Queens College, NY*, sobre o ensino de Línguas estrangeiras nos EUA. Escreveu ou editou os seguintes livros: *Anitdictator; The Discourse sur La servitude volontaire of Etienne de La Boetie* (traduzido para o inglês); *Adventures du fibustier Beauchene* com introdução, exercícios e vocabulário de Harry Kurz; *Comedias y juegos; Tambien em Palma crecen los niños* editado por Vera F. de Beck-Angular e Harry Kurz; *Tartarin sur les Alpes*, par Alphonse Daudet, introdução e notas de Harry Kurz. Cf. Para maiores dados: <<http://www.qc.cuny.edu>>.

Passaremos, a seguir, para a Primeira Parte desse trabalho, iniciando, no Capítulo 1, uma discussão sobre a obra *Urupês* (1918), livro de contos que dá notoriedade a Lobato como escritor de extraordinário talento no cenário nacional e internacional.

# **PRIMEIRA PARTE**

## **Capítulo 1**

### ***URUPÊS***

## Capítulo 1 *URUPÊS*

### 1.1 Dados sobre *URUPÊS*

A recepção que teve seu artigo “Urupês” – posteriormente incluído no livro de igual nome- foi rumorosa, como relata Lobato em carta datada de 12 de Fevereiro de 1915, enviada da fazenda *Buquira* ao amigo Godofredo Rangel:

Contou-me que na sala do Nestor<sup>21</sup>, no Estado<sup>22</sup>, houve uma séria discussão sobre aquele artigo Urupês, na qual poucos concordaram comigo totalmente, mas todos ficaram unânimes em que sou “novo de forma” e uma “revelação”. Será Rangel, que com tão pequena amostra se possa chegar a esse veredicto? E disse mais o Pinheiro que cada um me atribuía uma filiação. Um provou que eu imitava Eça<sup>23</sup>. O Armando Prado, que eu imitava o Fialho<sup>24</sup>. A maioria, porém, achou que eu me revelava pessoal e sem filiações aparentes. E disso resultou que o Estado vai pagar-me os artigos a 25 mil réis (LOBATO, 1961, p. 19-22).

Após a publicação de polêmico artigo “Urupês” no jornal *O Estado de São Paulo*<sup>25</sup> em 1914, onde critica implacavelmente hábitos do caipira pulista, o artigo empresta o nome a seu livro de estréia, o qual é lançado em 1918, pelas Edições da *Revista do Brasil*.

Em maio de 1918, Lobato compra a *Revista do Brasil* (1916-1925)<sup>26</sup> e publica o livro *Urupês* (1918) incluindo aí os três contos, posteriormente traduzidos para o inglês. Sem

<sup>21</sup> Nestor Rangel Pestana, que figurou como membro acionista da *Revista do Brasil* em seu primeiro número. Em “Notas e Informações” do jornal *O Estado de São Paulo* (geralmente, folha A3 do editorial) pode-se ainda verificar, atualmente, o nome de Nestor Rangel Pestana como um dos diretores do jornal entre os anos de 1927 e 1933.

<sup>22</sup> Jornal *O Estado de São Paulo*.

<sup>23</sup> Lobato está se referindo a José Maria Eça de Queirós (Póvoa de Varzim, Portugal, 25.11.1845 e Paris, França 16.08.1900).

<sup>24</sup> FIALHO de ALMEIDA, José Valentim. Escritor português, nascido em Vila de Frades, Alentejo em 07.07.1857 e falecido no mesmo local em 04.03.1911. Estudou medicina (mas exerceu muito pouco a profissão) vindo a se formar com 38 anos de idade devido à dificuldades econômicas. Em 1880 funda e dirige a revista *A Cronica* e dois anos depois *A Ilustração*. Foi importante prosador, contista e cronista. Artista de natureza anárquica deixa entre outras obras *Os Gatos*, 6 volumes de crônicas entre 1889-1893. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

<sup>25</sup> O jornal *O Estado de São Paulo* foi comprado, em 1902, pelo jornalista e advogado Júlio César de Mesquita (1862-1927). Monteiro Lobato já era colaborador do jornal *O Estado de São Paulo* em 1913. Em 1914, Monteiro Lobato publica dois artigos -“Velha Praga” e “Urupês”- no jornal, os quais tiveram grande repercussão no meio intelectual paulista da época (ALBIERI, T.M. 2009, p. 54).

<sup>26</sup> *Revista do Brasil* - Albiéri nos adianta que à frente do periódico *O Estado de São Paulo*, o jornalista Júlio César de Mesquita, da família proprietária do jornal, “[...] em 1916, expandiu e reformulou a redação e fundou, junto com Plínio Barreto e José Pinheiro Machado Júnior, a *Revista do Brasil*, para a qual Lobato passa a colaborar desde o primeiro número” (



dúvida, a revista contribuiu para a popularização das obras de Lobato. Importante publicação no cenário nacional, ela é definida no *Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana 1870- 1930*, nos seguintes termos:

A *Revista do Brasil* é possivelmente a publicação cultural – literária de maior destaque do panorama intelectual paulista dos anos 10 e 20. Inicialmente publicada sob o patrocínio editorial do grupo d' *O Estado de São Paulo* é, posteriormente, assumida por Monteiro Lobato. Publicada em fascículos, que colecionados constituíam um volume, era uma revista de “leitura séria” pensada como um espaço de educação, reflexão e discussão para com as elites letradas.

Na sua grande variedade de artigos o temário da revista traduz o universo de preocupações, propostas e concepções dos intelectuais que nela colaboram, principalmente com relação as questões colocadas para a construção da cultura nacional. Aí encontramos inúmeros artigos sobre: artes plásticas, literatura, língua, educação, sociologia, política, história, política internacional etc. (CRUZ, Heloísa de Faria (org.) apud MARTINS, M. R., 2003, p. 13).

Corrêa (In: LUCA, 1999, p.12-13) explicita que desde o nome - *Revista do Brasil* – a revista seria “[...] uma publicação dedicada aos assuntos nacionais, projeto de intelectuais paulistas, com o objetivo de tratar de seu país, [...] voltada para a busca das origens, ressaltando o alcance de São Paulo e fundamentada na sua história e na sua economia”.

Na opinião de Luca (1999, p. 30-31):

[...] a *Revista do Brasil* [...] na sua primeira fase circulou ininterruptamente entre janeiro de 1916 e março de 1925, revelou-se uma fonte privilegiada. Principal publicação de caráter cultural da República Velha, a revista acolheu em suas páginas os nomes mais representativos da época, tendo desfrutado de enorme prestígio e ostentando uma longevidade rara para os padrões vigentes.

Segundo Martins (2003, p. 166), “a primeira edição de *Urupês* (1918), de mil exemplares, esgotada ‘*exatamente um mês após a saída*’, com lucro para o autor-editor foi um sucesso de vendas”.

Os três contos publicados no mercado norte-americano em 1925 já faziam parte da primeira edição de *Urupês*, cujo índice elenca os seguintes textos<sup>27</sup>.

---

ALBIERI, T.M. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese de Doutorado em Letras. Campinas: IEL/UNICAMP, 2009, p. 54.

<sup>27</sup> Dados obtidos a partir da Tese de Doutorado em Letras, de Milena Martins Ribeiro: *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos Lobatianos* (Campinas: IEL/UNICAMP, 2003. p. 164).

Índice da Primeira Edição de <i>URUPÊS</i> (1918) <sup>28</sup> .
Explicação desnecessária <sup>29</sup>
Dedicatória
Os faroleiros
O engraçado arrependido*
A colcha de retalhos
Chóóó!Pan!
“O meu conto de Maupassant”
“Pollice verso”
Bucólica
O mata-pau
Bocatorra
O comprador de fazendas* <sup>30</sup>
Um suplício moderno*
O estigma
Urupês

Os contos assinalados com\* são os que foram escolhidos para o lançamento do escritor na América do Norte. Entre 1918, data da primeira edição do livro em Português e 1925, data da publicação dos contos em Inglês nos EUA, há dez edições de *Urupês*, como já mencionado em nota na Introdução desse trabalho.

Os três contos têm como cenário, pequenos centros do interior paulista e segundo as palavras de Martins (2003), dois deles, -“Suplício moderno” e “O comprador de fazendas” - não trazem a morte como enredo, o que os torna distintos dos demais. Em suas palavras: “Filiam-se mais propriamente à linhagem cômica [...] ambientados e ligados ao meio rural” Por outro lado, seus enredos ajudam a compor a outra unidade e a oferecer o outro “fio

<sup>28</sup> Dados dos números de edições de *Urupês* no Brasil para o período acima (In: MARTINS, 2003, p. 166).

<sup>29</sup> “Explicação desnecessária”- Seria uma espécie de Prefácio da primeira edição de *Urupês* [1918] (MARTINS, 2003, p. 159).

<sup>30</sup> “O comprador de fazendas”. O conto foi publicado na *Revista do Brasil* nº 27, em março de 1918 e, posteriormente, incluído na primeira edição de *Urupês*, em junho de 1918 (Cf. ALBIERI, 2009, p. 38).

O conto “O comprador de fazendas” foi adaptado para o cinema, posteriormente, em 1951, pela *Companhia Cinematográfica Maristela* e teve uma nova versão pela *Alberto Pieralisi Filmes* em 1974. Disponível em <<http://imdb.pt/title/tt0241319>> e, em <[http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas\\_link.cfm/edicao-id=301&Artigo-ID=4](http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm/edicao-id=301&Artigo-ID=4). Acesso em: 08 agosto 2010.

condutor da leitura” - dados pelo título *Urupês* [...]. Em “O engraçado arrependido” há uma breve referência ao meio rural, na abertura da narrativa (MARTINS, 2003, p. 164-165)..

“Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo d’uns Souza Pontes de trinta mil arrobas, afazendados no Barreiro [...]” (LOBATO, 1923, p. 23).

Sobre o mesmo texto, Cassiano Nunes (1986, p. 275) aponta:

“O Engraçado Arrependido” do livro *Urupês* é um dos contos mais conhecidos de Monteiro Lobato. E também um dos seus contos que mais tem aparecido em antologias. **Isaac Goldberg** (grifo nosso), o primeiro crítico norte-americano que analisou o contista de Taubaté, salientou o caráter agridoce da ficção mais característica do autor de *Urupês*. Chegou a compará-lo, então, a Tchekov<sup>31</sup>, que sabia harmonizar tão bem a graça com o elemento dramático. Lobato foi um grande humorista (o que não tem sido muito notado) e começa “O Engraçado arrependido” numa atmosfera de humor, mas, pouco a pouco, à medida que Pontes<sup>32</sup> deseja mudar de vida e tornar-se sério, o elemento trágico vai se adensando até o desfecho doloroso, a que, entretanto, não falta uma nota cômica.

O conto em referência convida o leitor também a uma reflexão de natureza social. Pontes, “galho bastardo”, provém de situação dúbia: pertence, mas sem vínculo firme, a uma classe social que o deixa à margem.

(Possivelmente, esse comentário como os demais que constam na obra e não estão assinados são de autoria do escritor Cassiano Nunes<sup>33</sup>).

Vale a pena uma rápida vista de olhos sobre o panorama literário brasileiro ao tempo do lançamento norte-americano da obra de Monteiro Lobato.

Goldberg em sua “Introdução” em *Brazilian Short Stories* (1925) aos contos de Lobato, reflete sobre a postura do escritor brasileiro no período apontando, em particular, o seu protesto contra a influência generalizada do francês nas Letras:

If occasionally he overdoes his protest against the French, he may well be forgiven because of its sound basis; it is part of his own personality to see things in the primary colors, to play the national zealot not in any chauvinistic sense [...] (GOLDBERG, 1925, p. 05).

<sup>31</sup> Cf. Esta comparação está referendada num artigo publicado na América do Norte por Goldberg, no jornal *Evening Boston*, e traduzido nas páginas da *Revista do Brasil*, vol XVIII, n. 72, anno VI, dez. de 1921, p. 379.

<sup>32</sup> Referência a Francisco Teixeira de Souza Pontes, personagem em “O Engraçado Arrependido”.

<sup>33</sup> NUNES, Cassiano. Cassiano Nunes Botica (1921/2007). Foi escritor, poeta, ensaísta e professor na Universidade Nacional de Brasília. Nunes foi grande admirador da obra de Lobato, fazendo pesquisas sobre a correspondência do escritor. Disponível em: <[http://www.thesarus.com.br/autor/cassiano\\_nunes](http://www.thesarus.com.br/autor/cassiano_nunes)> / e, em <<http://www.unb.br>>. Acesso em: 5 mar. 2010.

Segundo Cavalheiro (1955, p. 201) no Brasil, dos anos 20: “[...] o movimento literário entre nós, caracteriza-se então por uma completa e absoluta pasmaceira. Não se escrevia *nem* se publicava nada.”

Lúcia Miguel Pereira<sup>34</sup> citada na mesma obra (1955), compartilha de igual opinião: “O diletantismo, o amadorismo, constituíam um alarmante sintoma de esgotamento, de fim de época” (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 202). Acrescenta ainda que os livros editados versavam sobre coisas do Brasil, “mas seu espírito era cosmopolita, daquele cosmopolitanismo esterilizante que está para o universalismo, esse sim, fecundo, como a máscara para o rosto”.

Para Cavalheiro (1955, p. 202), Monteiro Lobato percebera bem esse fenômeno, e:

[...] quando investia contra os “francelhos” e contra a “imitação”, quando se batia pelo abandono do servilismo então predominante, quando apregoava a necessidade de nos voltarmos para as nossas coisas com “olhos de ver”, é porque já se fartara em examinar as brochuras que sobre a falsa realidade brasileira nossos escritores vinham publicando.

Isaac Goldberg em sua “Introdução” aos contos de Monteiro Lobato em *Brazilian Short Stories* (1925, p. 5), reconhece a importância do trabalho do escritor brasileiro, naquele momento literário: “*Monteiro Lobato represents the most recent phase of the Brazilian reaction against Gallic literary influence. Though not pretending primarily to be a writer, he yet has inaugurated what amounts to almost to a new period of the national letters*”.

A crítica literária, posteriormente, analisa o momento literário no Brasil, na década de 20. Sobre aquele momento, Lucia Miguel-Pereira comenta numa entrevista concedida ao escritor e historiador Homero Senna<sup>35</sup>:

<sup>34</sup> MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Crítica literária, biógrafa, romancista, tradutora e autora de livros infantis. Nascida em Barbacena (MG), em 12 de dezembro de 1901, filha do médico sanitarista Miguel da Silva Pereira, foi criada no Rio de Janeiro, onde veio a falecer num desastre aéreo, em 22 de dezembro de 1959. Na década de 30, escreveu para a *Revista do Brasil*, *Boletim de Ariel*, *A Ordem*, *Lanterna Verde* e no jornal *Gazeta de Notícias*. Foi colaboradora no *Correio da Manhã* e no “Suplemento Literário” do jornal *O Estado de São Paulo*. Em 1936, publica um estudo crítico e biográfico sobre o escritor Machado de Assis, “*referência fundamental na fortuna crítica do escritor*”. Disponível em: < [http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/9 sem\\_08. html](http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/9 sem_08. html)>. Acesso em: 06 jun. 2010.

<sup>35</sup> Entrevista concedida, primeiramente, ao escritor e historiador Homero Senna e publicada na Revista d’ *O Jornal* em 03.12.1944. Posteriormente, este depoimento foi republicado por Senna em sua obra *A República das Letras*. SENNA, Homero. *A República das Letras*, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. Trechos desta entrevista assim como om depoimento acima, disponível em < <http://tirodeletras.com.br/entrevistas/Lucia Miguel Pereira.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2010.

Quanto aos benefícios que o Modernismo trouxe, citarei apenas um, que a meu ver é o maior de todos: livrou-nos da literatice. A parte destrutiva do movimento foi excelente. Não sei se a parte construtiva também o terá sido, mas é inegável que se fazia necessária uma reação contra aquele academismo, aquele marasmo, aquele cansaço em que se atolava a literatura nacional. O modernismo foi uma sacudidela benéfica.

A opinião do sociólogo e antropólogo Gilberto Freyre quanto ao servilismo manifestado por escritores brasileiros frente aos ditames europeus, nas Letras, não está distante das reflexões de Goldberg em sua “Introdução” aos contos de Lobato (1925), nem é diversa das ponderações de Lobato sobre este assunto (CAVALHEIRO, 1955, p. 202) ou, em Lúcia Miguel-Pereira (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 202).

Freyre citado por Cavaleiro (1955) faz avaliação semelhante da Literatura Brasileira no período e do estado de espírito dos intelectuais brasileiros: “[...] embora estes fizessem muitas declarações sobre o Brasil, havia quase um ostensivo ou implícito desinteresse pela nossa realidade”<sup>36</sup> (apud CAVALHEIRO, 1955, p. 203).

O antropólogo acrescenta que, embora residissem no Brasil, a maioria desses literatos fornecia aos leitores, uma imagem de não “pertencer” à sua pátria, pois estavam “ligados mentalmente [...] à Europa, particularmente à França, como coloniais, como exilados, como sub-europeus, sub-franceses, sub-ingleses, sub-alemães”<sup>37</sup>.

Gilberto Freyre estudara nos EUA e, talvez, por esse motivo, possa ter observado a realidade de seu país “com um olhar de fora”, conseguindo “distanciar-se” dos fatos para analisar o cenário nacional (da literatura) de sua época com uma óptica crítica, como parecem nos mostrar suas declarações sobre o assunto.

Lobato, numa carta a Manuel Gálvez em papel da *Revista do Brasil*, em 22.11.1920, também endossa a mesma visão a respeito da literatura brasileira, ao informar que escreveu o artigo “Velha Praga”<sup>38</sup>, no jornal *O Estado de São Paulo*, procurando demolir a “[...] estylisação heroica do caboclo que vinha desde Alencar<sup>39</sup> e era tido como dogma intangível.” Monteiro Lobato acrescenta que:

---

<sup>36</sup> Medeiros de Albuquerque parece compartilhar da mesma opinião ao escrever: “[...] a França está muito mais perto do Brasil do que o próprio Brasil.” In: *Revista do Brasil*, n 16, abril de 1917 apud MARTINS, 2003, p. 89.

<sup>37</sup> *Ibid.*, 1955, p. 203.

<sup>38</sup> Lobato, no artigo “Velha Praga” demonstra sua revolta contra caboclos que haviam queimado suas terras, quando ainda se encontrava fazendeiro.

<sup>39</sup> Monteiro Lobato está se referindo ao escritor José M. de Alencar (1829-1877), que fez parte do movimento do romantismo nas Letras, no Brasil, expoente da literatura romântica indianista.

A repercussão deste artigo impressionou-me. Houve replicas, defesas, contestações. Insisti no meu ponto de vista escrevendo outro artigo “Urupês”, procurando demolir a estylisação heróica do caboclo que vinha desde Alencar e era tido como dogma intangível. A repercussão desse artigo impressionou-me. Houve debates largos pela imprensa, dividida em dois campos – o que mantinha e defendia o velho ponto de vista e o que aceitava a minha interpretação verista. O resultado disto foi que veio abaixo o ídolo, e o caboclo passou a ser representado pelo Jeca Tatu, tomando essa representação grande vulto depois que Ruy Barbosa a consagrou em discurso memorável. Essa palavra entrou para a língua corrente, foi adoptada pelo povo, desdobrando-se em prole: Jécatauismo, Jecatatulândia, Jéquite, Jécalthada, etc. (apud ALBIERI, 2009, p. 35).

Posteriormente à venda de sua fazenda, o escritor retomou o tema em contos e em artigos na imprensa. Depois, quando editou contos que havia enviado à *Revista do Brasil*, a edição revelou-se um sucesso, ao qual, talvez, não era alheia à celeuma de que Lobato era (ou dizia ser) o centro. Em carta a Manuel Gálvez, em 22.11.1920, Lobato ponderou que:

A discussão sobre o Jeca me valeu grandes apologias e grandes descomposturas. Para uns era patriota, para outros diffamador da pátria. Nesse intervallo escrevi uma série de artigos sobre o Saneamento dos sertãos. Nova celeuma. Salvador da Pátria –diffamador: não havia meio termo. Reuni esses artigos em folheto que lhe mando- Problema Vital. [...] A repercussão foi enorme [...] Depois disso mantive-me na imprensa, malhando sobre uns tantos figurões que personalizam idéias contrarias as minhas em materia de arte. Defendi o individualismo nacionalista e ataquei o francezismo” (apud ALBIERI, 2009, p. 35).

A partir da publicação dos contos, a fama de Monteiro Lobato cruza fronteiras. O dicionarista e filólogo português Antonio Candido de Figueiredo<sup>40</sup> escreve a ele em 26.04.1920<sup>41</sup>, queixando-se da dificuldade encontrada de “compreender apropriadamente” alguns termos encontrados na leitura de *Urupês*.

Numa carta de 01.06.1920, ao escritor argentino Manuel Gálvez, Monteiro Lobato comenta a correspondência recebidas de Candido de Figueiredo, a respeito dos termos (cerca de 70 palavras) que havia empregado em “Urupês”:

<sup>40</sup> FIGUEIREDO, Antonio Cândido. Nascido em Lobão da Beira, em 1846, Portugal, e falecido em Lisboa, em 1925. Autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, originalmente publicado em 1899, em Lisboa, e alvo de reedições, e do *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* (1924). Publicou inúmeros trabalhos de lingüística. Como lexicólogo e linguista fez parte da comissão que foi encarregada, em 1891, de fixar as bases da ortografia da língua portuguesa. Foi um dos fundadores da *Sociedade de Geografia de Lisboa* e sócio correspondente da *Academia Brasileira de Letras*. Em 1902, foi eleito membro da *Real Academia Espanhola*. Quando faleceu em 1925, era presidente da *Academia das Ciências de Lisboa*. Disponível em: <<http://ibilce.unesp.br/~horta/dicionário>> e, em <<http://www.zefiro.pt/livro>>. Acesso em: 10 agosto 2010.

<sup>41</sup> Segundo Albieri (2009, p. 29), esta correspondência de 26.04.1920, pertence ao Fundo Monteiro Lobato CEDAE/IEL/Unicamp, cuja referência é ML b3.2.00246cx5.

“Urupês” é um belo repertório de numerosos e interessantes brasileirismos, que contribuirão para a melhoria do meu Dicionário, cuja 3ª edição estou preparando. [...] Mas, de par com os vocábulos por mim colhidos nos Urupês, alguns ou muitos há, cujo significado e razão morfológica eu desconheço não podendo registrá-lo no Dicionário, se eu não obtiver os respectivos esclarecimentos. É por isso que, se eu tivesse o direito de pedir favores a V. Ex<sup>a</sup>, pediria com empenho que me devolvesse a junta lista de vocábulos com a correspondente significação (apud ALBIERI, 2009, p. 29).

Se o vocabulário de Urupês apresentava problemas para um dicionarista português da estatura de Cândido de Figueiredo, parece justa a preocupação de Lobato, na ocasião, com a versão de *Urupês* para o castelhano, a qual estava tratando com Gálvez pois “se para um português a coisa é assim, para um argentino que não será?” Cuidadoso com suas obras (por exemplo, escolhia com rigor o ilustrador das capas de seus livros), o escritor paulista escreve a Gálvez: “Muito me alegrou saber que o livro já está traduzido, mas acho conveniente eu mesmo rever esta tradução por causa dos modismos e brasileirismos que há ali [...]” (ALBIERI, 2009, p. 29).

Com efeito, a obra *Urupês* apresenta notadamente forte presença de regionalismos, de “brasileirismos”, ao lado da inclusão de uma personagem única na literatura nacional - o “Jeca Tatu” –, que talvez pudesse representar uma reação daquilo que Gilberto Freyre tanto lastima: a subserviência a uma mentalidade forjada lá fora. Neste sentido *Urupês* estaria pavimentando os novos rumos da literatura nacional com as inserções de “brasileirismos” e tipos brasileiros no seu texto.

Estas questões, levantadas a propósito de leitores estrangeiros de Monteiro Lobato, tornam muito interessantes discutir as traduções de contos de *Urupês*, do português para o idioma inglês.

Ao analisarmos as traduções de duas versões para o inglês de “O Engraçado Arrependido”, na segunda parte desta tese, teremos a oportunidade de observar como esses regionalismos e “brasileirismos” e a caracterização dos “tipos” regionais, foram transplantados para outra cultura, sem esqueceremos, no entanto, a universalidade do tema abordado: o indivíduo que faz muitas piadas e cai no descrédito...

Para que possamos fazer uma avaliação correta do momento livresco nos EUA, por ocasião do lançamento dos contos lobatianos naquele país faremos, a seguir, um rápido retrospecto social, econômico e político da América do Norte logo após a primeira grande guerra.

## 1.2 Lobato e o momento livresco na América do Norte após a Primeira Grande Guerra (1914-1918)

Marcos Soares em “Ensaio sob o signo da Liberdade” (In: Revista *Caderno Entrelivros*, p.10, s.d) aponta que a nação norte-americana após experiência traumática da primeira guerra mundial era a mais rica do mundo. Esse fator de pujança econômica que os EUA atravessaram finda a Primeira Grande Guerra, pode ter sugerido a Lobato que, como vimos, sonhava em ter um romance traduzido e lançado no mercado norte-americano, o aproveitamento de uma oportunidade, pois ele era também editor e empresário: o projeto de ter sua obra publicada num país mais rico, conseqüentemente, com mais leitores, e com uma cultura de massa já mais desenvolvida que a brasileira. Como diz Soares:

O *boom* econômico pós-guerra efetuou uma divisão rígida entre as classes: o empobrecimento brutal do homem do campo, os lucros fabulosos com os negócios, e a invenção do americano “médio” [...].O período também vê a invasão crescente da cultura de massa através do rádio, do cinema, e principalmente o início da cultura do automóvel. A modernidade e seu elogio à vida rápida, à máquina, à técnica, e ao rompimento com a tradição convivem com os sentimentos de um mundo “sem Deus”, introduzindo para a “geração perdida” dos anos 20 tanto o período de intensa experimentação formal na poesia [...] quanto a expressão de enorme angústia em obras [...] como *O Grande Gatsby* (1925) de F. Scott Fitzgerald (1896-1940) e o volume de poemas *A terra devastada* (1922), de T. S. Eliot (1888-1965). (SOARES, M. In: Revista *Caderno entre Livros Panorama da Literatura Norte-Americana.*, nº. 3, p. 10, s.d.).

Ponto de vista semelhante aparece em *América* (LOBATO, 2009, p. 75). Monteiro Lobato lá (1932) transcreve uma conversa imaginária entre o narrador-visitante dos EUA, proveniente do Brasil, (o próprio Lobato) “deslumbrado” com a modernidade do país que visita, e outra personagem com quem trava os diálogos, *Mister Slang*, anglo-saxão (LOBATO, 2008)<sup>42</sup>. O narrador, faz um retrospecto do país que tanto admira, elogiando a modernidade dos monumentos e edifícios, a indústria siderúrgica, a indústria automobilista, as universidades com suas bibliotecas, o espírito prático e trabalhador do povo em questão.

<sup>42</sup> *Mister Slang* - Personagem fictício (John Irving Slang), velho filósofo de origem inglesa, morador do bairro carioca da Tijuca, que em intermináveis conversas com outro residente do Rio de Janeiro (o próprio Lobato) tece críticas ao Estado e a economia pública. *Mister Slang* ressurge na obra *América* de Monteiro Lobato. Segundo as informações contidas na capa interna da obra, edição de 2009, ao longo de seus 36 capítulos, ressurge a figura do inglês culto e erudito, morador do bairro da Tijuca, que já frequentara as páginas de *Mister Slang* e o *Brasil*. (LOBATO, M. *América*. São Paulo: Editora Globo, 2009).



Tudo incrível nesta terra absurda. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colônia – século e meio apenas - e que hoje está assim, beirando cinco milhões de estradas de rodagem com as quais despendem 1 bilhão de dólares por ano... [...] 26 milhões de autos, um auto para cada cinco habitantes (LOBATO, 2009, p. 75).

E, também, em *América* (1932) – frente à Biblioteca do Congresso – que registra a observação que se tornaria famosa: “Um país se faz com homens e livros” (LOBATO, 2009, p. 21), o que se aproxima, como veremos mais para frente, da proposta do seu futuro editor norte-americano Haldeman-Julius, que postulava difundir autores, pensadores e obras famosas. Segundo a óptica de Haldeman-Julius (2008), a boa leitura deveria ser expandida a todos os segmentos, não se restringindo às elites formadas em universidade. Vejamos seu depoimento em sua obra *First Hundred Million* (2008, p 1-2):

I thought that it might be possible to put books within the reach of everyone, rich or poor, though mostly poor and grading up those not as poor but by no means wealthy – books that they would want, and that they could choose for the sake of the books alone. By that I mean I dreamed of publishing books in such quantities I could sell them at a price that would put all books on the same level. No book would be chosen instead of another, that is to say, because of any difference in the price. And the price would be so low that no books besides mine would be chosen because of any lower price.

Haldeman-Julius (2008, p. 199) não se considerava um bom samaritano das Letras, mas um bom negociante, pelo fato de tornar seus livros acessíveis ao americano comum:

I insist that I am a business man and not a philanthropist. I invested my capital in the Little Blue Book Idea because I thought it was a sound business venture. It was my belief that the American reading public would support a series of this sort. And I gambled on that belief - gambled, that is to say, after carefully weighing the chances and deciding that there was likely to be more than an even break.

O escritor Monteiro Lobato e o jornalista Haldeman-Julius parecem ter certa identificação de pontos de vista, quanto à importância do volume de vendas no negócio de livros, pois ambos foram editores e sonhavam com altas tiragens junto ao público.

Monteiro Lobato inovou ao ter agentes para vender seus livros em cidades de todo o Brasil, e como Haldeman-Julius ocupava-se de todos os elementos da produção do livro. O próprio Lobato nos esclarece a este respeito:

[...] um dia editei um livro, e depois outro e quando abri os olhos estava “editor” [...]. Associei-me ao Otates. A mercadoria que produzíamos -“livro”- era uma mercadoria sem bocas de escoamento. Não havia pelo país inteiro mais que umas quarenta ou cinquenta livrarias. [...] E a Grande Idéia veio: romper aquela barragem, rasgar seteiras na muralha, levar os livros até onde houvesse um grupo de fregueses potenciais.

- E como realizaram isso?

-Com uma circular que eu redigi – e que hoje eu dava bom dinheiro para tê-la em meu arquivo. Essa circular marcou a virada de nossa esquina da nossa cultura. Mandamo-la a uns 1.300 negociantes de 1.300 cidades e vilas do Brasil dotadas de serviço postal – donos de pequenas papelarias, donos de bazar, de farmácias, de lojas de armarinho ou de fazendas e até de padarias... A circular propunha-lhes um negócio novo: a venda duma coisa chamada “livro”, que eles receberiam em consignação e, pois, sem empatar dinheiro nenhum. Vendida que fosse a tal misteriosa mercadoria, o negociante descontava a sua comissão de 30% e nos enviava o saldo<sup>43</sup>

Haldeman-Julius (2008, p. 190) sendo o responsável por muitos dos títulos das obras, planejava sempre com o intuito de agradar o público: “[...] *The idea for a new title is born from the union of several contributing factors*” e, acrescenta em outro trecho de sua obra que: “*I have indicated many of my conclusions – the lessons I have learned- from my experimentation with titles.[...] I think I have made it clear that titles with hazy poetic haloes will not work, and that titles that state the plain facts about a book are in almost all cases the best*”(HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 127).

Para ele, os títulos eram de primordial importância para atrair o leitor: “*Always, for obvious reasons, it has been necessary to keep the reader in mind. Any change in title must be validated by the actual contents of the book*”<sup>44</sup>.

Haldeman- Julius (2008, p. 205) era, também, responsável pela propaganda<sup>45</sup>: “*Some people think it is strange that I have always been my own advertising manager*”; e até mesmo alguns *Blue Books* foram enviados para leitores estrangeiros, por navio, pela editora.

Na visão que delineia da sociedade norte-americana em *América*, Lobato aponta um contingente muito significativo de alunos matriculados em Universidades (em número de 56 estabelecimentos de ensino), ou em suas quase 700 faculdades, representando, portanto, esta população discente, leitores que poderiam constituir uma seara interessante para a publicação de livros. Coincidentemente o editor dos *Blue Books* nos revela que a série tinha um apelo

<sup>43</sup> In: Monteiro Lobato. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Ed. Globo, 2009, p 216.

<sup>44</sup> Ibid., 2008, p. 110-11.

<sup>45</sup> Retomaremos adiante o assunto que enfoca o editor Haldeman-Julius e a propaganda de seus livros.

significativo junto aos jovens norte-americanos: [...] “*I have always had the feeling that Little Blue Book readers are largely young people. It is certain that a large number of them are of college age, or are in their early twenties –I gather this from the letters I receive*” (HALDEMAN-JULIUS, 2008, .p. 211).

Confirma-se, neste depoimento, o acerto da perspectiva da qual Monteiro Lobato observa a sociedade norte-americana, na qual salienta a importância do mundo leitor feminino. Em sua obra *América* (2009), faz um paralelo entre o mercado editorial norte americano e a figura feminina na América do Norte:

A América já é uma matercracia [...] As casas editoras só publicam o que elas querem. Delas dependem os sucessos da livraria.  
-Lerão de fato mais, Mister Slang?  
Está provado. O mês passado o Carrol Club fez uma curiosa investigação a respeito [...]. O inquérito ainda apurou que a maior parte do lazer de que dispõem é empregado na leitura, a qual representa em suas vidas três vezes mais que o esporte, a dança, o bridge e o teatro. Outra, havendo neste país, segundo o último censo, dez milhões de mulheres que, como essas girls de Nova York, vivem de seu trabalho e que como elas se entregam assim à leitura, fácil é deduzir que tremendo mercado representam para os livros novos. (LOBATO, 2009, p. 183).

Como já se apontou aqui, antes da partida para Nova York, Lobato escrevera do Rio de Janeiro ao amigo Rangel, em 22 de Abril de 27, relatando que estava “gestando” uma idéia-mãe. Era o livro *O Presidente Negro* (nomeado, anteriormente, *O Choque das Raças*).

Rangel,

[...] Foi para a América um telegrama da United Press sobre *O Choque*. Telegrama para uma cadeia de jornais. Uma revista americana deu notícia e falou da provável edição inglesa. De lá escreverei. “Lá”, agora, quer dizer New York [...].

Adeus

Lobato

(LOBATO, 1961, p.300-301)

Na nova edição de *O Presidente Negro*<sup>46</sup> (2009, p. 14) há referência e foto da capa de um opúsculo *How Henry Ford is regarded in Brazil*, escrito por Lobato sobre o magnata norte

<sup>46</sup> *O Presidente Negro*. “Em 1926 antes de partir para uma estadia como adido comercial junto ao consulado brasileiro em Nova York, Lobato escreve *O Presidente negro*.” (LOBATO, M. *O Presidente Negro*, 2009, p. 10). Trata-se de seu único romance para adultos. No seu lançamento em 1926, esta obra de Lobato chamou-se, primeiramente, *O Choque das Raças*, sendo editada pela Companhia Editora Nacional.

americano e traduzido para o inglês por Aubrey Stuart<sup>47</sup>. Trata-se de uma coletânea de artigos publicados em *O Jornal*, em 1926 no Rio de Janeiro, e reunidos mais tarde pelo escritor. A este respeito, Lobato escreve a Rangel em 23.3.1927:

[...] America, a terra de Henry Ford, o Jesus Cristo da Indústria! Mandei-te o meu livrinho em inglês, *As Henry Ford is regarded in Brazil*. Sabes que recebi dele uma carta, lá de Dearbron? [...] (LOBATO, 1961, p. 300).

Monteiro Lobato deveria conhecer razoavelmente bem o idioma Inglês, pois antes ainda de viajar para os Estados Unidos verteu obras literárias do inglês para o português como, por exemplo, peças de W. Shakespeare. No entanto, foi após seu regresso que seu esforço tradutório amadureceu-se, tendo traduzido, por exemplo, romances de Ernest Hemingway<sup>48</sup>; a e a obra de H.G.Wells<sup>49</sup> *O Homem invisível*.

Admirador confesso de Henry Ford, Lobato foi tradutor para o português no Brasil de obra de Ford *Os Princípios da Prosperidade*<sup>50</sup> e autor de artigos sobre o magnata da indústria automobilística. Ao desembarcar em Nova York, em 07 de Junho de 1927, para ser o adido comercial do Brasil, Lobato com sua família foi recebido nos cais do porto, por um motorista enviado pela família Ford e conduzido até o hotel.

Felizmente todas as previsões do escritor quanto ao país com o qual tanto sonhara, são concretizadas. Logo ao chegar, quem encontra nos cais de Hoboken? O agente geral de Ford. Abordou-o, deu-lhe o cartão e disse-lhe que tinha ordens de Mr. Ford para recebê-lo e facilitar-lhe tudo. (CAVALHEIRO, 1955, p. 362).

Segundo Cavalheiro (1955, p. 362), como empresário que era, Lobato sonha em fundar uma editora... nada mais, nada menos, que na América! Seu nome seria Tupy Publishing Co e para ela faz planos mirabolantes. Entretanto, ao chegar nos Estados Unidos, o

---

<sup>47</sup> Aubrey Stuart tinha o apreço de Monteiro Lobato. O escritor faz referências a Stuart, como tradutor, para sua obra *O Choque*, posteriormente *O Presidente negro* no mercado norte-americano: "Já tenho um bom tradutor, o Stuart, e em New York um agente que se entusiasmou com o plano e tem boa porcentagem no negócio. Imagine se me sai um *best seller*! Um milhão de exemplares" (LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*. 2º Tomo, 10ª ed., 1961, p. 293-294).

<sup>48</sup> HEMINGWAY, Ernest. *Adeus às armas*. Trad. de Monteiro Lobato. Bertrand Brasil, 1929. (272 páginas)

<sup>49</sup> WELLS, H. G. *O Homem Invisível*. Trad. de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

<sup>50</sup> FORD, Henry. *Os Princípios da Prosperidade*. Prefácio e Tradução de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Editora Brand Ltda., 1954.

escritor percebe que “abrir” uma companhia editora na América seria uma empreitada muito mais difícil do que havia imaginado no Brasil.

Em carta à Rangel, em 23.03.1927, escreve:

[...] Verei se lanço lá a edição inglesa do *Choque das Raças* e estudarei a hipóteses do transplante da nossa segunda empresa editora. Se for possível, chamar-se-á *Tupy Publishing Co.* e há de crescer mais que a Ford, fazendo-nos a todos milionários – editores e editados. O Brasil é uma coisa perrengue demais para os planos que tenho na cabeça [...]. O cargo assegura-me subsistência e deixa-me liberdade de ação. Espero em dois anos dispensá-lo e ficar apenas chefe da *Tupy Co.* Que sonho lindo! Que maravilha! Morar e ter negócio na maior cidade do mundo [...] (LOBATO, 1961, p. 299-300).

Despede-se, nesta carta, de Rangel, no maior otimismo: “[...] Qualquer coisa que queiras do Thomas (Edison)<sup>51</sup> ou do Calvin (Coolidge)<sup>52</sup> é ires dizendo” (LOBATO, 1961, p.300).

Entretanto, os planos para a publicação nos Estados Unidos de *O Choque das Raças* e a fundação da *Tupy Company* não deram certo como pretendidos inicialmente por Lobato. Mas numa carta ao amigo Rangel, enviada de Nova York, datada de 05.09.1927, Monteiro Lobato cita Isaac Goldberg, o crítico literário de Boston, revelando que: “Meu romance não encontrou editor. Falhou a Tupy Company. E mais adiante, depois de algumas considerações detalha ao amigo Rangel: “[...] Os originais estão com Isaac Goldberg, para ver se há arranjo. Adeus, Tupy Company!...” (LOBATO, 1961, p. 304).

Possivelmente, pelos seus contatos com norte-americanos e pela sua visão positiva do país, Lobato construiu, hipoteticamente, uma idéia da dimensão da potencialidade de vendagem de livros naquele país.

As impressões que tinha da América, quando ainda não a havia visitado estavam se concretizando na estadia que começara em 1927 e que duraria por 04 anos.

Escreve num trecho de *O Presidente Negro*:

<sup>51</sup> Thomas Alva Edison - (Milan, Ohio, 1847 – West Orange, New Jersey, 18 de Outubro, 1931). Inventor da lâmpada elétrica em 1879. Foi um dos maiores inventores de todos os tempos, tendo sido o autor de invenções como: o telefone a carbono; o telégrafo; o fonógrafo; o cinescópio; um projetor de imagens em movimento; o teletype; um detector de submarinos. Amigo de Henry Ford, da indústria automobilística, do qual Monteiro Lobato tinha admiração. Disponível em: <<http://www.gelighting.com/br/institute/aboutgel.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

<sup>52</sup> COOLIDGE, Calvin - (Plymouth, Vermont, 1872 - Northampton, Massachusetts, 1933). Advogado e político republicano. Eleito vice-presidente dos EUA em 1921 e, em 1923, substituiu o presidente Harding falecido durante o mandato. Coolidge foi eleito Presidente dos EUA em 1924. Praticou uma política de liberalismo econômico e foi adepto da não intervenção estatal na vida dos cidadãos. Retirou-se da vida pública em 1929, quando concluiu seu mandato na Presidência da República.

[...] Quem olhasse de um ponto elevado o panorama histórico dos povos, veria, na França, uma flâmula com três palavras; na Inglaterra, um príncipe diretor, Tradição; na Alemanha, uma fórmula, Organização; na Ásia, um sentimento, Fatalismo. Mas ao voltar os olhos para a América perceberia fluidificado no ambiente um princípio novo – Eficiência (LOBATO, 2009, p. 116).

Monteiro Lobato fica “encantado” com a modernidade do país que visitava: “Sinto-me encantado com a América! O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas”(CAVALHEIRO, 1955, p. 362).

Numa de suas cartas a amigos, Lobato explicita: “[...] A ilusão do brasileiro é um caso sério. O mundo já está na era do rádio, e o Brasil ainda lasca pedra. Ainda é troglodita. O Brasil dorme. Daqui se ouve o seu ressonar. Dorme e é completamente cego” (CAVALHEIRO, 1955, p. 362). Lobato, em 1922, confessava: “[...] que vontade de mudar de terra ir viver num País vivo, como dos americanos!” E, referindo-se ao seu país, acrescenta: “Isto não passa de um enorme tartarugal. Tudo se arrasta” (CAVALHEIRO, 1955, p. 361).

No entanto, anteriormente à viagem de 1927, e antes mesmo da publicação de seus contos em *Brazilian Short Stories*, Monteiro Lobato já havia “acontecido” na América, tendo sido, por exemplo, mencionado em duas obras de Isaac Goldberg, em *Brazilian Literature*, publicação de A. A. Knopf em 1922 e em *The Spirit of Brazilian Literature* (1924), na Série *Blue Books* nº646.

A Tabela, a seguir, registra o percurso de Monteiro Lobato, como intelectual e escritor nos Estados Unidos da América<sup>53</sup>.

<b>1921</b>	No jornal <i>Evening Boston</i> (de acordo com o artigo assinado por Isaac Goldberg: “Um Novelista do Nacionalismo Brasileiro” em “ <b>Notas do Exterior</b> ”, da <i>Revista do Brasil</i> , Volume XVIII, nº 72, Dezembro de 1921, p. 377-380).
<b>1922</b>	<i>Brazilian Literature</i> GOLDBERG, Isaac. <i>Brazilian Literature</i> . New York: Alfred A. Knopf, 1922, p. 277-291. (Goldberg inclui Monteiro Lobato entre os escritores que comenta e analisa).

<sup>53</sup> Não foram pesquisadas as publicações de obras da literatura infantil.

<b>1923</b>	LOBATO, Monteiro. “Farm Magnate” <sup>54</sup> In: <i>World Fiction</i> <sup>55</sup> . January, 1923.
<b>1923</b>	LOBATO, Monteiro. “Patchwork Quilt”.Tr. Isaac Goldberg. In: <i>Our World</i> . April, 1923 <sup>56</sup> .
<b>1924</b>	LOBATO, Monteiro. “Modern Torture”. In: <i>The Stratford Monthly</i> <sup>57</sup> . April, 1924. <sup>58</sup>
<b>1924</b>	<i>The Spirit of Brazilian Literature</i> GOLDBERG, Isaac. <i>The Spirit of Brazilian Literature. Little Blue Book</i> n° 646. Girard, Kansas: Haldeman-Julius Company, 1924, p. 60. (Goldberg inclui Monteiro Lobato no amplo panorama que traça da história das Letras no Brasil).
<b>1925</b>	<i>Brazilian Short Stories.</i> LOBATO, Monteiro. <i>Brazilian Short Stories</i> . With an Introduction by Isaac Goldberg. Girard, Kansas: Haldeman-Julius Company, 1925. Contents Introduction.....5 “Modern Torture” .....11 “The Penitent Wag” .....27 “The Plantation Buyer” .....43

<sup>54</sup> Segundo mensagem eletrônica enviada pela “*Reference Librarian*” do “*Reference and Reader’s Advisory Department*” da *Boston Public Library (Boston, MA)* e recebida em 22 de Novembro de 2011, temos a seguinte informação sobre o assunto: “*According to the FirstSearch library database, World Fiction, the journal that published “The farm- magnate”, in January 1923 began publication in 1922 and became the journal Our World in February 1923 (the journal that published “Patchwork Quilt” in April, 1923). Our World became Our World Weekly in December 1924, and after several name changes, eventually became Senior Scholastic, which stopped publication in 1983*”.

<sup>55</sup> Dados fornecidos pela *The Standard Index of Short Stories, 1915-1933*. Responsável: Francis J. Hannigan (November, 1935). *Supervisor of Special Reference Departments - Boston Public Library* e atualizados em Dezembro de 2009. De acordo, também, com informações obtidas junto ao *website* da *Boston Public library (Boston, MA)*. Disponível em: <<http://www.bpl.org/questions/question>>. Acesso em: 06 de Outubro de 2011. Os dados do conto “Farm Magnate” publicado em *World Fiction*, (January, 1923); “The Patchwork Quilt” em *Our World* (April, 1923) e da obra “Modern Torture” publicada em *Stratford Monthly*, (April, 1924) foram constatados “*on line*” na mesma fonte. Disponível em: <[http://www.philsp.com/homeville/HanniganV2/0\\_start.htm](http://www.philsp.com/homeville/HanniganV2/0_start.htm)> Acesso em: 01 out. 2011.

<sup>56</sup> De acordo com o *website* <<http://www.philsp.com/homeville/fmi/s1813.htm#A61010>>. Acesso em 27 out. 2011, constatamos: LORATO [sic], Monteiro (chron.). 27- “The Patchworkquilt”. *Our World*, April, 1923. Tr. by Isaac Goldberg.

<sup>57</sup> A Revista de Boston, Massachusetts, *The Stratford Monthly – an International Magazine* – teve como editores Isaac Goldberg e Henry Thomas Schnitkind por algum tempo. Outro nome veiculado a esta revista é o de William Stanley Braithwaite (1878 – 1962). Dados disponíveis em: <<http://www.archive.org/details/stratfordmonth100thomgoog>> e em <<http://www.archive.org/stream/stratfordmonth100thomgoog#page/n10/mode/2up>>. Acesso em: 27 out. 2011.

<sup>58</sup> De acordo com mensagem eletrônica enviada pela *Reference Librarian* da *Boston Public Library* em 22.11.2011, temos a seguinte informação: “*According to the FirstSearch database, Stratford Monthly ceased publication in January 1925.*”

<b>1927</b>	LOBATO, Monteiro. “The Farm Magnate”. In: <i>Great Stories of All Nations</i> . Ed. Maxim Lieber. New York: Brentano Publishers, 1927.
<b>1944</b>	LOBATO, Monteiro. “The Farm Magnate”. In: <i>Great Stories of All Nations</i> . One hundred Sixty Complete Short Stories from the Literatures of All Periods and Countries. LIEBER, Maxim and WILLIAMS, Blanche Colton. New York: Tudor Publishing CO, 1944 <sup>59</sup> .
<b>1947</b>	LOBATO, Monteiro. “The Funny-Man Who Repented”. In: <i>A World of Great Stories</i> . Edited by Hiram Haydn and John Cournos. Trad. Harry Kurz. New York: Crown Publishers, 1947.
<b>October 18, 1948; July, 1961; December, 1966.</b>	LOBATO, Monteiro. “The Vengeance of the Redwood”. In: <i>The Golden Land</i> . An Anthology of Latin American Folklore in Literature. Selected, Edited and Translated by Harriet de Onís. New York: Alfred A Knopf, 1948/1961/1966, 1970 <sup>60</sup>
<b>February, 1956</b>	LOBATO, Monteiro. “The Funnyman who Repented”. In: <i>Atlantic Monthly</i> <sup>61</sup> , CXCVII, Translated by Harry Kurz, February, 1956, p. 161-165. <sup>62</sup>

<sup>59</sup> Na edição de 1944, consta a seguinte nota de rodapé do editor: “*This authorised version was printed originally in World Fiction, January, 1923 (The magazine is extinct). It now appears with revisions*”. (LIEBER, M. and WILLIAMS, B. C., 1944, p. 926). Por essa informação de Lieber, temos a confirmação que o escritor Monteiro Lobato teria sido publicado em 1923 no mercado livreiro norte-americano antes, então, da publicação de *Brazilian Short Stories* pela Haldeman-Julius.

<sup>60</sup> No *website* <[http://scholarship.utm.edu/79/2/Knopf\\_text.pdf](http://scholarship.utm.edu/79/2/Knopf_text.pdf)>, há a menção de uma edição da mesma publicação de Harriet de Oniz em 1970. Cf. “Alfred A. Knopf Title Checklist 1915-1917”. Acesso em: 07 out. 2011.

<sup>61</sup> *The Atlantic Monthly* – Revista editada em Boston, Massachusetts. Sua fundação deu-se em 1857. De acordo com as notas encontradas no *website* <<http://www.theatlantic.com/past/docs/about/atlhistsf.htm>> a publicação seria uma “*literary and cultural commentary magazine*. [...] *The Atlantic Monthly saw the first stories into print of Mark Twain, Henry James [...]*.” No mesmo *website*, constatamos, também, que a revista foi fundada após um encontro histórico num hotel em Boston e da conversa mantida entre alguns cavalheiros como Ralph Waldo Emerson, Henry Wadsworth Longfellow e James Russell Lowell que foi o editor da revista. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/past/docs/about/atlhistsf.htm>>. Acesso em: 27 out. 2001. Nota: As duas transposições, a de 1956 e a de 2006, não foram investigadas nessa tese.

<sup>62</sup> In: BROWN Jr., Timothy. “Characterization in the stories of Monteiro Lobato”. *The Bulletin of the Rocky Mountain Modern Language Association*, 1970. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1346569>>. Acesso em: 10 out. 2011.



<b>2003</b>	LOBATO, Monteiro. "The Funny-Man Who Repented". Tradução de Harry Kurz. In: <i>A World of Great Stories</i> . Edited by Hiram Haydn and John Cournos. 115 stories, the best of modern literature. New York: Gramercy Books, 2003, p. 941-950.
<b>2006</b>	LOBATO, Monteiro. "The Funnyman who Repented". In: <i>Oxford Anthology of the Brazilian Short Stories</i> . Editor K. David Jackson. New York: Oxford University Press, 2006.
<b>2011</b>	LOBATO, Monteiro. <i>America</i> In: <i>Luso American Literature: Writings by Portuguese - Speaking Authors in North-America</i> . MOSER, Robert Henry and TOSTA, Antonio Luciano de Andrade <sup>63</sup> . Foreword: George Monteiro. USA: Rutgers University Press (Rutgers: The State University of New Jersey).

O capítulo sobre o perfil intelectual e pessoal de Monteiro Lobato inserido em *Brazilian Literature* (1922) e em *The Spirit of Brazilian literature* (1924) parecem nos apontar que o escritor brasileiro poderia ser lembrado para outras publicações, como o foi efetivamente, em *Brazilian Short Stories* e dois anos depois em *Great Stories of All Nations*.

Referências a Monteiro Lobato em diferentes números do periódico *The Modern Language Journal*<sup>64</sup> reforçam a importância do nome do escritor no horizonte de estudos brasileiros desenvolvidos nos Estados Unidos. No volume 34, nº 6, o artigo aponta obras de Monteiro Lobato, recomendando-as para adoção em eventuais cursos:

The purpose of this article is to list materials which can be used in a course of literary and cultural content offered in English, on Portugal and Brazil. Space limitations prohibit any discussion of the rationale of such a course at present; important though this is, the practical matter of materials seems even more urgent<sup>65</sup>.

<sup>63</sup> Cf. Disponível em: <<http://www.sip.illinois.edu/publications/index.html>>. Acesso em: 10 out. 2011.

<sup>64</sup> "A Course in Portuguese and Brazilian Literature". Robert E. Luckey, Universidade de Minnesota (EUA). In: *The Modern Language Journal*, Vol. 34, n 6 (Oct., 1950, p. 421-432).

<sup>65</sup> In: "Materials on Portuguese and Brazilian Literature and Culture". *The Modern Language Journal. English Translations of Brazilian works*, all in print in 1950. Vol 34, nº6, Oct., 1950, p. 421-432. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/318587>>. Acesso em: 05 fev. 2010.

O artigo refere-se a Monteiro Lobato como autor de *Brazilian Short Stories* (1925) e notamos o seguinte comentário: “*Three excellent stories from the author’s famous Urupês, with an introduction by Isaac Goldberg. The translator is unnamed*”<sup>66</sup>.

O conto “A Colcha de Retalhos” foi objeto de estudo em Tese submetida à Universidade da Georgia (EUA), em Agosto de 2004. Apresentada como requerimento parcial para obtenção do grau de “*Master of Arts*” com o tema: *Cinderella in the Belly of Brazil: Monteiro Lobato and his pre-modernist voice* (The University of Georgia: Athens, Georgia, August 2004)<sup>67</sup> estreita os laços do envolvimento intelectual do escritor Monteiro Lobato com o círculo acadêmico de estudos brasileiros nos EUA.

Isaac Goldberg foi o tradutor de nove páginas do conto “A Colcha de Retalhos” (“The Patchwork Quilt”) de Monteiro Lobato<sup>68</sup>.

Já o conto “The Farm Magnate” (1944)<sup>69</sup> teve sua “Introdução” redigida por M. Lieber e B. Colton Williams, da seguinte forma:

## LATIN AMERICA

### Brazil

## MONTEIRO LOBATO

(1883 [sic] - )

Monteiro Lobato was born in the environs of São Paulo, Brazil. He comes to writing through the accident of having written a vigorous letter in denunciation of the practice of clearing fields by fire; it was such an original document that it was featured on the first page of an important daily. Since then Lobato has become a leader in the new Brazilian literature. He has

<sup>66</sup> Este relatório está contido em *A Course in Portuguese and Brazilian Literature* e está assinado por Robert E. Luckey, da Universidade de Minnesota (EUA).

<sup>67</sup> ENSLEN, Joshua Alma. *Cinderella in the Belly of Brazil: Monteiro Lobato and his pre-modernist voice*. The University of Georgia: Athens, Georgia, August 2004. (Major Professor: Dr. Robert H. Moser. Committee: Dr. Susan Canty Quinlan; Dr. Lesley Feracho). Esta Tese tem foco no conto: “A Colcha de Retalhos”. Cf.: Disponível em: <[http://ugakr.lib.uga.edu/bitstream/handle/10724/7788/enslenjoshua\\_a\\_200408\\_ma.pdf?sequence=1](http://ugakr.lib.uga.edu/bitstream/handle/10724/7788/enslenjoshua_a_200408_ma.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 30 set. 2011.

<sup>68</sup> Tradução de Goldberg para M. Lobato depositada no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) na Caixa de Arquivo (M.L. - 4). O conto “The Patchwork quilt” integra *Brazilian Native Sketches* juntamente com “A Pastoral” de Madame Durian; “The Plague of locusts”; “The Abduction”; “The Misterious dish”; “The Farm magnate”; The drama of the frost” que foi traduzido por Aubrey Stuart; “The other”; “No honest man” tradução de Aubrey Stuart; ‘The Morass’; ‘Tragedy of Capon” por Audrey Stuart; “The Plantation Buyer”. *Brazilian Native Sketches* está depositado na caixa de arquivo (M.L- 4), no Fundo Monteiro Lobato, CEDAE/IEL/UNICAMP, em Campinas (SP).

<sup>69</sup> In: *GREAT STORIES OF ALL NATIONS*. One Hundred Sixty Complete Short Stories from the Literatures of All Periods and Countries. Edited by Maxim Lieber & Blanche Colton Williams, Ph.D. Head of Department of English, Hunter College, New York. New York: Tudor Publishing CO, 1944, p.926-936.

helped to shake native letters free of the strong French influence that was denationalizing it, and has taken his characters and his style from his native land. He is the author of many short tales, edits the important review, *Revista do Brasil*, and heads a large publishing house that encourages Brazilian talent. *O Comprador de fazendas* comes from his collection *Urupês*. *Brazilian Literature*, by Isaac Goldberg (A.A.Knopf, New York, 1922) has a special chapter on Lobato, pages 277- 291.

Sobre a referência acima, que vincula o autor Lobato como responsável e com participação na *Revista do Brasil* em 1944, temos as observações de Luca (1999, p. 31-32):

Convém esclarecer que a *Revista do Brasil* ressurgiu em várias oportunidades.

A falência de Monteiro Lobato em 1925 marcou o encerramento de sua primeira etapa, composta de 113 números. Assis Chateaubriand adquiriu a chancela de sua publicação e passou a editá-la no Rio de Janeiro. Durante a segunda fase, que durou pouco mais de quatro meses, compreendido entre os anos de 1926 e 1927, foram editados nove números.

[...] Em 1938 Chateaubriand relançou-a, entregando a direção ao historiador Octávio Tarquínio de Souza.[...] A publicação circulou até 1943, perfazendo um total de 56 números.

Em 1944, com a direção de Frederico Chateaubriand e a presença de Millôr Fernandes na secretaria, a revista renasceu por um curto período.

[...] Transcorridas quatro décadas, a *Revista do Brasil* ressurgiu sob a responsabilidade da Secretaria de Cultura do estado do Rio de Janeiro e da RIONORTE

Em 1950, *The Modern Language Journal* menciona a obra *The Golden Land*, por Harriet de Onís, destacando o conto de Monteiro Lobato “The Vengeance of the Redwood”<sup>70</sup>, dentre os inúmeros contos publicados nesta coletânea, como “*outstanding*”, ou seja, “excelente”. Segue o seguinte comentário:

Includes fifty pages of Brazilian material- seven selections from six writers, with introductory sketches. The selections are chosen to show literary uses of folklore; they are excellent, and are very well presented. The outstanding one is Monteiro Lobato’s masterful story “The Vengeance of the Redwood”. *The Golden Land*. Harriet de Onís. New York: Knopf, 1948. In: *The Modern Language Journal*. Vol. 34, n° 6 (Oct. 1950, p-427).

A seguir, o depoimento sobre o autor brasileiro da própria tradutora e organizadora da obra Harriet de Onís (In: *The Golden Land*, 1966, p. 371-372):

<sup>70</sup> “The Vengeance of the Redwood”- “A Vingança da Peroba”, em Português.

At the end of World War I, Brazil was in a state of literary doldrums. Its writers spent their time polishing their imitations of European models or their own classics. But this was only the calm before the powerful winds of the contemporary movement that completely freshed the air. In the vanguard of this literature, this authentically Brazilian production, stands José Bento Monteiro Lobato. He was a lawyer who, detesting his profession, had gone to run a coffee plantation he owned near São Paulo. Possibly he might have gone on being a planter the rest of his life but for a severe forest fire that broke out in the vicinity. Deeply upset by this disaster, he wrote a letter to the editor of the leading newspaper of São Paulo on the subject. Whether the letter had any practical effects on the control of forest fires is not on record, but it launched Monteiro Lobato, on his literary career. [...] Monteiro Lobato is the link between the analytical, sociological novel of the end of the nineteenth century and the modern novel with its acute social sense, the tendency in modern literature everywhere. [...] It is as a writer of short stories that Monteiro Lobato excels. He manages to inject humor and compassion into the most tragic and pathetic of his tales about the Brazilian countryfolk of the São Paulo region, whom he knows so well (ONÍS, 1966, p. 371 - 372).

Os escritores cujas obras foram escolhidas por Harriett de Onís (1966) para representar a literatura brasileira na sua antologia, além do escritor Monteiro Lobato, já aqui mencionado, foram: Euclides da Cunha; Afonso Arinos de Mello Franco; Gustavo Barroso; José Lins do Rego e Mario de Andrade.

Apesar de termos traduções em inglês da obra de Monteiro Lobato desde a década de 1920 até o século XXI, como pudemos observar pela Tabela inserida neste Capítulo da Tese, foi particularmente entre os anos de 1921 e 1925, que o escritor brasileiro “aconteceu” na América, e em função disso faremos, a seguir, um rápido apanhado do cenário norte-americano deste período.

Segundo Karnal (2008) os anos 1920 nos EUA:

[...] viram um crescimento econômico e a retomada do conservadorismo na sociedade, nas políticas e na cultura. Nessa “nova era” as grandes corporações recuperaram a direção da economia com a ajuda dos governos que, abruptamente, abandonaram reformas, marginalizaram movimentos sociais e instituíram novas restrições contra trabalhadores, mulheres, negros e emigrantes. Porém a economia robusta acendeu a esperança da população, dos novos padrões de consumo, lazer e cultura de massa. [...]. Muitos contemporâneos se maravilharam com o crescimento econômico dos Estados Unidos depois da breve recessão do período pós- guerra. Os números eram impressionantes: a produção industrial cresceu 60%, a renda per capita aumentou em um terço, o desemprego e a inflação caíram. Avanços tecnológicos nos processos de produção na indústria automobilística (linha de montagem e mecanização), de comunicações (rádio

e telefone), eletrônicos e plásticos (eletrodomésticos e outros bens de consumo) criaram produtos inovadores a preço cada vez mais acessíveis (KARNAL et al, 2008, p. 198).

Acreditamos que esse desenvolvimento econômico foi propício ao editor Haldeman-Julius, que soube aproveitar os bons ventos da situação norte-americana, “pegando carona no boom econômico” da época. Seus livros vendidos por “cents” de dólar foram sucesso de vendas e Haldeman-Julius é apontado por ter ajudado, desta maneira, a “popularizar cultura”:

Circulavam entre as massas produtos antes restritos aos ricos – carros, luz elétrica, gramofone, rádio, cinema, aspirador de pó, geladeira e telefone -, o “jeito americano de viver” (“*American way of life*”) tornou-se o slogan exaltado do período (KARNAL et al, 2008, p.198).

Os EUA tornaram-se a primeira nação na história a vender, no mercado interno, uma grande quantidade de mercadorias, que dava ao cidadão comum um padrão de vida confortável. Desta forma a produção em massa de mercadorias se incorporou ao “jeito americano” de viver. O *motto* de muitos indivíduos americanos daquele período era: “*Live now, pay tomorrow*” (“Viva agora, pague amanhã”). Muitos acreditavam que esse amanhã prometia ser ainda melhor em termos financeiros.

Haldeman-Julius aponta que o crescente consumo e aquisição de bens pelo norte-americano, no período, fizeram com que os negócios tivessem papel preponderante na vida do indivíduo contemporâneo, de então:

[...] Americans, it appears, show a disposition not only to learn more about business itself, but also to find out how to improve their personal financial affairs. Few care to go to the trouble to budget their income, apparently, but many want to know how to save and how to invest their savings (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 46-47).

Entretanto, o editor pondera que apesar do interesse por números e pelos negócios, os livros de poemas, os grandes livros da ficção, teriam lugar assegurado neste novo cenário da América do Norte, pois estes seriam necessários, servindo como suporte para um “avanço”, em termos de melhoria e conhecimento pessoal:

[...] As civilization grows more complex there is an increasing need for books of reference, handy manuals in which to look up a fact when it is wanted. [...] I could go on to show that other books – books of poems,

masterpieces of fiction, biographies of the great, philosophy, comparative religions, books of maxims and epigrams, and so on - bear out this widespread interest in self-betterment and advancement (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 46-47).

Segundo o historiador A. P. Tota (2009, p.119) o século XX foi batizado como o “século americano por Henry Luce, o todo poderoso editor da *Time-Life*” e entre 1921 e 1933, os EUA foram governados por presidentes do Partido Republicano.

O que interessava aos Estados Unidos eram os negócios. O business faz a síntese do pensamento desses representantes do mundo. Até 1929, os presidentes republicanos acreditavam que os americanos viviam no melhor dos mundos e os quase 120 milhões de habitantes dos Estados Unidos comungavam da mesma crença (TOTA, 2009, p. 138 – 139).

Os republicanos<sup>71</sup> do período acreditavam que se cuidassem e protegessem os interesses dos homens ligados ao comércio e aos negócios os mesmos se tornariam mais fortes, criando mais empregos no mercado de trabalho e oferecendo melhores salários aos trabalhadores. O presidente norte americano do período que se estendeu de 1923 até 1928 foi o republicano Calvin Coolidge.

Houve aumento de impostos dos produtos importados para privilegiar os produtos nacionais e ao mesmo tempo, o Congresso reduziu os impostos sobre proventos mais altos e sobre os lucros das companhias. Desta forma o governo esperava estimular os empresários a investir mais dinheiro no mercado nacional.

Entretanto, havia pobreza na América e alguns americanos lutavam com dificuldades.

Por volta de 1924 fazendeiros americanos perceberam que não tinham como escoar toda sua produção agrícola. 600.000 fazendeiros se encontravam falidos por volta deste ano (O'CALLAGHAN, 2006, p. 93)<sup>72</sup>.

Neste sentido a escolha do conto “The Plantation buyer” (“O Comprador de Fazendas”) onde o fazendeiro “falido” fica feliz por achar um comprador para sua fazenda parece ser apropriada, para o período. Vejamos como a situação do proprietário rural é apresentada por Lobato nesse conto:

---

<sup>71</sup> Cf. O'CALLAGHAN, D. B. *An Illustrated History of the USA*. 19<sup>th</sup> impression. China: Longman, 2006, p. 92-93 (Trad. livre dos dados acima).

<sup>72</sup> Tradução livre deste parágrafo. Cf. O'CALLAGHAN, D.B., 2006, p. 93.

Peor fazenda que a do Espigão, nenhuma. Já arruinara tres donos, o que fazia dizer aos praguentos: Espiga é o que aquilo é!

O detentor último, um Davi Moreira de Souza, arrematara-a em praça, convicto de negócio da China; mas já andava, também ele, escalavrado de dívidas, coçando a cabeça, num desanimo... [...].

Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo dos credores. Coisa difícil, entretanto, em quadra de café a cinco mil réis, botar unhas num tolo das dimensões requeridas. Iludidos por anúncios manhosos alguns pretendentes já haviam abicado ao espigão; mas franziam o nariz, indo-se a arrenegar da pernada sem abrir oferta.

-De graça é caro! Cochichavam de si para consigo (LOBATO, 1984, p. 113).

Lobato reforça o aspecto negativo da destruição no mundo rural, frisando a perda dos cafezais, que deveriam ser o principal “carro chefe agrícola” da fazenda da personagem Moreira Souza: “Os cafezais em vara, ano sim ano não batidos de pedra ou esturrados de geadas, nunca deram de si colheita de entupir tulha [...]” (LOBATO, 1984, p. 113).

A decadência estende-se aos animais, pois: “Piolhavam os cavalos [...] Por todos os cantos imperava o ferrão das saúvas [...]”. E, para avivar a trágica pintura, nem a casa senhorial e a dos empregados de outrora, escapam desta desolação:

[...] Caminhos por fazer, cercas no chão, casas d’agregados engoteiradas, combalidas de cumieira, prenuncianado feias taperas. Até na moradia senhorial insinuava-se a broca, aluindo panos de reboco, carcomendo assoalhos. Vidraças sem vidro, mobília capengante, paredes lagarteadas...intacto que é que havia lá? (LOBATO, 1984, p. 113).

É possível que a decadência apontada no cenário brasileiro – ainda que ficcional - alinhe-se com alguns fatos que podem configurar um declínio agrícola paralelo, na América do Norte, contemporâneo ao “boom” industrial dos grandes centros urbanos: haveria uma diminuição de número de imigrantes no período e, por conseguinte, um menor número de pessoas necessitava se alimentar e comprar produtos agrícolas. Muitos fazendeiros do oeste não vendiam mais seu trigo à Europa (como fora feito durante o período da Primeira Grande Guerra, por preços bem maiores que os praticados no mercado interno), pois os países europeus já estavam se recompondo da Guerra, e não necessitavam comprar o trigo dos americanos. No sul dos EUA muitos fazendeiros não eram os proprietários de suas terras. Eram meeiros. Davam ao proprietário parte do que produziam – algumas vezes tanto - que quase não conseguiam sustentar suas próprias famílias. Não seria, pois, difícil, transportar a

realidade da imagem do fazendeiro falido em “O Comprador de Fazendas”, que focalizava um homem do interior, possuidor de uma gleba de terras, que tinha dívidas no banco local e estava comprometido com juros bancários, para o de um fazendeiro norte-americano, com a mesma vivência, na época.

[...] o fazendeiro avelhuscado por força de sucessivas decepções e, a mais, roído pelo cancro feroz dos juros, sem esperança e sem concerto; coçava cem vezes ao dia a coroa da cabeça grisalha. [...] Em tal situação só havia uma aberta: vender a fazenda maldita para respirar a salvo dos credores (LOBATO, 1984, 114).

Quase quatro anos após, após a publicação de *Brazilian Short Stories*, um novo presidente, Herbert Hoover<sup>73</sup> foi eleito nos EUA, e não poderia prever os acontecimentos de 1929, como a queda da Bolsa de Nova York que veio modificar drasticamente o panorama de pujança crescente e o otimismo industrial que dominava o país, até então. Em 1928, Lobato já Adido Comercial do Brasil em Nova York, parece compartilhar da imagem de uma América fabulosa. Na conversa imaginária com *Mister Slang*, (“*alter ego*” de Lobato), em *América*, a seguinte passagem ilustra essa representação:

No dia seguinte voltei para Nova York de automóvel, no La Salle de Mister Slang. Como fosse meu primeiro contato com as estradas americanas, abri-me em espantos.

Incrível, Mister Slang!- berrei. Tudo incrível nesta terra absurda. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colônia - século e meio apenas- e que hoje está assim, beirando cinco milhões de quilômetros de estradas de rodagem com as quais despendem 1 bilhão de dólares por ano... 26 milhões de autos, um auto para cada cinco habitantes... (*América*, 2009, p.75) [...]

- O grande orgulho do americano está nisso, neste alto padrão de vida jamais alcançado em país nenhum e sempre julgado sonho inatingível – comentou Mister Slang, parando para acender no meu o seu cigarro- Que é coisa inédita, não me resta a menor dúvida Cri porque vi e estou vendo (LOBATO, 2009. p. 78).

---

<sup>73</sup> HOOVER, Herbert Clark (10.08.1874 – 20.10.1964). Graduado em engenharia de minas. Trigésimo primeiro presidente dos Estados Unidos pelo partido republicano; seu governo foi entre Calvin Coolidge (março de 1929) e Franklin D. Roosevelt, em 1932; este último o acusou de haver negligenciado, na sua administração, o “*commom man*”. O mandato do Presidente Herbert C. Hoover foi de 04.03.1929 até 04.03.1933.



Para alguns historiadores, Monteiro Lobato foi um observador fiel da vida norte-americana durante sua permanência em Nova York. Na obra *Os Americanos* (2009), é citado como um examinador atento daqueles anos. A. Pedro Tota (2009) relata que ele descreve um dos mais famosos programas de rádio norte-americano, da época: *Amos & Andy*, personagens que representavam ser proprietários de uma empresa de taxi decadente, a *Fresh Taxi Cab Company of America Incorporated*, com sede no Harlem. Segundo o historiador, Lobato observara que o programa era ouvido por diversas camadas da sociedade:

Diariamente, milhões de americanos que estavam em casa às sete horas da noite paravam tudo o que estavam fazendo para ouvir as aventuras e desventuras dos dois humoristas brancos que se faziam passar por negros. Até os Rockfeller e os Ford, segundo Lobato, ouviam o programa<sup>74</sup>.  
[...] A propaganda pelo rádio já era velha em 1929. *Amos & Andy*, por exemplo, eram patrocinados pela pasta dental Pepsodent. Os dois ganhavam, por ano, duzentos mil dólares em valores da época. Uma fortuna em valores de hoje (TOTA, 2009, p. 139).

Pelo trecho acima, Tota aponta a sensibilidade de Lobato para registrar fatos da vida cotidiana de norte-americanos. Dessa forma, ter seus contos editados por E. Haldeman-Julius, proprietário da editora que chegou a ter a cifra de vendas de vários milhões de livros, não nos parece estranho. É, portanto, nesta América, que floresce a editora de Haldeman-Julius, figura de que nos ocuparemos a seguir.

---

<sup>74</sup> Em *América*, notamos a seguinte passagem onde os dois humoristas estão mencionados: “Temos de correr - observou Mister Slang dando mais quilômetros aos pneumáticos. – Não quero falhar ao ‘Amos and Andy’ hoje.”(LOBATO, M. *América*. 2009, p. 103).

## Capítulo 2

*O editor da Série The Little Blue Books, Sr. E. Haldeman - Julius  
(1889-1951)*

## Capítulo 2 O Editor da Série *Little Blue Books*, Sr. E. Haldeman -Julius (1889-1951)

### 2.1 Histórico: Vida e obra de Emanuel Haldeman-Julius

Este capítulo debruça-se sobre a figura do editor norte-americano Haldeman-Julius, proprietário da editora que publica, em primeira mão, três contos do escritor Monteiro Lobato em livro no mercado norte-americano.

Emanuel Julius nasceu em 30 de Julho de 1889, em Filadélfia, EUA<sup>75</sup>. Casou-se com Anna Marcet Haldeman em 01 de Julho de 1916. Após seu casamento acrescentou um hífen ao seu sobrenome, passando a assinar E. Haldeman-Julius. Seus pais eram judeus ucranianos que haviam emigrado para a América do Norte, em 1882, fugindo do anti-semitismo que imperava na Rússia tsarista. Não se sabe muito sobre a infância do futuro editor. Quando jovem, Haldeman-Julius costumava brigar com crianças irlandesas católicas que o ataçavam, chamando-o de “matador de Cristo”. Parece que o seu nariz, ligeiramente adunco na ponta, fora quebrado como resultado dessas lutas de rua. Seu pai, David Julius, era um encadernador modesto, descrito pelo filho como muito habilidoso na arte deste ofício e que tinha muito orgulho de sua profissão.

Sua mãe, Elizabeth Zamost Julius, gostava de ler. Não há registro sobre o gosto literário para a leitura tanto do pai quanto de sua mãe ou se houve alguma influência de ambos no direcionamento da leitura do filho. No entanto, a profissão do pai deve ter familiarizado Emanuel-Julius com livros desde cedo.

O editor da série *Little Blue Books* estudou até a oitava série do “*high school*” norte-americano e fez alguns cursos à noite, não se mencionando a ida a algum curso universitário.

Quando tinha 12 anos leu dois livretos que havia comprado num sebo de Filadélfia por 10 cents cada: *The Rubaiyat of Omar Khayam* e *The Ballad of Reading Gaol* do escritor Oscar Wilde. Posteriormente, ao se recordar do episódio, declarou: “Quando li os livros fui transportado para outro mundo - e julgar que isso se deu através da leitura de um livrinho que custara 10 cents. Pensei como seria maravilhoso se milhares de indivíduos pudessem selecionar de uma maneira fácil e barata suas leituras sempre que tivessem vontade”.

---

<sup>75</sup> DUMAIN, Ralph. “The Autodidactic Project” e SCOTT, Mark: “The Little Blue Books in the War on Bigotry and Bunk”. In: DUMAIN, Ralph. “The Autodidactic Project”, 2009/2010, p. 2. Disponível em: <<http://www.autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009. Os dados da biografia de E. Haldeman-Julius foram compilados nesta tradução livre a partir da leitura de “The Autodidactic Project” organizado por R. Dumain.

Deixou o lar paterno quando tinha apenas 15 anos de idade. Não costumava mencionar a origem de seus pais, quando se mudou para Kansas, omitindo o fato de ser filho de judeus ucranianos.<sup>76</sup> Antes desta mudança morou em Nova York, onde conseguiu alguns empregos temporários. Foi jornalista em diversos órgãos da imprensa.

Em 1906, trabalhava como escritor no diário socialista *Call* de Nova York e, neste mesmo ano, ligou-se ao partido socialista<sup>77</sup>. Aceitou, posteriormente, emprego no *The Daily Leader* in Milwaukee, outro jornal socialista, onde permaneceu por dois anos. Escrevia sobre uma variedade grande de assuntos: política, arte, literatura e filosofia.

Em 1908, deixou o emprego no *Daily Leader* para se juntar ao jornal *The World*, de Chicago. Posteriormente, foi para Los Angeles, onde trabalhou no *Citizen* e no *Western Comrade*.

Em 1914, voltou para seu antigo emprego novaiorquino no *Call*, como editor do domingo e crítico de teatro. Naquele mesmo ano, o editor chefe do *Call*, Louis Kopelin, deixou Nova York para trabalhar no jornal socialista *Appeal to Reason*<sup>78</sup> em Girard, Kansas. No outono de 1915, Kopelin convidou Haldeman-Julius a mudar-se também para Girard para fazer parte da equipe do jornal.

Quando Emanuel Haldeman-Julius tornou-se membro da equipe do *Appeal to Reason*, o mesmo era o jornal socialista mais importante da América do Norte. Sendo um socialista jovem e entusiasta, Haldeman-Julius reivindicava muitas das reformas econômicas pedidas pelo partido. Apoiava, por exemplo, as seguintes reivindicações: a transferência de controle do sistema bancário e do sistema ferroviário para um sistema de propriedade coletivo; o sufrágio irrestrito tanto feminino como o masculino; a adoção de um sistema de imposto de renda em escalas; algumas medidas regulamentadoras para as fábricas, como a criação do dia de trabalho baseado em oito horas, e a abolição do trabalho infantil<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> DUMAIN, Ralph. "The Autodidact Project" e SCOTT, Mark: "The Little Blue Books in the War on Bigotry and Bunk". In: DUMAIN, Ralph "The Autodidact Project" 07.10.09 and updated in 07.22.10 (p. 3). Tradução livre baseada nos episódios descritos no artigo de Dumain e Scott. Disponíveis em: <<http://www.autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

<sup>77</sup> O Partido Socialista da América (SPA) foi fundado por sindicalistas e intelectuais. De acordo com Karnal (2008, p. 187), o partido foi mais forte nos bairros imigrantes das grandes cidades, atraindo para suas fileiras milhares de judeus e alemães, mas também ganhou bastante apoio entre pequenos proprietários no Sul e no centro do país. Cf. KARNAL, L. et al, 2008, p. 187.

<sup>78</sup> Segundo Karnal, "Em 1912, o partido contava com 150 mil membros e significativo apoio nos sindicatos, tendo já publicado dezenas de jornais, inclusive o principal, o *Appeal to Reason* (Apelo à Razão), que atingiu uma circulação de 760 mil em 1913" (KARNAL et al. 2008, p. 187).

<sup>79</sup> DUMAIN, Ralph. "The AutodidactProject" e SCOTT, Mark: "The Little Blue Books in the War on Bigotry and Bunk". (p. 4). Tradução livre dos episódios relativos à vida de E. Haldeman-Julius. Disponíveis em: <<http://www.autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

Anna Marcet, a primeira esposa e incentivadora de Haldeman-Julius, era a única filha de Henry Winfield e Alice Addams Haldeman. Seu pai era um banqueiro de Girard que, entretanto, havia sido educado para seguir a carreira médica na Universidade de Leipzig. Sua mãe pertencia a uma família muito conhecida relacionada à Hull House de Chicago. Marcet graduou-se no leste, no Bryn Mawr, em 1909, e estudou na Academia de Artes Dramática em Nova York. Com a morte de seus pais, Marcet assumiu o banco que pertencia a sua família, instituição tradicional no condado de Crawford. Anna Marcet era considerada uma mulher “moderna” para a época. Foi presidente de banco e editava o *The Bulletin* da Associação dos banqueiros de Kansas entre 1916 e 1917. Em 1919, Marcet ajudou financeiramente seu marido a adquirir o jornal *Appeal to Reason*<sup>80</sup>. Após a compra, o jornal foi rebatizado como *Haldeman-Julius Weekly*, ainda de cunho socialista. Marcet veio, posteriormente, não só a ajudar o marido com recursos monetários como, também, colaborou em alguns dos *Little Blue Books*. Em 1931, Anna Marcet viajou para a União Soviética a fim de verificar “in loco” o progresso da Revolução Russa para uma das publicações de seu marido, *The American Freeman*.

Tiveram uma filha Alice e um filho Henry e juntos adotaram uma menina, Josephine. O casal fixou residência numa fazenda de 160 acres situada nas cercanias de Girard, Kansas. Marcet ensinava a seus filhos, assim como as crianças da vizinhança na sua fazenda, usando o método Montessori. Emanuel Haldeman-Julius e Marcet divorciaram-se em 1934. Marcet falece em 1941 e Haldeman-Julius em 1951<sup>81</sup>. Com a morte de Haldeman-Julius a editora dos *Little Blue Books* entrou em declínio encerrando definitivamente suas portas em 1978.

Interessantemente a cidade de Girard, no condado de Crawford, escolhida para a sede da editora de Haldeman-Julius e do jornal socialista *Appeal to Reason*<sup>82</sup> era bem pequena.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup>Segundo várias fontes, o papel da esposa do editor foi preponderante para alavancar o rumo do marido junto ao mercado editorial. De empregado de jornal como jornalista e redator que era, passou para dono do mesmo, graças a ajuda financeira da mulher para a compra do jornal *Appeal to Reason*, importante publicação de cunho socialista que, da pequena cidade de Girard, Kansas, alcançava todo o país. Vejamos os comentários a respeito do assunto: “In 1919 Marcet [a primeira esposa de Haldeman-Julius] provided her husband the funds to buy out the *Appeal to Reason*. On the very same January day in 1919 that he signed the papers making him owner of the *Appeal* plant, he reached into his desk and brought out two pamphlets - Oscar Wilde’s *Ballad of Reading Jail* and *The Rubaiyat of Omar Khayyam*, another of his favorite literary works. He marked them for the press, and told his linotype operator that his work was for a new series of booklets rather than for the paper. Those booklets became numbers 1 and 2 of his *Appeal’s* Pocket Series, and started him on the road to success. The acquisition of the *Appeal to Reason* in 1919 gave the Haldeman-Juliuses [o autor está se referindo ao casal Emanuel Haldeman –Julius e sua esposa Marcet] their own literary means of spousing what they believed was man’s and woman’s natural desire for personal freedom and happiness.” DUMAIN, Ralph: “The Autodidact Project.” (p. 3 e 7). Disponível em: <<http://www.autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.violetbooks.com/littleblue.html>> (p. 3 - 4). Acesso em: 13 dez. 2009.

<sup>82</sup> *The Appeal to Reason*, o jornal socialista no qual Haldeman-Julius trabalhou antes de vir a comprá-lo e rebatizá-lo como *Haldeman-Julius Weekly* (também de cunho socialista), faz parte do acervo de *J.A. Wayland Collection*, da *Pittsburg State University*, Kansas.

Comparando os números de habitantes nos anos 20 (aproximadamente 2.500) e, em 2009 (2.753)<sup>84</sup>, veremos que praticamente o número de habitantes continua o mesmo. O maior jornal socialista da maior potência capitalista do planeta e os livros que tiveram milhões de vendagem na América, ambos vieram à tona, numa típica cidadezinha do interior do sudoeste norte-americano. Incluo aqui o comentário de Herder (1971, p. 881)<sup>85</sup> sobre a localidade de Girard, Kansas:

It is difficult for the modern young person, whose atomic and space-age values have been molded by rapid communications devices such as radio, telephone and television, to comprehend that one man, operating in an out-of-the way place such as Girard, Kansas with little more than an idea and a printing press, could possibly have had broad influence on his parents' generation.

É no espírito desta observação de Herder que, a seguir, nos ocuparemos da história da importância dos *Little Blue Books*, editados por E. Haldeman-Julius a partir do estado de Kansas (EUA).

---

<sup>83</sup> O condado de Crawford ficou famoso pela presença de minas de carvão, o que obrigou a contratação de trabalhadores vindos da Europa e dos Balcãs.

<sup>84</sup>Disponível em:<<http://www.violetbooks.com>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

<sup>85</sup> Há algumas citações neste trabalho, emitidas pelo Prof. Dale M Herder, do Departamento de Inglês, da Michigan State University, East Lansing. Desta forma, vale o seguinte registro sobre sua pessoa: “*Dale M. Herder received his undergraduate and graduate degrees in History and a Ph.D Degree in English /American Studies as a student of Professor Russel B. Nye at Michigan State University. His articles, essays, and book chapters appear in a variety of academic and popular publications.*” Cf. Disponível em: <<http://www.commonssenserediscovered.com/bio.html>>. Acesso em: 07 out. 2011.

## CAPÍTULO 3

*A série norte - americana Little Blue Books*

## Capítulo 3 A Série Norte - Americana *Little Blue Books*

### 3.1 Histórico: Dados sobre a Série *Little Blue Books*

A série *Blue Books* foi editada a partir de 1919 por Emanuel Haldeman-Julius em Girard, (Kansas), EUA. Os livros eram editados no formato 3 1/2 x 5 inches<sup>86</sup> e, geralmente, continham 64 páginas. Tiveram seu auge em vendas durante a década de 20 e 30.

Condiziam com os novos tempos de “vida rápida e moderna” da década de 20. Eram fáceis de serem transportados pela sua formatação (eram pequenos) e pelo tamanho (eram leves). Seu preço possibilitava sua aquisição pelo americano “médio”.

Na concepção de Haldeman–Julius, o homem comum deveria ter acesso a filosofia e a autores clássicos da literatura. Desta forma a série *Blue Books* se torna um veículo de propagação de obras comumente lidas nos bancos escolares das universidades: na óptica do editor “popularizava a cultura”.

No começo da década de 1930, o próprio E. Haldeman-Julius declarou que: “[...] *with his series of little pocket books, had done more to bring education to the masses than any other individual since the invention of printing*” (HERDER, 1971, p. 881)<sup>87</sup>.

Os primeiros livros da série tinham capa de cores diferentes, mas a partir de 1921, começaram a ser impressos na cor azul, o que começou a diferenciá-los tanto no mercado editorial norte americano como, também, junto ao público leitor norte-americano.

A princípio, a série se ateu em reproduzir os autores considerados como clássicos em literatura (Thoreau, Hawthorne, Melville, Shakespeare, Dumas, Rabelais, Goethe, Tolstoy, Sophocles, Euripidis, por exemplo) sendo o preço dos livretos 25 cents de dólar cada.

À medida que o público leitor começou a se entusiasmar com os pequenos livros e as vendas cresceram, o custo de cada um baixou de 25 cents para 15 cents de dólar norte-americano, depois para 10 cents e, posteriormente, para um nickel (05 cents)<sup>88</sup>. Os leitores podiam encomendá-los à editora, por correio.

<sup>86</sup> Segundo o Dicionário Michaelis, a medida de um “inch” é equivalente a 2.54 centímetros. *Novo Michaelis*. Dicionário Ilustrado. vol I. 7 th ed. São Paulo: Edições Melhoramentos e Wiesbaden, Germany: F.A.Brockhaus, 1968, p. 520.

<sup>87</sup> Tradução livre dos dados.

<sup>88</sup> De acordo com o *website* <<http://www.dollartimes.com/calculators/inflation.htm>> “\$1.00 em 2011 tinha cerca do mesmo poder de compra de \$0.08 em 1925. Considerando uma inflação anual para o período em cerca de 3.02%”. Segundo o mesmo *website* este valor foi apurado usando o “*Consumer Price Index*” de Dezembro. Nota: Pela informação prestada, chegamos à



Haldeman-Julius, em duas raríssimas ocasiões, resolveu baixar ainda mais o preço da série oferecendo os livros a três cents de dólar. Como sua margem de lucros era muito pequena (1/5 de um cent por livro), foi forçado a voltar atrás nesta decisão e fixar o preço dos livretos, em 05 cents de dólar<sup>89</sup>.

Os livros tiveram 32, 64, 96 e 128 páginas, de acordo com as várias propostas de produção que foram objetos durante as décadas de existência. Mas, quando atingiram o valor de 05 cents por série, permaneceram com 64 páginas.

Enquanto Haldeman-Julius pessoalmente dirigia a sua editora, milhões de *Blue Books*<sup>90</sup> foram impressos com mais de 2.000 títulos. A filosofia de Haldeman-Julius de acordo com o estudo conduzido por Herder (1971, p.881-891)<sup>91</sup> teria duas premissas:

- a) que a felicidade é um bem mais alto de toda humanidade, e
- b) que o conhecimento é a chave para a felicidade<sup>92</sup>.

A importância dada ao “conhecimento” não seria novidade na história norte-americana. Essa preocupação com a educação e a busca ao conhecimento já advinha dos tempos coloniais. Karnal (2008) relata que:

Em 1647, Massachusetts publica uma lei falando da obrigação de cada povoado com mais de cinquenta famílias em manter um professor. [...] Com essa preocupação não é difícil imaginar o surgimento de várias instituições de ensino superior nas treze colônias. Até 1764, estabeleceram-se nas colônias sete instituições de ensino superior. O grande interesse pela educação tornou as 13 colônias uma das regiões do mundo onde o índice de analfabetismo era dos mais baixos. (KARNAL et al, 2008, 49-50).

O editor Haldeman-Julius julgava que tinha um desafio a vencer<sup>93</sup>: através de seus livros o conhecimento seria levado às massas, pois tinha a teoria de que o homem comum poderia ser um comprador potencial de bons livros.

---

conclusão que \$0.05 centavos de dolar americano em 1925 seria equivalente à \$0.631 em 2011. Já \$ 0.10 seria o equivalente à \$1.26 em 2011.

<sup>89</sup>HERDER, Dale M.: “Haldeman – Julius The Little Blue Books and The Theory of Popular Culture.” In: *Journal of Popular Culture*, vol. IV, n° 4, [s.n.] Spring 1971, p.881-891. (Trad. nossa)

<sup>90</sup> As informações divergem: Alguns creditam 300 milhões de livretos e outros, 500 milhões.

<sup>91</sup> Trad. nossa.

<sup>92</sup> A Declaração de Independência Norte-Americana (04.07.1776), que teve como principal mentor, o fazendeiro e advogado da Virgínia, Thomas Jefferson, que viria a ser o terceiro presidente do país, faz menção a esta “busca da felicidade”, da qual Haldeman-Julius resgata e parece advogar como sendo necessária a plena realização do indivíduo, como pessoa e cidadão. Segundo as palavras de O’Callaghan (2006, p. 29): “*The Declaration of Independence was more than a statement that the colonies were a new nation. It also set out the ideas behind the change that was being made. It claimed that all men had a natural right to ‘Life, liberty and the pursuit of happiness’.*”

Acreditava que este indivíduo idealizado poderia ter acesso ao que fosse considerado como boa literatura, se a mesma viesse em livros de pequeno porte que pudessem ser levados facilmente ao trabalho, com um custo acessível.

Os *Little Blue Books* foram lucrativos durante os 32 anos de sua existência no mercado editorial norte-americano.

Segundo os estudos conduzidos por Herder (1971, p. 881-191)<sup>94</sup>, Haldeman–Julius percebera que no primeiro ano de vida da firma, fora capaz de pagar, totalmente, a dívida que havia feito no valor de \$75.000 dólares, pela compra da editora em Girard, Kansas.

Durante a década de 1920, a editora de Haldeman-Julius teve uma produção anual de 13 a 25 milhões de livros e o negócio giraria em torno de uma soma, que envolveria, aproximadamente, meio milhão de dólares. Segundo Herder (1971, p. 881- 891), os *Little Blue Books* coroariam um senso apurado para negócios, aliado a uma teoria altruísta de propagar a cultura, tornando-a acessível e popular às massas. Em 1928, Haldeman-Julius expressou a satisfação que tinha em “ter se utilizado de uma idéia interessante e investido num bom negócio, que iria trazer uma ‘melhoria’ ao indivíduo comum, ao invés de se dedicar a explorar as massas”, talvez, numa referência ao conceito do “lucro somente pelo lucro”.

Haldeman-Julius publicou a obra *The First Hundred Million*<sup>95</sup> onde dá informações sobre a publicação da Série *Little Blue Books*. No Capítulo I, intitulado “What America wants to Read - Why the Little Blue Books tell a Vital Story”, o editor norte-americano pondera:<sup>96</sup>

My nine years of publishing the series known throughout the world as the Little Blue Books would be, perhaps, interesting as a publishing achievement - but to a limited group, assuredely. It is, after all, more marvelous to manufacture a watch than it is to print a five - cent book; it is even more marvelous to make a fine watch than it is to print and bind an expensive book. It is not that I have produced books in mass quantities at a standardized low price that makes my Little Blue Books of vital significance.

---

<sup>93</sup> Emanuel Haldeman-Julius “*hoped posterity would remember him as ‘the Voltaire of the English Language’ Contemporaries called the Kansas Publisher the ‘Book Baron’, the ‘Henry Ford of Publishing’ and the ‘Erasmus’ of the 20th Century*”. Disponível em: <<http://autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

DUMAIN, Ralph. “The Autodidact Project”. Mark Scott: “The Little Blue Books in the War”, p. 1. (Trad. Livre nossa). Disponível em: <<http://autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

<sup>94</sup> Tradução nossa do trecho.

<sup>95</sup> HALDEMAN - JULIUS, E. *First Hundred Million*. 2ªed., 2008, p. 1-3. A primeira edição desta obra é de 1928 e republicada pela editora de Haldeman-Julius em 2008. Tradução livre do trecho acima: Capítulo 1. O título da obra se refere a quantia ganha pelo editor Haldeman-Julius nos seus primeiros nove anos de publicação da Série *Little Blue Books*.

<sup>96</sup> Por se constar de um depoimento longo, transcrito da publicação em inglês, optamos por fazer a versão para o português no Anexo 1 desta Tese, registrando acima nesta página, o texto em língua inglesa.

That is business [...] and salesmanship – but the world is full of more spectacular business, more complicated mechanics, and more dynamic salesmanship.

The business side of my Little Blue Book experience and the mechanical and selling side are interesting because the Little Blue Books are really of vital meaning. They tell a story that no other series of books, or no other books published anywhere, can tell. They tell what America wants to read.

[..]I thought that it might be possible to put books within the reach of everyone, rich or poor, though mostly poor and grading up those not as poor but by no means wealthy.[...] By I mean I dreamed of publishing books in such quantities I could sell them at a price that would put all books on the same level. No book would be chosen instead of another, that is to say, because of any difference in the price. And the price would be so low that no books besides mine would be chosen because of any lower price.

To be more explicit, the Little Blue Books, as they now exist, represent the democracy of literature. All Little Books are born equal.[..] No single Little Blue Book is given more advertising than any other book.[...] There can never be any favoritism shown any Little Blue Book because of more attractive binding or more desirable size – all are uniformly bound, and all are exactly the same size 3 ½ x 5 inches .

One Little Blue Book fits as easily into the pocket as any other. The type in all is the same [...], with the exception of such special text as dictionaries.

To be sure, Little Blue Books do vary in length – from 32 up to 128 pages, with most of them running to 64 pages.

The reason is that the book is wanted because the buyer wishes to read it. [...] A Little Blue Book is a fat nickel's worth – average 64 pages, 15,000 words of accurate, authentic text, and so on. It sounds compelling to say that you can have your pick of 1,260 different titles – any twenty books for a dollar, sent post paid to any address in the world.

[...] People do not buy books because they are bargains – unless they have some hope that they will find time to read them. On the contrary, book-lovers and collectors with spare funds often buy books because they are expensive – and not necessarily because they want to read them.

[...] On January 1, 1928 which is the date on which the facts in this book are based, there were 1,260 different titles in the Little Blue Books – all offered, irrespective of their nature or length, at the same price. A purchaser's choice is limited only to twenty books, the minimum he must order at one time. He can order as many more than twenty as he may care to, all at the same price.

From 1,260 books anyone could select twenty or more that he would like to read. This series comprises probably the most representative literary assembly ever published at a standardized price in a uniform format. Not only works of literature, not only standard classics, not only the recognized forms of literary stock in trade such as biography, history, and the like – but the Bible and books against the Bible, books of self-education, love and passion, medical works – in short, something of everything. If there is any craving the American reader has for a particular kind of book, he is practically certain to find a way to express it in making his selection of Little Blue Books. (*First Hundred Million*. How to skyrocket your book sales with slam dunk titles. New edition. E. Haldeman-Julius. USA: Angelican Press, 1928/2008, p.1-3)<sup>97</sup>.

---

<sup>97</sup> A tradução do trecho se encontra no ANEXO 1, desta Tese.

Pela óptica do editor Haldeman-Julius, o sucesso das publicações dos *Blue Books* advinha, antes de mais nada, ao enfoque em publicar o que a América desejava ler.

No capítulo XVI “A Comparison of Advertising Mediums”, Haldeman – Julius (2008, p. 225-251) nos explicita como se deu a propaganda dos *Little Blue Books*. O nome do escritor Monteiro Lobato é mencionado numa comparação com outros autores e obras publicadas nas Séries (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 234).

O editor norte-americano nomeia as revistas e periódicos onde a propaganda dos *Little Blue Books* era inserida pela sua editora:

It is to their wide appeal that the Little Blue Books owe their success. By wide appeal I mean, of course, a series of books so selected and so distributed over a variety of subjects that the titles will lure orders from readers of *Harper's*<sup>98</sup> as well as from readers of *Liberty*<sup>99</sup> and *Pathfinder*<sup>100</sup>. The same books are sold to all classes of readers – though there is a variation in the actual books selected, this variation is not as large as one might suppose. In most cases it is sound advertising to use the same copy in a group of publications of widely different tone and policy. However, I have learned some interesting facts from my use of the same copy, in a variety of magazines and papers (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 225).

A partir deste comentário inicial, Haldeman- Julius (2008, p. 225-226) destaca que a mesma obra publicada em seus *Blue Books*, com propaganda feita em diversos periódicos, em igual data, não apresentava o mesmo número de requisições de pedidos para compra. Por exemplo, no *New York Times Book Review*, feita a propaganda da obra *Christmas Carol* do autor inglês Charles Dickens, esta teria um número maior de requisições de compra e, como resultado, uma venda mais significativa, em número. Em contrapartida, (Haldeman-Julius nos

---

<sup>98</sup> *Harper's*. Alguns dados obtidos atestam que esta revista foi fundada em Junho de 1850, sendo uma das mais antigas dos EUA. Disponível em: <<http://harpers.org/harpers/about>>. Acesso em: 27 out. 2011. Segundo depoimento do editor Haldeman-Julius, temos que: “*Harper's is a magazine of limited appeal – a rather conventional quality, thoroughly safe and reliable magazine*” (Cf. HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 226).

<sup>99</sup> *Liberty*: “*Liberty Magazine – a topical weekly in 1924 and throughout much of the 20th century.*” Disponível em: <<http://libertymagazine.com/about.htm>>. Acesso em: 27 out. 2011. De acordo com a opinião de Haldeman – Julius: “*Liberty is a national weekly for everybody, reaching a mass of middle class and laboring class readers, partly because it is a five-cent magazine, and partly because its editorial content is kept up to the minute, short and easy to read, and planned to attract the weary reader who is anxious to amuse himself in fleeting spare moments*” (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 226).

<sup>100</sup> Sobre a Revista *Pathfinder* temos que: “*Time [o autor deve estar se referindo à revista Time Magazine] was founded in 1923. Time magazine's immediate forerunner was the Pathfinder -1894 - 1954.*” Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/482597/history-of-publishing/28700/news-and-photo-magazines>>. Acesso em: 27 out. 2011. O editor Haldeman – Julius (2008) emite sua opinião sobre esta revista: “*Pathfinder, a conventional [...]*” e adiante, o editor pondera: “*It is possible - no statistics are available, and I am merely offering a hypothesis – that readers of the Pathfinder are largely family groups, many of them perhaps elderly, living in small towns*” (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 218-228).

esclarece no texto), os leitores da *Harper's* e da *Nation* não teriam o mesmo entusiasmo por essa compra.

O concorrente mais próximo em maior número de vendas para a obra de Dickens seria, por exemplo, aquele obtido com a propaganda do *Little Blue Book* feita no *The Smart Set*<sup>101</sup>.

Ao explicar aos leitores seu ponto de vista, Haldeman-Julius relata que vai se referir aos números de uma estatística de vendas obtidos em 1927, em sete veículos de publicações, no mercado norte-americano, e cita: *Harper's*, *Nation*<sup>102</sup>, *Smart Set*<sup>103</sup>, *Pathfinder*, *N. Y. Times Book Review*<sup>104</sup>, *Liberty*, e *N.Y. Daily Graphics*<sup>105</sup>. (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 226).

A propaganda feita por sua editora nas revistas mencionadas, mostra uma lista de títulos de obras encontrados nos *Little Blue Books*. As Séries deveriam ser requisitadas pelo leitor-comprador, através da encomenda postal, não menos que vinte por ordem de requisição de compra.

Haldeman-Julius percebeu que o retorno da propaganda feita nessas revistas pela sua editora, divergia no número de requisições de compra.

Para que se pudesse, então, fazer uma comparação em termos de vendagem, os números usados pelo editor Haldeman-Julius (2008, p. 226) representariam o universo requisitado, dentro de um milhão de pedidos. Dessa forma, se mil ordens postais (com 20 pedidos de *Little Blue Books*; ou, a grosso modo, 20.000 livros no total) fossem recebidas na editora e, neste patamar, noventa pessoas requisitassem a obra *Christmas Carol*, de Dickens, dada como um exemplo, o número 1.000 para esse livro seria noventa (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 226).

<sup>101</sup> O trecho está sumarizado numa tradução livre, respeitando-se os números fornecidos (HALDEMAN- JULIUS, 2008, p. 225).

<sup>102</sup> Sobre a revista *Nation*, Haldeman- Julius (2008, p. 227) menciona que: “*Readers of the Nation, being well educated and for the most part well read are already familiar with the story [o editor se refere a obra *Christmas Carol*, de Charles Dickens]*”. E acrescenta sobre o assunto que: “*Readers of the Nation would like to have more controversial subjects, particularly books giving the facts about religion*” (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 251).

<sup>103</sup> Haldeman-Julius menciona que: “*The Smart Set is a rather sensational young's people's magazine, dealing in the confession type of short story, articles on love and marriage, and so on*” (Ibid., 2008, p. 226).

<sup>104</sup> “*N. Y. Times Book Review is a feature section of the Sunday edition of the N.Y. Times, undoubtedly one of the world's greatest newspapers. The intellectual level of this review is high*”, opina Haldeman-Julius sobre a publicação (Cf. Ib., 2008, p. 226).

<sup>105</sup> *N.Y. Daily Graphics* – Segundo Haldeman- Julius (2008, p. 246): “*A tabloid*”.

Haldeman-Julius estende seus comentários sobre a propaganda das Séries veiculada nas revistas e periódicos norte – americanos naqueles anos e, numa generalização, argumenta:

High or low, rich or poor, tread or unread, the interest in sex – the relationship between men and women, the attraction of male for female and vice versa – is universal. Rich man, poor man, beggar man, thief, doctor, lawyer, merchant, chief – all are fascinated by this subject. Whether the orders come from palatial residences or hovels, from cities or villages, from offices or homes, from colleges or prisons, the dominance of this subject is inevitable. (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 227).

Forneceremos, a seguir, quatro tabelas elaboradas pelo próprio editor Haldeman-Julius, que nos ajudarão a fazer uma avaliação próxima de certos pressupostos da *Estética da Recepção*, da obra lobatiana no mercado livreiro norte – americano, na década do lançamento de *Brazilian Short Stories* (1925).

Segundo a opinião do editor de Girard (2008, p. 228), há alguns livros que todos os leitores, um dia, gostariam de já ter lido. Seriam:

Book Title	Copies Sold
What married Women Should Know	260
What married Men Should Know	220
What Young Women Should Know	200
Women's Sex Life	200
Man's Sex Life	190
What Young Men Should Know	170

Haldeman-Julius detalha que os números acima indicam um universo de pedidos (médio) de cópias vendidas, em cada requisição de mil pedidos de *Blue Books*.

“É interessante notar que o livro mais vendido no grupo acima é ‘*What Married Women Should Know*’, e que as obras para mulheres, ultrapassam em vendagem, aquelas para homens. Este dado se aplica em geral a todas as propagandas minhas”, esclarece o editor (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 228<sup>106</sup>).

<sup>106</sup> Tradução livre do trecho respeitando-se os números e dados.

A seguir, Haldeman-Julius (2008, p. 228) relata que os leitores homens seriam os melhores compradores, em potencial, da Série *Little Blue Books*:

But in another place I have pointed out that from most indications men are the best buyers of Little Blue Books, and I rather think that men buy these books of facts for women as well as those addressed more particularly to themselves.

No capítulo XVI, “A Comparison of Advertising Mediums”, de sua obra *First Hundred Million*, Haldeman–Julius (2008, p. 229) adianta que:

As to whether men actually do buy more Little Books than women, I have taken the trouble to find out. A careful tabulation of the orders received shows that seventy-one percent come from men and only twenty-nine percent from women. [...] The legend that women do most of the reading in America must be founded upon something apart from the Little Blue Books if it is to be something more than a legend. For these facts are indisputable - the Little Blue Books depend on men for their greatest support.

A seguir, o editor norte- americano insere um comentário sobre a propaganda da Série *Blue Books*, feita em algumas revistas (*Liberty*, *N.Y. Times* e *Graphic*):

Before passing to other subjects, I want to say that the largest lists of books were advertised in *Liberty*, *N.Y. Times*, and *Graphic*. I have been especially interested to notice that only one classification or group of titles in *Liberty* has a 100 percent sale – which is to say that not a title under this classification showed zero. This classification was PASSION. Even books that would not have sold if listed miscellaneous, sold extremely when placed under this heading. (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 233).

Haldeman–Julius (2008, p. 234) nos esclarece sobre os números de vendas da Série *Blue Books* na tabela abaixo, e cita o escritor brasileiro Monteiro Lobato, entre outros autores.

These are the books so classified, with their sales figures:

Book Title	Sales Figure
A Nun’s Desire and Other Poems	220
Mme Tellier’s Establishment Maupassant	200
Passion in the Desert. Balzac	190
Amorous Tales of the Monks	180
Lustful King Enjoys Himself. Hugo	130
Quest for a Blonde Mistress	170

The Falcon, etc. Boccaccio	160
Sex Obsessions of Saints	150
Night in Whitechapel. Maupassant	140
Short Stories of French Life	140
Amateur Peasant Girl. Puskin	130
A Bath, and so forth. Emile Zola	130
Italian Tales of Passion	130
Unconventional Amour. Moore	120
Lost Phoebe. Theodore Dreiser	110
Wages of Sin. W.D. Steele	100
<b>Brazilian Love [sic] Stories. Lobato<sup>107</sup></b>	<b>90</b>
Girl with 3 Husbands, etc	80
Policewoman's Daughter. Hecht	70
Jazz, etc. Ben Hetch	70
Polite Parisian Scandals	70
Hedda Gabler. Ibsen	70
Montes: Matador and Lover. Harris	60
Love's Heroism and Other Tales	50
Happy Hypocrite's Love- Life	50
Smart Epigrams. De Gourmont	40

Haldeman- Julius, ao avaliar os números relacionados nesta tabela (elaborada por ele), declara que todas as obras que estão listadas acima do número 60 estariam entre os 100 “*Best Sellers*”, para a revista *Liberty*. O escritor Monteiro Lobato, na tabela, está classificado com o número 90, o que lhe configura uma boa classificação:

All those over sixty are in the 100 best sellers for *Liberty*, which gives this classification outstanding importance. The heading PASSION is responsible, I know, because some of the titles, listed thus, do better than more sensational titles elsewhere (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 234).

Ao enumerar os assuntos que mais atraem os leitores para a compra de livros, o editor norte-americano conclui a sua avaliação, com o seguinte argumento:

Three Things – three main subject classifications – I would name as the trio that will encompass most of the interest displayed by the readers of these seven publications, if taken *en masse*. They want Sex, which includes love, marriage, passion, men, women, birth control, and so forth, Self-education and Self- improvement, which includes bettering their English, educating themselves in particular subjects, philosophy, psychology, and so forth, and

<sup>107</sup> Grifo nosso.



Free-thought or Skepticism, which means releasing themselves from the fetters of superstition, religious bigotry and theological dogmatism. Perhaps, however, I should put on a par with Free- thought the widespread desire for fun and laughter – which includes jokes, games, sports, and so forth. But if I increase the trio to these four - Sex, Self-improvement, Free-thought, and Entertainment - I am sure that I cover ninety percent of the reading interests of America (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 251).

No Capítulo VI da mesma obra, “Sidelights on Reading Tastes” - *Some Miscellaneous Facts About American Book Buyers*, Haldeman-Julius (2008) pondera sobre as coleções de histórias que versam sobre mistério, aventura etc. Relata que, na ocasião, as estatísticas de vendas dos *Little Blue Books* já se encontravam disponíveis, e essas pesquisas classificaram os assuntos que estariam mais de acordo com o gosto literário dos leitores da América.

Little Blue Books statistics are available, too, on various types or classifications of stories – adventure, mystery, and so on. These data are alike a commentary on and a revelation of America reading preference. You can get an inkling of it from the newsstand magazines that cater to such specialized – and stereotyped – fiction as these groupings often imply. But here the results come from offering good literature, some of it in classified groups for the sake of discrimination. Let the figures tell their own story (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 92):

De acordo com o resultado dessas estatísticas, o editor listou títulos de obras e seus respectivos números de vendas, como demonstrado na tabela abaixo:

<b>Book Title</b>	<b>Copies Sold</b>
Funny Ghost Stories (Jerome)	33,000
Tales of Far North (Jack London)	25,000
Great Ghost Stories	21,000
Adventure Stories (Jack London)	17,500
Great Sea Stories	17,000
Tales of Big Snows (Jack London)	16,000
Mystery Tales of the Sea	16,000
Tales of Mystery (Poe)	14,500
Ridiculous Stories( Stephen Leacock)	14,500
Civil War Stories (Ambrose Bierce)	13,000
Great Detective Stories	13,000
Masterpieces of Mystery Stories	12,000
Masterpieces of Adventure Stories	11,000

O editor norte-americano (2008, p.93).analisa, também, a ficção estrangeira publicada em *Little Blue Books* e revela que as obras agrupadas por nacionalidade, “não vendem” tão bem, como eram de se esperar. Haldeman-Julius menciona alguns nomes da ficção russa e da francesa como tendo um bom respaldo de retorno nas vendas das Séries:

Foreign fiction, grouped by nationality, does not sell as well as might be expected. The well known names – such as Guy de Maupassant, Emile Zola, Honoré de Balzac, Remy de Gourmont, and so forth, for France; Anton Chekhov, Leo Tolstoy, Maxim Gorki, Leonid Andreyev, and so forth, for Russia – always do rather well. But I am referring more particularly to such collections as the following:

A seguir, mostraremos a tabela elaborada por Haldeman-Julius, redigida de acordo com o resultado das pesquisas de estatísticas de vendas. Esta tabela pretendia determinar o gosto literário do leitor norte-americano em relação à diversos temas encontrados na ficção estrangeira:

Book Title	Copies Sold
Famous Russian Stories	16,000
Yiddish Short Stories	13,500
African Negro Folk Tales	12,000
Spanish Stories	11,000
African Jungle Tales	9,000
Irish Fairy Tales	8,000
<b>Brazilian Stories<sup>108</sup></b>	<b>5,000</b>
Costa Rica Tales	5,000

Com bases nestes dados, o editor de Girard, Kansas pondera e aponta que “*Costa Rica e Brazil do not attract United States readers, it seems. French and Russian fiction are always the most popular of the European possibilities.*[...]”(HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 93)

Num artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, de Recife, em fevereiro de 1922, três anos, portanto, antes da publicação dos contos de Monteiro Lobato em *Brazilian Short Stories*, e anterior a publicação das pesquisas de vendas da Série dos *Little Blue Books*, temos o depoimento de Gilberto Freyre que enfoca o assunto da parca circulação de livros brasileiros nos EUA.

No artigo “Biblioteca Pública de Nova York”, Freyre argumenta sobre a pouca receptividade da literatura brasileira no mercado norte-americano. Abaixo, transcrevemos alguns trechos deste depoimento (apud GOMES, 2005, p. 243-244)

Há na Biblioteca Publica de New York seções especiais de literatura estrangeira. Grosso é o material que existe em francês e em alemão. Também se acham representados o idioma chinês, dinarmarquês, holandês, finlandês, grego, flamengo, húngaro, hebreu antigo e moderno, norueguês, italiano, polaco, russo, espanhol, sueco, sérvio etc. De literatura portuguesa

<sup>108</sup> Grifo nosso.

ou brasileira, muito pouco, quase nada. Tem razão o sr. Coelho Neto em dizer que ninguém nos lê no estrangeiro. “A culpa é de vocês, portugueses e brasileiros,” escreveu-me certa vez, meio rude, o meu amigo, o sábio John Gasper Branner. E é. Neste assunto de idiomas temos levado a extremo mui tolo nossa bondade. O americano com sua mania de simplificar, engloba-nos no espanhol, e nós, desmanchando-nos de gentileza, aceitamos a imposição... [...].

E que havemos de fazer fora a resistência à absorção do espanhol? Devemos exportar nossos livros e nossos periódicos. No salão de periódicos e jornais de New York se acham representados quase todos os idiomas, quase todos os países. Em português não há cousa nenhuma.

No salão a universidade de Columbia é a mesma coisa: nenhuma revista em português. Possuímos, entretanto, no Brasil, uma “Revista do Brasil” excelente; [...].

Segundo a opinião de Freyre, o pouco conhecimento de nosso idioma, assim como a parca divulgação de obras da nossa literatura e de periódicos na América do Norte, na ocasião, não facilitava a divulgação de autores brasileiros naquele país.

Para que possamos melhor avaliar o julgamento pessoal do editor norte-americano Haldeman-Julius (1928/2008) sobre a tímida vendagem de obras brasileiras no mercado livreiro norte-americano, temos o depoimento de Reis (1977), a respeito do tema<sup>109</sup>.

Num raro e interessante artigo publicado no ano de 1977, na Revista *Escrita*<sup>110</sup>, Roberto Reis<sup>111</sup> faz um apanhado sobre a literatura brasileira nos EUA. Inicia seu depoimento, com as palavras de Ernesto Sábato<sup>112</sup>, numa entrevista dada ao jornal *La Nación*,<sup>113</sup> (da qual participaram os escritores brasileiros Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Fernando Sabino). Indaga a esses escritores, sobre os prováveis motivos do acanhado desempenho de vendagem de obras da literatura brasileira, no mercado livreiro norte-americano.

Sábato, em sua resposta, avalia que as causas seriam: “Fundamentalmente, a barreira da língua. Barreira que por outra parte é unilateral, porque, para vergonha nossa, não há

<sup>109</sup> O depoimento de Roberto Reis foi proferido anos depois da pesquisa do editor de Girard, Kansas e de Freyre no *Diário de Pernambuco*, mas válido, pois, podemos notar que o cenário de publicações de autores brasileiros nos EUA, anos após, não mudara...

<sup>110</sup> REIS, Roberto. “A Literatura Brasileira nos EUA”. São Paulo: Revista *Escrita*, Ano II, n 20, Maio de 1977. Disponível em: < <http://www.conexoesitaucultural.org.br/?tag=roberto-reis>>. Acesso em: 06 set. 2011.

<sup>111</sup> REIS, Roberto. Roberto Reis nasceu no Rio de Janeiro em 1949 e faleceu em 1994. Foi Professor de Português na Universidade de Minnesota, EUA. Ajudou a Fundar a BRASA (*Brazilian Studies Association*) que, recentemente, criou o *Roberto Reis Award* em sua homenagem. Foi um dos principais professores de literatura e cultura brasileira nos EUA. Entre outras obras, publicou *The Pearl Necklace: Toward an Archaeology of Brazilian Transition Discourse* que lhe conferiu o *Alfred Hower Prize*, em 1992. Cf.: < <http://www.conexoesitaucultural.org.br/?=1855>>. Acesso em: 05 set. 2011.

<sup>112</sup> SÁBATO, Ernesto. Um dos mais conhecidos escritores argentinos, nascido em Rojas em 24 de junho de 1911 e falecido em 30 de abril de 2011. Foi agraciado, entre outros prêmios, com o *Cervantes* em 1984.

<sup>113</sup> *Jornal La Nación*, Buenos Aires, 30 de maio de 1976.

brasileiro culto que não leia o castelhano [...]”. Mais à frente, Ernesto Sábato pondera que: “O boom da literatura latino-americana só explodiu para os hispânicos sendo o espanhol como uma 2ª língua nos EUA” (apud REIS, 1977, p. 18-19).

Em 1976, data da entrevista, o escritor argentino conclui que poucas universidades mantinham ou desenvolviam programas de Português<sup>114</sup>, acrescentando que: “Em todos os EUA, somente cerca de 5.000 alunos estudam o português, quando grande parte das Universidades possui programas de Chinês, Russo, Árabe, línguas eslavas”. Ele cita *Latin America- fiction and poetry in translation* (1970), onde estão comentadas traduções de literatura latino-americana para o inglês e em toda obra: “[...] a parte do conto só inclui cinco contistas brasileiros. Conclusão: o grande desenvolvimento do gênero nos últimos anos não repercutiu nos EUA, em termos de tradução” (apud REIS, 1977, p. 19).

Após a transcrição desta entrevista com Sábato, Roberto Reis declara no artigo (1977), que realizara uma enquete com professores universitários norte-americanos, abordando esse tema.

Do ponto de vista da *Estética da Recepção*, no que concerne a obra e seu público, estas entrevistas são de grande importância, pela riqueza de detalhes em tema até hoje controverso, pela falta de informações a respeito, e por traçarem um panorama da circulação de obras brasileiras nos EUA.

Dessa forma, os depoimentos listados abaixo objetivam apontar entraves, que conceituados Professores Universitários estadunidenses, declararam ser “o calcanhar de Aquiles”, responsáveis direta ou indiretamente, pela tímida circulação da literatura brasileira, na América do Norte.

Destacaremos, a seguir, alguns trechos das entrevistas desses Profissionais norte-americanos, requisitados pelo Prof. Roberto Reis (1977), a opinar sobre o assunto<sup>115</sup>.

A Prof. Nancy T. Baden da *California State University*, Fullerton, declara que:

O que é mais importante é que, na visão do americano, o Brasil é sempre agrupado, sem discriminações, com o restante da América Hispânica em

<sup>114</sup> Por esse depoimento, podemos imaginar, então, a exequidade de cursos oferecidos para o ensino da língua portuguesa nos EUA, em 1927, data da realização da pesquisa de Haldeman-Julius, - dois anos após o lançamento de *Brazilian Short Stories*, de Monteiro Lobato.

<sup>115</sup> REIS, Roberto. “A Literatura Brasileira nos EUA”. In: Revista *Escrita* (São Paulo), Ano II, nº 20, maio de 1977. Disponível em : < <http://www.conexoesitaucultural.org.br/?tag=roberto-reis>>. Acesso em: 06 set. 2011.

termos de sua imagem. As contribuições linguísticas e culturais do brasileiro e do português não são nem compreendidas, nem reconhecidas. Apesar desta imagem haver melhorado nos últimos anos, os brasileiros ainda são considerados por muitas pessoas, nos EUA, como falantes do espanhol<sup>116</sup> (REIS, 1977, p. 20).

Este problema já nos parece antigo, pois Isaac Goldberg em sua obra *Brazilian Literature* (1922), alerta o leitor norte-americano que o idioma do Brasil é o português e não o espanhol:

I may be pardoned if I indicate, for example, that the language of Brazil is not Spanish, but Portuguese. And should this simple fact come as a surprise to any reader, let him not be unduly overwhelmed, for he errs in distinguished company (GOLDBERG, 1922, Preface, p. X).

Goldberg comenta, ainda, no “Prefácio”, em *Brazilian Literature* (1922), que sua observação é pertinente pois:

Thus, Gustave Le Bon, - he of crowd-psychology fame, speaks of South America in his *Lois psychologiques des peuples* (p. 131, 12<sup>th</sup> ed., 1916) as being predominately of *Spanish* origin, divided into numerous republics, of which the *Brazilian* is one (GOLDBERG, 1922, p. X).

Na mesma entrevista concedida à Reis (1977, p. 20), Baden acrescenta ao seu depoimento que:

A maioria dos escritores brasileiros que foram recentemente traduzidos ao inglês são regionalistas. Os romances regionalistas podem fornecer ao leitor mais sério uma visão aprofundada da realidade abrangida pela obra. Mas torna-se um problema para o leitor desinformado, para quem a imagem do Brasil continua presa a índios, café e selva: o fato de se propor a apresentar uma região, levará o leitor norte -americano a concentrar-se nos elementos pitorescos contidos no texto. [...] O Brasil tem dois problemas que são compartilhados pelos outros países latino-americanos quando se trata da questão de sua imagem nos EUA. Primeiramente, o idioma continua sendo o maior obstáculo. Em segundo lugar, a vastidão geográfica do Brasil torna parte de sua literatura regional. Ironicamente, em vez de transmitir a riqueza e a diversificação da cultura brasileira, isto pode reforçar a imagem parcial e distorcida que o leitor norte-americano absorve da “mass media”.

Já a Prof. Judith Bissett da *Arizona State University* - (Tempe), declara que:

---

<sup>116</sup> Devemos levar em consideração que essa enquete dirigida por Reis, provavelmente, foi realizada próxima de sua publicação na década de 70.

Eu diria que a Literatura Brasileira não é tão conhecida nos EUA quanto a Hispano- Americana, por razões econômicas e políticas. As Universidades que enfrentam problemas financeiros são forçadas a cortar as verbas dos programas menos procurados (como o de Português). As comunidades de fala hispânica são maiores e possuem maior poder político que as poucas isoladas (usualmente compostas por visitantes) de brasileiros. Por conseguinte o espanhol é mais ensinado que o Português. Durante a década de 60 houve um grande interesse nas línguas “negligenciadas” como o Português e foram destinadas verbas para treinar pessoal nestes idiomas. [...] Comercialmente, a literatura brasileira tem recebido alguma atenção-especialmente por meio de traduções de autores [...]. No entanto, a literatura brasileira necessita tornar-se um indiscutível produto lucrativo para que haja uma aceitação comercial do autor brasileiro (apud REIS, 1977, p. 20).

Harry Kurz, o tradutor do conto de Monteiro Lobato “O Engraçado Arrependido” para o idioma inglês, aqui analisado, na parte da “Introdução” da obra em 1947 e em 2003, enfatiza, também, o aspecto do problema da barreira lingüística, três décadas antes da concretização das entrevistas lideradas por Reis:

The literary situation in Brazil merits a short comment. This great country, whose extent and future can well stir the imagination, should have been by its very prize, population, wealth, and variety, the leader among the Latin – American republics in artistic creation. But linguistically, it is caught on the historical accident of Portuguese exploration. Hence the chasm between it and the other countries, where Spanish is spoken. World War II has enhanced the significance of Brazil, and her creative artists, musicians, painters, sculptors, have become better known. Less so her writers – for whom their unique language in this hemisphere is a distinct disadvantage, frankly regretted at times by young Brazilians who feel the true power of their extraordinary country and its potential place as a leader in Latin America (In: *A World Of Great Stories*, 1947/2003, p. 863).

William M. Davis da University of Florida, Gainesville foi outro Professor entrevistado por Reis (1977). Ao dar sua opinião, cita a Universidade do Texas com seu programa de traduções e o papel de liderança da editora A. A. Knopf em traduzir e disseminar autores de nossa literatura nos EUA. O Prof. W. M. Davis argumenta, em seu depoimento a Reis, que:

[...] Há poucos tradutores que dedicam todo seu tempo a traduzir livros brasileiros, e ainda menos editoras que queiram arriscar-se ao luxo de uma tradução, o que aumenta o custo da publicação de um volume. As exceções, como Knopf e o programa de traduções da Universidade do Texas, não são freqüentes. Não é verdade que a literatura brasileira não participou do boom

da Literatura Latino- Americana nos EUA: Knopf publicou uma boa seleção de títulos brasileiros, de livros recentes, [...] (apud REIS, 1977, p. 22).

Já o Prof. Edgar C. Knowlton, JR. da University of Hawaii, Honolulu, aponta o crítico literário Isaac Goldberg, como um “desbravador”, pois este último teve que aprender o idioma português para se debruçar, como crítico e leitor, nas obras de nossa literatura:

[...] 2) A literatura brasileira (atual) não se conhece bem nos Estados Unidos. Em parte isto se deve à nossa orientação européia. Também Cuba, Porto Rico, México, Panamá têm sido países com contatos mais frequentes conosco. Em geral, até muito recentemente, a literatura das Américas não formava parte principal dos estudos acadêmicos em nosso país. A literatura francesa do Canadá, a literatura francesa do Haiti, a literatura em espanhol das Américas, dos Chicanos, a literatura do Brasil... eram literaturas que pareciam ter interesse muito especializado. Se o português motivava um estudo universitário, era em grande parte por Camões, Gil Vicente, Almeida Garrett, Herculano, e só um **Goldberg** [grifo nosso] ou um Putnam poderia dedicar tempo aos estudos de português (apud REIS, 1977, p. 22).

Em algumas passagens da obra *First Hundred Million*, Haldeman- Julius (2008) menciona Isaac Goldberg, responsável pela “Introdução” aos três contos de Lobato em *Brazilian Short Stories* (*Little Blue Books*, nº 733, 1925) publicados pela sua editora. O editor de Girard, Kansas, faz uma análise do perfil e da importância do crítico literário. Segundo suas palavras:

My story runs ever longer than I wish, but there is so much more to tell than it has ever seemed. Years fly swiftly, crammed as they are with events and progress. One who has stood by me from early days is Isaac Goldberg, the affable critic who lives in Roxbury, MS, a part of Boston. [...] to regular followers of my publications, Goldberg is best known for his book review column in my *Weekly*.

Some of Goldbergs’ *Little Blue Books*, too grew into larger clothbound volumes, notably his *Havelock Ellis* and his *The Man Mencken*<sup>117</sup>. (HALDEMAN-JULIUS, 2008, p. 168).

<sup>117</sup> MENCKEN, Henry Louis. Influente jornalista americano (1880-1956). Com a Série *Prejudices* (1919-1927), Mencken estabeleceu-se como uma das mais poderosas vozes no meio literário e social dos EUA, nos anos 20. Segundo uma entrevista concedida por Marion Elizabeth Rodgers, responsável pela nova edição de *Prejudices* e autora de *Mencken: The American Iconoclast*, em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, de autoria de Lucia Guimarães, Mencken apoiava a pena de morte, era crítico de impostos, da intromissão do governo e do sistema de previdência social, considerando-se um “democrata por toda a vida”. Defendia a liberdade de expressão, os direitos civis, dos imigrantes, das minorias e dos socialistas [numa América, predominantemente capitalista]. Também combateu o poder de corporações. Costumava dizer: “Eu não pertencço a partido algum. Sou meu próprio partido”. No mesmo artigo, que resgata a memória de H. L. Mencken nas Letras norte-americanas, Rodgers observa que o crítico literário ajudou importantes figuras a se tornarem proeminentes, como os escritores Scott Fitzgerald e Sinclair Lewis. Rodgers salienta que o crítico literário foi uma inspiração para a renascença literária do Harlem e do sul americano. Editou as revistas *The Smart Set* e *The American Mercury*, responsáveis em grande parte pela divulgação das obras dos afro-americanos e dos imigrantes do país, nas Letras norte-americanas. Em suas colunas, Mencken defendia o fim da segregação. Ainda que fosse um verdadeiro americano de seu tempo, conseguia



Por essa razão, o próximo capítulo desta pesquisa é dedicado a Isaac Goldberg, pelo seu trabalho pioneiro na divulgação de nossa literatura e, sobretudo, por ter sido um dos primeiros divulgadores da obra lobatiana na América do Norte.

## CAPÍTULO 4

*O Professor norte-americano e poliglota Isaac Goldberg*

## Capítulo 4 O Professor Norte-Americano e Poliglota Isaac Goldberg, Ph.D

### 4.1 Histórico: Dados sobre o tradutor, editor, escritor e professor Isaac Goldberg

Isaac Goldberg<sup>118</sup> nasceu em Boston (EUA) em 1887 vindo a falecer em Brookline, Mass. (EUA) , em 1938. Exerceu várias atividades: foi jornalista, escritor, crítico literário, professor, tradutor, editor e palestrante.

Estudou na Universidade de Harvard onde obteve seu B.A. em 1910, e na mesma universidade recebeu seu M.A. em 1911, e seu Ph.D., em 1912. Como jornalista, durante a primeira Grande Guerra, escreveu para o *Boston Evening Transcript*<sup>119</sup>. Goldberg era poliglota, fluente em francês, alemão, italiano, espanhol, português e idiche, traduzindo algumas obras literárias para o idioma inglês. Lecionou Literatura hispânica na Universidade de Harvard entre 1931 e 1932.

Em 1932, lhe foi oferecido o “*fellowship*”<sup>120</sup> da Guggenheim Foundation<sup>121</sup>, mas Goldberg recusou a bolsa. O convite para ser um “*Fellow*”<sup>122</sup> e receber a concessão da “*Fellowship*” desta fundação, vem apontar que Goldberg transitava pelos círculos literários com desenvoltura e era bem visto nos meios acadêmicos. Segundo a Fundação Guggenheim, três anos após, em 1935, Goldberg solicitou um “*fellowship*”, mas desta vez, não obteve sucesso.

<sup>118</sup> Os dados para Isaac Goldberg estão disponíveis em: <[http:// www.braindash.com](http://www.braindash.com)>. Acesso em: 15 de fev. de 2010. E, em: <[http:// www.librivox.org/brazilian-tales-by-various](http://www.librivox.org/brazilian-tales-by-various)>. Acesso em: 15 fev. 2010.

<sup>119</sup> *Boston Evening Transcript*. Jornal fundado em 1830 por Henry Dutton e James Wentworth. Os escritórios do *Boston Evening Transcript* foram destruídos no grande incêndio da cidade de Boston, em 1872, mas foram reconstruídos e expandidos após este incêndio. O *Boston Evening Transcript* encerrou suas atividades em 1941.

<sup>120</sup> Fellowship: Significaria, “*The companionship of persons on equal and friendly terms; a company or group of equals or associates; membership in a society; a sum of money offered or granted by an educational institution, organization or foundation for advanced study or research or for creative writing.*” In: *Webster’s Third New International Dictionary*, 1976, p. 836. Em português: “coleguismo; companheirismo; bolsa de estudos concedida a um graduado universitário para pesquisas etc.”.

<sup>121</sup> GUGGENHEIM Foundation – A Fundação Memorial John Simon Guggenheim - fundada pelo Senador norte-americano Simon Guggenheim, em 1925, em memória de seu filho John, falecido durante trabalhos de campo em antropologia - proporciona bolsas - prêmios, para promover o avanço e difusão do conhecimento em todos os campos. Disponível em: <[http:// www.vidauniversitaria.com.br](http://www.vidauniversitaria.com.br)>. Acesso em: 12 mar. 2010.

<sup>122</sup> “*A Fellow*”: *Belonging to some group or class as oneself or as another; an incorporated member of a college or collegiate foundation; one who has been granted money to do research by a foundation.*”. In: *Webster’s Third New International Dictionary*, 1976, p. 836. Em português, para o termo, temos: “companheiro; colega; associado; membro do conselho de certas universidades; usufruidor de bolsas de estudo; membro de sociedade científica ou literária etc.”

Foi o autor das biografias de H.L.Mencken, Havelock Ellis, W.S.Gilbert, Arthur Sullivan e George Gershwin e escreveu livros de apreciação sobre música e teatro<sup>123</sup>. Notabilizou-se como o autor da obra *Studies in Spanish–American Literature* (1920).

O século XIX representou para muitas das nações da América (espanhola e portuguesa) a ruptura com o país colonizador. Até então, os estudos que versavam sobre a literatura da América espanhola e por tabela, da América lusitana eram negligenciados fora de seus países. Segundo as palavras de Luca (1999) sobre os efeitos da descolonização nesses países, a “intelectualidade” do início do século XIX refletiu sobre as mudanças ocorridas, e no Brasil os intelectuais estariam “*intentando abarcar sua especificidade*”, ao buscar os elementos “fundantes” da nação. Sob sua óptica:

Desse esforço resultou um amplo conjunto de representações que instituíam problemas, imaginavam soluções acalentavam diferentes sonhos e projetos de futuro . [...] Em determinados períodos, marcados por conjunturas de uma identidade capaz de particularizá-la no confronto com o outro, o esforço para compreender a natureza de sua inserção no contexto internacional e para perscrutar potencialidades a serem concretizadas no futuro, parecem ganhar um sentido novo de crise, transformação ou ruptura, esse debruçar-se sobre o país torna-se quase uma compulsão. A busca de elementos fundantes da nação, a construção (LUCA, 1999, p. 18).

Assim, os ventos da corrente modernista que chegavam a Madrid no começo da década de 20, fizeram com que alguns autores da América espanhola chamassem a atenção de críticos literários, entre eles, de Isaac Goldberg, que estudara o assunto nos tempos de estudante na Universidade de Harvard (Massachusetts-EUA).

Dados apontam que entre os anos de 1910 e 1912, Goldberg realizara uma pesquisa sobre a América espanhola e portuguesa sob a orientação de seu Professor em Harvard, J.D.M.Ford<sup>124</sup>. Este estudo gerou, posteriormente, a obra *Studies in Spanish - American Literature* (1920).

<sup>123</sup> É autor de algumas frases famosas, mas a mais conhecida seria: “*Diplomacy is to do and to say, the nastiest thing in the nicest way.*”

<sup>124</sup> FORD, J.D.M. Jeremiah Denis Mathias (também Matthias) Ford nascido em Cambridge, MA em 02 de julho de 1873 e falecido em 03 de novembro de 1958. Foi professor universitário com uma carreira brilhante na Universidade de Harvard onde conquistou o título de *Smith Professor of the French and Spanish Languages*. Foi correspondente de *La Real Academia Española*; *Correspondiente de La Real Academia de Buenas Letras de Barcelona* e recebeu o *Laetare Medal*, University of Notre Dame em 1937. Quando jovem estudou na Irlanda (Cork) e em Londres. Posteriormente estudou na França (1897-1899) na: *Sorbonne École des Chartres; École des Hautes Études; Collège de France*. Após 1899, ministrou aulas no *Radcliffe College* (EUA) assim como na Universidade de Harvard. Em 1913, realizou um “*tour*” pela América do Sul como representante das universidades norte-americanas e ao retornar fez palestras nos EUA. Segundo dados “*this interest bore fruit in three works by Harvard – trained scholars Alfred Coester’s pioneer Literary History of Spanish –America; Isaac Goldberg’s Brazilian Literature and Studies in Spanish American Literature suggested by Professor Ford; and later (1929)*”

Nesta obra (1920), Goldberg realiza um estudo pioneiro<sup>125</sup> sobre as literaturas das republicas de língua espanhola na América e, de quebra, cita autores brasileiros como, por exemplo, Machado de Assis, Olavo Bilac, José Veríssimo e Coelho Netto. Ao referendá-los, Goldberg avisa que preparava outro trabalho, desta vez sobre a América Portuguesa obra que seria, em sua opinião, de grande importância pela singularidade do tema.

In later books I plan to present not only other Spanish American writers of distinction [...], but also Brazilian authors of note, such men as Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Netto, Jose Veríssimo, to name but four out of a multitude. The spirits referred to are of value not only to a study of comparative literature but in themselves. (GOLDBERG, 1920, p. X).

Em *Studies in Spanish-American Literature* (1920), na parte “Introdutória”, o Professor J.D.M. Ford, declara que:

When we do so and bestir ourselves to know properly the tenancies and achievements of Spanish – American writers nor should we forget the Portuguese – American writers of Brazil in this connection we shall perforce begin to conceive a high regard for their zeal, their motives, and their conscious artistry (GOLDBERG, 1920, p VIII-IX).

Não é com surpresa, portanto, que em 1921, antes da publicação de *Brazilian Short Stories* (1925) no mercado norte-americano, pela Haldeman-Julius Publishers, Isaac Goldberg organiza uma antologia sobre escritores brasileiros, a *Brazilian Tales*<sup>126</sup>. Os quatro escritores brasileiros presentes nesta coletânea foram: *Joaquim Maria Machado de Assis*<sup>127</sup>, *José de Medeiros e Albuquerque*<sup>128</sup>, *Coelho Netto*<sup>129</sup> e *Carmen Dolores*<sup>130</sup>.

---

*in the foundation of the Harvard Council on Hispanic Studies directed by Dr. Ford and composed in the main of former students of his, which produced a long series of bibliographies and studies on Latin American literature, now unfortunately out of print*”. Produziu, também, *A Portuguese Grammar* juntamente com E.C.Hells.e J.de Siqueira Coutinho pela *Heath and Company*, em 1925 (Boston & New York). Disponível em <<http://www.jstor.org>> Acesso em: 12 set. 2011.

<sup>125</sup> Em *Studies of Spanish - American* (1920), Goldberg refere-se ao Dr. Alfred Coester como um dos primeiros autores a se debruçar sobre a história da América espanhola publicando um volume *Literary History of Spanish America*.em 1916. Dr Alfred Coester esteve no Brasil em 1918.

<sup>126</sup> A editora foi a *International Pocket Library*. (*The Four Seas Company*).

<sup>127</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de (nascido em 21.06.1839 e falecido em 29. 09.1908). Os contos de Machado, traduzidos por Isaac Goldberg para *Brazilian Tales*, foram: “The attendant’s confession”; “The Fortune-teller”; “Life”.

<sup>128</sup> O conto de José de Medeiros e Albuquerque (José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque. nascido em Recife, 04.09.1867 e falecido no Rio de Janeiro, em 09.06.1934) “The Vengeance of Felix” foi traduzido por Goldberg em *Brazilian Tales*.

<sup>129</sup> NETTO, Coelho. Henrique Maximiliano Coelho Netto – nascido em Caxias, MA, em 21.02.1864 e falecido no Rio de Janeiro, em 28.11.1934. O conto traduzido por Goldberg e incluído em *Brazilian Tales* foi: “The Pigeons.”

Goldberg foi o responsável pela organização e tradução dos textos para o inglês na obra. Vejamos, abaixo, mais detalhes sobre esta publicação<sup>131</sup> nos Estados Unidos:

Em 1921, treze anos após a morte de Machado de Assis, Goldberg organizou um volume de seis contos de escritores brasileiros, traduziu-os para o inglês, e os publicou sob o título *Brazilian Tales*<sup>132</sup>, pela International Pocket Library, em 1921, nos Estados Unidos. Na introdução desse volume, ele se refere como “volume pioneiro”<sup>133</sup>, o qual incluiu três contos de Machado de Assis, *O enfermeiro* (“The Attendant’s confession”); *Viver* (“Life”) e a *Cartomante* (“The Fortune-Teller”).[...] Os outros três contos são de José Medeiros e Albuquerque<sup>134</sup>, Coelho Netto e Carmem Dolores<sup>135</sup>.

Na contracapa de *Brazilian Tales* (1921), há uma referência a Isaac Goldberg, provavelmente, de autoria dos editores da obra. Transcrevo, abaixo, a nota publicada nesta coletânea de contos, que liga o crítico norte-americano aos estudos de literatura da América Latina, ressaltando seu conhecimento da ficção brasileira:

Dr. Isaac Goldberg, noted authority on Latin-American literature, selected one of the best –known short stories in Brazilian literature, and accompanied them an extensive essay on Brazilian fiction. This volume gives an opportunity to know some of the outstanding authors of the great nation in the Southern Hemisphere. (In: *Brazilian Tales. Boston International Pocket Library*, com direitos autorais da *The Four Seas Company* - contracapa, 1921).

Na Introdução de *Brazilian Tales (Some Informal Preliminary Remarks*, p. 09-31), Goldberg discute a literatura brasileira:

<sup>130</sup>“Aunt Zeze’s Tears” é o conto de Carmen Dolores (nascida em 11.03.1852 e falecida em 16.08.1910), que se encontra traduzido e publicado em *Brazilian Tales*. Goldberg aponta que o conto poderia ser encontrado na coleção intitulada *The Complex Soul* (1921, p. 31).

<sup>131</sup> *A Migração de Contos Machadianos: Intervenções na (re) apresentação em Língua Inglesa*. Prof. Dr<sup>a</sup> Válmi Hatje-Faggion (UnB). X Congresso Internacional ABRALIC, 2006, Rio de Janeiro.

<sup>132</sup> O conto “The Attendant’s confession” foi publicado pela International Pocket Library e pela Four Seas em 1921 e, em 1965; em New York, foi publicado por A. Knopf, em 1924. (Cf. Prof. Dr Válmi Hatje-Faggion. X Congresso Internacional ABRALIC, 2006- Rio). Disponível em: <http:// www.idelberavelar.com/abralic>. Acesso em: 14 fev. 2010.

<sup>133</sup> Possivelmente, esta obra seja uma das primeiras coletâneas de contos de escritores brasileiros publicada nos Estados Unidos da América.

<sup>134</sup> ALBUQUERQUE, José Medeiros de. Goldberg em sua “Introdução” (1921) aponta que o escritor era “*director-general of public instruction in Rio de Janeiro, professor at the Normal School and the National School of Fine Arts, and also a deputy from Pernambuco.*”(Brazilian Tales, 1921, p. 28).

<sup>135</sup> CARMEN Dolores Seu nome verdadeiro era Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, nascida no Rio de Janeiro em 11.03.1852 e falecida em 16.08.1910. Conhecia bem o francês e o inglês. Usou mais de um pseudônimo: Júlio de Castro, Leonel Sampaio, Mario Villar e Célia Márcia como cronista e contista , apesar de que, ao escrever para *O Paiz* fixou-se em Carmen Dolores. Goldberg foi o tradutor deste conto de Carmen Dolores para o inglês, - “Aunt Zeze’s Tears” em *Brazilian Tales* (1921). Disponível em: <http://www.verbo21.com.br>. Acesso em: 03 maio 2010.

Brazilian literature has been divided into four main periods. [...] At the time of the discovery of Brazil only Italy, Spain, France and Portugal possessed a literary life. Portugal, indeed as the Brazilian critic points out<sup>136</sup>, was then in its golden period. It boasted chroniclers like Fernao Lopes, novelists like Bernardim Ribeiro, historians like Joao de Barros, and dramatists of the stamp of Gil Vicente. The Jesuit colleges, too, were followed by other orders, spreading Latin culture and maintaining communication between the interior and the important centers. It is natural, then, that early letters in Brazil should have been Portuguese not only in language, but in inspiration, feeling and spirit [...] both the Spanish and the Portuguese writers of America were to be influenced greatly by French literature. [...] but the Brazilian literature as a whole, he found, lacked the perfect continuity, the cohesion, the unity of great literatures, chiefly because it began Portuguese, later turned to east (particularly France) and only then to Brazil itself. (GOLDBERG, I. Introduction. *Brazilian Tales*, 1921, p. 10-11).

Em *Brazilian Tales* (1921) Goldberg faz uma análise da situação das letras no Brasil no século XIX, citando obras e autores. Faz um relato do panorama da literatura brasileira, da Academia Brasileira de Letras, e cita obras e alguns autores importantes: Taunay, José de Alencar, Graça Aranha, Inglês de Sousa, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Coelho Netto (que grafa com dois “t”), Medeiros e Albuquerque, Carmen Dolores.

Fiel ao pioneirismo, Isaac Goldberg inclui uma mulher num elenco de escritores brasileiros, na década de 20 e, vai além, ao discorrer sobre a posição feminina na literatura<sup>137</sup>, nas repúblicas da América do Sul.

The part that women have played in the progress of the South American republics is as interesting as it is little known. [...] Although Brazil has not yet produced any Amazons of poetry or fiction to stand beside such names as Sór Inés de la Cruz or Gertrudis Gómez de Avallaneda, it has contributed some significant names to the women writers of Latin America. Not least among these is Carmen Dolores (Emilia Moncorvo Bandeira de Mello) who was born in 1852 at Rio de Janeiro and died in 1910, after achieving a wide reputation in the field of the short story, novel and feuilleton [...] (GOLDBERG, 1921, p. 31).

<sup>136</sup> Goldberg está se referindo ao crítico José Veríssimo (José Veríssimo Dias de Matos). Nascido em Óbidos, PA em 08. 04. 1857 e falecido no Rio de Janeiro em 02.12.1916. Considerado um dos grandes críticos literários e historiador da Literatura Brasileira. Ressalta-se em toda a sua obra um cunho nacionalista, destacando-se seus estudos sociológicos, históricos e econômicos sobre a Amazonia além de suas séries de história e críticas literárias.

<sup>137</sup> Através deste comentário percebemos que o mercado livreiro no Brasil, nas duas primeiras décadas de 1900, contava com poucas mulheres escritoras e com 40 ou 50 livrarias, como Lobato menciona ao ser entrevistado.

Em *Brazilian Tales* (1921), Goldberg detalha o período da prosa da literatura Brasileira, no século 19 e discorre sobre o papel do crítico brasileiro José Veríssimo.

Faz comentários sobre pontos de vista de Veríssimo sobre a literatura brasileira (anterior, portanto, ao lançamento de *Urupês*, em 1918).

He finds, too, there is too little originality and culture among Brazilian writers, and that their work lacks sincerity and form (1899). Poetry was too often reduced to the love of form while fiction was too closely copied from the French, thus operating to stifle the development of a national dramatic literature. Excessive preoccupation with politics and finance (where have we heard that complaint elsewhere?) still further impeded the rise of a truly native literature..

Perhaps Veríssimo's outlook was too pessimistic; he was an earnest spirit, unafraid to speak his mind and too much a lover of truth to be misled by a love of his country into making exaggerated claims for works by his countrymen (GOLDBERG, 1921, p. 12).

No julgamento do crítico norte-americano, Veríssimo expressa opiniões sem rodeios, sendo um amigo da verdade, não se deixando tripudiar em suas observações pelo impulso de amor à pátria.

O crítico brasileiro seria receptivo tanto às virtudes dos autores conterrâneos como poderia ser um crítico dos deslizes “[...] *but he is alive to the virtues of his fellow writers as well as to their failings*” (1921, p. 12).

Com esse excerto da “Introdução” de *Brazilian Tales* (1921) verificamos que Goldberg mostra estar ciente dos grandes nomes do cenário intelectual brasileiro<sup>138</sup> (fim do século 19 e começo do próximo) e faz as suas escolhas, entre os nomes conhecidos no nosso país, para publicação na América do Norte.

Sobre este assunto, a obra *Critic Turned author: Isaac Goldberg* de Frederick C. H. Garcia (1972), coloca Goldberg como um dos primeiros “Brazilianistas” na América do Norte, advindo deste fato, a importância do relacionamento e do seu conhecimento da obra do escritor Monteiro Lobato:

In review that is read by Latin-Americanists, Isaac Goldberg would hardly need any introduction. Those who teach Spanish have, at one time or another, used his *Studies in Spanish American Literature*, a book that is half a century old but is still serving the academic community. Goldberg's career

<sup>138</sup>Refere-se, por exemplo, ao intelectual, professor, diplomata e conferencista brasileiro, Manoel de Oliveira Lima, que lecionou na Universidade de Harvard, EUA, no “*college season*” de 1915-1916, segundo suas palavras “uma das grandes forças do Brasil contemporâneo.”



in the field of Spanish language literatures is widely known, as he was an active translator and a serious critic, and he organized some anthologies. From his student days at Harvard, Goldberg's mind was directed towards the Iberian Peninsula and Latin America for many years. The Spanish side of his activity is well known, and we might well move on to the Luso-Brazilian area.

Goldberg's involvement with Portuguese and Brazilian authors is less known, for the very simple reason that more people in this country labor in Spanish than in the Portuguese field. If Isaac Goldberg's work in the Luso-Brazilian realm had been sporadic and superficial, there would be little point in discussing the matter. The truth is quite opposite. Portuguese entered Goldberg's life later than Spanish, but it made a very serious impression and, in 1915, when the young scholar wrote a three – part study for the *Bookman*<sup>139</sup>, discussing South American letters, he was extremely well-informed about the intellectual life of Argentina, of Chile and of Brazil. The three articles were to have been written by J. D. M. Ford, who was unable to take the assignment [...] (GARCIA, 1972, p. 21-27).

Sobre o envolvimento de Goldberg com o Brasil e seus intelectuais, nos debruçaremos, a seguir, sobre os laços que uniram Goldberg, Gilberto Freyre, Manoel de Oliveira Lima e a figura do escritor e editor Monteiro Lobato unidos pelo ideal comum de apreço por obras ligadas ao Brasil.

---

<sup>139</sup> Garcia está se referindo a obra *BOOKMAN*, XLV (1915), p. 382-396;478-489;641-652.

## 4.2 Isaac Goldberg, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre e Manoel de Oliveira Lima

Oliveira Lima (1867-1928), filho de um negociante português, nasceu em Pernambuco assim como Freyre (1900-1987). Ambos tiveram uma relação muito estreita com os Estados Unidos da América do Norte<sup>140</sup> da mesma forma que privaram de um convívio intelectual com o crítico literário Isaac Goldberg, estendida também, epistolarmente, ao escritor Monteiro Lobato.

O conhecimento entre Oliveira Lima e Freyre data de 1917 quando o último, estudante do colégio Americano em Recife, foi o orador de sua turma e o historiador, o paraninfo<sup>141</sup>. Lima morou nos Estados Unidos entre 1896 e 1900, quando servia na Legação de Washington (GOMES, 2005, p. 17). Em 1920, quando Lima voltou a residir em Wahington D.C., Freyre já se encontrava na Universidade de Baylor (Waco, Texas- EUA), desde 1918, fazendo seu bacharelado em Artes. Os dois intelectuais trocaram correspondência por alguns anos e nelas encontramos referências a Goldberg e ao escritor Monteiro Lobato.

Após a sua graduação em Baylor, Freyre dirige-se à Universidade de Columbia- (NY) EUA, onde realizou seus estudos de Mestrado e Doutorado em Ciências Políticas e Sociais<sup>142</sup>.

Oliveira Lima, já um nome conhecido internacionalmente pela publicação de suas obras como *D. João VI no Brasil* apadrinha fraternalmente o conterrâneo dando-lhe conselhos quando inquirido e apresentando-o a pessoas influentes no trancorrer da estadia de estudos de Freyre nos EUA. A história conta que Freyre tratava o mestre, bem mais velho, com admiração e respeito afetuosos. Certa vez Lima pede a Freyre que elaborasse uma resenha sobre o livro *História da Civilização*, de sua autoria:

O livro foi publicado em 1921 e Lima arranhou para que Freyre escrevesse e publicasse sua resenha nada menos do que na *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato e considerada o melhor, porque o único periódico existente com muitos leitores: *Muito estimaría que aí debutasse ocupando-se do meu livro*<sup>143</sup> (apud GOMES, 2005, p. 24).

<sup>140</sup> Manoel de Oliveira Lima doou sua enorme coleção de livros para a única biblioteca brasileira (a biblioteca “*Oliveira Lima Library*”) que se encontra fora do país, na Universidade Católica da América (*Catholic University of America*), em Washington D.C. inaugurada em fevereiro de 1924.

<sup>141</sup> Cf. Disponível em: <[http://www.releituras.com/gilbertofreyre\\_bio.asp](http://www.releituras.com/gilbertofreyre_bio.asp)>. Acesso em 18 set. 2011.

<sup>142</sup> Cf. Disponível em: <<http://bvgf.fgf.org.br.>>. Acesso em: 08 out. 2011.

<sup>143</sup> Carta de Lima de 15/2/1922.

Em carta datada de 23. 07. 1921, Gilberto Freyre escreve ao amigo Oliveira Lima e indaga sobre o endereço de Isaac Goldberg em Brooklin, NY (apud GOMES, 2005, p. 101). Neste mesmo ano em 13 de Dezembro, Gilberto Freyre envia outra carta a Oliveira Lima citando Goldberg e a obra *Brazilian Tales*:

Recebi ontem do Dr Goldberg, sobre cujo nosso “*Brazilian Tales*” escrevera uma pequena crítica, carta interessante e afetuosa. Refere-se ao meu trabalho como “*admirable criticism*”. Vamos ter um *interview*, quarta feira – o Dr. Goldberg e eu. (apud GOMES, 2005, p. 121).

Oliveira Lima responde em 07.01.1922 a Freyre

Gostou do Sr. Goldberg? Não o conheço pessoalmente, mas tenho tido correspondência com ele. É certamente um homem inteligente. Seu livro sobre os escritores hispano- americanos<sup>144</sup> é excelente. Aguardo ansioso o outro, sobre literatura brasileira<sup>145</sup>. Não tenho tido notícias dele ultimamente. Suponho que tem estado no Brooklyn ( apud GOMES, 2005, p. 122).

Sobre Goldberg, Gilberto Freyre responde ao historiador em 09. 01. 1922. Nesta correspondência, descreve o Prof. Goldberg fisicamente e detalha alguns nomes da literatura brasileira, mencionados nas conversas:

Espero ir a Washington no meio ou fim de fevereiro. Gostei muito do Dr. Goldberg. É artista puro como deve ser o crítico. Conversamos sobre uma variedade de tópicos: - M. de Assis, Coelho Neto, Dante, Amy Lowell, Mencken, Rui Barbosa, Blasco Ibañes, Don Ramon, Azorin, D’Annunzio...Temos em comum várias opiniões. Da pessoa do Dr. Goldberg não direi que seja a mais atraente deste mundo. É homem moço, por volta dos trinta ou trinta e cinco, forte nariz semita, pequeno bigode de escova de dente. Sua conversa é que encanta. Conhece nossa literatura de verdade. Em política é radical, isto é, Bolcheviki – porém demasiado artista para misturar com sua arte, propaganda política. Nele não se nota o menor toque de semi – oficialismo solene (sempre a fazer barretadas às glórias consagradas da América Latina) que caracterize... o Dr. Peter Goldsmith, por exemplo. Sem ligação oficial, ou semi-oficial, com qualquer agência de Pan-Americanismo, diz o Dr. Isaac Goldberg o que lhe parece a verdade. Assim deve ser, creio, o crítico. (apud GOMES, 2005, p. 123).

Gilberto Freyre<sup>146</sup> foi admirador confesso da obra crítica de Isaac Goldberg. “Com Isaac Goldberg possuo várias afinidades de gosto e de opinião<sup>147</sup>”.

<sup>144</sup>Refere-se a *Studies in Spanish- American Literature* (1920), mencionado neste trabalho.

<sup>145</sup> Gomes (2005, p. 122). explicita: “Esse livro publicado posteriormente, é intitulado *Brazilian literature*. Gilberto Freyre teria contato com seus originais, como a correspondência atesta, e sobre ele escreveria um artigo.”

<sup>146</sup> Gilberto Freyre – Há algumas cartas de Gilberto Freyre a Monteiro Lobato que estão depositadas no CEDAE, UNICAMP, Campinas (SP). A correspondência (passiva) seria a de 06/11/1922 da cidade de Oxford, Inglaterra ref. CEDAE 91/ ml

Em carta de Washington D.C., datada de 15.02.1922, Oliveira Lima menciona a Freyre o escritor Monteiro Lobato e a *Revista do Brasil*

Estimaria que o Sr. colaborasse na Revista do Brasil que é a melhor do Brasil – mesmo porque é a única – e tem muitos leitores em todo país. Mando-lhe incluso um cartão de apresentação para o Monteiro Lobato. (apud GOMES, 2005, p. 129).

Freyre relata a Oliveira Lima em 31.12.1921 que, a pedido de Isaac Goldberg, fizera uma pequena crítica a obra *Brazilian Tales* mas não detalha o veículo de publicação: “Recebi ontem do Dr. Goldberg, sobre cujo nosso *Brazilian Tales* escrevera uma pequena crítica, carta interessante e afetuosa. Refere-se ao meu trabalho como *admirable criticism*”<sup>148</sup>.

Freyre<sup>149</sup> é apontado por Goldberg em “Notas do Exterior” (*Revista do Brasil*, 1924, p. 276-278) como um brasileiro afável, que, possivelmente, pudesse apresentar ao mundo intelectual brasileiro, alguns dos escritores norte-americanos e, como consequência, tornar mais estreita a relação e a aproximação intelectual, entre as Américas, a do norte e a lusitana, como gostava de se referir ao Brasil.

Em certa ocasião, Freyre recebera um artigo de Isaac Goldberg que discorria sobre Claudio de Sousa<sup>150</sup>. Freyre tece elogios à figura de Goldberg, que frisa, havia lhe enviado o artigo de sua autoria sobre o dramaturgo e escritor brasileiro em questão, graciosamente.

---

3.2.00295 cx 6; outra carta de 08/12/1922 enviada da cidade de Oxford, Inglaterra e depositada em 96 ml 3.2.00300cx6; missiva de 04/04/1923 enviada de Pernambuco, Brasil e depositada em 104 ml 3.2.00308cx 6; correspondência em 26/05/1923 de Recife, Brasil e depositada em 107 ml 3.2.00311cx6.

<sup>147</sup>Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. A Obra. N. 60. Fls. 01 e 02. Disponível em: <[http://prossiga.bvfgf.org.br/obra/artigos\\_imprensa/60\\_outra\\_america.html](http://prossiga.bvfgf.org.br/obra/artigos_imprensa/60_outra_america.html)>. Acesso em: 16 fev. 2010.

<sup>148</sup> Ibid., 2005, p. 121.

<sup>149</sup> Para se ter uma idéia de como o círculo de intelectuais era, de certa forma, estreito, Freyre dedicou uma obra: *Don Quixote Gordo*, a Oliveira Lima. Segundo comentários de Paulo Roberto de Almeida, Freyre assim definia Oliveira Lima: “[...] vaidoso, ranzinza, teimoso, ao ponto de cabeçudo”, acrescentando, porém: “Foi um homem de *personalidade inconfundível: corajoso nas idéias, bravo nas atitudes, insuperável na independência do seu pensar e do seu sentir. Quixotesco a seu modo.*” Cf. FREYRE, Gilberto. *Oliveira Lima, Don Quixote Gordo*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2 ed., 1970, p. 22. Disponível em: <<http://www.pralmeida.org.>>. Acesso em: Julho de 2010.

<sup>150</sup> SOUSA, Claudio. (C. Justiniano de S.) - médico, ensaísta, teatrólogo, romancista e orador. Nasceu no estado de SP, em 20.10.1876 e faleceu em 28. 06.1954, no Rio de Janeiro. Formou-se em medicina no Rio de Janeiro, em 1897. Colaborou desde os 16 anos na imprensa carioca no *O Correio das Tarde* e *A cidade do Rio*. Diplomado, voltou a residir em São Paulo, onde instalou seu consultório, colaborando na imprensa paulistana. Foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras em 1909. Na imprensa, escreveu, também, com os nomes de Mário Pardal e Ana Rita Malheiros. Em 1913, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde deixou a medicina para se dedicar à ficção e ao teatro. Estreou na literatura com o romance *Pater*. Escreveu as seguintes peças de teatro: *Flores de Sombra* (1916) e *O Turbilhão* (1921). Tanto seu romance de estória na literatura como suas peças de teatro tiveram muito sucesso junto à crítica. Foi presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1938 e 1946. Viajou pelo Japão, Oriente Médio, Grécia, EUA tendo obras traduzidas para o espanhol, francês e italiano. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br>>. Acesso em: 05 mar. 2010.

Estas ligeiras notas de pessimismo escrevo - as em torno dum recente artigo do crítico americano Sr. Isaac Goldberg sobre o Sr. Cláudio de Sousa – artigo de que o autor me mandou graciosamente [...]: pois o autor de *Studies in Spanish-American Literature* é, aos trinta anos, nome vitorioso. Conhecem-no na Itália, na Espanha, na América Espanhola. [...] E seu prestígio tende a crescer<sup>151</sup>.

Faz um “julgamento” de seu senso estético:

No estudo de várias literaturas o Sr. Goldberg vem aguçando o gosto estético. Agora mesmo está a imprimir-lhe sua obra sobre o teatro contemporâneo: *The drama of Transition*. Aí estuda o crítico as tendências atuais da literatura dramática entre alemães, italianos, judeus, franceses, espanhóis, americanos, hispano-americanos e brasileiros. Ao mesmo tempo que escrevo este livro, deverá aparecer outra obra do Sr. Goldberg, de íntimo interesse para nós: *Brazilian Literature*<sup>152</sup>. O Sr. Goldberg faz do assunto estudo sério. Sem considerar nossa literatura – literaturazinha de brinquedo quando comparada à inglesa, à russa ou à italiana – de primeira água, acha nela o notável crítico, como certa vez, pessoalmente, me confessou, um encanto próprio, um sabor especial. Daí seu interesse.

Podemos observar, na nota acima, a preocupação de Gilberto Freyre com o discernimento e julgamento do olhar de “fora”, principalmente vindo de um crítico que já tinha certa reputação no circuito literário mundial.

Freyre adianta que o artigo sobre Cláudio de Sousa fora impresso no jornal de Boston *Christian Science Monitor*. Transmite no mesmo artigo, a opinião de que Isaac Goldberg considerava Cláudio de Sousa, como dramaturgo ainda não “amadurecido”, para o ofício. Seria apenas uma promessa.

Para Goldberg se *Flores de sombra* revela deficiência da parte do autor, os louvores excessivos que no Brasil se tem feito ao drama e o sucesso que o coroou em São Paulo, deixam entrever iguais deficiências da parte da nossa “crítica de teatro”. Aqui se mostra ingênuo o crítico de Boston: crê que possuímos no Brasil críticos de teatro. Que tivemos um, e excelente, em Salvador Mendonça, é inegável. Salvador possuía gosto, cultura, critério pessoal.

Cavalheiro (1955, p.286) relata que, em sua opinião, Goldberg negava a Lobato qualidades de contador de histórias. Considerava-o mais como crítico que possuía em alta dose o dom do caricaturista. Arremata declarando que o conto “para Lobato [...], há de ter uma história e história que se compreenda”.

<sup>151</sup>Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. A Obra. N. 60. Disponível em: <[http://prossiga.bvgf.org.br/obra/artigos\\_imprensa/60\\_outra\\_america.html](http://prossiga.bvgf.org.br/obra/artigos_imprensa/60_outra_america.html)>. Acesso em: 16 fev. 2010.

<sup>152</sup> *Brazilian Literature* (1922) dedica um capítulo a Monteiro Lobato, o que nos poderá levar a concluir, que este artigo de Freyre é anterior a data do lançamento do livro de Goldberg.

### 4.3 A Relação entre Isaac Goldberg e o Escritor Monteiro Lobato

Em *First Hundred Million* (2008), Isaac Goldberg é citado pelo editor da obra, o norte-americano Haldeman-Julius. Este último sempre que se refere ao crítico literário o faz em termos de respeito. Vejamos: “*One who has stood by me from early days is Isaac Goldberg the affable critic who lives in Roxbury, MS, a part of Boston*” (2008, p. 168). Noutro comentário, Haldeman-Julius (2008, p. 169) prossegue sobre um escritor, Clement Wood, que havia escrito uma biografia e estudo crítico sobre Amy Lowell. Este livro acrescenta Haldeman-Julius num elogio ao crítico: “[...] *won the praise of as discerning a critic as Isaac Goldberg*”.

Ter o nome referendado por Goldberg em obras ou artigos, então, poderia significar, para o autor brasileiro, uma possível “entrada” num mercado livreiro mais promissor em volume de vendas e com maior público leitor: o norte-americano.

Esta hipótese se fortalece na correspondência entre Monteiro Lobato e o argentino Manuel Gálvez, sobre o crítico literário de Boston, o que demonstra os interesses de alguns autores sul-americanos de terem suas obras veiculadas num mercado livreiro maior, como era o caso do norte-americano.

Em papel timbrado da firma Monteiro Lobato & Cia, o escritor brasileiro se dirige à Manuel Gálvez (apud ALBIERI, 2009, p. 45):

S. Paulo 6.7.921.

Presado amigo

Recebi a sua carta de 20 p.p. passado com dois recortes relativos ao meu livro, e nada do artigo de Goldberg a que se refere a carta. Esqueceu-o? Mais uma vez agradeço a extrema boa vontade que tem demonstrado commigo, furtando do seu tempo precioso bastante delle [...].

Lobato (assinado de caneta).

Para Lobato, a idéia de ter sua obra publicada nos EUA era como acontecer “no mundo”, como mencionara em carta a Gálvez: “[...] Os Estados Unidos hoje são quase o mundo...”<sup>153</sup>.

---

<sup>153</sup> Ibid., 2009, p. 45.

Monteiro Lobato aponta ao amigo portenho Gálvez, a importância da figura do norte americano como um incentivador dos escritores americanos do sul no mercado norte-americano.

Compara, em outra carta datada de 24.8.1921, Goldberg ao tradutor Garay<sup>154</sup>. Em outra carta ao amigo, liga o temperamento de Garay ao de Goldberg: “Li o artigo do Goldberg. Magnífico. Parece-me outro Garay, cavaleiro andante da glória alheia - não acha?” (ALBIERI, 2009, p. 49)

Goldberg já era bem visto na América do Sul, pois autores como Monteiro Lobato e Manuel Gálvez (Argentina), demonstram, nesses trechos de conversas, que o mesmo poderia vir a ser um importante articulador de suas obras num mercado editorial mais forte. Isso pelas suas conexões no meio e pelo respeito que alguns editores - como, por exemplo, foi o caso de Haldeman-Julius - devotavam à sua crítica e por apresentar uma bem construída carreira acadêmica (estudou na Universidade de Harvard<sup>155</sup>, foi professor nesta Instituição de ensino, foi lembrado para pesquisa por uma Fundação de prestígio – a Guggenheim<sup>156</sup> - apesar de que, posteriormente, teve seu pedido declinado).

Monteiro Lobato, animado, em outra carta a Manuel Gálvez datada de 23.11.1921 relata que Goldberg havia publicado um estudo sobre a sua pessoa num jornal americano, sem citar o nome do jornal (ALBIERI, 2009, p. 45).

Recebi *Atlantida*<sup>157</sup> com boa notícia crítica. Obrigado. Goldberg publicou um estudo sobre mim num jornal americano. Excelente propagandista e ótimo crítico<sup>158</sup>.

Por esse trecho da carta de Monteiro Lobato percebemos que a publicação da obra *Brazilian Short Stories*, onde o conto “The Penitent Wag” está inserido, já estava sendo

---

<sup>154</sup> Benjamin Bertolli de Garay (?- 1943). Tradutor e divulgador da literatura lobatiana no Prata; intermediou a divulgação de escritores argentinos no Brasil. Em 1921, traduziu *Urupês* para o espanhol, assim como *El Presidente negro* (1935). Conheceu Manuel Gálvez na cidade de Santa Fé, quando ambos ainda eram adolescentes. Viveu na Argentina, Rio de Janeiro e em São Paulo, onde vem a conhecer Monteiro Lobato. Foi, também, colaborador da *Revista do Brasil*; escreveu artigos para a revista *Plus Ultra*. Cf. ALBIERI (2009, p. 37)

<sup>155</sup> Para mais detalhes, consultar dados sobre Isaac Goldberg Ph.D. junto a Universidade de Harvard, USA. Disponível em: <<http://www.oasis.lib.harvard.edu>>.

<sup>156</sup> Sobre mais informações, consultar o nome de Isaac Goldberg junto à Fundação John Guggenheim, no *website*: <<http://www.gf.org/about-the-foundation/the-fellowship>>.

<sup>157</sup> A revista *Atlantida* foi fundada em 1918 na Argentina. Esta revista publicava variedades, fotos da sociedade, piadas, charges contos, resenhas e notícias sobre livros. Gálvez e Quiroga estavam entre seus colaboradores. (Cf. ALBIERI, 2009, p. 49)

<sup>158</sup> *Ibid.*, 2009, p. 52.

gestada, quatro anos antes de ter sido concretizada (1925), com o lançamento do número 733, da série *Little Blue Books*.

Lobato ao mencionar o tradutor Isaac Goldberg faz planos alvissareiros em relação à obra que o lançou como escritor no Brasil. Vejamos:

Recebi o *Urupês* em espanhol lançado na Argentina. Bela edição (...) Nos Estados Unidos quer traduzi-los Isaac Goldberg. E em França, um Julien Fauvel. Livro de sorte. *São Paulo, jun. 1921*. (AZEVEDO, CAMARGOS e SACHETTA, 1997, p. 197).

Em *Monteiro Lobato – Vida e Obra*, E. Cavalheiro emite o seguinte ponto de vista, discorrendo sobre a obra e seu criador:

Mas a prosa com que vestira *Urupês* não era tudo. Linguagem somente jamais construiu boa obra literária. Em “*Urupês*”, além dos vocábulos regionais, que tanto trabalho dariam a Cândido de Figueiredo, do boleio da frase, da precisão com que fixava um ambiente, havia algo ainda mais importante: o sentido humano, o largo sopro de vida com que o contista envolvia sua história. (CAVALHEIRO, 1955, p. 219-220).

Sob a óptica de Goldberg o Brasil, juntamente com a Argentina, Colômbia, Chile e o México exerciam a liderança na produção de romances e contos, entre as repúblicas latino-americanas. O crítico cita alguns nomes importantes: na Colômbia, Jorge Isaacs e Alberto Blest-Gana, no Chile<sup>159</sup>.

Aponta, em *Brazilian Tales* (1921), a crescente importância do Brasil no cenário comercial:

[...]The growing importance of Brazil as a commercial nation, together with a corresponding increase of interest in the study of Portuguese (a language easily acquired by all who know Spanish) will have the desirable effect of making known to the English reading public a selection of works deserving of greater recognition. (GOLDBERG, 1921, p. 13)

---

<sup>159</sup> “If Colombia, in Jorge Isaacs’ *Maria*, can show the novel best known to the rest of the world, and Chile, in such a figure as Alberto Blest-Gana (author of *Martin Rivas* and other novels) boasts a ‘*South American Balzac*’, Brazil may point to more than one work of fiction that is worthy of standing beside *Maria*, *Martin Rivas* or José Marmol’s exciting tale of love and adventure, *Amalia*.” (GOLDBERG, Isaac. *Brazilian Tales*, 1921, p.12-13).



Ao proferir essas palavras, Goldberg revela-se admirador da literatura produzida no nosso país que, em sua opinião, mereceria um maior reconhecimento por parte do público leitor estrangeiro<sup>160</sup>.

---

<sup>160</sup>Há a seguinte nota, possivelmente dos editores, na apresentação da re-edição de 1965, de *Brazilian Tales*: "Reprint of one of the earliest (1921) efforts to acquaint the U.S. public with the literature of Brazil. Includes three short stories by Machado de Assis and one each by Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, and Carmen Dolores

(Emília Moncorvo Bandeira de Mello). *A reading of Goldberg's Introduction provides insight into the change in literary taste that has come about in the last 40 years.* *Handbook of Latin American Studies*, nº 28, Humanities. A Selective and Annotated Guide to Recent Publications in the Humanities: Art, History, Language, Literature, Music and Philosophy. Prepared by a number of Scholars for the Hispanic Foundation in The Library of Congress. Edited by Earl J. Parisean and Henry E. Adams. Gainesville: University of Florida Press, 1966, p. 309.

#### 4.4 A obra organizada e publicada por Isaac Goldberg nos EUA: *BRAZILIAN LITERATURE* (1922)

Ciente da boa articulação de Goldberg no mercado editorial norte americano, Lobato deve ter se sentido prestigiado, quando o crítico lhe dedica um capítulo, na obra *Brazilian Literature* (1922, p. 277-291).

Por se tratar de um livro raro no mercado brasileiro e onde, provavelmente, o nome de Lobato fez seu “debut” em um livro norte-americano, traço à seguir, algumas linhas gerais, a respeito do mesmo.

A obra compreende um Prefácio emitido por J.D.M.Ford<sup>161</sup> (Foreword and Preface).

O livro está dividido em duas partes. Na Parte 1, há cinco capítulos que versam sobre a história da Literatura Brasileira:

#### Part One

##### An Outline History of Brazilian Literature

- I- Introductory - The Milieu and the Racial Blend-Portuguese Tradition, African and Native Contribution – Linguistic Modification- Nationalism and Literature- Problems of the Future- Phases of Brazilian Literature;
- II- Period of Formation (1500-1750).
- III- Autonomous Development (1750- 1830);
- IV- Romantic Transformation (1830-1870);
- V- Critical Naturalist Reaction, (1870-1900) Parnassians, Symbolists, etc.

<sup>161</sup> FORD, J.D.M. Professor na Universidade de Harvard, Massachusetts. Publicou, juntamente com C.C.Hills, *A Spanish Grammar for Colleges*, D.C.Heath and Co, 1928. É conhecido, também, pela obra *Letters of John III- King of Portugal* (1521-1557).

Na Parte 2, temos em *Brazilian Literature*:

**Part Two**

Representative Personalities	
I-	Castro Alves <sup>162</sup>
II-	Machado de Assis
III-	José Veríssimo <sup>163</sup>
IV-	Olavo Bilac <sup>164</sup>
V-	Euclides da Cunha <sup>165</sup>
VI-	Oliveira Lima
VII-	Graça Aranha <sup>166</sup>
VIII-	Coelho Netto
IX-	Francisca Julia <sup>167</sup>
X-	The Newer Writers. p. 277/291.

SELECTIVE BIBLIOGRAPHY

INDEX

No capítulo (X), surge o nome de Monteiro Lobato, como única referência entre os escritores jovens (na ocasião, o escritor tinha 35 anos) que prometiam uma carreira longa e profícua nas Letras brasileiras.

No Prefácio de *Brazilian Literature* (1922), o Prof. John D. M. Ford<sup>168</sup> comenta o panorama literário no Brasil na época, e o papel de Goldberg, como intermediador e

<sup>162</sup> ALVES, Castro. Antônio Frederico de Castro Alves. Poeta (1847-1871). Nasce na fazenda Cabeceiras, perto de Curalinho, Bahia. Por conta de seus estudos mora em Salvador, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro vindo a falecer jovem no sertão da Bahia, vítima da Tuberculose. Sua principais obras foram: “Espumas Flutuantes”; “Gonzaga ou A revolução de Minas” e “Os Escravos”.

<sup>163</sup> José Veríssimo foi, também, colaborador da *Revista do Brasil*, assim como Medeiros de Albuquerque (crítica literária).

<sup>164</sup> BILAC, Olavo Brás Martins de Guimarães – (1865-1918). Escritor e poeta. Goldberg cita: “A few such personalities Brazil has already produced, notably in the criticism of José Verissimo, the prose of Machado de Assis, the intellectuality of Oliveira Lima and the poetry of Olavo Bilac.” *Brazilian Literature*, New York: Alfred A Knopf, 1922, p. 126.

<sup>165</sup> CUNHA, Euclides da. Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, (1866-1909), autor da obra *Os Sertões* (1902).

<sup>166</sup> ARANHA, José Pereira da Graça. Nascido em São Luís, Maranhão em 21.06.1868 e falecido no Rio de Janeiro em 26.01.1931. Escritor, diplomata, membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>167</sup> Goldberg não se esquece de colocar em evidência uma figura feminina nas Letras brasileiras. Se, em *Brazilian Tales* (1921), cita a escritora Carmen Dolores, em *Brazilian Literature* (1922), a figura feminina está representada por Francisca Julia (1871-1920). Um de seus livros mais importantes foi *Esfinges* (1903), reeditado por Monteiro Lobato & Cia em 1920, ano de sua morte.

incentivador de trabalhos literários de autores brasileiros, junto ao público norte-americano. Relatamos, abaixo, suas palavras:

#### FOREWORD

Brazil is preparing to commemorate worthily the centenary of her independence. The world outside is bidden to the feast, and to beautiful Rio de Janeiro many nations are sending their envoys with felicitations. Our own country, the United States of North America, is mindful of her duty and her privilege on this occasion, and accredited delegates are bearing her congratulations to her ever-faithful associate in the promoting of peace and fraternity throughout, the Western Hemisphere. Perhaps it will not be taken amiss, if the scholar and critic add his testimonial to the expressions of good-will coming from all sides. What more fitting than that a scholar and critic of our United States should join the chorus and voice an honest appreciation of Brazilian letters?

Dr. Goldberg, who has already paid ample tribute to the literary output of Spanish-speaking America, gives proof now of the catholicity of his interest by surveying the whole course of literature in Portuguese-speaking America, the vast land of Brazil, and by analyzing the compositions of certain outstanding figures among the writers of the region. He knows at first hand the authors and the works that he treats; he knows what native and foreign critics have to say about them; he expresses unreservedly his own opinion about them. He gives praise where praise is due, and, in kindly fashion, he puts stricture upon that which calls for stricture. On the whole, his pages contain more laudation than censure; and this is as it should be, for very many of the literary achievements of colonial, imperial and republican Brazil are unquestionably of lasting worth. His laudation, moreover, is uttered without any tinge of that condescension which European critics deem it incumbent upon them to manifest when they pass judgement on the culture of North or South America.

To his fellow-citizens of the United States of North America, Dr. Goldberg now presents an opportunity of viewing aspects of the soul of a noble Southern land, their constant ally.

---

<sup>168</sup> Prof. J.D.M. Ford foi o mentor de Goldberg, em Harvard, e como aqui já foi referendado faz a “Introdução” a obra de Goldberg *Studies in Spanish- American Literature* (1920).

Brazil's political and commercial importance they know well, but her literary significance has not been so evident to them. If, reading his words, they conceive respect for Brazilian effort and accomplishment in the world of letters, his reward will be truly great; and that reward is truly deserved.

J.D.M.Ford.

Ford acreditava que a publicação de *Brazilian Literature* (1922) daria oportunidade de tornar conhecido aos norte-americanos, grandes nomes de escritores brasileiros e, desta forma, preencher a lacuna da falta de divulgação e de informação literária no exterior, de que o país fazia jus.

A importância do Brasil, tanto política como comercialmente, já era conhecida do grande público norte-americano, mas o mesmo público desconhecia o nosso mundo literário. A produção literária seria merecedora de uma maior promoção junto ao público norte-americano, na óptica do crítico norte-americano.

Isaac Goldberg faz agradecimentos nesta obra, ao escritor Burton Kline<sup>169</sup> os quais, transcrevemos abaixo:

To Burton Kline  
of the Philadelphia Public Ledger

Dear Burton

You were some eight years ago, my guide into the mazes of Journalism, and printed, in the *Boston Evening Transcript*<sup>170</sup>, my first articles upon Spanish and Portuguese American letters. This is but a small return for the friendship since then established

I.G.

Goldberg (1922) cita Graça Aranha, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Ronald de Carvalho, Domingos Borges de Barros, João Ribeiro, Fernandez Pinheiro<sup>171</sup>, José Veríssimo,

<sup>169</sup> O norte-americano Burton Kline, a quem Goldberg agradece o apoio e incentivo intelectual foi, também, conhecido pela autoria de algumas histórias de terror ("ghost stories", em inglês). Um de seus contos é "The caller in the night", publicado em Dezembro de 1917, no *Stratford Journal*. Disponível em: <<http://www.horrormasters.com>>. Acesso em: 03 maio 2010.

<sup>170</sup> Por essa nota de agradecimentos fica claro que o escritor Burton Kline foi um dos que apresentou Isaac Goldberg ao jornal *Boston Evening Transcript*, onde o segundo publicou artigos sobre Literatura Brasileira e Portuguesa, [1914?].

<sup>171</sup> Goldberg deve estar se referindo a Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, mas grafou o primeiro sobrenome com "z".

Coelho Netto, Silvio Romero nas “Considerações Introdutórias” (“*Introductory Considerations*”).

Sobre Sílvia Romero<sup>172</sup> e Coelho Netto (In: *Brazilian Literature*, 1922, p. 24-25), há uma observação de Isaac Goldberg interessante, que nos liga ao sistema literário tal como proposta, pelo prof. Antonio Candido (2009, p. 25).

Num triângulo imaginário, vamos supor que repousa, em um de seus vértices, a obra, noutro a figura do autor (produtor literário) e, no terceiro vértice, diferentes tipos de público. Vejamos a aplicação deste sistema literário, ao depoimento de Goldberg, considerando sua opinião sobre o panorama das letras no Brasil, de então:

As to the position of the writer in Brazil and Spanish America, it is still a very precarious one, not alone from the economic viewpoint but from the climatological. “Intellectual labour in Brazil,” wrote Romero, “is torture”. “Wherefore we produce little; we quickly weary, agree and soon die...The nation needs a dietetic regimen more than a sound political one. The Brazilian is an ill-balanced being, impaired at the very root of existence; made rather to complain than to invent, contemplative rather than thoughtful; more lyrical and fond of dreams and resounding rhetoric than of scientific, demonstrable facts. “Such a short-lived, handicapped populace has everything to do with literature, says this historian. It explains the precocity of our talents, their speedy exhaustion, our facility in learning and the superficiality of our faculties.”

Should the writer conquer these difficulties, others await him. The reading public, especially in earlier days was always small. “They say that Brazil has a population of about 13,000,000” comments a character in one of Coelho Netto’s numerous novels. “Of that number 12,800,000 can’t read. Of the remaining 200,000; 150,000 read only newspapers, 50,000 read French books, 30,000 read translations. Fifteen thousand others read the catechism and pious books, 2,000 study Auguste Comte, and 1,000 purchase Brazilian works. And the foreigners? To which the speaker replies, “They don’t read us. This is a lost country” (GOLDBERG, 1922, p. 24-25).

Goldberg (1922, p. 25) explica ao leitor de *Brazilian Literature*, que os números citados pela personagem de Coelho Netto na ficção, não eram mais, na ocasião, atuais “[...] *when the population is more than twice the number in quotation, when Netto himself goes into*

---

<sup>172</sup> ROMERO, Sílvia Vasconcelos das Silveira Ramos. Nascido em 21 de Abril de 1851, em Sergipe, e falecido no Rio de Janeiro, em 18 de Julho de 1914. Foi crítico, ensaísta, folclorista, polemista, historiador da literatura brasileira, advogado, professor. Membro da Academia Brasileira de Letras, que ajudou a fundar juntamente com Machado de Assis, ocupando a cadeira nº. 17. Escreveu várias obras importantes, destacando-se: *A filosofia no Brasil* (1878); *Introdução à História da Literatura Brasileira* (1882); *Estudo da literatura contemporânea* (1884); *História da literatura brasileira* (1888); *Ensaio de filosofia de direito* (1895). Disponível em: <[http://www.biblio.com.br/conteudo/Silvio Romero](http://www.biblio.com.br/conteudo/Silvio_Romero)>. Acesso em: 30 jul. 2010.

*edition after edition and together with a few of his favoured confrères, has been translated into French and English and other languages”*<sup>173</sup>.

O comentário a respeito da *Revista do Brasil* e ao escritor Monteiro Lobato como editor, é incluída nesta “Nota Introdutória” (com ligação a um documento escrito por José Veríssimo, sobre a língua portuguesa).

One of the soundest and most sensible documents upon the Portuguese language in Brazil comes from the pen of the admirable critic José Veríssimo<sup>174</sup>. “As a matter of fact”, he writes, “save perhaps in the really Portuguese period of our literature, which merely reproduced in an inferior fashion the ideas, the composition, the style and the language of the Portuguese (already entered upon its decadence), authors never wrote in Brazil as in Portugal; the masters of language abroad never had disciples here to a rival them or even emulate them....It would be a pure absurdity, then, to expect the Brazilian, the North American or the Spanish American to write the classic tongue of his mother country” [...].

“I have always felt”, he remarks somewhat farther on, “that the Portuguese tongue never attained the discipline and the relative grammatical and lexical fixity that other languages arrived at. I do not believe that among cultured tongues there is one that has given rise to so many controversial cases, or to so many and so diverse contradictions among its leading writers”. The fight about the collocation of personal pronouns is waged so earnestly in Brazil that it has become as funny, in some of its aspects, as the quarrel of the “lo-istas” and the “le-istas” in Spain. And so true are Veríssimo’s words that as late as March, 1921, a writer could complain in the *Revista do Brasil*<sup>175</sup> that “we are at the very height of linguistic bolshevism”; the very next month, indeed, the editorial board of the same representative intellectual organ found it necessary to comment upon the various systems of orthography employed by its contributors and to designate a choice [...] (GOLDBERG, 1922, p.14-16).

Para Veríssimo, de acordo com as palavras de Goldberg (1922, p. 16):

The important thing, then, is “to have something to say, an idea to express, a thought to transmit. Without this, however deep his grammatical knowledge of the language, however perfectly he apes the classics, no man is a writer”

O crítico norte-americano mostra-se conhecedor não somente da história de nossa

<sup>173</sup> Numa pequena nota de explicação, Goldberg esclarece ao leitor: “*Very little has been translated into English from the Brazilian authors, particularly in the United States*” (1922, p. 297).

<sup>174</sup> *Estudos de Literatura Brasileira*. Sexta série. Rio de Janeiro, 1907, p 47-133. In: *Brazilian Literature* (1922, p. 14).

<sup>175</sup> Neste ponto, Goldberg insere um comentário, numa “Nota de Rodapé”, sobre a *Revista do Brasil*. A *Revista do Brasil* seria: “*An important monthly published at São Paulo, then under the editorship of Srs. Afranio Peixoto and Monteiro Lobato*”. (Ibidem, p. 15). Goldberg sairia em edições da *Revista do Brasil*. Escolhi citar as “Notas do Exterior” publicadas no nº 103 em Julho de 1924 e, no nº105, em Novembro de 1924, assinadas ambas por Goldberg. No artigo de Novembro de 1924, Goldberg nos adianta que será um colaborador mensal da *Revista do Brasil*, como crítico. Observar que em 1923, “The Patchwork Quilt” foi publicado nos EUA, em *Our World*, com tradução de Goldberg, e em 1925, Lobato tem a publicação de três de seus contos, organizados por Goldberg, em *Brazilian Short Stories*, no mercado norte-americano.

literatura e a de Portugal, mas de possuir conhecimentos de fonética da língua portuguesa, sendo capaz de fazer paralelismos do português, falado em Portugal, com aquele falado aqui.

The language of Brazil, then, is not the Portuguese of Lisbon. From the phonological viewpoint there is less palatization of the final *s* and *z* than is customary in Portugal; Brazil has a real diphthong *ou*, which in Lisbonese has become a close *o* or the diphthong *oi*. Its pronunciation of the diphthong *ei* is true, whereas in Lisbon this approximates to *ai* (with *a* as in English *above*, or like the *u* of *cut*). Neither is the grammar identical with that of Portugal (GOLDBERG, 1922, p.16).

Isaac Goldberg aventa como os tão chamados termos “brazilianismos” foram enriquecendo o idioma português. Compara o Brasil com os Estados Unidos, e nos explicita que os primeiros colonos norte-americanos criaram de novas palavras para designar o que lhes era novo e, desta forma, acrescentaram novas palavras ao léxico anglo-saxão.

Brazilianisms, so-called, make their appearance very early; they are already present in the letters sent by the Jesuits, as well as in the old chronicles. New plants, new fruits, new animals compelled new words. Native terms enriched the vocabulary. Of course, as has happened with us, often a word for which the new nation is reproached turns out to be an original importation from the motherland (GOLDBERG, 1922, p. 17).

Pela publicação de *Brazilian Literature*, Goldberg (1922, Preface, p. xii) agradece aos órgãos da imprensa: *Boston Evening Transcript*, *o Stratford Journal* (Boston), *Christian Science Monitor*<sup>176</sup>, *The Literary Review of the New York Evening Post*, *The New York Times*<sup>177</sup>, *The Bookman*<sup>178</sup>, pela permissão de reproduzir alguns dos contos, no seu novo livro (não citando no seu agradecimento quais contos seriam).

Este fato corrobora que havia, como pudemos observar, uma certa circulação de algumas obras de literatura brasileira no mercado norte americano na época, apesar de que pelos dados e depoimentos aqui listados, muito tímida e fragmentária.

<sup>176</sup> *Christian Science Monitor*. Jornal publicado a partir de 1908, numa iniciativa de Mary Baker Eddy, fundadora da *Church of Christ Scientist*. Cobre eventos atuais tanto dos EUA como os internacionais.

<sup>177</sup> *The New York Times*. Fundado em 1851. Considerado, correntemente, o terceiro jornal em vendas nos Estados Unidos da América.

<sup>178</sup> *The Bookman*. Goldberg deve estar se referindo ao *The Bookman* publicado em Nova York, pois havia outra publicação de igual nome, em Londres. Empresa editorial estabelecida em 1895. A última publicação se deu em 1933, sendo seu último editor Seward Collins que, no mesmo ano, fundou *The American Review*.



## 4.5 O crítico Goldberg e a *REVISTA DO BRASIL*

A *Revista do Brasil*<sup>179</sup> publicou artigos de Isaac Goldberg em suas páginas. Um dos artigos, que acreditamos de suma importância, foi publicado no volume XVIII, nº 72, da edição de Dezembro de 1921. Este artigo<sup>180</sup>, de acordo com a *Revista do Brasil*, trata do texto publicado no jornal *Evening Boston*, de autoria de Isaac Goldberg sobre o escritor Monteiro Lobato. Pela sua importância, transcrevemos o artigo em questão.

---

REVISTA DO BRASIL

---

VOLUME XVIII

SETEMBRO- DEZEMBRO DE 1921

ANNO VI

---

S. Paulo – Rio

Brasil

---



---

N. 72

EDITORES:  
MONTEIRO LOBATO & COMP. – SÃO PAULO

DIRECTORES  
AFRANIO PEIXOTO  
MONTEIRO LOBATO

N.72  
DEZEMBRO

---

<sup>179</sup> “Foi em Maio de 1918, que a Assembléia de acionistas da Revista do Brasil decidiu-se pela venda da revista à Monteiro Lobato, que vinha contribuindo com artigos. Em 03 de junho de 1918, a venda da Revista do Brasil à Lobato se efetivou por escritura pública”. MARTINS, Milena R. (2003, p. 24). Em 1919, consta o registro da Editora da *Revista do Brasil* na Junta Comercial, numa associação de Clóvis Ribeiro com Lobato. (Nota: Esta sociedade teve um distrato amigável logo depois). Cf. MARTINS, 2003, 27.

Martins nos detalha, em seu trabalho, um histórico das editoras de Lobato: “O primeiro nome de sua editora foi *Editora da Revista do Brasil*. Depois ela recebeu, também, os nomes de *Monteiro Lobato & Cia. Editores*, e em seguida *Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato*. Depois da falência desta editora, em 1925, Lobato começa uma nova fase, através da famosa *Companhia Editora Nacional*, que Lobato abriria em sociedade com Octales Marcondes Ferreira.” (Ibid. p. 29).

<sup>180</sup>A tradução para o português deste artigo, publicado na Revista do Brasil, vol. XVIII, nº72, 1921, não aponta nenhum crédito ao tradutor(a). O mês e dia da publicação do artigo na imprensa norte-americana, também, não nos é fornecida, neste artigo.

1921

NOTAS DO EXTERIOR<sup>181</sup>

---

**Um novelista do Nacionalismo Brasileiro**

*Isaac Goldberg, notavel crítico norte-americano, autor de uma obra recente "Studies in Spanish- American Literature" hoje especializado em estudos sul-americanos, publicou no "Evening Boston" o seguinte artigo sobre Monteiro Lobato.*

Entre as correntes literárias recentes que mostram varias phases<sup>182</sup> interessantes não se devem desconsiderar as tendencias nacionalistas capitaneadas no Brasil, com tanto ardor e tanta efficacia immediata pelo mais activo dos espíritos "novos": Monteiro Lobato. Lobato passou apenas dos trinta e cinco, e dispõe para seu proposito de uma influente casa editora em S. Paulo; consegue, assim, fazer-se lido e ouvido, tanto como sentido. Parece ser um propagantista nato, no sentido intellectual desta palavra. De certo não lhe falta a tinta, nem a coragem, e seja o que fôr o que se pense das suas ideias, fornece leitura altamente instructiva e deleitosa.

Em primeiro logar e sobretudo é elle o campeão da personalidade nacional. E por esta mesma feição torna-se o inimigo de indebitos influxos estrangeiros [sic] sobre a nação. Quando se lêem os seus muitos contos as suas criticas encrespadas, seus ensaios vigorosos, chega-se á conclusão, a não ouvir sinão Lobato, de ser principalmente franceza a influencia forasteira, e condenavel em sua maior parte.

A impressão profunda da literatura franceza sobre a America Hespanhola e Luzitana é innegavel e por vezes deleteria; nem se poderia, verificando isso, allegar com bastante força que a França é, a respeito de bellas letras, uma segunda patria de quem quer que não seja francez.

Dahi é possível que se extranhe o caso brasileiro contra a influencia franceza; e quando em Lobato se depara o mesmo protesto muitas vezes reiterado, começa-se a suspeitar que o afflige certa gallophobia. Isto, todavia, é nelle, afinal, antes ardor em exuberancia do que um erro absoluto nos valores. Não lhe falta o apreço pelos grandes homens da França; não lhe peja usar como epigraphe, em um de seus livros para creanças, de uma citação franceza de Anatole France; não protesta si algum de seus contos é mencionado a par dos de Maupassant e, sobretudo, reconhece a força creadora da

---

<sup>181</sup> Temos alguns esclarecimentos sobre *Notas do Exterior*, da *Revista do Brasil*, (onde Goldberg emitiu alguns comentários sobre autores nacionais e sobre a literatura brasileira), por Tânia R. de Luca (1999): "Ainda cabe destacar as seções *Debates e Pesquisas* e *Notas do Exterior*, presentes na maior parte dos números 61 a 113 da revista. A criação destas deve ser encarada como um esforço para melhor ordenar o amplo leque de assuntos tratados na *Resenha do Mês*. [...] *Notas do Exterior*, como o nome revela, centralizava notícias de outros países fossem elas questões políticas, do mundo das artes, costumes, ou notas interessantes e curiosas." Cf. LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 51.

<sup>182</sup> A ortografia do artigo foi respeitada.

imitação, por paradoxal que se afigure. “Convenhamos “- escreve elle no prefacio da sua ardorosa collecção de criticas **Idéas de Jéca Tatú** – “a imitação é, de facto, a maior das forças creadoras...”

O livro todo apresenta-se como “um grito de guerra pela nossa personalidade”.

Na base do nacionalismo de Lobato encontra-se o unico fundamento da arte: sinceridade.

Si elle, ás vezes, exaggera o seu protesto, merece perdão pelo fundo sólido do mesmo; é uma parte da sua propria personalidade ver as cousas em suas côres primitivas, desempenhar o papel de nacional fervoroso, não no sentido chauvinista – pois não é nenhum sequaz obcecado dos poderes administrativos, nem é nacionalista no máu sentido de algum barato tambor mór - mas no sentido de que o nacionalismo é o desenvolvimento logico das potencialidades da patria. Um cidadão pessoalmente independente, pois, que desejaria alcançar para o seu paiz essa mesma independencia.

378

O commeço da guerra mundial encontrou Lobato estabelecido em uma Fazenda, longe da vida de pensamento e dos centros de literatura. Foi por accidente que elle descobriu os seus dotes de escriptor. Conta-se a historia que certo dia, indignado contra o costume de se pôr fogo ás mattas para fazer roças, com perigo para os vizinhos, enviou uma carta de protesto a um grande diario de S. Paulo. Parece que a carta era importante demais, demasiada bem escripta, muito claramente reveladora de natural talento literario, para ser relegada ao canto aonde se escoam geralmente as jeremiadas dos leitores, e que, ao em vez, foi estampada em lugar de destaque.

A partir desse dia a sorte estava lançada. O episodio, a meu ver, é, mais importante do que parece. Pois, sendo embora diversa a forma por que seus ultimos escriptos se publicaram, são, em gráo [sic] mais alto, justamente o que foi essa aventura inicial: um protesto, um meio de melhoramento cívico, uma contribuição nacional. Converta-se tal carta e o seu tom em conto e resultará, digamos tal historia como a do “jardineiro Timotheo”, em que até um jardim se póde transformar em campo mudo e multicôr para a flora nativa; ponha-se-lhe política e surgirá tal producto, genuinamente humorístico, como “Suplício Moderno”<sup>183</sup>, dessa extranha collecção dos **Urupês**.

Em verdade, não são estes proprios Urupês, uma critica, uma exposição do caboclo brasileiro?

Foi com o livro **Urupês** que Monteiro Lobato se affirmou definitivamente. Em três annos alcançou uma venda verdadeiramente phenomenal para o Brasil: vinte mil exemplares. Foi louvado extravazamente por Bilac (que podia ter dito mais que umas poucas palavras sobre a legitima

<sup>183</sup> “O conto “Suplício Moderno” referendado por Goldberg nesse artigo de 1921 foi publicado nos Estados Unidos em 1924, como “Modern Torture” no *The Stratford Monthly*. Cf. Verificar a Tabela das Publicações literárias de Lobato no Capítulo 1 desta Tese, que nos fornece dados as publicações na América do Norte.

influencia franceza na poesia brasileira) e o imponente Ruy Barbosa<sup>184</sup>, que por instincto reconheceu o valor fundamentalmente sociológico da obra de Lobato. Porque de pura literatura, pouca cousa se acha no jovem paulista. Receio que elle valor fundamentalmente sociológico da obra de Lobato, como tambem um grupo semelhante [sic] em Buenos Aires, menospreze o elemento esthetico em arte, confundindo-o, talvez com os espíritos snobistas, alcandorados, vaporosos, cujo habito é infestar todos os próprios movimentos com suas nevroticas locubrações. Todavia esta opinião pôde ser injusta. Seu estylo, sua attitude, sua obra, são directamente condicionadas pelo ambiente no qual opéra e pelos problemas que se propoz resolver.

Critica menos injusta seria, de certo, a que se lhe fizesse quando o seu arrebatamento degenerou em pleito particular, quando o seu intenso humor descamba em caricatura. De onde se pôde colher que Lobato escreve – ou, antes, reimprime – mais do que era preciso; pois grande copia de bom jornalismo devia quedar onde nasceu em vez de se lançar adeante, em livro. Assim, também, em parte apreciavel da sua obra, a execução está aquém da intenção, devido, em medida não pequena, a uma certa falta de auto-disciplina e a unmas sinceridade não amuderecida artistiscamnete.

A **Urupês** seguiu-se logo **Idéas de Jéca Tatú**. Jéca Tatú é um pescador do Parahyba, um caipira já apresentado no livro precedente, symbolo da inércia do homem indígena. Comtudo, no segundo livro, suas idéas são tudo que se queira menos idéa de inercia; Lobato vestiu a pelle do pescador e

378

produziu uma série de criticas e de ensaios admiráveis. De natureza parecida são os capítulos incorporados em **Cidades Mortas**. **Negrinha** é uma collecção de contos. E desde então, alem de autor destes livros director de uma esplendida revista, a “Revista do Brasil”, editor da nascente geração de redemptores literários, instructor de hygiene para o seu paiz, suas energias correm, ainda por outros canaes.

É também escriptor de vários livros para creanças. O mais conhecido delles é **Narizinho Arrebitado**, e confesso, com o devido rubor nas faces, que as aventuras da menina entre as flôres e a bicharia da sua terra form-me responsáveis pelo roubo de algumas horas de estudo em tomos mais ventrudos e menos infantis.

Como alguém que pretende renovar as letras nacionaes, tem Lobato muito que dizer sobre as antigas e as actuaes figuras das letras patrias, dentro e fóra do Brasil. Sua obra, em todas as suas phases, é antes de tudo um acto de nacionalismo.

---

<sup>184</sup> Refere-se a Ruy Barbosa de Oliveira (1849-1923). Natural de Salvador, Bahia, foi Ministro da Fazenda, diretor do *Jornal do Brasil*, político e grande orador. Opositor do governo de Floriano Peixoto, deixou o país por um período, tendo residido em Londres.

Do ponto de vista exclusivamente estylistico, Lobato é polido, vigoroso, intenso, quanto baste. Os capítulos dedicados á criação do estylo constituem valiosa allegação em prol de uma arte genuinamente autochtona e é muito instructivo observar como elle trata a questão no que se refere á architectura.

O Brasil possui uma flóra nativa, uma fauna, uma mythologia, que seus escriptores desprezam pela repetição dos hospedes sediços da Helade.

(Comtudo Lobato cochila ás vezes e enxerga, Laocoonte numa arvore retorcida). É este um escriptor “anti-literario”, escarnecedor das mais finas graças, embora, além de trahir a consciência aguda de ser um escriptor, empregue situações muitas vezes exploradas, e, mais ainda, em tramas que não são mais brasileiros do que magyares, ou senegalezes. Assim n’**O Bugio**<sup>185</sup> **Moqueado**, topamos aquella historia da mulher forçada a comer, dia por dia, um prato que um marido vingativo lhe preparado cadáver do próprio amante. É característico que o autor brasileiro amontoa horror generosamente, sem nada acrescentar ao effeito do thema tal como apparece na mythologia grega ou no cancionero da velha Provença.

A verdade seria que Lobato no fundo, não é um contador de historias, porém, é um critico. Sua veia é distinctamente satírica, ironica; possui o dom do caricaturista, e eis porque as suas historias deslisam tantas vezes ou para o macabro ou para o sentimentalismo. Quando narra um conto horrivel, não é a arte impensadamente graduada de um Poe, mas o proprio facto em si, que causa horror. Sua innata tendencia didacticas<sup>186</sup> revela-se não sómente em seus trabalhos francamente didacticos, mas ainda no habito de prefixar ás suas narrativas com prelude philosophico, de commentario. Sendo elle largamente lido e pessoa cosmopolita, seus contos e commentários possuem, muitas vezes, essa significação mundial que nenhuma dose de preocupação regional pode obscurecer, completamente; mas por tanto empenho em fazer vibrar a nota nacional, estraga muitos dos seus escriptos, em cujas paginas atropella a sua propria pessôa.

Quando em sua melhor disposição, suggere o surto na literatura brasileira de uma força creadora fresca e espontanea. Contos como “Suplicio Moderno” são raros em qualquer língua e não estariam deslocados numa collecção de Chekhov<sup>187</sup> ou Mark Twain<sup>188</sup>. Aqui está o humor servido pela terra,

<sup>185</sup> “Bugio”- espécie de macaco; “moquear”- forma de secar a carne ao fogo.

<sup>186</sup> Concordância como se encontra no artigo fonte.

<sup>187</sup> CHEKHOV, Anton Pavlovich. Escritor russo nascido em 29 de janeiro de 1860 e falecido em 02 de julho de 1904. Escritor muito famoso pela qualidade de seus contos. Foi autor de: *The Seagull* (1896); *Uncle Vanya* (1897); *The Cherry Orchard* (1904).

<sup>188</sup> TWAIN, Mark. Pseudônimo do escritor norte-americano Samuel L. Clemens, nascido em 1835 e falecido em 1910. Autor de inúmeras obras, destaco algumas: *The Celebrated Jumping Frog* (1865, que o tornou nacionalmente famoso); *The Innocents abroad* (1869); *Adventures of Tom Sawyer* (1876); *The adventures of Huckleberry Finn* (1884).

pela natureza e pelo homem: não a serviço destes elementos. Do mesmo modo “Choo-pan!”<sup>189</sup>, com seu começo humorístico e progresso gradual até o desfecho lamentável, demonstra o que é possível obter quando se escreve como senhor, não como escravo, de lendas indígenas.

A comparação deste conto com outro semelhante, o “Mata –Pau”, faz manifesta a franqueza do autor e a sua força. No primeiro, em circunstâncias peculiares, um homem encontra a morte por obra de uma árvore que, segundo a crença nativa, vinga a derrubada de uma de suas eguaes. No segundo, o “mata-pau” é explicado numa espécie de prefácio; segue-se uma história de criaturas humanas, em que uma creança de peito abre caminho até o amor de um casal sem filhos, apenas para trahir o marido e, depois de maltratar a mulher, dar cabo della pela mesma forma. A primeira história, além de bem contada, apresenta-se de modo a parecer intimamente brasileira; a morte do homem, um toleirão, que atamancou a obra a ponto do monjolo apenas poder levar a breca, resulta natural, e não é necessário crer effectivamente na lenda; esta serve para dar ao conto côr e atmosphera. O “Mata- Páu”, envez, é meramente uma outra história do triangulo domestico, tão brasileira como qualquer outra, com uma replica final que deve ter appellado ao pregador escondido em Lobato; a analogia entre a árvore e o pupillo não é parte integrante de história; o conto, de facto, accrescenta-se á explicação da planta parasita, e é também parasitário.

A attitude do autor, quanto á educação, vislumbra-se em seu livro para creanças, “Narizinho Arrebitado”, e na epigraphie de Anatole France<sup>190</sup>. Prefere cultivar a imaginação a recheiar a intelligência. E, mesmo neste segundo livro de leitura - refrigerantemente depurado do methodo do “eu vejo um gato” – percebe-se em varios passos o seu intento de instruir e de satyriar a gente grande.

---

<sup>189</sup> CAVALHEIRO nos esclarece que o conto “A Vingança da Peroba”, publicado na *Revista do Brasil*, passa a ser “Chóoo-Pan”, posteriormente, em *Urupês*. Cf. CAVALHEIRO, 1955, p. 189.

<sup>190</sup> FRANCE, Anatole- François Anatole Thibault (1844- 1924).

380

Para este espírito caustico, o Brasil real - no que se deve esforçar por imprimir o seu cunho nas artes do futuro próximo- jaz no interior do paiz. Lá encontrou elle o genuíno brasileiro, incontaminado pelo “esperanto de idéas e costumes” característico dos centros aonde afflue a immigração de todas as partes do mundo. Lá é que se descobre a materia prima para a verdadeira arte nacional, distincta da phantasmagoria forasteira importada nas cidades.

E para esta arte do interior achou o grande precursor em Euclides da Cunha, escriptor notável verdadeiramente, diga-se de passagem, de quem o viajante escocez, Richard Cunninghame Graham<sup>191</sup>, tratou abundantemente em sua obra rara sobre Antonio Conselheiro<sup>192</sup>, mystico e fanático do Brasil.

“Foi Euclides da Cunha – escreve Lobato em “Idéas de Jéca Tatú” - quem entreabriu as portas interiores do paiz, etc.”

Não se pode por em duvida a personalidade dynamica deste jovem. Tampouco se pode por em duvida a influencia salutar que está exercendo. Até agora, comtudo, é mais fraco no papel de escriptor de contos - com as excepções importantes já apontadas – e mais forte como critico polemista.

Seus dotes pessoaes parecem destinados a torna-lo um propagantida da especie ironica, satirica, com pronunciada inclinação para a caricatura. Pode-se com segurança aventurar esta opinião: que elle, até agora, no sentido creador - de transformar a realidade através de imaginação, em vida artística - ainda não se achou a si proprio cabalmente. É muito mais do que uma promessa; apenas o seu preenchimento ainda não está claramente definido. (*Revista do Brasil*, vol XVIII, nº 72, Anno VI, dez. de 1921, p. 377-380).

Provavelmente o artigo acima, cuja tradução faz parte do vol. XVIII, da *Revista do Brasil*, foi a primeira descrição do temperamento, personalidade e atributos do escritor brasileiro Monteiro Lobato, publicada na imprensa norte-americana. Transcrevemos, a seguir, dois artigos publicados em 1924<sup>193</sup> na *Revista do Brasil*, onde não consta o nome do tradutor do texto para o português.

---

<sup>191</sup> GRAHAM, Richard C. Viajante no final do século XIX e começo do XX pela América do Sul. Escreveu sobre o embate entre o exército da recém república brasileira e os sertanejos liderados por Antonio Conselheiro.

<sup>192</sup> Trata-se de Antonio Vicente Mendes Maciel Conselheiro (1830- 1897), líder místico que reuniu milhares de sertanejos no arraial de Canudos, nordeste da Bahia, resistindo às tropas do Governo federal.

<sup>193</sup> Segundo Milena R. Martins, a *Revista do Brasil* foi editada mensalmente, sem interrupções, no período de janeiro de 1916 a maio de 1925, formando uma coleção de 113 exemplares. Seu formato era de 15x 21,5cm. (Cf. MARTINS, 2003, p. 13).

*REVISTA DO BRASIL*

*Revista Brazilian American*  
Av. dos Passos, nº 48.  
Rio de Janeiro

*INTER-AMERICA*

407 West 117th Street Nova York.  
Archivos do Museu Nacional do Rio De Janeiro-  
Direção de Arthur Neiva, Miranda Ribeiro e Roquette Pinto.  
Volume XXVII -Imprensa Nacional-  
Rio, 1924, pp.166-167.

*REVISTA DO BRASIL*<sup>194</sup>  
Nº 105.

**NOTAS DO EXTERIOR**

Anno IX  
Setembro-Dezembro de 1924.  
pp. 281-283

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato<sup>195</sup>  
Praça da Sé, S. Paulo, nº 107  
Novembro 1924.

## A ACTUAL NOVELLA AMERICANA

É fato significativo, na história da novella norte-americana, que os leitores na Republica começam a abandonar as numerosas traduções de que estavamos inundados durante a guerra, e a ler os novellistas patricios. Naturalmente, para notaveis escriptores estrangeiros sempre haverá um circulo seletto; assim que um auctor de distinção seja introduzido no estrangeiro-um Jacob Wassermann<sup>196</sup> ou um Thomas Mann<sup>197</sup> da Alemanha, um Marcel Proust<sup>198</sup> ou um Remy de Gourmont<sup>199</sup>, da França, o escolhe immediatamente e o incorpora á sua própria cultura. Entretanto, a observação é que o leitor norte-americano cada vez se volve mais em seus prazeres literarios para os novellistas contemporaneos nacionaes. Para isso ha um

<sup>194</sup> Bignotto nos esclarece que: “A *Revista do Brasil* não tinha oficinas próprias, de modo que os livros publicados sob sua chancela eram impressos nas oficinas do *Estadão* ou em outras tipografias paulistanas.” E adianta que devido a má qualidade de impressão das tipografias, Monteiro Lobato “[...] começou a ‘meter-se’ no negócio estranho da tipografia em 1919.” Cf. BIGNOTTO, C.C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese de Doutorado em Letras. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007, p. 229-230.

<sup>195</sup> Bignotto (2007, p. 227-230) nos explicita que Monteiro Lobato: “[...] fundou e dirigiu entre 1919 e 1924: a Olegário Ribeiro, Lobato & Cia (1919), a Monteiro Lobato & Cia (1920), e a Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato (1924).”

<sup>196</sup> Trata-se de Jacob Wassermann (1873 – 1934).

<sup>197</sup> Refere-se ao escritor Paul Thomas Mann (1875-1955), romancista, crítico e ensaísta.

<sup>198</sup> Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust (Auteil, 1871 – Paris, 1922).

<sup>199</sup> Trata-se de Rémy de Gourmont (1858 – 1915), escritor e filósofo ligado ao movimento do simbolismo francês.



numero de razões fortes. A mais importante de todas, é que appareceu um grupo de escriptores com visão ao mesmo tempo intensamente pessoal e significativamente nacional. Escrevem, não como imitadores de modelos francezes e inglezes, mas como creadores independentes, interpretando o espirito da época para os seus patricios. Alargou-se a ordem dos assumptos; aprofundaram-se as respostas. Há novellistas mais velhos como Theodoro Dreiser<sup>200</sup>, que sacrifica as bellezas do estylo literario a uma preocupação apaixonada de romance, de mysterio, e de esqator da realidade; por outro lado, há delicados estylistsas como Gomes Branch Cabell<sup>201</sup>, que vòa nas azas de uma fina phantasia, descrevendo reinos que nunca existiram e creaturas que nunca viveram, mas dotando-as de uma vitalidade artistica.

A geração mais nova, aberta a todas as influencias que atravessaram a Europa desde os dias de Hugo e 1830, começou a pôr os *seus* Estados Unidos em suas novellas. Todos os problemas do sexo, da economia, da política, da sciencia, acharam um expositor. Principalmente o problema do sexo e da vida livre. Floyd Dell<sup>202</sup>, numa serie de livros, o ultimo dos quaes foi prohibido pelos censores, estudou o “novo” rapaz e a “nova” rapariga; viu-os crescer nas pequenas cidades do Oeste; viu-os galvanizados por ambições de horizontes mais vastos; seguiu-os a Chicago, e depois a Nova York; estudou-os em conflicto com os seus paes, com os seus mestres, comsigo próprios; pintou-os experimentando o amor livre, o pensamento livre. Entendeu-os perfeitamente, e as suas novellas, se não são grandes como obras de arte, possuem um distincto valor sociológico e psychologico.

Eis aqui o perigo da novella contemporânea nos Estados Unidos. Tornou-se um reflexo notavel da vida quotidiana. Muitos dos novellistas mais novos vieram do jornalismo para a novella; das redacções dos jornaes e dos escriptorios dos “reporters” trouxeram um senso vivo da realidade, uma habilidade de representar pessoas e enredos. De facto, muitas das nossas mais finas novellas lêem-se como um vasto *super-jornal* de 350 paginas. Entretanto, nas melhores dellas ha toques de piedade e ironia; é esta qualidade de ironia que indica um adeantamento em nossa novella. Por muito tempo foi logar commum de critica dizer-se que americanos (os americanos dos Estados Unidos, naturalmente, pois este é o único sentido que geralmente damos á esta palavra) não tinham o sentimento da ironia. Ainda é verdadeiro para

---

<sup>200</sup> DREISER, Theodore – ( 1871-1945) . Autor entre outras obras de: *Sister Carrie* (1900); *An American Tragedy* (1925) e da “Trilogy of Desire” - *The Financier* (1912); *The Titan* (1914) e *The Stoic* ( 1947) – esta última obra, publicada após sua morte. Cf. HIGH, Peter (2002, p. 113-114)

<sup>201</sup> Gomes [sic] Branch Cabell – Goldberg deve estar se referindo ao autor norte-americano James Branch Cabell (1879 – 1958) , conhecido por obras de ficção científica.

<sup>202</sup> DELL, Floyd - (1887-1969). Autor norte-americanoque publicou *Moon -Calf* , onde discute “the small town”. (HIGH, 2002, p. 120).

a maioria do publico leitor. Entretanto, para uma apreciação da ironia elle está sendo lentamente levado pela sua inclinação á satyra social. E é no reino da satyra social que um novellista tão popular como Sinclair Lewis<sup>203</sup> ganhou os seus lauréis.

O advento de Sinclair Lewis foi súbito. Há annos que escrevia novellas sem fazer nenhuma grande impressão no publico. Escreveu *Main Street*, nada mais esperando que o que ganhara com as suas outras historias. Da noite para o dia, ficou famoso. Tomou para assumpto uma pequena cidade de uns 3.000 habitantes; pintou a pequenez da sua vida a estreiteza de sua visão, a mediocridade do seu character; mostrou uma jovem esposa com a ambição de arrancar da rotina tal vida. Entretanto, escrevendo assim, tocara um ponto vital no character nacional; a sua *Main Street*, não é só a principal rua de uma cidade: tornou-se o symbolo da convencionabilidade dos Estados Unidos; da excessiva satisfação da nação comsigo própria; numa palavra, do nosso orgulhoso provincialismo. Mesmo a joven [sic] esposa do livro, procurando sobrancear-se aos seus compatriota, apenas consegue ridicularizar-se um pouco, porque não está ainda preparada para a luta em que vae entrar.

Tendo-se celebrizado com uma satyra de um [sic] cidadezinha hypica [sic], S. Lewis voltou immediatamente a sua atenção para a grande cidade hypica, que em seu livro se chama Zenith. Além desta cidade, escolheu para a sua penna satyrica o homem – de negocios hypico [sic] dos Estados Unidos. *Mr Babbitt*, que dá o seu nome ao livro, é um cidadão respeitável; obedece ás leis; educa sua bella familia; pensa que a sua cidade é a melhor do paiz, e canta os seus louvores onde quer que vá; é prospero; é feliz. Entretanto, - entretanto falta alguma coisa. A sua vida, tão cheia de coisas materiais, começou a sentir a necessidade daquellas exaltações espirituas sem o que tudo é mais é pó. Por um instante elle parece entrever um clarão de uma liberdade mais profunda; mas por um momento sómente.

A mais recente novella de Lewis chama-se o *Dr. Martin Arrowsmith*. Ainda não está completamente publicada, e parece tratar da carreira de um medico. Talvez acabe numa satyra à profissão medica. Prove isto ou aquillo, ella conterà aquellas qualidades que já distinguiram Lewis dos seus confrades: uma visão photographica das coisas exteriores, um notavel – quasi [sic] impessoal – senso de realidade; um dom natural de satyra. De facto, é o seu senso da realidade que lhe augmenta a satyra. Vê o que a America é; sabe o que ella *póde ser*; olha ironicamente para os esforçados homens-de-negocios e para as suas esposas aspirantes e

---

<sup>203</sup> LEWIS, Sinclair ( 1885-1951). De acordo com o historiador Prof. Peter B. High (2002), Lewis's *Main street* (1920) "is the continuation of *Main Streets* everywhere. The story would be the same in Ohio...or in the hills of Carolina. This is because Lewis's real subject is American culture: 'our comfortable tradition and sure faith'." (In: HIGH, 2002, p. 121).

rivaes. Vê-lhes as vidas desprovidas da verdadeira belleza, e pinta-as na sua brilhante mediocridade.

Não é bastante para que uma novella seja uma pintura perfeita de uma civilização; talvez seja verdade que as novellas de Lewis estejam por demais interessadas na photographia, no disco phonographico da vida que elle pinta tão vivamente. No entanto, a sua significação esthetica não é pequena. Poucos têm dado, tão bem como elle, um sentimento da esterilidade em que tantos norte-americanos gastam os seus dias e noites. Naturalmente levantou violenta opposição; no entanto, fez mais do que isso. Trouxe á consciencia norte-americana o sentimento de uma vida mais alta. Elle o fez, não para os poucos avançadores que não precisam da sua assistencia em primeiro lugar, mas para os muitos leitores de novellas, que em toda a parte representam o nivel mais baixo do publico leitor.

Cabell, que ficou de repente celebre com “Jurgen” por causa da sua luta victoriosa contra os censores, está no outro extremo da nossa escola novellistica. No meio está Joseph Hergeshcimer, que tem por melhores titulos um estylo pessoal e melodioso e uma certa poesia da verdade. Em Lewis, o movimento para a liberdade sexual é insignificante, como é natural nas naturezas mediocres que pinta; em Cabell e Hergesheimer<sup>204</sup> é mais notado. Em Dreiser é quasi o alicerce dos seus muitos romances; o desejo do poder e o desejo da carne encheram os seus livros masthodonticos.

Por consequencia, a novella nos Estados Unidos, que está hoje no apogeu do seu poder social, alcançou esse poder pelo retrato fiel da sua época; afinal, começou a tratar veridicamente das diversas scenas e da alma nacional. Uma vez que o melhor leitor tinha de ir ás obras estrangeiras para tal dedicação á verdade e belleza; ainda vae a ellas em observação mais profunda. Entretanto, hoje, elle está rapidamente descobrindo nos seus proprios patricios essas qualidades precisas. A sua literatura nacional gradualmente está-se tornando sufficiente por si propria.

O degrau de agora é em direcção da verdadeira belleza esthetica. Os nossos mais jovens críticos já começaram a clamar contra o nosso realismo na ficção. Já começam a procurar um espelho da alma que possa ser tão verdadeiro, tão bello e tão sincero como os nossos espelhos do corpo. Homens como Waldo Frank<sup>205</sup> e C.Kay Scott<sup>206</sup> já fizeram o que é de modo

---

<sup>204</sup> Goldberg ou o tradutor grafa o nome ora como Hergeshcimer ou como Hergesheimer.

<sup>205</sup> FRANK, Waldo. (1889- 1967) crítico social e literário. Exerceu grande influência no pensamento latino-americano na primeira metade do século XX. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-218620090020011&script=sciarttext>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

chamar-se a “novella expressionista”. Nelles a realidade exterior cede á realidade interior; a cenas real da sua acção é a alma humana. O leitor geral ainda não está educado para tal introspecção; os próprios escriptores, manejando uma nova ferramenta, fazem muitas vezes obra grosseira. Entretanto, por signaes taes como estes é razoável prever uma novella norte-americana inteiramente capaz de interpretar essas crises interiores e exteriores que marcam o avanço de uma nação. O vigor apaixonado de um Jack London<sup>207</sup> e de um Frank Norris<sup>208</sup> a virilidade do recém –predescoberto Stephen Crane<sup>209</sup>, abriram caminho a uma pleiade de escriptores que buscam resolver os mais difficeis problemas do estylo e penetrar os mais enganadores segredos da psyche. Tirou-se a carta do território; a exploração já começou. De Sherwood Anderson<sup>210</sup> falarei numa carta separada.

Boston, Julho de 1924.

*Isaac Goldberg*  
(“America Brasileira”, Rio)

As palavras de Goldberg, neste artigo para a *Revista do Brasil*, espelham o entusiasmo do crítico pelo surgimento nas Letras norte-americanas, de autores que estariam abarcando o espírito da época, retratando os indivíduos e a realidade de seu país como autores independentes, portando uma visão pessoal e nacional, distanciando-se dos modelos europeus, notadamente o francês e o inglês, nos quais até então pareciam estar atrelados.

---

<sup>206</sup> WELLMAN, Frederick Creighton – (1871-1960). Utilizou-se, também, de pseudônimos na autoria de suas obras (Cyril Kay-Scott e Richard Irving Carson). Viveu no Brasil por alguns anos. Em 1928, retornou à América. Foi escritor, médico de medicina tropical, administrador. Disponível em: < <http://specialcollections.tulane.edu/archon> > . Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>207</sup> LONDON, Jack. (1876 - 1916)- Sobre o autor, o escritor Peter High declara que : “*Jack London was deeply influenced by Darwin’s ideas of constant struggle in nature and ‘the survival of the fittest’.*” (In: HIGH, Peter , 2002, p. 100).

<sup>208</sup> NORRIS, Frank (1870 - 1902).Segundo High: “*his writing style is different from the ‘scientific naturalists’ . Many of his techniques for description [...] seem closer to such romantic writers as Hawthorne.*” (Ibid., 2002, p. 99 - 100).

<sup>209</sup> CRANE, Stephen (1871-1900). De acordo com o historiador P. High “*all of Crane’s characters are controlled by their environment. This is what makes Crane a ‘naturalist’.*”(HIGH, Peter, 2002, p. 88). Sobre os escritores, citados por Goldberg, Marcos Soares adianta que: “[...] a geração de escritores naturalistas como Jack London[...], Theodore Dreiser [...] e Stephen Crane [...] se encarregou de revelar o lado menos celebratório do processo de modernização do país [Soares refere-se aos Estados Unidos da América], explorando o mundo das favelas, das fábricas e das greves que se espalhavam rapidamente (SOARES, Marcos de Paula. In: Revista *Caderno EntreLivros*, p. 10, s.d.).

<sup>210</sup> ANDERSON, Sherwood (1876 – 1941).Segundo High “*He brought the techniques of Modernism to American fiction*”. (Cf. HIGH, 2002, p. 119).

*REVISTA DO BRASIL*

Nº103

Directores Paulo Prado e Monteiro Lobato  
 Julho de 1924<sup>211</sup>.  
 Anno IX – Vol. XXVI-  
 pp. 276-278

**NOTAS DO EXTERIOR**

## Renascença literária Norte-Americana

Boston, 26 de março de 24

Ao começar esta série de cartas mensaes para *América Brasileira*<sup>212</sup>, deverei fazer algumas observações preliminares a proposito da falta de comunhão intellectual entre os Estados Unidos e o Brasil. É certo que temos brasileiros notaveis nos Estados Unidos; para mencionar sómente um ou dois, ha Oliveira Lima<sup>213</sup>, professor de Direito Internacional na Universidade Catholica de Washington, D.C. Ha o Sr. Helio Lobo<sup>214</sup>, Consul Geral em Nova York. O Sr. Helio Lobo é um incansavel commentador de coisas políticas e diplomaticas; o Sr. Oliveira Lima, para onde que elle e sua mulher viajem, tem levado comsigo uma poderosa influencia para o melhor entendimento da cultura brasileira. Em todo caso trata-se de influencias individuaes. Algo como uma *entente* intellectual ainda não foi estabelecido entre as duas grandes nações. Gente ha nos Estados Unidos que crê que o Brasil fala espanhol. Gente ha no Brasil que imagina que nos Estados Unidos levamos a lynchar negros, divorciar-nos das nossas mulheres e socar [sic] jazz. Imagino quantos brasileiros educados sabem que os Estados Unidos têm produzido obras originaes literarias desde os dias de Hawthorne<sup>215</sup>,

<sup>211</sup> Em 1925, são editados apenas 05 números da *Revista do Brasil* (janeiro a maio). Cf. MARTINS, 2003, p. 54.

<sup>212</sup> *América Brasileira*. O escritor e critico Isaac Goldberg anuncia que enviará, mensalmente, cartas para a *América Brasileira* (1922-1924). Este era o nome da revista do editor e escritor Elísio de Carvalho.

<sup>213</sup> Manoel de Oliveira Lima lecionou na Universidade de Harvard, EUA, no “college season” de 1915-1916.

<sup>214</sup> Sobre Hélio Lobo, há o seguinte comentário de Tania R. de Luca, sobre a conferência *Brasil, Potência Mundial* proferida pelo diplomata e escritor, em abril de 1922, na Universidade de Yale, EUA. Nesta conferência, Hélio Lobo exaltara as dimensões do Brasil: “[...] vereis que o Brasil constitui, de fato, o primeiro país do mundo, com mais de três milhões de milhas quadradas de superfície e uma costa banhada a leste e nordeste pelo oceano atlântico numa extensão maior que a que separa Nova York de Liverpool [...]”. Segundo Luca (1999), a conferência de Hélio Lobo, *Brasil, potência mundial*, se encontra na *Revista do Brasil*, volume 20, nº 78, p. 99-100, junho 1922. Cf. LUCA, Tania R. de. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação UNESP, 1999, p. 87.

<sup>215</sup> HAWTHORNE, Nathaniel. Nascido nos EUA, em 1804, e falecido em 1864. Autor de *The Scarlet Letter* (1850); *The House of Seven Gables* (1851) entre outras obras. Cf. HIGH, Peter B. *An Outline of American Literature*, 2002, p. 48.

Emerson<sup>216</sup>, Poe<sup>217</sup> e Whitman<sup>218</sup>? Sei que ha alguns. Lembro com prazer uma visita de Gilberto Freyre, - um moço encantador que conhece intimamente os nossos escriptores e que espero, sobre elles escreverá para os seus patricios, agora que voltou ao Brasil com os thesouros do mundo no seu livro de notas.

Desejo falar, este mez, da chamada renascença na literatura norte-americana.

Pela primeira vez na memoria da nova geração, começamos a produzir um drama autochthone, uma novella nativa, uma poesia vital. Chegamos á idade adulta nacional. Alcançamos a idade da auto-crítica.

O que é muito estranho, e um bom signal, é que os nossos críticos estão sendo largamente lidos pelo elemento mais novo. Estão sendo conhecidos na Europa. A “jovem geração” de escriptores é decididamente “intellectual” em character. Conhece o melhor que tem sido escripto e pensado na Europa; interessou-se pelos quadros e versos da China e do Japão; numa palavra, tornou-se verdadeiramente cosmopolita e internacional. Muito se escreve hoje nos Estados Unidos sobre theoría artística. Mais ainda se faz no caminho da critica actual. O escriptor novo agora sente que o seu trabalho é lido e estudado; recebe estímulos críticos; a literatura tornou-se uma coisa não somente de livros, mas de vida.

Entre críticos que são de importância mais que nacional, ha homens como H.L.Mencken, George Jean Nathan<sup>219</sup>, Van Wyck Brooks<sup>220</sup>, J.E.Spingarn<sup>221</sup>, Ludwig Lewisohn<sup>222</sup>. Mencken é o *enfant terrible* dos Estados Unidos. Juntamente com Nathan, é editor do novo magazine, *O Mercurio Americano*. *O Mercurio* ataca intrepidamente a tradição

<sup>216</sup> EMERSON, Ralph Waldo. Nascido em 1803 e falecido em 1882, nos EUA. Fundou o clube *Transcendental*, ligado às idéias do transcendentalismo. A revista *The Dial* era o porta voz dos grupo transcendentalista da região de Boston, durante o período do romantismo nas Letras norte-americanas. Foi o autor da obra *Nature* (1836), onde destacava suas idéias transcendentalistas (In: HIGH, 2002, p. 44).

<sup>217</sup> POE, Edgard Allan. (1809- 1849).Poe fez importantes contribuições à Literatura norte-americana em três áreas: contos (short-stories), crítica literária e poesia. Autor de contos de terror como *The Black Cat* (1843); *The Fall of the House of Usher* (1839). Ibid., 2002, p. 55.

<sup>218</sup> WHITMAN, Walt. (1819- 1892). Grande poeta da apologia à democracia norte-americana. Autor do livro de poemas *Leaves of Grass* (1855, primeira ed.).In: HIGH, 2002, p. 69.

<sup>219</sup> NATHAN, George Jean. George Nathan foi crítico de teatro, escritor e editor de diversas publicações importantes nos EUA, como *Smart Set*, juntamente com H.L. Mencken, de 1914-1923; fundou e editou a revista *American Mercury* [ que neste artigo de Goldberg está traduzido como *O Mercúrio Americano*] com Mencken e foi um dos fundadores do jornal literário *American Spectator*. Cf. Disponível em <[http:// www.rmc.library.cornell.edu/EAD/htmldocs/RMM04615.html](http://www.rmc.library.cornell.edu/EAD/htmldocs/RMM04615.html)>. Acesso em: 12 de dez. de 2011. Trad. livre dos dados mencionados.

<sup>220220</sup> BROOKS, Van Wyck (1886 – 1963). Critico literário, historiador e biógrafo norte-americano; estudou na Universidade de Harvard. Foi premiado com um Premio Pulitzer em 1936 com a obra *The flowering of New England -1815/ 1865* Disponível em: <[http:// www.answers.com/topic/brooks-van-wyck](http://www.answers.com/topic/brooks-van-wyck)>. Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>221</sup> SPINGARN, J.E. (1899-1911). Goldberg refere-se ao poeta e Professor de literatura comparada na Universidade de Columbia entre os anos de 1899 e 1911.

<sup>222</sup> LEWISOHN, L. Não se sabe ao certo a data de seu nascimento. Provavelmente 1882 ou 1883. Faleceu em 1955. Crítico literário e professor de literatura comparada. Disponível em:< <http://Its.brandeis.edu/research/archives-speccoll/findingguides/xml/lewisohn.html>>. Acesso em: 12 dez. 2011.>.

puritana; os seus editores são anarquistas intellectuaes, mantendo uma attitude de esthetica livre e aristocracia. A critica dramática de Nathan gosa de alta reputação em Nova York e Londres por causa do seu espírito corajoso e brilho. Mencken, sobre quem o Sr. G. Freyre escreve no Brasil, e que outros escriptores na America espanhola fizeram conhecer aos seus leitores, tornou-se o symbolo da mocidade insurgente. Escreveu uma admiravel obra philologica e cultural chamada a *Lingua Americana*, em que o seu espírito em ebulição faz da grammatica e da morphologia assumptos de prazer. Esta obra valiosa mostra que a língua dos Estados Unidos está-se rapidamente diferenciando da língua mãe. Creio que o Sr. João Ribeiro<sup>223</sup> fez estudos semelhantes em relação ao portuguez no Brasil; lembro-me ter lido com grande proveito o seu livro *A língua nacional*.

Spingarn tem feito muito para espalhar seu conhecimento da cultura italiana nos Estados Unidos. Amigo de Croce<sup>224</sup>, tem sido o órgão do philosopho italiano em nosso paiz. Atravez da Livraria Européa, de que é editor, trouxe aos nossos leitores as obras dos italianos como Croce, Gentile, Papini<sup>225</sup>, Borgese; de allemães como Heinrich Mann<sup>226</sup> e Jacob Wassemann; de espanhoes como Valle - Incián<sup>227</sup>. Elle próprio é um fino poeta e uma autoridade na Renascença italiana.

Van Wyck Brooks tem feito muito para acordar a nossa vida em suas mais ricas possibilidades intellectuaes. Propugnou uma communhão mais intima entre a arte e a vida e apontou o perigo de que, se o artista se retira para a torre do marfim, deixa campo aberto ao philisteu. Ludwig Lewisohn tem feito pela cultura germanica o que Spingarn fez pela India. Traduziu as peças de Hauptmann<sup>228</sup>; escreveu uma historia do drama moderno e fez conferencias e escreveu sobre poesia na Allemanha e na França.

Estes não são todos os críticos importantes dos Estados Unidos. Escolhi-os porque representam um desvio dos modelos tradicionais. Entre o trabalho deles, tentei modestamente

---

<sup>223</sup> Trata-se de João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, mais conhecido como João Ribeiro - ( 1860 – 1934). Jornalista, escritor, professor, filólogo e tradutor.

<sup>224</sup> Goldberg refere-se a Benedetto Croce (1860- 1952) filósofo e crítico literário italiano.

<sup>225</sup> PAPINI, Giovanni. (1881 – 1956). Um dos fundadores da revista *Leonardo* (1903), importante publicação na Itália no início do século XX. Escreveu obras marcadas pela polêmica de teor anti- tradicionalista.

<sup>226</sup> Trata-se de Ludwig Heinrich Mann ( irmão de Thomas Mann) , crítico social e escritor. Sua obra mais famosa *Professor Unrat* (1904) originou o filme *Der Blaue Engel* (*The Blue Angel*).

<sup>227</sup> DEL VALLE - INCLÁN, Ramón Maria (1866 – 1936). Espanhol da Galícia. Foi o autor de *Tirano Banderas* (1926), que relata a história de um ditador de uma república latino - americana.

<sup>228</sup> HAUPTMANN, Gerhart Johann Robert (1862-1946). Escritor, dramaturgo e poeta alemão.

apresentar a cultura da América espanhola e portuguesa. O Dr. Coester<sup>229</sup>, também da Universidade Leland Stanford, escreveu sobre a literatura da América espanhola.

Os Estados Unidos estão começando a abrir os olhos á história cultural do continente sul. Têm sido uma oportunidade para ler, em inglez, alguns dos contos de Machado de Assis, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto, Carmem Dolôres, Monteiro Lobato (*Revista do Brasil*, 1924, p 277). Conhecem *Chanaan*<sup>230</sup> de Graça Aranha. Leram *El hombre de Oro* de R. Blanco-Fombona<sup>231</sup>; *Amalia* de José Marmol<sup>232</sup>; *Martin Rivas*<sup>233</sup>, de Blest-Gernae poucas outras novellas, incluindo a *Innocencia* de Taunay<sup>234</sup>. O conhecimento da cultura espano e luso – americana está, no emtanto, aqui ainda em começo. Sinto-me feliz de dizer que, presentemente, estou empenhado em escrever uma série de pequenos livros sobre a literatura de cada uma de nossas republicas. O primeiro deles, podereis interessar-vos em conhecel-o, é o *Espírito da Literatura Brasileira*<sup>235</sup>, e dediquei-o a Oliveira Lima. A doação recente de uma valiosa biblioteca, do Sr. e Sra. Oliveira Lima á Universidade Catholica<sup>236</sup>, foi largamente commentada na nossa imprensa. Muito fará para prover de um centro o [sic] estudos da cultura brasileira nos Estados Unidos. Deverá interessar-vos tambem saber que estou agora traduzindo para o inglez, para apparecimento seriado no *Stratford Monthly*<sup>237</sup>, *Aspectos da história e da Cultura do Brasil*, de Oliveira Lima e *La evolución política y social de Hispano-*

<sup>229</sup>Trata-se do Dr. Alfred Coester (1874 – 1958) que graduou-se na Universidade de Harvard (Boston, EUA) foi contemporâneo de Goldberg, tendo como orientador, em seu doutorado (1906), o Prof. Dr. J. M.D.Ford. Dr. Coester foi *Professor Emeritus* na Universidade de Stanford. Sua obra *Literary History of Spanish America*, foi publicada em 1916, e nas palavras de Goldberg: “[...] it was from a North-American that the first literary history of Spanish America has come” (In: GOLDBERG, 1920, Foreword, p. 03).

<sup>230</sup>*Canaã*. Graça Aranha tornou-se um escritor consagrado, no Brasil, com a publicação de *Canaã* (1902). Posteriormente, veio a publicar *A Estética da Vida* (1921) que repercutiu, profundamente, nos meios intelectuais brasileiros. Elisio de Cravalho escreveu vários artigos reverenciando o escritor (“Graça Aranha e o verdadeiro nacionalismo”; “Graça Aranha e a Metaphysica brasileira” etc.). Graça Aranha constatou em *A Estética da Vida* “algumas características que permearam a história cultural brasileira, como a falta de integração da arte com a realidade brasileira”, que foi interpretada como um desenraizamento. Além da “ impossibilidade de fazer cultura independente das raízes nacionais [...]”. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html162/16201203/16201203.html>>. Acesso em: 28 jul. 2010.

<sup>231</sup> BLANCO- FOMBONA, Rufino (Venezuela ,1874 – Argentina, 1944) . “*Fue una de las figuras decisivas en las letras hispano americanas de la primera mitad del siglo XX.*” Disponível em: < [http:// www. biblioteca. yacucho. gob. ve/ fba](http://www.biblioteca.yacucho.gob.ve/fba). Acesso em: 12 de dez. de 2011. Goldberg (1920) manifesta sua admiração ao poeta, romancista e crítico literário Blanco-Fombona em *Spanish-American Literature*: “*He is one of the most valiant and sincere spirits writing in Europe today*” (GOLDBERG, 1920, cap. VI, p. 306).

<sup>232</sup> MARMÓL, José. (1818 – 1871). Jornalista, poeta e romancista argentino. Um dos principais representantes do Romantismo da Ibero America.

<sup>233</sup> *Martin Rivas* (1862). Goldberg refere-se ao romance de autoria do chileno Alberto Blest Gana (1830-1920).

<sup>234</sup> Trata-se de Alfredo d’Escagnolle Taunay - Visconde de Taunay (1843 – 1899), autor de *Inocência* (1872).

<sup>235</sup>*The Spirit of Brazilian Literature*. GOLDBERG, Isaac. Little Blue Book n° 646. Girard, Kansas: Haldeman-Julius, 1924.

<sup>236</sup> Goldberg está se referindo a doação da coleção de livros de Oliveira Lima (aproximadamente 58 mil) e correspondências para a Biblioteca da *Universidade Católica de Washington*.

<sup>237</sup> *Stratford Monthly*- Como já foi apontado nesta tese, a Revista onde o conto “Modern Torture” de autoria de Monteiro Lobato foi publicado em abril deste mesmo ano (1924).



*América* de Blanco –Fombona. Mais tarde virão traducções da obra de Elysio de Carvalho<sup>238</sup>, Graça Aranha e outros brasileiros. Tudo isto é parte de um programma para estabelecer a communhão intellectual entre os Estados Unidos e o Brasil. Não tem absolutamente nenhuma relação com propaganda de outra especie; representa, é verdade, uma perda de tempo e dinheiro. É, no emtanto, uma obra que deve ser feita, e sinto-me contente de fazer minha parte.

Tem sido um lugar – commum dos commentarios sul-americanos dizer que os EUA são uma nação materialista. Política e economicamente falando, pode ser verdade. Infelizmente é verdade para muitos governos. É grave erro, no emtanto, imaginarem os Sul-americanos que os Estados Unidos se resentem de falta de cultura. Hoje elles são favoraveis ao crescimento da actividade intellectual como quasi qualquer outro lugar no mundo civilizado. Ser-me-á dever agradável, nas cartas seguintes, falar desta actividade intellectual; discutir os homens e mulheres (porque *ha* mulheres!); tratar de sua obra e suas idéas; numa palavra, compensar o meu trabalho de interpretar a América do Sul para os Estados Unidos por meio da interpretação dos Estados Unidos á América do Sul. Espero que isso vos dará o mesmo prazer que a mim.

*Isaac Goldberg.*

(“América Brasileira” Rio).

Goldberg, neste artigo, faz várias ponderações: da distância intelectual, que julga presente entre os Estados Unidos da América e o Brasil, mas que gostaria de ver transformada. Cita o escritor brasileiro Elysio de Carvalho<sup>239</sup>, editor da revista *América Brasileira* (1922-1924).

---

<sup>238</sup> CARVALHO, Elysio. Como foi conhecido o alagoano de Penedo (1880), Elísio de Carvalho, falecido em Schaldalf, Suíça em 1925. Elysio de Carvalho foi ensaísta, poeta, crítico, tradutor e jornalista. Escreveu entre outras obras *As Modernas correntes Estéticas na literatura brasileira* (1907). Foi diretor e editor da revista *América Brasileira* (1922-1924), que apesar de seus 36 números, chegou à vizinha Argentina, o que pode ser constatado na prestigiada *Nosotros*, que se ocupou de apresentar e difundir a obra de alguns autores brasileiros, em especial, Monteiro Lobato, e de divulgar a *Revista do Brasil* e a *América Brasileira*, nas quais aparecem algumas produções literárias de Mário de Andrade, dentre outros importantes escritores. Nota: A revista portenha *Nosotros* foi editada entre 1907 e 1943. Cf. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/162/16201203/html>>. Acesso em: 01 jul. 2010.

<sup>239</sup> Piazza (2007) nos esclarece no artigo “Tal Brasil, Qual América. A América Brasileira e a Cultura Ibero-Americana” sobre a obra de Elysio de Carvalho, *O fator geográfico na política brasileira* (1921). Este trabalho de Carvalho seria de grande importância por ressaltar problemas nacionais e estar voltado para o próprio país. Goldberg critica alguns autores brasileiros por estarem demasiadamente atrelados ao que ocorria na Europa (França, em especial). Carvalho viria na contramão desta premissa (assim como Lobato), e talvez, daí provenha o interesse do crítico norte-americano em promulgar o nome de Carvalho, não se esquecendo que o mesmo era na ocasião editor da *América Brasileira*. A obra *O Fator geográfico na política brasileira* de Carvalho, segundo as palavras de Piazza (2007), poderá ser considerada como um precursora de projetos de modernização para o país, levada a cabo, posteriormente, em 1938, com o movimento da “*Marcha para o Oeste*”. Elysio de Carvalho, segundo a historiadora, foi, também, um ardoroso defensor da siderurgia nacional ao publicar a obra

Isaac Goldberg aponta que os escritores norte-americanos tinham um perfil cosmopolita, sendo conhecedores do que haveria de melhor, em publicação em países da Europa e, até mesmo da China e do Japão. Entretanto, tinham conhecimento quase nulo em relação às Letras brasileiras e, talvez, daí advem a importância desbravadora de seus comentários e de sua crítica sobre obras e escritores do período. Goldberg aventa a hipótese da barreira do idioma (o português) como um dos responsáveis para esse desconhecimento, podendo ser um dos prováveis entraves para essa falta de apreciação e conhecimento nos EUA da nossa literatura [mas, perguntamos, e o idioma chinês e japonês da ficção asiática, apontados no artigo por Goldberg, não ofereceriam entraves ao leitor norte-americano, além da barreira dos diferentes costumes e cultura?]. Em contrapartida, em sua análise, o leitor brasileiro teria uma imagem estereotipada dos EUA, ao achar que naquele país, tudo revolveria ao redor dos conflitos raciais e do assunto do divórcio.

Goldberg finaliza, esclarecendo, então, que pretendia ser um articulador e um intermediário para maior divulgação das obras de autores brasileiros no mercado interno norte-americano, e vice-versa, com grande satisfação.

Neste artigo, Goldberg aponta algumas mazelas do mercado editorial da América do Sul, que, em sua opinião, seriam responsáveis pela pouca distribuição de livros e pela pouca leitura. Colocando “o dedo na ferida”, Goldberg nos relata que a pouca circulação de livros no mercado sul americano se devia ao número pequeno de leitores, a falta de editores, a presença do analfabetismo e, vai mais além, ao acrescentar que poderia ser decorrente da política adotada nos países da América portuguesa e espanhola.

In considering the work of such writers as these and the authors represented in this little pioneer volume one should bear continually in mind the many handicaps under which authorship labors in Portuguese and Spanish America: a small reading public, lack of publishers, widespread prevalence of illiteracy, instability of politics.

(GOLDBERG, I. Introduction. *Brazilian Tales*, 1921, p. 22)

---

*Brasil, Potência Mundial* (1919), fortalecida com a instalação da *Companhia Siderúrgica Nacional*, em 1942. Neste particular, Elysio de Carvalho se aproxima de Lobato, outro ferrenho defensor da indústria siderúrgica nacional. Piazza (2007) nos adianta que: “[...] o editor da América Brasileira não poupa esforços no sentido de dar visibilidade à literatura ibero-americana e às questões pertinentes ao campo cultural dos dois lados das Américas - a lusófona e a hispanófono -, e de criar as condições para que a sua revista se tornasse conhecida pelos vizinhos da América Brasileira - como se referia ao Brasil”. A mesma fonte completa: “A América Brasileira (1922-1924) quis focar a literatura Ibero-Americana e as questões culturais dos dois lados da América - o lusitano e o hispânico.” Cf. PIAZZA, Maria de Fátima F. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Red. de *Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*. Universidad Autónoma del Estado de México e Universidad de Aarhus, 12 de noviembre, 2007. Aarhus, Latinoamericanistas. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/162/16201203.html>>. Acesso em: 02 jul. 2010.

Com essa declaração bem clara, Goldberg resume o que Lobato provavelmente tinha, também, ciência. Pode ser que por esses motivos, transparece em Lobato um forte desejo de ter seus livros publicados em outras praças (começando pela Argentina, onde fez sucesso e foi traduzido por Benjamin de Garay, Ramon Prieto e Sosa) para que, tornando-se conhecido na América do Sul, viesse a galgar um mercado maior e mais profícuo: o norte-americano. Este último, mais rico e moderno que o do Brasil na época (a indústria cinematográfica já marcava presença e gerava riquezas), possivelmente, seria uma grande conquista e um grande trunfo. Começando pela América do Sul, o percurso natural seria o mercado livreiro norte-americano, numa outra etapa, e através deste país, o mundo!

Complementamos a primeira parte dessa pesquisa com a colocação de que as Américas (tanto do Norte como a do Sul) na década de 20 procuraram alinhar-se no mercado editorial, mesmo que de forma fragmentada e tímida, através de alguns escritores e editores. Estes procuravam unir forças no mercado da editoração, apesar de algumas lamúrias e mazelas (escasso público leitor, pouca circulação de livros, analfabetismo, política dos países instável, poucas editoras - América do Sul; mercado competitivo e acirrado; público leitor mais exigente - América do Norte) levantadas pelos autores Goldberg, Lobato, Freyre, Haldeman-Julius, Gálvez e Quiroga sobre o mesmo.

Passaremos, no capítulo 5 a seguir, para a segunda parte deste trabalho, onde faremos uma investigação detalhada de duas transposições para a língua inglesa do conto “O Engraçado Arrependido”, com o propósito de analisarmos as escolhas lexicais, bem como as questões morfológicas e sintáticas envolvidas, frente ao texto de partida. As opções assumidas pelos dois tradutores estudados marcam as diferentes perspectivas ligadas à publicação da obra de Monteiro Lobato dentro de um outro sistema literário, o norte-americano, onde o diálogo de sua produção literária poderá ou não ser revitalizado com o novo leitor, num cânone literário então nascente de obras estrangeiras, no qual o autor brasileiro tanto aspirava acontecer...

## SEGUNDA PARTE

### CAPÍTULO 5

*A Análise das Transposições do Conto “O Engraçado Arrependido” de Monteiro Lobato para o Idioma Inglês, respectivamente, em 1925 e em 1947.*

Parece que o segredo de *escrever e de ser lido* está em duas coisas – ter talento de verdade e escrever com a maior aproximação possível da língua falada, sem perder, portanto, nenhum dos farelinhos ou sujeirinhas da vida, pois é aí que se escondem as vitaminas produtoras do misterioso e perturbador ‘quê’ das verdadeiras obras d’arte.

*Monteiro Lobato.*  
*Monteiro Lobato. Prefácios e Entrevistas.*  
São Paulo: Editora Globo, 2009, p.18.

**5.1 Análise das Transposições do conto “O engraçado arrependido” (1923) em: “The Penitent Wag” (*Brazilian Short Stories*, 1925) e, em “The Funny - Man Who Repented” (*A WORLD OF GREAT STORIES*, 1947)**

*O que homens como vós chamam de fidelidade em tradução os eruditos chamam de minuciosidade pestilenta ... é duro preservar em uma tradução o encanto de expressões felizes em outra língua...  
Se traduzo palavra por palavra, o resultado soará inculto e, se forçado por necessidade, altero algo na ordem ou nas palavras, parecerá que eu me distanciei da função do tradutor.*

Cícero.

Da carta 57 a Pammachio sobre o melhor método de traduzir. *Toward a Science of translating*. Eugene A. Nida. Leiden, 1964, p.13 apud MILTON, John. *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993, p. 12.

A transposição do conto de Monteiro Lobato “O Engraçado Arrependido” para o idioma inglês será o objeto de análise deste capítulo, através do cruzamento do texto “The Penitent Wag” de 1925 (incluído em *Brazilian Short Stories* – número 733 da série *Little Blue Books*) editado por Isaac Goldberg sem indicação do (a) responsável pela tradução, e “The Funny-Man Who Repented” de 1947 (em *A World of Great Stories*) com tradução de Harry Kurz. A análise discutirá as duas transposições, verificando os procedimentos como intervenções, acréscimos e omissões.

Pode-se já antecipar que a tarefa dos tradutores de Lobato ultrapasse a complexidade inerente a qualquer trabalho tradutório uma vez que a obra lobatiana – como vem apontando sua melhor crítica- contém expressões correntes na época do autor, muito provavelmente linguagem corriqueira no universo das fazendas e das pequenas cidades interioranas paulistas, podendo este fato representar entraves, mesmo para um bom conhecedor de ambos os idiomas.

É este caráter tão profundamente brasileiro que tornará interessante discutir se a “imagem de Brasil”, projetada por Lobato na versão do conto incluída na nona edição de *Urupês* (1923) ao menos aqui provisoriamente entendida como a versão a partir da qual o

texto foi transposto para a *Little Blue Books*<sup>240</sup> - veio ou não a sofrer alguma repaginação nos dois textos de chegada.

Para que o leitor possa melhor acompanhar a análise das duas transposições, foi elaborado um quadro, onde os dois textos de chegada em inglês estarão dispostos ao lado do texto de partida. A coluna ML indicará o texto de partida, G a transposição de 1925 e K a de 1947, como se indica no quadro abaixo:

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>“O engraçado arrependido”</p> <p>In: <i>URUPÊS</i>. Contos. Nona Edição. 25°--30° Milheiros. São Paulo: Monteiro Lobato &amp; Cia. – Editores, 1923, p. 23-42.</p>	<p>“The Penitent Wag.”</p> <p>In: <i>Brazilian Short Stories</i>. With an Introduction by Isaac Goldberg. <i>Little Blue Books</i> n°3. Kansas, Girard: Haldeman–Julius Company, 1925, p 27-42.</p>	<p>“The Funny - Man Who Repented</p> <p>In: <i>A World of Great Stories</i>. 115 stories, the best of modern literature. Edited by Hiram Haydn and John Cournos. New York: Gramercy Books, 1947, p.941-950.</p>

Como por hipótese, G pode ter realizado seu trabalho em qualquer momento entre 1918 (ano da publicação da primeira edição de *Urupês*) e 1925 (data do lançamento de *Brazilian Short Stories*), levaremos em consideração que as ferramentas adotadas por tradutores nesta época, baseavam-se mais na intuição, na cultura e nos conhecimentos do idioma de chegada dos tradutores, muitas vezes eles próprios, escritores. Com esta publicação de seus contos (1925), pela editora Haldeman-Julius, o escritor Monteiro Lobato teve a oportunidade de inserir seu nome, já então mencionado em algumas das obras e artigos de Isaac Goldberg sobre a literatura brasileira, no cânone, então nascente, de escritores oriundos da América do Sul no mercado livreiro dos EUA.

Bassnett (2003) argumenta que à medida que os *Estudos de Tradução* avançaram no mundo contemporâneo tornou-se mais fácil o acesso aos dados históricos e, como consequência, começaram a ser colocadas:

<sup>240</sup> Não se conhece de qual textos de partida os dois tradutores (G e K) se valeram para a transposição para o idioma inglês do conto “O Engraçado Arrependido”, porisso optamos pelo publicado em 1923, nona Edição, Monteiro Lobato & Cia. – Editores, por ser esse o texto mais próximo da publicação da primeira transposição em língua inglesa (1925), pela Haldeman Julius Company.

[...] perguntas importantes sobre o papel da tradução na construção de um cânone literário, as estratégias utilizadas pelos tradutores e as normas vigentes em determinado momento histórico, o discurso dos tradutores, os problemas da medição do impacto das traduções e, mais recentemente, os problemas relativos ao estabelecimento de uma ética da tradução (BASSNETT, 2003, p. 5-6).

Peter France (2000) destaca o papel que cabe aos teorizadores e estudiosos de uma tradução assim como delineia um norteamento esperado, durante os procedimentos:

Os teorizadores e os estudiosos têm uma tarefa muito mais complexa a cumprir do que decidir entre o bom e o mau; o objecto das suas preocupações, é por exemplo, discernir as várias possibilidades que se abrem para o tradutor e o modo como elas se modificam de acordo com o contexto cultural, social e histórico (FRANCE, Peter. 2000, p. 3 apud BASSNETT, Susan, 2003, p. 5).

É a partir de tais pressupostos que daremos início à análise das duas transposições.

## A Análise da Transposição

Hoje em dia a mobilidade dos povos em todo mundo reflecte o próprio processo de tradução, pois a tradução não é somente a transferência de textos de uma língua para outra - ela é hoje correctamente vista como um processo de negociação entre textos e entre culturas, um processo em que ocorrem todos os tipos de transações mediadas pela figura do tradutor (BASSNETT, 2003, p. 9).

Significativamente, Homi Bhabha usa o termo “tradução” não para descrever uma transacção entre textos e línguas, mas no sentido etimológico de transportar algo de um lugar para outro (BHABHA, 1994, p. 38 apud BASSNETT, Susan. 2003, p. 9).

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo duns Souza Pontes de trinta mil arrobas afazendados no Barreiro, só aos trinta e dois anos de idade entrou a pensar seriamente na vida. (p. 23)	Francisco Teixeira de Souza Pontes, bastard scion of a Souza Pontes family, rich planters of Barreiros and owners of thirty thousand “arrobas”* of coffee, at thirty-two years of age began to take life seriously.(p.27)	FRANCISCO TEIXEIRA DE SOUZA PONTES, illegitimate scion of a Souza Pontes who owned some large Barreiro plantations, began to think seriously on life only when he reached his thirty-second birthday (p. 941)

O conto nomeado em ML como “O Engraçado Arrependido” foi transposto, em G, por “The Penitent Wag”<sup>241</sup> e, em K, por “The Funny-Man Who Repented”<sup>242</sup>.

A transposição do título dado em ML delinea uma maior profundidade semântica em G (“The Penitent Wag”), pois o termo em inglês “*wag*” sugere ao leitor um indivíduo gozador, contador de piadas que, eventualmente, poderia expor as pessoas ao ridículo, enfim, um troçador. O conto de Monteiro Lobato, em publicação na *Revista do Brasil* (Abril de 1917), tinha por título “A Gargalhada do Colector” (Abril de 1917) privilegiando uma

<sup>241</sup> “A wag”: “a mischievous boy”; “a young man full of sport and humor”; “a jester”; “a court clown”; “a joker”- (“um gozador”). In: *The Webster’s Third New International Dictionary*. USA: G&C. Merriam CO, 1976, p. 2568.

<sup>242</sup> “Penitent” adj. [Middle English, fr. MF, fr. *paenitent*, *paenitens*, pres. part., of *paenitere*]: – “to be sorry; feeling or expressing pain or sorrow for sins or offenses. In: *The Webster’s Third New International Dictionary*. USA: G&C. Merriam CO, 1976, p. 1670.

“To repent”: (Middle English - *repenten*, fr. of *repentir*-) “to be sorry; to feel regret or contriting for what one has done or omitted to do; to change one’s mind about something one has done or said etc.” In: *The Webster’s Third New International Dictionary*. USA: G&C. Merriam CO, 1976, p. 1924.



imagem “escancarada” do riso. Posteriormente, o conto veio a se chamar “O Engraçado Arrependido”, mais próximo do adjetivo “*funny*”, ou seja, divertido, forma mais contida, também mantida no título dado em K: “The Funny-Man Who Repented”.

Tanto no texto de partida, quanto nos dois textos de chegada, as expressões que qualificam a personagem título, têm conotação religiosa: em G encontramos o adjetivo – “*penitent*” – em K o verbo, também de raízes religiosas – “*to repent*”- (arrepender-se)

Pode-se dizer que há um duplo sentido na mensagem do enunciado: o gozador estaria arrependido não da premeditação do “crime” contra o major, mas da escolha feita em seus anos juvenis, de cuja imagem, tão fortemente consolidada na sociedade local, não conseguia se desvencilhar. Seria sempre considerado um palhaço (“*clown*”) ou mero trocista (“*wag*”), que de “tanto fazer graça” não era levado á sério. O próprio título do conto já leva o leitor à presença de um paradoxo, pois “indivíduos engraçados” tendem a ver os fatos da vida por uma óptica sem culpa, sem arrependimentos...

Em “The Funny-Man Who Repented”, observa-se a escolha de letras maiúsculas para se iniciar o texto, que coincidentemente contempla o nome completo da personagem principal, diferentemente dos dois outros textos (ML e G), onde observamos o uso de maiúsculas na forma convencional, ou seja, aplicadas somente à primeira letra de nomes e sobrenomes<sup>243</sup>.

Ambas as transposições utilizam-se da palavra “*scion*” para caracterizar Francisco Teixeira de Souza Pontes, um descendente da família abastada, mas descrito em ML como um “galho bastardo”. O termo empregado (“galho”) está ligado ao universo da agricultura, da lavoura o que foi seguido nas escolhas, tanto em G como em K, quando optaram por “*scion*”.

G acrescenta um “s” à localidade mencionada no texto de partida: “Barreiros”, ao invés de “Barreiro” em ML (1923), no que não foi seguida por K, que é fiel ao texto de partida.

Já G credita um adjetivo à família Souza Pontes ao qualificá-la, como “*rich*” para transpor a idéia de “afazendados”. K detalha que “*owned some large Barreiro plantations*”.

O termo “*plantation*”, no idioma inglês, está ligado no imaginário norte-americano, às terras do sul dos EUA: no século XIX as fazendas sulistas eram descritas como “*large*

---

<sup>243</sup> Em muitas ocasiões, para servir a política dos editores, o tradutor necessita optar por recursos estilísticos correntes na editora que atendam a uma padronização imposta ou recomendada pelos mesmos e apontam, não necessariamente, para um recurso estilístico pessoal.

*plantations*”. Assim, a palavra “*plantation*”, para o norte-americano, denota não só uma grande herdade como também um estilo de vida senhorial e patriarcal.

Em ML, a situação econômica da Família de Souza Pontes é indicada pelo segmento “Souza Pontes de trinta mil arrobas afazendados no Barreiro” e vale à pena observar como cada um dos tradutores transpôs a informação.

Um dado que não está contido no texto original em ML é acrescentado por G: relata que a família Souza Pontes é detentora de trinta mil arrobas... “de café” e insere uma nota de rodapé<sup>244</sup>, relatando que uma arroba seria o equivalente a 32 *pounds*<sup>245</sup>.

Tanto a nota de rodapé como a palavra “café” estão ausentes no texto de partida, constatando-se, então, um acréscimo, por parte de G. Julgamos que essa intervenção possa ter ocorrido para conferir uma imagem de riqueza à família Souza Pontes, que seria detentora de milhares de arrobas de... café. Observamos que o Brasil, em 1925, projetava uma imagem agrária forte, mundialmente, calcada em seu carro chefe nas exportações, o café e, provavelmente, na época, ser um fazendeiro de café, no Brasil, seria um sinônimo de riqueza. Lefevere (1992 apud BASSNETT, 2003, p.13) argumenta que “[...] a tradução seria muito mais uma refração do que um reflexo, propondo um modelo mais complexo do que a velha noção de tradução como espelho do original.”

Ainda sobre a concepção de Lefereve, Bassnett (2003, p. 13) acrescenta que: “Inerente a sua concepção de tradução como refração estava a rejeição de qualquer noção linear do processo de tradução”. Com esta noção em perspectiva - de que uma tradução não seria um mero “espelho” do texto original, mas que poderá sofrer uma “modificação” ou “alteração” em seu percurso, de acordo com as opções de escolha deixadas ao tradutor podemos perceber na transposição de G, um acréscimo inspirado nas expectativas de seus virtuais leitores.

Já K não acrescenta notas de rodapé em nenhum trecho do seu texto, seguindo estritamente o de partida.

G mantém as arrobas (30.000) mencionadas em ML, ao contrário de K, que as omite. Essa informação, que a meu ver, remete a idéia de “grandeza” e “poder” da família da personagem, perde-se no texto em K.

<sup>244</sup> No texto transposto há uma inserção onde se lê, no rodapé: “\*An arroba equals 32 pounds.”

<sup>245</sup> Um “*Pound*”, medida inglesa, é o equivalente a 0, 45359237 *kilogram*. Cf. *The Webster’s Third New International Dictionary*. Encyclopaedia Britannica, INC. USA: G&C. Merriam CO, 1976, p. 1777. Uma arroba seria equivalente a 15 quilos, aproximadamente. Trinta mil arrobas seria o equivalente a 450.000 quilos. Uma tonelada seria o equivalente a 1.000 kg. Para termos uma idéia da possibilidade de riqueza da família, o fazendeiro seria proprietário de 450 toneladas de café.

Em G, a idade de Francisco (32 anos) é detalhadamente apontada ao usar a preposição “*at*” antes de sua idade: “*Pontes [...] at thirty-two years of age*”, (p. 27). Já K, transpôs a expressão “só aos 32 anos de idade” em ML como “*only when he reached his thirty-second birthday*”.

Em ML, é forte a crítica do autor ao estilo de vida da personagem Pontes, que conseguiu casa, vestuário e o mais, somente a custa de exibir-se com a sua “veia cômica”, nunca tendo de fato se preocupado em buscar um trabalho sério.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Como fosse de natural engraçado, vivera até alli à conta de veia comica, e com ella amanhã casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas (p. 23).</p>	<p>A wag by nature, up to that time he had lived off his comic strain and thereby reaped board, lodging, clothing and all else. His currency consisted of grimaces, jokes, anecdotes about Englishmen and everything that tickles the facial muscles of the animal that laughs commonly called man, provoking hilarity or raising hearty guffaws (p. 27).</p>	<p>A natural clown, he had used his comic gifts until then to make his way and provide him with home, food, clothing, and the rest. The currency he used in payment consisted of funny –faces, jokes, stories about the English, and everything calculated to produce an effect on the facial muscles of the laughing animal commonly called man, by by summoning him to chortle or break into guffaws (p. 941-942)</p>

Os tradutores dão soluções diferentes à abertura do parágrafo ao apresentarem a personagem Pontes ao leitor. Verificamos, em ML, uma construção mais alongada: “Como fosse de natural engraçado”, onde se constata o acréscimo lexical com a conjunção “como” e o verbo no subjuntivo - “ser”. Já em G, temos uma introdução mais concisa onde se lê “*a wag by nature*”, com a retomada da expressão que dá título ao conto e reforça os sentidos nele embutidos, enquanto “*clown*”, em K, traz para o texto toda uma carga pejorativa.

O verbo “amanhar”, presente no texto de partida, está ligado ao mundo da lavoura, da labuta na terra, que passa ao leitor uma imagem de esforço físico, imagem ausente em G (“*to reap*”) e, em K, (“*to provide*”).

A expressão “moeda corrente”, em ML, está transposta por “*currency*” em ambas as transposições e, em K, constatamos o acréscimo lexical “*in payment*”, onde o tradutor, num alongamento, reforça ao leitor desavisado a maneira pela qual Pontes ganhava sua vida. A sua moeda de troca era “fazer graça”. Já fazer “micagens”, foi transposto em G para “*grimaces*” (“fazer caretas”) e, em K, por “*funny-faces*”.

ML usa o verbo “bolir” (“mexer”); G utiliza-se do verbo “*tickle*”, que acrescenta a ideia de “fazer cócegas”, enquanto que em K, verificamos uma perífrase para se aproximar do texto de partida (“[...] *and everything calculated to produce an effect on the facial muscles of the laughing animal commonly called man [...]*”).

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Sabia de cór a Encyclopédia do Riso e da Galhofa, de Fuão Pechincha a creatura mais dissaborida que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as semsaborias mais relamborias ganhavam em sua bocca um chiste raro e os ouvintes babavam de puro goso (p. 23).	He knew So-and-So’s “Encyclopedia of Laughter and Mirth” by heart—the most mirthless creature God ever made, but such was Pontes ability that he could turn the most feeble jokes into excellent witticisms, to the delight of his hearers (p. 27).	He knew by heart the <i>Enciclopedia of Laughter and Merriment</i> by Fuao Pechincha, the most insipid author God ever let into his world; but Pontes’ art was so fine that he the most pointless tales received, when recounted by him, a special tang, enough to make his listeners froth at the mouth with pure joy (p.942).

G e K dão diferentes soluções tipográficas à citação da Encyclopédia do Riso e da Galhofa<sup>246</sup> em ML: ambos transpõem o título para o inglês, mas K optou pelo “itálico” ao se referir à obra: “*Enciclopedia of Laughter and Merriment*”<sup>247</sup> e G, por aspas - “Encyclopedia of Laughter and Mirth”<sup>248</sup>.

Valem aqui algumas considerações sobre a obra citada em ML. Eduardo Laemmert, sob o pseudônimo de *Pafúncio Semicúpio Pechincha*, lança a *Encyclopédia do Riso e da Galhofa* pela sua editora em 1848. De acordo com Chaves de Melo<sup>249</sup> a Encyclopédia constitui:

<sup>246</sup> De acordo com André Chaves de Melo, a obra *Raízes e Risos* de Elias Thomé Saliba traz a baila dados sobre a representação humorística no Brasil, entre a *belle époque* (década de 1880) até 1940. Sobre o fato de humoristas brasileiros terem se utilizado de pseudônimos na ocasião, Saliba nos adianta que o hábito era comum e que autores de obras cômicas, quando indicados para a Academia Brasileira de Letras, diminuíam a importância do humor na sua trajetória, sendo que alguns até renegaram suas obras satíricas, transformando-se no que Saliba chama de “engraçados arrependidos”. Não deixa de ser interessante esta retomada, por um historiador, do título do conto lobatiano. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2002/jusp615/pag1011.htm>>. Acesso em: 01 de Nov. de 2010 e dados sobre o “*Almanak Laemmert*” disponíveis em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2008/05/14/almanak-laemmert/>> Acesso em: 31 out. 2010.

<sup>247</sup> “*Merriment*” - [merry+ment] - “something that causes mirth: jest, prank; a brief comic presentation; light hearted gaiety or fun making: laughing enjoyment.” In: *The Webster’s Third New International Dictionary*. USA: G&C. Merriam CO, 1976, p. 1415.

<sup>248</sup> “*mirth*” - [merry+th]; “from Old English”: “myrgth”, “myrge”; [Middle English]: “mirthe, myrthe; mirthe”; “rejoicing; gladness or gaiety” as shown by or accompanied with laughter”; “jollity or merriment”(Idem, 1976, p. 1441).

<sup>249</sup> Cf. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2002/jusp615/pag1011.htm>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

“um registro sem igual, nos moldes das revistas humorísticas internacionais do século 19. [...]” ML qualifica o autor da *Encyclopedia* como um indivíduo “dissaborido”.

Em G, “*mirthless*” retoma a palavra “*mirth*” já presente na transposição do título do livro, acrescentando um traço de ironia ausente do texto de partida. Em K, a palavra “*insipid*”, por sua vez, mantém a etimologia ligada ao termo “sabor” presente no texto de origem.

G e K transpõem “de cor”, presente no texto de partida, por “*by heart*”. G novamente investe em novos significados ao empregar “*So and So’s*” (caso genitivo) para “anonimizar” e ironizar o autor da obra: “*So and So’s Encyclopedia of Laughter and Mirth*” (p. 27). Ao optar pela expressão “*So-and-So’s*” (p. 27), equivalente ao vernáculo “fulano”, “sicrano”, G tanto pode espicaçar a curiosidade do leitor como, também, menosprezar a importância do autor do livro.

Em inglês, como também em português, valer-se das expressões “sicrano” ou “beltrano”, quando conhecemos o nome do indivíduo nomeado mas o omitimos, estamos, de certa forma, diminuindo sua importância. ML (1923) aponta que a enciclopédia fora escrita por “Fuão Pechincha”, numa possível referência à Pafúncio Semicúpio Pechincha (Eduardo Laemmert), o organizador da *Encyclopedia do Riso e da Galhofa* (1848); K é fiel ao texto de partida. A relação de “*So and So*” é com um óbvio pseudônimo, e não com um nome próprio...

Em G, ao se caracterizar o autor da *Enciclopédia do Riso e da Galhofa* como “*the most mirthless creature God ever made*”, constrói-se um jogo interessante e irônico com a transposição do título: *Encyclopedia of Laughter and Mirth*, negando à seu autor (“*mirthless ceature*”), a característica que nomeia sua obra.

Relativamente ao autor ao qual a enciclopédia é atribuída, o texto de partida o nomeia como Fuão (*fulano*, *sicrano* ou *beltrano*). Na língua inglesa, haveria a opção da transposição para “*John Doe*”, ou “*Simpleton*”, expressões que indicariam uma pessoa sem nome, um “*Zé ninguém*”. No entanto, G e K não transpuseram “Fuão” e tampouco se valeram de uma nota de rodapé, que poderia aproximar a palavra ao imaginário do leitor norte-americano. Também não se encontra uma nota dos tradutores, para mencionar a ligação entre o importante editor alemão Laemmert – já estabelecido no Brasil, no século XIX -, e a inserção do sobrenome “Pechincha” o que faz com que o leitor norte-americano não “saboreie” o detalhe sutil, presente em ML.

G optou, como observado, por não individualizar a autoria da obra e K, por não traduzir por completo o autor da obra (“Pechincha”), que consta no texto de origem (ML) de 1923. A palavra “Pechincha”, presente no nome do autor (em inglês, o termo significa “*bargain*”), não está de todo longe do adjetivo “barato”, e não deixa de ser uma alusão divertida e de nos remeter a uma caricatura do personagem. A nosso ver, o fato de G e K optarem pela não transposição do termo, empobreceu o texto, pois conteve o sorriso malicioso.

Segundo Campos (2004), a omissão de detalhes do texto de partida, quando na sua transposição para outro idioma, deve-se a alguns fatores. Menciona, por exemplo, a existência de dois tipos de tradução, como consequência de textos difíceis, ainda que não de todo intraduzíveis, o que vem determinar dois tipos de abordagens: a “integral”, na qual se traduzem todos os itens, todas as palavras e expressões; e a tradução “parcial”, na qual deixam de ser traduzidas algumas partes do texto de origem (CAMPOS, 2004, p. 31).

Como um exemplo, temos no trecho em ML, “babavam de puro gozo” e, em G, “*to the delight of his hearers*”, onde o termo “*delight*” eleva a expressão do riso, ao omitir detalhes físicos. Tipograficamente “Fuão” possui um til em ML, que é omitido em K e em G.

Campos (2004, p. 32) argumenta que uma tradução é chamada de “direta”, quando feita diretamente do texto original (que parece ter sido a opção deixada à G). Uma tradução é classificada como “indireta”, por não ter sido feita diretamente do original<sup>250</sup>.

As *semsaborias e relamborias* (ML, p. 33) foram transpostos, em G, com “*the most feeble jokes*” e, em K, com “*the most pointless tales*”, numa interpretação em que cada tradutor classifica de uma maneira o gênero textual a que se refere ML. “*Jokes*”, (em G), significariam “piadas sem graça” e “*tales*” (em K), “histórias”.

Campos (2004, p. 33) menciona a tradução dita “oblíqua”:

Quando as duas línguas são de troncos lingüísticos diferentes, como o português, que é uma língua neo - latina, e o inglês, que é uma anglo-germânica, a tradução costuma distanciar-se bastante da forma do original, tornando-se assim menos literal, menos palavra por palavra, e *mais “oblíqua”, como se diz. Mas também a diferença de culturas, entre as dos*

<sup>250</sup> Não é conhecido se Harry Kurz transpôs seu texto para o inglês a partir do texto original, do idioma fonte (Português) ou, de alguma tradução indireta. A este respeito, temos o depoimento dos editores, certificado pelo tradutor H. Kurz, na “Introdução” da transposição para o idioma inglês: “*Monteiro Lobato was born in Taubaté, Brazil, in 1886 [ sic]. He has had a great influence upon young writers. His first collection of tales was Urupés, his two best collections, Contos Pesados, from which our tragi-comic story is taken, and Contos Leves. [Used by permission of the author; translated by Harry Kurz.]*” (In: “The Funny-Man Who Repented.” *A World of Great Stories*. New York: Crown Publishers, 1947. p. 941). Observar que o autor Monteiro Lobato teria dado permissão para que o texto fosse publicado em inglês, nesta versão, segundo os editores. Lobato vem a falecer em 1948, um ano após essa publicação.

falantes naturais de uma língua e a dos falantes naturais da outra, contribui para a obliquidade de uma tradução.

O substantivo “chiste”, em ML, foi transposto em G com “*witticism*”<sup>251</sup> que eleva a qualidade do “ser engraçado” ao remeter à “*wit*” (atitude intelectual e abstrata) e, em K, como a “*special tang*”<sup>252</sup>, que se refere ao mundo olfativo, mantendo assim a dimensão física do gozo (da ironia), expressa em K: “*his listeners froth*”<sup>253</sup> *at the mouth with pure joy*”

ML completa a descrição da personagem Francisco Pontes, ao mencionar ao leitor que os “ouvintes babavam de puro gozo” ao ouvir seus gracejos; a opção foi amenizada em G, pois ao invés de utilizar-se do verbo “babar”, escreve: “*to the delights of his hearers*”

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Para arremedar gente ou bicho, era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetés ao uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua bocca perfectabilidade capaz de illudir aos proprios cães- e á lua (p. 24).	He had a knack for imitating man and beast. The entire gamut of a dog's voice, from the baying of the hound chasing the wild pig, to howling at the moon and all other sounds, growling or barking, were imitated by him to such perfection as to deceive both dogs and moon (p. 27).	He was a genius at imitating people or animals. The entire gamut of canine noises, from the baying at the wild boar, to the howling at the moon, and the rest, all these were molded in his mouth with such perfection that he could fool the dogs themselves- and even the moon (p.942).

Em G, Pontes “*had a knack for*”, que ameniza, de certa forma, o entusiasmo em ML ao classificar a personagem como um “gênio” na imitação de sons de animais (“Para arremedar gente ou bicho era um gênio”) no que foi seguido, em K: “*He was a genius at [...]*.” Os “caitetus” (“porco selvagem”), em ML, transformam-se, em G, em “*wild pig*” e, em K, em

<sup>251</sup> *Witticism*- [from *witty*]. “A witty saying, sentence, or phrase.” Syn. Jest. In: *Webster's New Collegiate Dictionary*. Springfield, Massachusetts: G. C. Merriam CO., Publishers, 1949, p. 984.

<sup>252</sup> “*Tang*”- “gosto forte; cheiro penetrante; sabor”; *tang, tange* [Middle English]. “*Something that has a sharp projecting tongue*”; *something having the effect of a sharp taste in the mouth*”; “*a pungent odor*.” In: *Webster's Third New International*. 1976, p. 2336.

<sup>253</sup> *Froth* – “*foam; spume; the bubbles caused in fluids or liquors by fermentation or agitation*” USA: Webster's New Collegiate Dictionary, 1949, p. 334. Em Português, teremos: “espuma; conversa fiada”. *Novo Michaelis*. Dicionário Ilustrado. Brazil, Alemanha: Edições Melhoramentos e F.A. Brockhaus, 7th ed., 1968, p. 437.



“*wild boar*”, numa bela transposição da identificação do animal mencionado no texto de partida.

Em ML, a expressão “vozes do cachorro” foi transposta em G, “ao pé da letra”, como “*dog’s voice*” e, em K, como “*canine noises*”, o que de certa forma ficou bem interessante ao apontar o barulho que os cães fazem ao latir.

<u>E</u> <u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Também grunhia de porco, cacarejava de galinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada (p. 24).	He also grunted like a pig, cacked like a hen, croaked like a toad, scolded like an old woman, whimpered like a baby, enjoined silence like a Representative or speechified like a patriot at a street meeting (p. 27-28).	He could also grunt like a pig, cackle like a hen, croak like a toad, scold like an old woman, whimper like a crybaby, call for silence like a congressman in power, or harangue <sup>254</sup> like a patriot on the balcony (p. 942).

E

Em ML, são vários os verbos onomatopaicos: *grunhir*, *cacarejar*, *coaxar*; os verbos estão no “Pretérito Imperfeito” assim como os outros verbos do parágrafo: *ralhava*, *chorava*, *silenciava e perorava*.

G utiliza-se do *Simple Past Tense* e K utiliza-se do verbo modal “*could*” juntamente com a “*base form*” dos verbos: “*grunt*”, “*cackle*”, “*croak*”, “*scold*”, “*whimper*”, “*call for silence*” e “*harangue*”. Os verbos no idioma de chegada “*grunt*”, “*cackle*”, “*croak*” são igualmente onomatopaicos. K ao empregar o modal “*could*” explicita que Pontes possuía, também, a habilidade de “grunhir” como um porco (se assim o desejasse).

Já nos textos de ML e G, Pontes “grunhia de porco” (como na descrição de um hábito, e não de uma habilidade, o que vem ao encontro à introdução do parágrafo da língua de partida, que explicita que Pontes, “era de natural engraçado” e cuja graça, constituía-se, também, em saber imitar animais).

<sup>254</sup> “*Harangue*”-“*a didactic, scolding talk or discussion; an animated discussion or conversation; a speech addressed to a public assembly; a bombastic speech.*” *The Webster’s Third New International Dictionary*. USA: G&C. Merriam CO, 1976, p. 1031.

Em ML, o espaço em que a personagem Pontes perorava era semi-doméstico: a sacada de uma casa, dimensão mantida em K (“*balcony*”), mas que, em G, transforma-se num comício na rua: “*street meeting*”.

A transposição de “fedelho”, em G, é desmarcada (“*baby*”) e já, em K, é marcada (“*crybaby*”) que se aproxima da conotação de um bebê “chato e chorão”, “*crybaby*”.

A palavra “fedelho” em português remete, também, à imagem de uma criança pequena, não necessariamente a de um bebê, como os dois tradutores classificaram.

E	<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
	Que vozeio de bipede ou quadrupede não copiava elle às maravilhas, quando tinha pela frente um auditorio predisposto? (p. 24).	What two-legged or four-legged hum of voices did he not mimic to perfection as long as he had before him an audience well equipped with those “muscles of mirth” invented by our talented authoress Albertina Bertha? (p. 28).	When he had before him a favorable audience, what cry of biped or quadruped could he not imitate to perfection? (p. 942).

Em G, bípede foi transposto por “*two-legged*” e quadrúpede por “*four-legged*”; já em K temos “*biped*” e “*quadruped*”, o que legitima Pontes como excelente imitador de animais e tipos humanos (“ralhava de mulher velha...”) do segmento anterior.

Nesta passagem, G acrescenta outros elementos ao texto como, por exemplo, o nome de pessoas, citando a escritora Albertina Bertha<sup>255</sup>. Este apontamento merece um parêntesis, pois a autora é considerada pelo público leitor e críticos literários uma escritora de vanguarda nas Letras brasileiras. Segundo Santos (2007, p. 89) seu primeiro romance, *Exaltação* (1916),

<sup>255</sup> STOCKLER, Albertina Bertha de Lafayette. Nascida em 1880, filha do jurista e conselheiro do Império Lafayette Rodrigues Pereira. Escreveu o romance *Exaltação* (1916); *Estudos* (1ª série, 1920); *Voleta* (1926); *Estudos* (2ª série, lançada em 1948); *E ela brincou com a vida* (datada de 1938). Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

Nelly Novaes Coelho opina sobre a escritora em *A Emancipação da Mulher e a Imprensa Feminina (século XIX- século XX)*: “[...] A evolução das maneiras de ver o mundo é difícil e bastante complexa. Nesse momento (15/11/1897) já estavam nascendo as meninas que logo mais no início do século XX, iriam lutar pela emancipação sexual e assumir a paixão erótica (Colombina, Gilka Machado, Albertina Bertha e outras). Disponível em: <<http://www.kplus.com.br>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

foi objeto de polêmicas, ora de aplauso e entusiasmo (caso do crítico Araripe Junior) ou de crítica (Lima Barreto; Anna Ribeiro de Goés Bittencourt - da Liga Católica das Senhoras Baianas). Sua obra colocava em destaque assuntos “tabus”, como o adultério feminino e a sexualidade das mulheres e por esse motivo provocou controvérsias na época, tendo seu romance *Volante* (1926) sido considerado atrevidamente erótico<sup>256</sup>.

Como observado (tabela anterior), na nona edição do conto “O engraçado arrependido” em *Urupês* (1923), a autora Albertina Bertha não é mencionada. Entretanto, na transposição norte-americana de 1925, em G, o nome de Albertina Bertha é inserido acompanhado por adjetivações como “*talented authoress*”.

Quando publicado em 1917 com o título “A Gargalhada do Colector”, o texto mencionava o nome da escritora, mas com seu “pré-nome” abreviado: “*Sra. A. Bertha*” que, como observado em Martins (1998, p.75), gera um trocadilho. Esta inicial “A” em 1917 foi substituída por “Albertina”, em G, figurando desta forma na ficção norte-americana a referência à autora brasileira, com todas as suas letras.

Ao acrescentar o adjetivo “*talented*”, G (1925) não apenas a qualifica como universaliza sua avaliação da autora Bertha, ao colocar o adjetivo possessivo “*our*” antes da sua adjetivação (“*our talented authoress*”). G, assim, conserva a menção e o cotejo à alegria o que parece ter sido sublinhado na versão do conto de 1917, intitulado “A gargalhada do colector”.

---

<sup>256</sup> Em geral, os romances escritos por Albertina Bertha privilegiavam a situação de mulheres de uma classe social alta, que tendo recebido uma educação privilegiada, tinham um embate com a sociedade, ocasionado pelo choque entre a educação recebida e o tipo de comportamento que lhes era exigido ou esperado.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Descia outras vezes à prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos constituía os vozeirões paleontológicos dos bichos extintos – roncões de mastodontes, ou berros de estegosaurios ao avistarem-se com homos pelludos, repimpados em fetos arbóreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do Sr. Barros Barretos (p. 24).</p>	<p>On other occasions he reverted to prehistoric times. When his hearers were not over ignorant, drawing upon his own modicum of learning, he would reconstruct for their intellectual delectation the paleontological roars of extant brutes, love-growls of mammoths to their maresor the yells of the <i>stegosaurus</i> upon seeing hairy <i>homos</i> perched upon tree-ferns, according to the laughable descriptive science of Barros Barreto (p. 28).</p>	<p>On other occasions, he would hark back to pre-historic times. As he had received some education, when his listeners were not ignorant he would reconstruct for them the paleontological roar of extinct monsters-snarls of mastodons or the bellows made by colossal creatures at their first glimpse of hairy, ape-like men lolling on tree ferns-a performance that would have added fun and popularity to the lectures on fossils by our famous Barros Barreto (p. 942).</p>

O termo “pré-história” no texto de origem teve similar transposição em G e K: “pre-historic times” (com um hífen em K). A palavra “ouvintes” foi transposta por “*hearers*” em G e “*listeners*”, em K. “Bichos extintos”, em ML, tiveram a transposição com “*extant brutes*” em G e, em K, com “*extinct monsters*”. Em ML, temos “homos pelludos” que foi transposto em G por “*hairy homos*” numa tradução literal e, em K, por “*hairy, ape-like men*”, que fornece ao leitor uma idéia mais detalhada da brincadeira latina (“homos pelludos”) do texto de partida, mantida em G.

G interfere no texto de chegada ao escrever a palavra “estegosaurios” em latim, e como se trata de um estrangeirismo usa itálico: “*stegosaurus*”. G estende o texto referindo-se à audiência de Pontes e acrescenta que a personagem “[...] *would reconstruct for their intellectual delectation the paleontological roars of extant brutes* [...]”.

Nos três textos, o narrador constrói sua superioridade sobre as personagens ao desqualificar a capacidade intelectual delas: em ML, Pontes é de “algumas luzes”, o que G transpõe atribuindo-lhe a “*modicum of learning*” e, em K, Pontes “*received some education*”.

A desqualificação dos ouvintes de Pontes (quando não eram pecos) é levemente acentuada em G (*when his hearers were not over ignorant*), o que intensifica o termo “*ignorants*”, em K. A expressão “*Love of mammoths*” consta da versão de 1917.

Em ML, “Coisa de muito rir e divulgar a ciência do Sr Barros Barreto” teve sua transposição, em G, para “*the laughable descriptive science of Barros Barreto*” e, em K, “*added fun and popularity to the lectures on fossil by our famous Barros Barreto.*”

Esta passagem oferece uma ocasião muito rica para a discussão de efeitos de sentido construídos nos textos de chegada. Tanto G quanto K, são mais explícitos na apresentação de Barros Barreto, do que verificamos em ML: em G, a ciência de Barros Barreto é “*laughable descriptive*”, o que a desqualifica e, em K, verificamos que se explicita que a divulgação mencionada em ML se constitui de “*lectures on fossil*”.

Pontes reconstruía o vozerio dos animais. Há uma paráfrase neste trecho, pois G e K tomam para si a tarefa de didaticamente explicar ao leitor o que não está graficamente explícito em ML.

À medida que considerarmos que os textos em G e em K são produtos de duas leituras do texto de partida, podemos agregar a esta análise, a abordagem de Bassnett (2003) sobre o assunto das “perdas e ganhos”, que podem ocorrer quando da transposição do texto de partida para o de chegada. Segundo a autora:

o facto de ter se perdido tanto tempo a debater as perdas na transferência de um texto da LP<sup>257</sup> para a LC ignorando o que também se pode ganhar, porque o tradutor pode por vezes enriquecer ou esclarecer o texto original como resultado directo do processo de tradução. Além disso, o que por vezes parece “perder-se” no contexto da LP pode ser substituído no contexto da LC (BASSNETT, 2003, p. 61).

Desta forma, K manipula o texto de chegada (LC) ao acrescentar à sua transposição a palavra “*famous*”, para configurar à Barros Barreto<sup>258</sup> uma conotação de importância na

<sup>257</sup> Nota: Neste trecho, Bassnett se refere à LP como *Língua de Partida* e LC como *Língua de Chegada*.

<sup>258</sup> BARROS BARRETO. João de Barros Barreto. Barros Barreto nasceu no Rio de Janeiro em 14.12.1890 e faleceu na mesma cidade em 1956. Formou-se em 1912 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fez curso de aperfeiçoamento no Instituto Oswaldo Cruz, em 1918, na *John Hopkins School of Hygiene and Health*, em Baltimore (EUA), e na *Harvard School of Public Health*, em Boston, em 1924-1925. Foi inspetor sanitário do Departamento de Saúde do Estado de São Paulo. Publicou numerosos trabalhos sobre higiene. Vale aqui registrar que o escritor Monteiro Lobato, além de seu interesse pela escrita e pelo mundo editorial, liderou uma “bandeira” na tentativa de alertar as autoridades e a população sobre a precária situação sanitária brasileira. Acrescentamos, a título de elucidação, que Manguinhos foi o primeiro nome do Hospital

sociedade local, adjetivação que não está claramente explicitada no trecho em ML (LP). G optou por ser fiel ao texto de partida e não acrescenta nenhum adjetivo à figura de Barros Barretos.

O escritor Monteiro Lobato escreveu uma série de artigos sobre o problema de saneamento no Brasil, sob o título “Problema vital”, onde denunciava a doença que, sob sua óptica, vitimava o homem da roça. O primeiro bloco - “Saneamento do Brasil”- iniciado em 18 de março de 1918, com “A ação de Oswaldo Cruz”-, enaltece o cientificismo desenvolvido em Manguinhos (atual Fiocruz - RJ), na luta do laboratório e do microscópio contra as práticas caseiras e empíricas. Seguem-se outros artigos. O segundo bloco de artigos – “Problemas do saneamento”- é publicado em 5 de abril. Posteriormente: “[...] esse conjunto de textos foi reunido em livro e mandado publicar pela Sociedade Eugênica de São Paulo, em conjunto com a Liga Pró-Saneamento do Brasil”( AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 115). Manguinhos, era o hospital de referência nacional, como centro de pesquisas respeitado, onde o médico e professor Barros Barreto e Artur Neiva desenvolviam seus trabalhos, e onde fontes mencionam o trabalho do médico Barros Barreto, contemporâneo do autor ML.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Na rua, se pilhava um magote de amigos parados á esquina, aproximava-se de mansinho e - “nhoc’! - arremessava um bote de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o – “passa!”, - nervoso do incauto, e logo em seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, que gargalhava d’um modo todo seu, estrepitoso e musical - musica d’Offenbach (p. 24-25).</p>	<p>If he ran across a group of friends talking on a street corner, he would come quietly up to them and slap the calf of the nearest leg. It was funny to see the frightened jump and hear the nervous “Get out!” of the unsuspecting victim, followed by the hilarious laughter of the others and also of Pontes who had his own mode of laughter, boisterous and musical—music after Offenbach (p. 28).</p>	<p>On the street, if he ran across a group of friends standing on the corner, he would steal up behind and- bing! he would deliver a slap with his wrist on the calf of the handiest leg. It was fun to witness the frightened leap and the startled exclamation of the unsuspecting victim, and, after that, the continuous laughter of the others, and of Pontes who guffawed in a manner all his own, a combination of the boisterous and musical as in Offenbach’s operas (p. 942).</p>

A onomatopéia “nhoc” de ML foi traduzida com “bing” em K e omitida em G. Já o comando imperativo “passa” é omitido em K e transposto com “*Get out*”, em G.

Ambos os tradutores transpõem a descrição da cena. Da mesma forma, a expressão: “Era de ver o pinote [...]” é transposta, em G, com “*It was funny to see the frightened jump*”, onde o advérbio “*funny*” contrasta com o substantivo “*fun*”, termo escolhido em K. Já o termo “pinote”, que rebaixa a ação, foi transposto com “*jump*” (em G) e, em K, com “*leap*” com maior força semântica, pois figurativamente, “*leap*” seria um “*high jump*”.

Também em K, a escolha do verbo “*to witness*” confere maior ênfase ao ato, do que o verbo “*to see*”, presente em G.

Verificamos ainda que K optou pela palavra “opera” para transpor a palavra “musica” (d’Offenbach<sup>259</sup>), acrescentando uma informação ao texto de chegada.

<sup>259</sup> OFFENBACH, Jacques. Compositor, violoncelista e empresário no campo de teatro musical. Nasceu em Colonia em 1819 e faleceu em Paris em 1880. Como compositor é conhecido, sobretudo, pelas operetas [...] O sucesso internacional de suas obras contribuiu decisivamente para que a opereta se estabelecesse como gênero internacional e desse origem ao musical no século passado. Disponível em: <<http://www.convergencias.esart.ipcb.pt>>. Acesso em: 03 jun. 2010.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Pontes ria parodiando o riso normal e espontâneo da criatura humana, única que ri além da raposa bebedora, e estacava de golpe, sem transição, caindo num sério de irresistível cômico (p.25).	Pontes' laugh was an imitation of the natural and spontaneous laughter of the human species, the only one that laughs with exception of the drunken fox,— and passed abruptly without transition into a seriousness irresistibly comic (p.28).	Pontes' laugh was a parody on the normal spontaneous laughter of a human being, presumably the only creature that could make that sound except a drunken fox; but he would suddenly stop, without being gradual about it, falling abruptly into a seriousness that was irresistibly funny (p.942).

Em ML, a escolha recaiu num substantivo próprio para sujeito da sentença (“Pontes”) e, a seguir, temos o verbo “rir” (“Pontes ria[...]"). Tanto em G como em K, a escolha do sujeito incidu sobre um substantivo comum com um genitivo “*Pontes's laugh*”, para sujeito da sentença. Uma transposição semelhante de categorias gramaticais ocorre na passagem em que o verbo “parodiando”, em ML, torna-se um substantivo em G (“*a parody*”) e, em K, “*imitation*” sendo que, em G, há a substituição do termo. Nesta última transposição perde-se o sentido de “imitação rebaixada” ou “burlesca”, implícito na expressão “paródia”.



<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem differençava-se dos demais no sentido de amolecal-as prodigiosamente. E chegou a ponto que escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para que se torcesse em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avistavam, já as caras refloriam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os cóses, terceiros desabotoavam os colletes. Se entrabria o bico, nossa senhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos engasgos, fungações e asphyxias tremendas (p. 25).</p>	<p>In all gestures and, manner, in his way of walking, reading, eating; in the most trivial detail of life, this man possessed of the devil, differed from the others in that he made prodigious fun of everything. This reached such a point that it was only necessary for him to open his mouth or raise his hand for humanity to writhe in laughter. The sight of him was enough. As soon as he appeared, all faces beamed; if he made a spontaneous gesture, laughter could be heard, if he opened his mouth some shrieked, others loosened their belts so as to laugh better. If he spoke, good Lord! one heard shrieks of laughter, yells, squeaks, chokes, sniffing and tremendous catching of breath (p. 28-29).</p>	<p>In all his gestures and ways, in walking, reading, eating, in the most insignificant doings of life, this devilish fellow was different from all the others because he made them seem terribly ridiculous to one another. This reached such a point that merely to open his mouth or begin a gesture was sufficient to send all around him into spasms. Just his being present was enough. They hardly spied him before their faces were creased in smiles; if he made a move, ripples of laughter spread; if he opened his mouth, some roared, others loosed their belts, still others unbuttoned their vests. If he merely half opened his snout, Holy Mother! what outbursts, horselaughs, screams, chokings, snorts, and terrifying efforts to catch one's breath (p. 942-943).</p>

G substitui o termo “ações” (no plural) por “*detail*”, também um substantivo (mas no singular) e transpõe o ‘raio de homem’ como “*this man possessed of the devil*”, expressão que, em K, foi transposta com “*this devilish man*”. Constatamos que G e K optaram por termos com raiz no substantivo “devil”. As opções para o trecho em ML, que descrevem a personagem Pontes como um indivíduo que fazia as tarefas rotineiras sempre de um jeito maroto (“[...] amolecáva todas as suas ações”) foram diferentes em G e, em K. Em G, temos “[...] *he made prodigious fun of everything*”, e em K “*he made them seem terribly ridiculous to one another*”. Sob nossa óptica, as duas transposições ao “recriar” o trecho do texto,

perderam a idéia inicial do trecho de partida, pois o verbo “amolecar” em ML, atribui a Pontes uma maneira “marota” de praticar os atos mais triviais, e nisso se diferenciava dos outros. Já em K, temos um efeito de sentido diferente pois Pontes “[...] *made them seem terribly ridiculous to one another*”; dependendo do sentido que atribuirmos ao pronome objeto “*them*”, o sentido de rebaixamento das ações pode passar a referir-se “*the others*”.

A passagem em ML “[...] chegou a ponto que escusava abrir a boca”, foi profundamente modificada em G com: “*This reached such a point that it was only necessary for him to open his mouth*”. Em K, a sentença repete a mensagem em G: “*This reached such a point that merely to open his mouth [...] was sufficient [...]*”.

Ambos os tradutores enfatizam a necessidade da personagem Pontes “abrir a boca” para produzir hilariedade, enquanto que, em ML, esse fato era desnecessário.

A sentença em ML “Bastava sua presença”, curta e de impacto, foi transposta diferentemente por cada tradutor: entretanto ambos a alongaram. Em G, temos “*The sight of him was enough*” e, em K, “*Just his being present was enough*”.

Relativamente às diferentes opções deixadas ao tradutor, Arrojo (2007) explicita algumas considerações pertinentes ao assunto. Argumenta que o resgate das intenções do autor pelo tradutor, passa pela visão que este último faz do primeiro e de suas intenções, o que necessariamente, faz com que o resgate das intenções e do universo do autor não possa ser integral, pela própria personalização que essa visão venha a acarretar. Assim:

[...] é impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido.[...] O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. Isso não significa, absolutamente, que devemos ignorar ou desconsiderar o que sabemos a respeito de um autor e de seu universo quando lemos ou traduzimos um texto. Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e de suas intenções (ARROJO, 2008, p. 40-41).

As transposições de “[...] já as caras refluíam” em ML são, também, bem diferentes em cada tradutor. Em G [...] encontramos [...] “*all faces beamed*” e em K uma outra imagem: “*their faces were creased in smiles*”, o que dá efeito de sentido diferente à metáfora floral presente em ML.

A informação de que os ouvintes de Pontes [...] “desabotoavam os colletes [...]” é omitida em G. Em K, a ideia é mantida: “[...] *unbuttoned their vests*”.

Já a expressão “[...] *se entreabria o bico* [...]”, em ML, foi transposta por “*If he spoke*” em G, solução que atenua a imagem coloquial do texto de partida, imagem esta que encontra uma transposição também afastada em ML. K opta por uma perífrase: “*If he merely half opened his snout*”<sup>260</sup>, indicando duas palavras, “*half opened*” para o verbo “*entreabir*”.

Vale observar que em ML, temos a expressão “*nossa senhora*”; em G (cuja tradução, na menção da nota de rodapé redigida por Goldberg, parece ter sido confiada a uma mulher), temos “*Good Lord*” e, em K, um homem, temos na invocação, o mesmo gênero presente no texto de partida “*Holy Mother*”<sup>261</sup>.

---

<sup>260</sup> “*Snout*”: significa “*long noses of certain animals*”. Por exemplo: “*the pig’s snout*”. K deixa o leitor em dúvida se incorreu em algum erro de digitação (*mouth*).

<sup>261</sup> Nota: Um cidadão inglês estaria mais propenso a exclamação “*Good Lord*”, como G transpôs em seu texto, e confirma novamente sua aproximação com o inglês britânico. Já em K, temos “*Holy Mother*”, que nos remete ao catolicismo, o que seria evitado por um inglês (com raiz anglicana) por se tratar de uma exclamação de cunho “papista”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>E' da pelle, este Pontes!  - Basta, homem, você me afoga!  E caso o pandego se innocentava, com cara palerma: - Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca...  - Quá, quá, quá! – a companhia inteira, desmandibulada, chorava no espasmo supremo dos risos incoercíveis (p 25-26).</p>	<p>He beats the devil, this Pontes!”.  “Hold on, man, you’ll make me gag!”  And when the wit tried to look innocent and idiotic, remarking:  “But what did I do? I never opened my mouth. . .”  “Ha, ha, ha! everyone laughed, their jaws aching, weeping spasmodically with uncontrollable hilarity (p. 29).</p>	<p>“That fellow Pontes is unbeatable!”  “Stop, man, you’re killing me!”  The joker however wore an air of innocence on his idiotic face.  “But I’m not doing anything. I didn’t even open my mouth.”  “Ha! Ha! Ha!” the whole company shouted open-mouthed, tears streaming down their cheeks as they shook in spasms of uncontrollable laughter (p. 943).</p>

Uma expressão idiomática em ML, “É da pelle, este Pontes!” foi recriada em G com “*He beats the devil, this Pontes!*” com o auxílio de um objeto direto (*the devil*) e, em K, com “*That fellow Pontes is unbeatable!*” - por um advérbio de modo “*unbeatable*”-, que acrescenta o termo “*fellow*” para classificar Pontes.

Sobre a passagem de uma expressão idiomática para outro idioma temos a reflexão de Susan Bassnett (2003, p. 52): “A tradução de expressões idiomáticas leva-nos mais longe na consideração da questão do sentido e da tradução, porque elas, como os trocadilhos, são determinadas pela cultura”.

Consideramos ainda que sob seu prisma: “[...] a tradução das expressões idiomáticas envolve a determinação da equivalência estilística que resulta na substituição da expressão na língua fonte por outra expressão que tenha uma função equivalente na língua alvo.” (Idem, 2003, p. 53-54).

O termo “pandego” em ML se transforma em “*wit*”, em G e, em K, “*joker*”, mais próximo do texto de partida porque não tem a conotação de “intelectualidade”.

O verbo “desmandibular” em ML – verbo que é uma provável criação lexical em ML – transforma-se, em G, em um substantivo “*jaws*”, sendo, portanto, necessário acrescentar o verbo “*aching*”, solução próxima de K que recorre à outra perífrase: “*shouted open-*

*mouthed*". Quanto à transposição da representação onomatopaica do trecho ("risada") - Quá, quá, quá" – do idioma de partida, foi transposta em G e em K com "Ha! Ha! Ha!" (com a letra inicial "h" em maiúscula, em K), expressão também de cunho onomatopaico.

O substantivo concreto "*risos*", em ML, teve uma transposição para outro substantivo concreto "*laughter*" em K, enquanto que, em G, a opção foi por um substantivo abstrato: "*hilarity*".

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Com o decorrer do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade.</p> <p>Pronunciando alguém a palavra "Pontes", accendia-se logo o estopim das fungadelas pelas quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri. Assim viveu Pontes até á idade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada serio – vida de filante que dá mômos em troca de jantares e paga continhas miúdas com pilherias de truz (p. 26).</p>	<p>As time passed, the mere mention of his name was enough to provoke merriment.</p> <p>If anyone pronounced the word "Pontes" the gun-cotton of risibles by which man raises himself above animals who do not laugh, would instantly ignite.</p> <p>Thus he lived until the age of Christ in a smiling parable, laughing and provoking laughter, without a serious thought,—a vagabond life that exchanges grimaces for dinners and pays small bills with ponderous jokes (p. 29).</p>	<p>With the passing of time the mere mention of his name was enough to kindle boisterous merriment. If anybody uttered the word "Pontes," the round of snorting hilarity was set going, the noise by which man rises superior to the animals that don't laugh.</p> <p>In this manner Pontes lived along into his early thirties in the midst of a smiling parabola, as it were, himself laughing and making others laugh, and never thinking of anything serious—the life of a sponger who exchanges funny grimaces for his meals and pays his small debts with a currency of excellent jokes (p. 943).</p>

Em ML, temos "Com o decorrer do tempo", que G transpôs com "*As time passed*"; já em K, observamos "*With the passing of time.*"

Em G, temos um verbo ("*to pass*", no tempo verbal "*Simple Past Tense*") e, em K, o verbo "*to pass*" se transforma em um substantivo como sujeito: "*the passing of time*". A expressão "vida de filante", em ML, foi transposta em G com "*vagabond life*" e, em K, "*life*

*of a sponger*”, uma solução que nos parece bastante feliz, já que um indivíduo “esponjoso” se apodera de algo pela porosidade...

“Accendia-se”, em ML, é transposto em G com “*would instantly ignite*” e “estopim” com “*gun cotton*”. Já em K, a construção omite o substantivo, optando por um verbo, “*to be set going*” e pelo sujeito, “*the round of snorting*”<sup>262</sup>.

O trecho em ML “Assim viveu Pontes até a idade do Christo” manteve, em G, a alusão bíblica: “*Thus he lived until the age of Christ*”; o substantivo Pontes foi substituído pelo pronome (“*He*”), substituição que não se vale K, que no entanto omite a alusão a Cristo e especifica a idade de Pontes: “*Pontes lived along into his early thirties [...]*”.

O termo “parabola”, em ML, foi transposto com “*parabola*” em K, e por “*parable*” em G, sendo que ambas expressões remetem ao mesmo tipo de “*a short fictitious narrative from which a moral or spritual truth is drawn; as the parables of Christ*”<sup>263</sup>.

---

<sup>262</sup> “*Snort*” – [Middle English- *snorten*; akin to E. “*snore*”]: “1-*to force the air with violence through the nose, so as to make a noise, as to high-spirited horses*; 2- *to laugh loudly; usually with a contemptuous or angry snort*.” In: *Webster’s New Collegiate Dictionary*, 1949, p. 801.

<sup>263</sup> *Ibid.*, 1949, p. 608.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Um negociante caloteado, disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso: - Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca. Aquelle recibo sem sello mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil réis – valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atrás desse vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aquelles até á cabeça (p. 26).</p>	<p>A merchant whom he had cheated once said to him, amidst bursts of spluttering laughter: “You amuse me, at least, and are not like Major Carapuça who cheats with a face like a wooden Indian. That unstamped receipt troubled our wag not a little; but as the bill amounted to two dollars, it was well worth the trick. However, the memory of it remained, like a pinprick to his self-respect. Following this came other pinpricks, some shoved in with less force, others straight through (p. 29).</p>	<p>A merchant to whom he owed some money said to him one day amidst sputters of laughter, “you at least are amusing, not like Major Sourpuss, who lets his bills go unpaid with a frown.” This left-handed compliment vexed our joker, more or less; but his debt amounted to fifteen milreis, and it seemed better to swallow the taunt. However, the memory of that prick stuck in his mind like a pin in the cushion of his self-respect. Later on he felt the pins stick into him more and more, some just lightly, others right up to their heads (p. 943).</p>

Ambos tradutores, G e K transpõem o termo “negociante” por “*merchant*”. A seguir, observamos que a palavra “caloteado” em ML foi transposta, em G, com “*whom he had cheated*” e, em K, com “*(to whom he) owed some money*”, o que são opções diversas, maneiras diferentes de caracterizar as relações nem sempre corretas que a personagem Pontes mantinha com negociantes...

Em ML, “frouxos de riso baboso”, foi transposto, em G, com “*amidst bursts of spluttering laughter*” e, em K, com “*amidst sputters of laughter*”, expressões ambas que mantêm a imagem de “saliva” reconstruindo, assim, a sugestão da expressão “baboso”, presente em ML.

A construção “Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca” em ML, foi transposta diferentemente, em G e em K. Em G, a transposição usa o pronome objeto “*me*” (você me diverte, ou seja, a

mim); enquanto que, em K, temos: “*you are amusing*”, ou seja, “você é um sujeito divertido.”

G conserva no texto de chegada a denominação e o título da personagem “Major Carapuça” como está no texto de partida, enquanto K rebatiza a personagem com “*sourpass*”, que significa um “rosto de poucos amigos”, carrancudo. Ambos os tradutores se utilizam da letra maiúscula “*M*” para a palavra “*Major*” que, em ML, está grafada em minúscula.

Ambos G e K são fiéis à caracterização da personagem Pontes. G o define como um “*wag*” (como no título de seu texto), e K como um “*joker*”, como já foi discutido no começo desta análise.

O verbo “*mortificar*”, em ML, foi transposto com “*to trouble*” em G, com uma conotação mais leve do que em K, que se utilizou de um verbo com maior aproximação ao texto de partida: “*to vex*”.

Os “quinze mil réis” citados no texto de partida são transpostos, em G, com referência a seu valor em moeda norte-americana (“*two dollars*”), numa aproximação com o cotidiano do leitor norte-americano. Já K manteve a soma citada no idioma de partida.



<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Tudo cança. Farto de tal vida, o hilarião entrou a sonhar as delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem pressentir na piúgada um côro de – “Lá vem o Pontes!” em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ageita para uma barrigada das boas.</p> <p>Reagindo, tentou Pontes a seriedade.</p> <p>Desastre.</p> <p>Pontes serio mudava de tecla, cahia no humorismo inglez. Se antes divertira como o clown, divertia agora como o Tony (p. 27).</p>	<p>One wearies of everything. Sick of such a life, the tireless joker began to dream of the joy of being taken seriously, of speaking and being listened to without the play of facial muscles of gesticulating without disturbing human dignity, of crossing a street without hearing a chorus of “Here comes Pontes” in the tone of those who check laughter or prepare themselves for a hearty guffaw.</p> <p>Attempting reaction. Pontes tried to be serious—a disaster! Pontes solemnly changed his tactics and adopted English humorism. Formerly he was amusing as a clown, now he took the part of Tony (p. 30).</p>	<p>In the end, he couldn’t take it any longer. Fed up with the life he was leading, our playboy began to reflect on the pleasure of being taken seriously, of speaking and being heard without the exertion of facial muscles, of gesturing without breaking down the composure of friends, of walking along a street without hearing on his trail a chorus of, “Here comes Pontes!” shouted in tones of people doubled up in bursts of merriment or all prepared to let out huge belly-laughs.</p> <p>Reacting to this situation, Pontes tried to be serious.</p> <p>Catastrophe.</p> <p>Pontes, now harping on a sober string, naturally fell into the English style of humor. Whereas before he had figured as a diverting clown, now he was considered even more amusing as Gloomy Gus (p. 943).</p>

A lapidar expressão “Tudo cança”, do texto de partida, expanda-se em ambas as transposições, perdendo o impacto da sentença curta em ML. G transpõe a sentença indeterminando o sujeito, mas identificando-o (“*One wearies of everything*”), e K, personaliza em Pontes, a sensação de cansaço. ML nomeia a personagem Pontes, neste trecho, como de “hilarião” expressão que G transpõe com “*the tireless joker*”, e K, com “*playboy*”.

A sentença “[...] gesticular sem promover a quebra da compostura humana [...]” em ML, foi transposta, em G, com “*of gesticulating without disturbing human dignity*” e em K, com “[...] *of gesturing without breaking down the composure of friends, [...]*” Constatamos a presença do verbo no gerúndio (“*gesticulating*”) devido a presença da preposição “*of*” no idioma de chegada, antecedendo o verbo. Os tradutores

optaram por escolhas diferentes para transpor o verbo “promover” em ML. Em G, verificamos “*to disturb*” e, em K, o “*phrasal verb*”: “*to break down*”. A expressão “compostura humana”, em ML, foi transposta com “*compusure of friends*” em K, o que restringe a amplitude do universo mencionado no texto de partida.

Em ML temos: “Reagindo tentou Pontes a seriedade. Desastre.”

Esse trecho foi transposto em G com: “*Attempting reaction. Pontes tried to be serious — a disaster*”, onde a palavra “desastre” está incorporada à sentença por um travessão. G faz uma escolha estilística inversa à de ML pois sua primeira sentença é bem curta e a segunda longa. E, em K, temos: “*Reacting to this situation, Pontes tried to be serious. Catastrophe.*” Esta última expressão parece acentuar a implicação semântica de “desastre” contida no texto de partida.

A menção do humor britânico é lembrado em K com: “*Pontes, now harping on a sober string, naturally fell into the English style of humor*”, transmitindo ao leitor o tipo de humor do qual Pontes aspirava, aquela altura, em adquirir. G conserva o teor do texto de partida não se alongando em explicações: “*Pontes solemnly changed his tactics and adopted English humorism.*” Curiosamente a expressão “*clown*”- anglicismo presente no texto de partida, foi diferentemente transposta em cada um dos tradutores: “*Tony*” em G, e “*the Gloomy Gus*”<sup>264</sup>, em K, que remete a um indivíduo que vê a vida de forma pessimista, pois tudo seria errado e conduziria a um desastre, em seu foco.

Desta forma Pontes, que fazia micagens e imitava tanto “vozes de pessoas” como também o som feito pelos animais, partia agora para uma figuração sóbria, irônica. “*Tony*” seria um diminutivo do nome inglês “*Anthony*”; e se Pontes antes era considerado o “palhaço” ou o “bobo da corte” daquele momento em diante queria ser lembrado como um “*gentleman*” contido, com um humor fino e sutil.

ML inverte o posicionamento ideológico da personagem Pontes, quando este re-examina seu destino. Se nos primeiros parágrafos do texto (ML, p.23) Pontes contava piadas de inglês, ou seja, troçava dos anglo-saxões, à esta altura, queria se converter num sutil piadista à inglesa...

---

<sup>264</sup> Nos EUA, em 1900, o cartunista Fredrick Burr Opper criou a personagem “*Happy Hooligan*”, que tinha uma atitude positiva, otimista, em contraponto com outra criação do cartunista, seu irmão “*Gloomy Gus*”, o pessimista. O *cartoon* era publicado no “*Hearst papers*”. Em 1937, Opper veio a falecer. Cf. Disponível em: <<http://www.toonopedia.com/hooligan.htm>> Acesso em: 14 fev. 2011.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>O estrondoso éxito do que se afigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica, lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.</p> <p>Era certo que se não poderia traçar outro caminho na vida, além dadaquelle, ora odioso?</p> <p>Palhaço, então, eternamente palhaço á força?(p. 27)</p>	<p>The enormous success which everyone supposed to be a new phase of his comic strain, threw the penitent wag into despair. Was it possible that he could never follow any other path in life than that one, now so hateful to him? A clown then, everlastingly a clown against his will? (p. 30)</p>	<p>The resounding success of what everybody imagined to be a new facet of his comic gifts, made more morose the soul of our repentant joker. Was it then fated that he would never be able to strike out afresh on a road different from one he had followed and which he now hated? Laugh, clown, laugh, that is thy destiny (p. 943).</p>

Tanto ML, como G e K retomam o título do texto: G se refere à Pontes como o “*penitent wag*”; K utiliza o adjetivo “*repentant*”, que nos recorda do particípio do verbo “*to repent*”, como observado na denominação de sua transposição.

Afora esta identidade de retomada do título, em K, a expressão verbal “*made more morose*” é uma transposição inventiva para o “lançar sombras na alma” do texto de partida.

Os tradutores mantêm a estrutura interrogativa da passagem do texto de partida e dão diferentes expressões – ainda que sempre interrogativa - à contradição entre o riso exterior e a tragédia interior. “Palhaço, então, eternamente palhaço á força?”

G transpõe “*A clown then, everlastingly a clown against his will?*” onde a expressão “*á força*” figura como “*against his will*”. Já em K, temos o uso do vocativo, que não se apresenta em ML: “*Laugh, clown, laugh, that is thy destiny*”. K insere o adjetivo possessivo “*your*”, em sua forma antiga “*thy*”, proveniente do “*Middle English*”<sup>265</sup>.

<sup>265</sup> *Thy*. [adj. “*Middle English*” *thy, thi, thin*. Archaic]: “*of, belonging to, or connected with thee or thyself as possessor.*” In: *Webster’s Third New Dictionary*, 1976, p. 2388.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Mas a vida de um homem feito tem exigencias sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes. O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobilidade da idiotia que não ri. Não se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio á espécie humana, fóra o vereador (p. 28).</p>	<p>But the life of a grown man requires seriousness, gravity and even soberness unnecessary in youth. Even the most humble government employment, an office of alderman, requires that immobility of countenance characteristic of laughterless idiocy. One cannot conceive a smiling alderman. Rabelais' phrase is lacking in one exception: laughter is the prerogative of the human species—alderman excepted (p. 30).</p>	<p>But the life of an adult has its solemn requirements, calling for gravity and dignity not so essential in the immature years. The most modest position in an office, the job of simple town-selectman, demands the facial steadiness of at least some idiot who doesn't laugh. One just can't imagine a boisterous city-father. Rabelais' dictum has one exception: laughter is common to all the human species except to city alderman (p. 943).</p>

Em ML, adultos teriam como característica a aparência sisuda, a gravidade e até mesmo a casmurrice. A palavra sisuda está para “*seriousness*” em G e “*solemn*” em K, o que vem reforçar a idéia, em ML, que empregados nas autarquias públicas deveriam parecer “solenes e importantes”. O termo “*casmurrice*” está para “*soberness*” em G e, em K, há a modalização do termo para a palavra “*dignity*”, o que seria ligeiramente diferente, pois dignidade e casmurrice não é a mesma coisa...

Em ML o termo “casmurrice dispensável” ficou “*unnecessary*” em G, e foi suavizado em K por “*not so essential*”, o que individualiza uma opinião.

Temos o termo “vereador”, em ML que, em G, é transposto com “*alderman*”. Já K, em diferentes passagens, utiliza-se de três palavras: “*town selectman*”, “*city father*”, elevando a qualidade que descreve o posto do cargo público e, como em G, “*city alderman*”.

ML modifica a formulação do francês François Rabelais<sup>266</sup>, para quem o riso é o apanágio do homem. Ironiza a figura do homem público ao renegar-lhe este “apanágio”.

<sup>266</sup>RABELAIS, François (ca. 1493 - April 9, 1553) was a Renaissance writer, born in Chinon, Indre-et-Loire, France. Disponível em: <<http://www.biography.com>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

A expressão -“*O dito de Rabelais*”, em ML, é amenizada em G por “*Rabelais’ phrase*”, próxima da idéia contida em ML e, já K, faz um empréstimo da língua latina elevando o termo: “*Rabelais’ dictum*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, e o brio crystallizou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreoccupada como outróra. Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miséria obriga transformar rheumatismo em caretas hílares, como as quer o publico pagante (p. 28).</p>	<p>As the years passed, reflection matured, self respect grew and the free dinners tasted bitter to him. The coining of joke currency became very difficult; it no longer was cast with the former light-heartedness; now it was done as a livelihood not in thoughtless merriment of the days past. He mentally compared himself to a circus clown, old and ailing, obliged through poverty to transform rheumatism into comical faces required by the paying public (p. 31).</p>	<p>With accumulating years, his judgment matured, his self-respect steadied, and parasitic meals began to taste sour. His currency of tricks seemed harder to coin; he could no longer cast it with wonted freshness, for he was using it now for a livelihood and not for idle relaxation as formerly. In his mind he compared forces to make funny faces out of his rheumatic pains because the paying public enjoys them (p. 943-944).</p>

A tensão entre conflitos internos e a transformação física da personagem são discutidas nesta passagem em ML.

A palavra “reflexão” em ML foi transposta com “*reflexion*” em G e “*judgement*” em K, onde temos uma elevação da qualidade do termo, pois “*judgement*” envolve uma reflexão somada a uma tomada de posição.

Já a expressão “*brio*” em ML foi transposta com “*self-respect*” em ambos os tradutores.

Em ML, a expressão “jantares cavados”, fato constante na vida de Pontes, foi transposta em G com “*free dinners*”, que atenua o hábito da personagem de “filar” refeições; já K utilizou-se de uma metáfora: “*parasitic meals*” que está mais próxima da conotação semântica dada em ML.

Em ML temos a construção: “A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho.” Em G, esta sentença teve a ordem de construção invertida sintática e morfologicamente: “*The coining of joke currency became very difficult*”, sendo que o substantivo “*cunho*” foi transposto em G com outro substantivo, “*the coining*”, mas agora estando no início da sentença como “sujeito” e não mais um complemento. O substantivo “*cunho*” é transposto como verbo em K: “*to coin*”.

O trecho em ML “Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miséria obriga transformar reumatismo em caretas hílares, como as quer o publico pagante”, foi transposto em G com “*He mentally compared himself to a circus clown, old and ailing, obliged through poverty to transform rheumatism into comical faces required by the paying public.*”

Constatamos uma inversão de posicionamento sintático na frase, pois em ML “[...] quem a miséria obriga transformar reumatismo em [...]” está em G com: “[...] *obliged through poverty to transform rheumatism into [...]*”. Nesta oração o sujeito é a “miséria” (“[...] a quem a miséria obriga [...]”); já em G, o termo “miséria” está para “*poverty*”, agora com outra função sintática (“*obliged through poverty*”). Em K temos: “[...] *whom poverty forces to make funny faces out of his rheumatic pains [...]*” onde observamos, novamente, “*poverty*” como sujeito e o verbo “*obrigar*” do texto de partida está transposto em K como “*forçar*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Deu de fugir dos homens, e gastou bons mezes no estudo da transição necessária ao conseguimento de um emprego honesto. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem d'um botequim – que tudo era preferível á paspalhice comica de até então (p. 28).	He began to flee from mankind and spent months in the study of the transition necessary to obtain an honest employment for his activities. He thought of going into business, commerce, the administration of a plantation, the setting up of a bar—anything was preferable to the comic idiocy adopted up to the present (p. 31).	He began to avoid people, and spent several months studying the changes necessary in him for the attainment of an honest job. He thought of being a counter salesman, or working in some factory, or being foreman of a plantation, or possibly opening up a bar—for anything at all seemed preferable to the comic foolishness of his life till then (p. 944).

A expressão “deu de fugir”, em ML, foi transposta com “*He began to*” em G e em K. Já a expressão “fugir dos homens”, em ML, foi transposta em G com “*to flee from mankind*” e, em K, por “*to avoid people*” onde “*mankind*” e “*people*” generalizam a ação em ML (“fugir dos “homens”) e o verbo “fugir”, no idioma de partida é menos drástico que o conteúdo semântico contido na expressão “*flee from*”, no idioma de chegada.

Em ML, “bons meses” foi transposto em G somente com uma palavra “*months*” e, em K, por “*several months*”. K aproxima-se do trecho em ML pois fornece ao leitor a idéia de tempo (“um tempo longo”) contida no texto de partida. ML utiliza-se de um substantivo (“no estudo”), que é transposto em G com outro substantivo (“*in the study*”) e, em K, com um verbo (“*studying*”). Observamos a modalização em G ao utilizar-se da palavra “*several*” para transpor “bons”.

A passagem “Estudar as transições necessárias” (para conseguir um bom emprego) no texto de partida foi transposta, em G, com “*the transition necessary*”; já em K temos o alongamento “*in him*”, que centra na personagem Pontes as expectativas em relação à obtenção de um bom emprego.

O substantivo “consequimento” em ML, possível criação lexical do escritor, foi transposto com um verbo em G, “*to obtain*” e, em K, com um substantivo: “*the attainment*”.

Verificamos ainda que em ML “pensou no commercio, na industria” teve a ordem das prioridades invertida em G: “*He thought of going into business, commerce*”. Já K alonga a sentença e interfere no texto especificando a função pretendida por Pontes, ao acrescentar uma informação: “*He thought of being a counter salesman*”. Para este acréscimo, K utiliza-se de verbos (“*to be*” e “*to work*”), que não estão presentes no texto de partida (“*He thought of being a counter sales [...] working in a factory*). O advérbio “*possibly*”, também acrescentado por K ao trecho, intensifica a ação pois explicita lexicamente (pelo acréscimo de uma palavra) o caráter hipotético das opções profissionais aventadas por Pontes.

Em ML temos a sentença “tudo era preferível” que foi transposta com “*anything was preferable to the comic*” em G. A palavra “*anything*” tem, em G, um sentido pejorativo e, já K, opta por “*anything at all*”, onde “*at all*” vem reforçar a idéia de que “qualquer emprego ou ofício” serviria a personagem. O emprego do verbo “*to seem*”, a seguir, vem contrapor-se a afirmação anterior: “*anything at all seemed preferable to*” pois o emprego deste verbo vem nos fornecer uma conotação de incerteza



<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propósitos regeneradores, pedindo por fim um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o gallego e a caixeirada em peso, que espiava de longe á espera do desfecho, torceram-se em estrondoso gargalhar, como sob cócegas (p. 28-29).</p>	<p>One day, his plans fully matured, he decided to change his way of living. He looked up a friendly tradesman and frankly told him of his intentions to reform, finally asking him for a place in his business-house, if only that of sweeper He hardly finished telling his plans when the Portuguese and all the cashiers who looked on at a distance awaiting the outcome, writhed in a hearty guffaw, highly delighted (p. 31).</p>	<p>One day, his plans well advanced, he decided to change his way of living. He went to a business friend and earnestly explained his wish to mend his ways, ending by asking him for a job in his firm, even if only as sweeper. Hardly had he finished his statement when his Portuguese friend and those who were watching them near-by waiting for the point of the joke, all broke out into loud guffaws as if someone were tickling them (p. 944).</p>

“Bem maturados os planos” em ML, é transposto em G com “*fully matured*” que veio a encurtar a sentença no texto de chegada. Em K temos “*his plans well advanced*”, onde notamos a individualização da ação com o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*” e a modalização com o emprego da palavra “*advanced*” para transpor “maturados”, presente em ML. A palavra “Sinceramente”, em ML, foi transposta com “*frankly*” em G e por “*earnestly*”, em K, que intensifica o pedido de Pontes.

“Propósitos regeneradores” em ML, está antecedido em G pelo acréscimo do adjetivo possessivo “*his*” (*his intentions to reform*)” como também em K (“*his wish to mend his ways*”), o que vem a personalizar a ação do sujeito em ML.

Em ML, a construção da sentença “Mal acabou a exposição” é transposta em K com “*Hardly had he finished his statement*” onde o verbo “acabar”, no Pretérito Perfeito, é transposto com o verbo “*to finish*” no “*Past Perfet Tense*” (“*had finished*”).

Notamos também a opção pela inversão dos elementos lexicais no trecho de chegada em K : “*Hardly had he finished...*”. A palavra “exposição” é intensificada em K com o termo “*statement*”.

Tanto em G como em K, observamos que o objeto direto da sentença fica centrado na figura da personagem Pontes (pelo acréscimo do adjetivo possessivo “*his*”). Assim temos em G, “*his plans*” e em K “*his statements*”.

Há algumas interferências feitas pelos tradutores nesta passagem. O termo “gallego”<sup>267</sup>, em ML, é transposto por “*Portuguese*”, tanto em G como em K.

“Gargalhar” em ML está transposto com a palavra “*guffaw*” em ambas as transposições. A expressão “Sob cócegas” está omitida em G e transposta em K com “*as if someone were tickling them*”, onde o tradutor alonga o texto em ML.

A expressão “e toda a caixeirada”, em ML, está transposta em G com “*and all the cashiers*”, onde a palavra “*cashiers*” aparece como um falso cognato. Este termo é omitido em K que elucida a cena ao leitor com: “*those who were watching them near-by*”, generalizando o universo de ouvintes de Pontes.

---

<sup>267</sup> “Gallego”. Este termo está ligado ao nativo da província a noroeste (“*northwestern*”) da Espanha. O “gallego” seria um dialeto do Português falado na Galícia espanhola.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
- Esta é boa! É de primeiríssima! Quá ! quá ! quá! Com que então ... quá! quá! quá! Você me arruína os fígados, homem. Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago! Quá! quá! quá! Este Pontes tem cada uma... (p. 29).	“What a good joke! First class! Ha! ha! ha! Then you. . . ha! ha! ha! You’ll give me a pain, man! If it’s on account of that little bill for cigarettes, rest easy, I’m already paid for it! Ha! ha! ha! Pontes has... Do you hear that one, Jose? Ha! ha! ha!” (p. 31).	“That’s a good one! It’s the best he has pulled off! Ha! Ha! Ha! So that now. . . Ha! Ha! Ha! You’re killing me, man! If you’re thinking of what you owe me for tobacco, forget it, for I’ve got my money’s worth. That Pontes is full of tricks” (p. 944).

Em ML, a expressão idiomática “você me arruína os fígados” recebe diferentes transposições. Em G e em K, respectivamente, foi transposta com: “*You’ll give me a pain, man*” e, em K, “*You’re killing me, man*”. G faz um acréscimo ao texto de partida incluindo uma personagem, que não faz parte do texto em ML: “*Do you hear that one, Jose?*”, com o vocativo inserindo a confirmação da situação hilária.

O som da onomatopéia dos ouvintes rindo em ML “Quá! quá quá!” foi transposto em letra minúscula em G (“*ha!ha! ha!*”) e, em K, por letra maiúscula “*Há! Ha !Ha!*”, numa intensificação da ação. Desta forma, a onomatopéia que exemplifica o som de uma risada na cultura brasileira foi transposta pelos dois tradutores, no que aparenta ser, na cultura norte-americana.

A sentença condicionadora em ML, “Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago” foi transposta, em G, com “*If it’s on account of that little bill for cigarettes, rest easy, I’m already paid for it!*”, onde verifica-se o acréscimo de “*on account of*”, que prolonga o trecho. A expressão “*vá socegado*” foi transposta com uma gíria “*rest easy*”. G aproxima-se do texto em ML, semânticamente, ao transpor “*continha*” com “*little bill*”.

Já em K, temos “*If you’re thinking of what you owe me for tobacco, forget it, for I’ve got my money’s worth*” onde notamos: a inclusão do sujeito “*you*”; do “*verbo “to think*”, e a

amenização da ação com a inserção do verbo de cunho formal “*to owe*”, juntamente com a palavra “*tobacco*” que modaliza e eleva a qualidade da palavra “cigarros”, em ML.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão, e até passantes que pararam na calçada para aproveitar o “espírito”, desbocaram-se em <i>quás</i> de matraca até lhe doerem os diaphragmas (p. 29).	And the clerks, customers, the loafers and even the passers-by stopped on the sidewalk to hear the joke, and their laughter sounded like policemen’s rattles as they shook until their sides ached (p. 31).	And the clerks, the customers, the idlers at the counters and even the passers-by halted on the sidewalk in front to enjoy the joke, and made the air quiver with their roars like the beat of a rattle, till their diaphragms ached. (p. 944)

Uma expressão possivelmente corriqueira na ocasião da publicação do conto, e hoje em dia em desuso, poderá “ser apreciada” através das duas transposições: o leitor atual ficará sabendo que “[...] sapos de balcão” nada mais são do que “*loafers*” (em G) e “*idlers*” (em K).

O termo “espírito” (“*aproveitar o espírito*”) em ML, tanto em G como em K ficou transposto com o termo “*joke*”. “Aproveitar o espírito”, em G, teve a transposição com “*to hear the joke*”, que seria uma amenização da situação, pois o verbo “aproveitar” (ligado às sensações) não tem a mesma conotação que o verbo “*to hear*” (ligado à audição). Em K, temos o verbo “*to enjoy*” que transpõe literalmente “aproveitar”, em ML. Interessante constatar que a expressão aproveitar o “espírito” em ML, (onde a palavra espírito, está entre aspas), foi transposta por “*to hear the joke*” em G e em K “*to enjoy the joke*”, onde “*joke*” transpõe “espírito”.

A sentença “Desbocar em *quás* de matraca” em ML (onde “*quás*” tem a função de um adjunto adverbial) tem uma inversão sintática na transposição em G, pois a palavra “*laughter*” (equivalendo ao termo “*quás*”), assume o papel de sujeito da oração (“*their laughter sounded like policemen’s rattles*”). Já K, opta por transformar a ação descrita em ML (“desbocar em *quás* de matraca”) em uma metáfora: “*and made the air quiver.*” Em G, verificamos o acréscimo com a inclusão de uma comparação diferente da encontrada em ML, pois inclui “*policeman’s rattles*” ao trecho, para exemplificar onomatopeicamente o som das risadas dos

ouvintes de Pontes.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>O miserando, atarantado e seriíssimo, tentou desfazer o equívoco. - Falo sério, e o senhor não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas. O negociante desabotou os cós da calça. - Fala sério, pff! Quá! quá! quá! Olhe, Pontes, você... (p. 29).</p>	<p>The wretched creature, bewildered and perfectly serious, tried his best to dispel the misunderstanding: “I am in earnest and you have no right to laugh. For God’s sake, don’t make fun of a poor unfortunate who asks for work and not laughter.” The merchant loosened his belt. “You mean it? Pshaw! Ha! ha! ha! Look here, Pontes, you. . .” (p. 32).</p>	<p>Perturbed and insistently solemn, Pontes tried to make them understand they were wrong. “I’m speaking seriously and you don’t have the right to laugh at me. For the love of God, don’t make sport of a poor man who is begging you a job and who doesn’t want your laughs.” The merchant loosened the belt of his trousers. “ He’s speaking seriously, pff! Ha! Ha! Ha! Look, Pontes, you...” (p. 944).</p>

“O miserando”, em ML, um substantivo, tornou-se em G “*wretched*”, um adjetivo, seguido por um substantivo (“*creature*”). Já em K, temos a inclusão do nome da personagem Pontes ao trecho: “*Perturbed and insistently solemn, Pontes tried to [...]*”; já o adjetivo “seríssimo”, em K, foi transposto por “*solemn*”, onde o acréscimo do advérbio “*insistently*” dá conta do grau superlativo do adjetivo.

G utiliza-se de uma expressão corriqueira no idioma de chegada, “*to try one’s best*”, para transmitir “empenho”: Pontes “*tried his best*”. Já K alonga a sentença em ML (“desfazer o equívoco”) ao transpor a expressão com o verbo “*make*”, o pronome objeto “*them*” e um outro verbo “*understand*” (*He tried to make them understand*).

A palavra “equívoco”, em ML, é transposta com “*misunderstanding*” em G; já K utilizou-se de um verbo com sentido positivo “*understand*” e num contraponto, logo a seguir, utiliza-se da palavra “*wrong*”, de sentido negativo (“*make them understand they were wrong*”).

A expressão “não zombe de um infeliz” foi transposta por “*don’t make fun of a poor unfortunate*” em G, onde o adjetivo “*poor*” antecedendo “*unfortunate*”, duplica a conotação

negativa. Em K, o verbo “*to beg*”, (“*a poor man who is begging you a job*) tem maior força semântica do que “*ask for*” como em G, na transposição de “pedir por”.

Há em ambos os tradutores o uso de expressões idiomáticas na língua de chegada para o verbo “zombar” em ML: “*to make fun*” (em G) “*to make sport of*”.

Verificamos, também, que em ML o negociante tem o cós da calça afrouxado de tanto rir e diferentemente, tanto em G como em K, a personagem tem que afrouxar “o cinto” (“*The merchant loosened his belt [...].*”).

A expressão da onomatopéia em ML “*pff*” foi transposta em G pela exclamação “*pshaw*” e, em K por “*pff*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Pontes largou-o em meio da phrase, e se foi com a alma atanazada entre o desespero e a colera. Era demais. A sociedade o repellia, então? Impunha-lhe uma comicidade eterna?(p. 29).</p>	<p>Pontes left him in the middle of his sentence and went forth with his soul tortured by despair and rage. It was too much. Then everyone spurned him? (p. 32).</p>	<p>Pontes walked out on him in the middle of his sentence and went off, his soul torn between despair and anger. This was too much. So society was rejecting him? Was he condemned to remain frozen forever in his comic mold? (p. 944).</p>

O início da sentença em ML “Em meio da phrase” foi transposto, em G, com o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*” (“*in the middle of his sentence*”) e, em K observa-se a mesma opção. O verbo “largou-o” em ML foi transposto em G com “*left him*” e, já em K, há a presença de um “*phrasal verb*”: “*Pontes walked out on him*”.

Em ML, a sentença “com a alma atanazada entre o desespero e a cólera” é transposta em G com “*his soul tortured by despair and rage*” o que não seria o mesmo que o proposto no texto de partida, pois não deixa à personagem a opção da dúvida, mas sim, a certeza: Pontes sentia-se torturado tanto pelo desespero como pela raiva. Já K descreve seus sentimentos como imaginados em ML.

A expressão “era demais” em ML foi transposta com o pronome sujeito “*it*” em G; já em K, há a inclusão do pronome “*this*”, o que evidencia o fato.

Em ML, uma generalização - “a sociedade” - foi transposta com uma individualização em G: “*everyone*”: (“*Then everyone spurned him?*”) Já em K a transposição segue o texto de partida (“*So society was rejecting him?*”), mas com uma inversão de lugar para o termo “então”, que em ML está no final da sentença interrogativa. Verificamos, também, que “Então” em ML teve opções diferentes para os tradutores: enquanto que em G está transposto com “*then*” em K está com “*so*”.

Em ML, a questão “Impunha-lhe uma comicidade eterna?” foi omitida em G. Já K alonga a sentença em ML: “*Was he condemned to remain frozen forever in his comic mold?*” O verbo “impor” em ML foi transposto com “*condemn*” em K, que acrescenta uma nota enfática à comicidade “eterna” da personagem (*to remain*) “... *frozen in his comic mold*”, onde a palavra “*mold*” faz também um acréscimo ao texto de chegada.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Correu outros balcões, explicou-se como melhor pode, implorou. Mas o caso foi julgado, por voz unanime, como uma das melhores pilherias do incorrigível”, e muita gente o commentou com a observação do costume:  - E’ sempre o mesmo! Não se emenda o raio do rapaz! E olhem que já não é creança ... (p. 29-30).</p>	<p>He applied at other houses in the town, explained as best he could, implored. The case was judged unanimously as one of the best jokes of the “incorrigible” wag and many persons commented upon it with the usual observation: “He is still the same he’ll never behave, that devil of a fellow, and he is no longer young...” (p. 32).</p>	<p>He visited other firms, explained as best he could, implored. But his act was judged by unanimous agreement as one of the neatest tricks of an incorrigible joker. Many persons repeated the usual comment: “That devil of a fellow refuses to change his ways! And yet, he is no longer a child...” (p. 944).</p>

Em ML, a palavra “balcões” foi transposta com “*houses in the town*” em G, num alongamento do termo e onde a idéia de “comércio”, contida no texto de partida, fica subentendida; já K utiliza-se do termo “*firms*”, escolha mais genérica do que em ML: “*firms*” se aplica, entre alguns casos, a escritórios, pequenos negócios. Neste trecho, ML utiliza-se da palavra “caso” que em G está como “*case*”. Já K opta pelo pronome “*this*” para substituir o artigo definido (“o”) em ML, e substitui a palavra “caso” por “*act*”.

O adjetivo “unânime” em ML foi transposto com um advérbio em G (“*unanimously*”); já em K temos a presença de um adjetivo como observado no texto em ML (“*unanimous*”).

O superlativo “uma da melhores” em ML foi transposto com um equivalente no idioma de chegada, em G: “*one of the best*”. Em K, temos a presença de um outro superlativo: “*one of the neatest*”, que aproxima-se da imagem em ML.

ML refere-se a Pontes com um substantivo: “incorrigível” Já em ambos os tradutores, observamos a referência à personagem mas precedida por uma adjetivação: “*incorrigible*”. Em G, temos o substantivo “*wag*” para designar Pontes (como no título de seu texto), e, em K, temos “*joker*”- outro substantivo -, designando a personagem.



Ambos G e K transpõem a expressão “o raio de homem” igualmente: “*that devil of a fellow*”.

A sentença em ML, “E olhem que já não é creança”, foi transposta com “*he is no longer young [...]*”, onde “criança” no texto de partida, um substantivo concreto, é substituído por um abstrato, em G. K utiliza-se de um substantivo concreto equivalente à escolha em ML: “*child*”.

O imperativo em ML “olhem” foi substituído pelo “*future tense*” em G: “*he’ll never behave*”, onde o advérbio “*never*”, com grande força semântica reafirma com o uso de uma negação, um destino nada alvissareiro para a personagem Pontes. Verificamos em K, neste trecho, o emprego de “*And yet*” que tem força semântica negativa e está acompanhado por uma observação: “*no longer a child*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Barrado no commercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expoz-lhe o seu caso. O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas pelo pedido de um lugar de capataz, explodiu num ataque de hilaridade: - O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih! (p. 30).</p>	<p>Barred from trade, he turned his attention towards the farms. He looked up an old planter who had dismissed his overseer and stated his case. The Colonel, after listening attentively to his reasons, ending up with the offer to take on the job as overseer on the farm, exploded in a fit of laughter. "Pontes overseer! He! he! he!" (p. 32-33).</p>	<p>Thwarted in his commercial quest, he turned toward agriculture. He sought out a ranch owner who had discharged his foreman and explained his situation to him. After listening attentively to his statements, followed by the request to get the foreman's place, the Colonel exploded in a hilarious burst, "Pontes the foreman! Sh! Sh! Sh! (p. 945).</p>

Nesta passagem observamos que a construção em ML “Barrado no commercio, voltou-se para a lavoura” teve, em G, uma transposição próxima (“*Barred from trade, he turned his attention towards the farms*”), mas com alguns acréscimos como se segue. Notamos a inclusão do sujeito “*he*”; de um adjetivo possessivo “*his*” e da palavra “*attention*”. Já em K temos a seguinte transposição: “*Thwarted in his commercial quest, he turned toward agriculture*”, onde o substantivo “comércio” em ML se transforma num adjetivo “*commercial*”, que antecede o substantivo “*quest*”, alongando a sentença em K.

“Lavoura”, um substantivo abstrato, em ML, foi transposto em G com um substantivo concreto - “*farm*”, cuja conotação semântica é diferente daquela proposta em ML, pois este termo se aplica à grandes propriedades, e o primeiro (“lavoura”) se refere à qualquer tipo de propriedade. Já em K, o termo “lavoura” foi transposto por um sinônimo: “*agriculture*”.

Em ML, o verbo no *Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo* “despedira” foi transposto pelo *Past Perfect Tense* em ambos os tradutores: “*had dismissed*” em G e, em K, “*had discharged*”.

G refere-se ao termo “fazendeiro”, nomeado em ML, como “*old planter*”. Já K, transpõe a palavra “fazendeiro” por “*ranch owner*”, onde a palavra “*ranch*” significaria uma

fazenda mais ao estilo do oeste norte-americano. Um “capataz” em ML é em G “*an overseer*” e, para K, “*a foreman*”.

Verificamos, também, que nesta passagem ML refere-se à figura do “coronel”, senhor de terras - figura folclórica no imaginário dos brasileiros - que tem uma conotação secular de poder monetário e político. Tanto G como K transpõem o termo de forma errônea, ou seja, referem-se ao *fazendeiro* como um homem do exército: “*a Colonel*” (um falso cognato), o que não condiz com o texto de partida e faz com que se perca a conotação nas entrelinhas desta figura folclórica, um verdadeiro “manda-chuva”, tal o poder no Brasil patriarcal e agrário.

A onomatopéia que configura uma risada “Ih!Ih! Ih!, em ML, é transposta por “He!he!he!” em G e, em K, por “Sh”!sh! sh”, numa provável aproximação com o novo leitor, de outro idioma e cultura, em datas distintas.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>- Mas... -Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! E’ muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguém! E berrando para dentro: - Maricota, venha ouvir esta do Pontes. Ih! Ih! Ih!(p. 30).</p>	<p>“But. ...” Let me laugh, man, you don’t hear this sort of thing in the country very often. He! he! he! Splendid! I have always said there was no wit like Pontes! None!” And shouting within doors: “Maria come and hear Pontes’ latest. He! he! he!”(p. 32-33).</p>	<p>“But...” Let me laugh, man, for I don’t get a chance often to do so here in the back woods. Sh! Sh! Sh! That’s a good one! I’ve always said that for making jokes, Pontes, old boy, there’s no one your equal!” And bellowing into the house, “Maricota, come out here and listen to this new one of Pontes. It’s a scream! Sh! Sh! Sh!” (p. 945).</p>

Em ML, o trecho se inicia com a palavra “Mas...” sem aspas e, já em G e em K, o termo está transposto com o equivalente no idioma de chegada, mas entre aspas. (“*But...*”). As reticências acompanham o trecho de partida em ambas as transposições.

A expressão “*Deixe me rir*”, em ML, está transposta com “*Let me laugh*” em ambos os tradutores. A palavra “roça” em ML foi transposta com o termo “*country*” em G, o que fornece uma pálida noção da idéia semântica contida no trecho de partida. Já em K temos “*back wood*”, que se aproxima mais do termo. Em ML, “isto é raro”, está transposto com “*very often*” no texto de chegada. G optou por acrescentar uma sentença, juntamente com um

verbo auxiliar na negação, seguido pelo verbo principal e complemento para contrapor a idéia positiva contida em “*very often*”:<sup>2</sup> Assim em G, temos: “*you don’t hear this sort of thing in the country very often*”; já K acrescenta também uma outra sentença: “*I don’t get a chance often*”.

A expressão “É muito boa”, em ML, foi transposta com outra expressão contendo uma só palavra “*Splendid*” em G. Já em K temos a expressão: “*That’s a good one!*” que alonga a sentença com a inclusão do demonstrativo “*That*” e do indefinido “*one*”.

Há um acréscimo para a sentença em ML: “Graça como o Pontes [...]” em G “*there was no wit like*” onde temos o verbo “*haver*” que não está presente na construção do texto de partida, a negação (“*no*”) antecedendo a palavra “*wit*”, que eleva o termo (“*graça*”) em ML. Já em K, temos uma inversão pois o coronel dirige-se à personagem Pontes e não a si próprio como em ML e G, numa constatação. Assim, temos: “*Pontes, old boy, there’s no one your equal*”, onde temos a inclusão de uma expressão “*old boy*” e “*your equal*”.

Em ML, a palavra “ninguém” está em G como “*none*” e em K “*no one*”.

“Significativamente o nome próprio *Maricota* em ML é transposto em G por *Maria* e conservado em K, como no texto de partida. Em ML temos: “venha ouvir esta do Pontes” e em G temos o uso de um superlativo: “*come and hear Pontes’ latest*”. Em K temos: “*come out here and listen to this new one of Pontes*” onde K opta pelo não uso do genitivo como em G (“*Pontes’ latest*”). Em G, o verbo “ouvir” é “*hear*” e, em K, “*listen*”.

Em ML, temos o riso como “*Ih!Ih!Ih!*” e, em G, o ato de rir está transposto com “*He!he! he!*” confirmando novamente a aproximação com a onomatopéia do riso do leitor de outra cultura. Já K, configura o riso como “*Sh!sh!Sh!*”, aproximando seu texto com o novo leitor (1947), e numa explicação, K faz um acréscimo ao texto de chegada: “*It’s a scream*”, antecedendo com esta sentença a onomatopéia do riso.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé para a mão o que levou annos a crystallizar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre (p. 30-31).	That day the unfortunate wag wept. He understood that one cannot destroy overnight what has taken years to form. His reputation as a funny man, as a joker, as inimitable, as monumental, was built of far too good mortar and cement to crumble so soon (p. 33).	On that day our unhappy joker wept. He finally understood that one cannot destroy in a twinkling what it has taken years to build. His reputation as the unexcelled life of the party and as a joker unequaled and monumental, was build of lime too good and cement too hard to be overthrown suddenly (p. 945).

Verificamos que as escolhas para o termo “engraçado”, em ML, são mantidas neste trecho tanto em G como em K. Desta forma, “engraçado” está para G como “*wag*” e, em K, temos “*joker*”. ML faz um contraponto interessante com o termo “engraçado”. Refere-se à Pontes como um “engraçado” mas que é infeliz, um contra senso na conotação semântica...

Notamos, também, que ML utiliza-se de uma expressão idiomática: “Compreendeu que *não se desfaz do pé para a mão* o que levou annos a crystallizar-se” para explicar os motivos pelos quais Pontes não se desembaraçava da imagem de gozador. G transpõe o trecho como: “*He understood that one cannot destroy overnight what has taken years to form*”, onde notamos o acréscimo do pronome “*he*” ao texto; a inclusão do verbo “*destroy*” numa elevação do termo ao verbo “desfazer” em ML, pois acreditamos que “destruir algo” possui maior força semântica do que “desfazer”. A expressão “levou anos a cristalizar-se”, em ML, ficou em G “*what has taken years to form*”, onde notamos o uso do verbo no *Present Perfect Tense* transpondo o *Pretérito Perfeito* em ML. Já em K, temos uma construção bem elaborada “*He finally understood that one cannot destroy in a twinkling what it has taken years to build*” onde observamos os seguintes acréscimos: o pronome sujeito “*He*” (como em G) e o advérbio “*finally*” que vem reforçar o sentimento de derrota pessoal de Pontes. O *Pretério Perfeito* em

ML (“levou”) foi transposto com o *Present Perfect Tense* em K (“*has taken*”). “Esboroar de chofre”, em ML, teve, em G, a transposição para “*to crumble*”, que significa “ser esmagado” e, em K, temos “*to be overthrown suddenly*”, (“ser removido de sopetão”) o que fornece ao leitor uma imagem condizente com o trecho de partida.

Notamos, também, que “com muito boa cal” em ML teve a transposição para “*too good mortar*”, em G; já em K, “*of lime too good*”, fazendo uma inversão de posicionamento lexical com a expressão “*too good*”. A palavra “cal” em ML teve escolhas diferentes na transposição: é transposta com “*mortar*” em G e com “*lime*” em K.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes volveu as vistas para o Estado, patrão comodo e único possível no caso, porque abstracto, porque não sabe rir, nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a serio – o caminho da salvação, pois, embicava por alli (p. 31).</p>	<p>However, it was necessary to change his mode of life and Pontes began to reflect on government employment, the most convenient and only possible master in this abstract case, because it neither knows how to laugh, nor does it know from close observation the cells whence laughter arises. This master, and this one alone, would take him seriously - the road to salvation, therefore, lay in that direction (p. 33).</p>	<p>Yet he felt impelled to change his way of living. Pontes now turned his consideration toward a political job, for government is an accommodating employer, perhaps the only one approachable under the circumstances; it is impersonal, it has nothing to do with laughter and doesn't even know intimately the separate units that make it up. Such an employer alone would take him seriously – yes, the road to salvation led that way (p. 945).</p>

ML inicia esta passagem com o *Prétérito Imperfeito* do verbo “urgir”, seguido por “entretanto”, diferentemente de G que inicia a sentença com a conjunção “*however*”.

O verbo “urgir” do texto de partida, omitido em G, foi substituído por uma sentença “[...] *it was necessary to* [...]” o que atenua a imposição implícita de ordem contida em “urgir” no texto de partida.

Já em K, temos uma construção que se inicia com “*Yet*”, similar à “*but*”, uma conjunção adversativa. Em G, o sujeito da oração “*it was necessary*” é o pronome “*it*” (que denota impessoalidade); já o sujeito em K é “*he*” (que denota personalização, inclusive em gênero) o que vem focar na personagem Pontes, o foco da ação contido no verbo “urgir” do texto de ML. Verificamos, também, em K um acréscimo ao texto de partida com o verbo “*to feel*” acompanhado pelo particípio passado “*impelled*”: (“ [...] *He felt impelled to* [...]”). Assim, em G, a ordem emitida em ML (“urgia”) adquire uma conotação impessoal e, em K, adquire um feição pessoal com a inclusão do pronome pessoal (“*He*”) e de “*feel impelled to*”.

A expressão em ML “mudar de vida” foi alongada em G com “*his mode of life*” onde verificamos a inclusão do adjetivo possessivo “*his*” e da palavra “*mode*”.

Já K opta pela inclusão do possessivo “*his*” personificando a ação e a expressão “*way of living*”, na minha óptica mais coloquial do que em G. Notamos, também, que o substantivo abstrato em ML (“vida”) e, em G, (“*life*”), foi substituído pelo verbo “*live*” numa interferência morfológica.

A sentença que se inicia com a conjunção aditiva “e” em ML (“e Pontes volveu a vista para o Estado”) foi transposta em G pela conjunção “*and*”. Em K temos eliminada a conjunção e observamos a inclusão de uma oração principal (“*Pontes now turned [...]*”).

A metáfora em ML “Volver a vista” está transposta com “[...] *began to reflect on [...]*” em G e, em K, por “[...] *turned his consideration [...]*”. G intensifica a ação em ML com o emprego de um superlativo “*the most convenient*”, que não consta no texto de origem. A seguir, G acrescenta a palavra “*master*”, elevando o conceito de “patronagem” contida na palavra “Estado” em ML.

A generalização contida em ML, “no caso”, está transposta em G com “*in this abstract case*”, onde observamos a inclusão de uma expressão nominal definida “*this*”, o que vem individualizar o trecho e contrapor-se à impessoalidade em ML.

O termo “Estado” em ML foi transposto com duas palavras em G (“*government employment*”). Observamos que a palavra “Estado”, - com letra maiúscula em ML-, foi modalizada em sua importância tanto em G, ao optar pelo emprego de uma letra minúscula - “*government*”, como em K, (“*government*”). Nota-se, ainda, um acréscimo em G, em relação ao trecho de partida, ao incluir o termo “*employment*” que tem a função de substantivo.

A sentença em ML “[...] patrão comodo e único possível” foi transposta, em G, com o auxílio de um superlativo que antecede o termo “patrão” (“[...] *the most convenient master*”). G faz uma interferência no texto de chegada, pois, transpõe “comodo” em ML com “*convenient*”, seguido por “*and only possible*”, como observado no texto de partida. Já em K, temos o artigo indefinido “*an*”, que não consta em ML, seguido por “*accommodating employer*”, sendo a palavra “*employer*” a opção em K para “patrão”, como verificamos em ML.

K modifica o trecho de partida, pois, insinua a dúvida ao iniciar a sentença com “*perhaps*”. A seguir, o tradutor acrescenta uma informação que não está presente em ML: “*the only one approachable under the circumstances*”. K interfere ao fazer um acréscimo no texto de chegada e opinando sobre o conceito de “governo”. “*It is impersonal.*”



Em ML, a sentença “[...] porque não sabe rir [...]” está transposta em G com “[...] *because it neither knows how to laugh*” o que condiz com o trecho de partida. Já em K verificamos: “[...] *it has nothing to do with laughter*”, o que nos transmite uma idéia diferente do texto de partida, pois K conceitua governo como algo que “não tem nada a ver com o riso”, ou seja, é sério e, em ML, “o governo não sabe rir....”

A sentença “Nem conhece de perto as cellulas que o compõem”, em ML, foi transposta, em G, com “*nor does it know from close observation the cells whence laughter arises*”, onde verificamos que a expressão “de perto” está transposta com “*from close observation*”.

Notamos, também, a inclusão da palavra “*observation*” em G assim como o acréscimo da explicação “*whence laughter arises*” o que alongou a sentença no idioma de chegada. G conserva sua opção inicial e, desta forma, o termo “patrão”, em ML, está transposto com a palavra “*master*”.

O tom enfático observado em ML (“nem conhece”) está mantido em K: “*He doesn't even know*”. K transpõe a idéia contida em ML por “*intimately*” que substitui no idioma de chegada a expressão “de perto”, em ML. A palavra “células” em ML está transposta, em K, com “*separate units*”. Verificamos que a expressão “*such an employer*” reafirma com o termo “*employer*” a escolha inicial, em K, para a palavra “patrão”. O termo “*such*” empregado pelo tradutor intensifica o apontamento em ML.

Em ML “só elle, o tomaria a sério” está transposto em G com “*this one alone , would take him seriously*” onde notamos que “elle” foi transposto por “*this one*”. Em K, temos outra construção para a sentença em ML: “*(Such an employer) alone would take him seriously*” onde observamos a expressão “a sério” em ML transposta, tanto em G como em K, com o auxílio do advérbio de modo “*seriously*”.

Verificamos em ML o emprego do travessão antecedendo a sentença que se inicia com “- o caminho da salvação”. Em G, este trecho respeitou o emprego do sinalizador, como consta no texto de partida e, também, a conotação semântica contida em ML: “*-the road to salvation*”.

Já em K temos a confirmação do travessão contido em ML e , à seguir, um acréscimo do tradutor com uma palavra de conotação assertiva: “*yes,*” e logo depois, a expressão, similar em G : “*the road to salvation*”

Em ML observamos “[...] pois, embicava apor alli” onde, em G, temos a transposição “*therefore lay in that direction*” com tempo verbal no “*Simple Present Tense*” ao invés do tempo do Pretérito, como em ML. Em K temos “*led that way*”, onde a escolha recaiu como no texto de partida, no tempo do Pretérito. O dêitico “alli”, em ML, ficou transposto em G com “*that direction*”, onde observamos o acréscimo do demonstrativo “*that*”. Já em K, observamos “*that way*” com a inclusão de “*that*” como está em G.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Estudou a possibilidade da agencia do correio, dos tabellionatos, das collectorias e do resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha da collectoria federal, cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era decrer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado para qualquer hora (p. 31).	He studied the possibility of a postoffice agency, notary office, collector's office and others. Weighing well the pros and cons, trumps and suits, he decided upon the choice of a federal collector's office, the occupant of which, a Major Bentes, being old and suffering from heart trouble, was not expected to last long. His aneurism was the talk of the town, the final break being, expected at any moment (p. 33).	He examined the possibility of serving in the postoffice, or the department of justice, or with the tax collector and all the rest. Weighing the pros and cons carefully, with all the trumps in the deck, he fixed his choice upon the federal internal revenue office, whose head, Major Bentes, would probably not last long because of his age and a heart ailment. There was public gossip about his aneurism or tumor in an artery that might burst any time ( p. 945).

Nesta passagem ML inicia o trecho com a sentença “Estudou a possibilidade do correio” onde foi seguido na transposição em G, que apenas alterou o artigo definido em ML (da agência) para indefinido (“*an agency*”), generalizando o termo do texto de partida.

Em G, o verbo “estudar” em ML foi transposto com um similar em inglês (“*study*”); já em K temos “*examined*” para “estudar”.

O termo “tabelionato” foi transposto com “*notary office*” em G. Já em K, a palavra foi transposta com “*department office*” o que não significa a mesma coisa, pois é um termo mais abrangente... Outra autarquia pública mencionada em ML, “collectoria”, foi transposta com “*collector's office*” em G e, em K, com “*tax collector*”. Desta forma, na transposição em G, a personagem Pontes “trabalharia no escritório da coletoria” e, em K, “ocuparia o cargo de coletor de impostos”.

A expressão “do resto” em ML foi transposta em G com “*and others*”. Já em K temos “*all the rest*”. A sentença em ML, “Bem ponderados os prós e contras” foi seguida na

transposição por “*Weighing well the pros and cons*” em G, onde verificamos a inversão de posicionamento do verbo (“*weigh*”) em relação ao advérbio de modo que, em G, segue o verbo diferentemente do que acontece em ML, como constatado.

Verificamos, em K, a construção da sentença “*Weighing the pros and cons carefully*” onde o advérbio de modo “bem” foi transposto por “*carefully*”, posicionado no fim da sentença no trecho de chegada.

Notamos a expressão “trunfos e naipes” em ML que foi transposta, em G, com outra expressão: “*trumps and suits*”. Já K alonga o texto “*with all the*” e utiliza-se da expressão idiomática “*with all the trumps in the deck*”.

Em ML, a sentença “Fixou a escolha da coletoria federal, cujo ocupante, major Bentes [...]” foi transposta em G com “*he decided upon the choice of a federal collector’s office, the occupant of which, a Major Bentes,*”, onde verificamos o verbo “fixar-se” transposto por “*decide upon*”.

Notamos a impessoalidade na transposição, em G, em relação à personagem Major Bentes. Em G, o chefe da Coletoria Federal seria um “tal de major Bentes”, indicado pelo emprego do artigo indefinido “*a*” antecedendo a denominação do cargo, o que confere uma impessoalidade à personagem. Já K transpõe por “*whose head, Major Bentes*” onde “*head*” eleva a importância do cargo do Major na ficção em ML.

Notamos que a sentença “por avelhantado e cardíaco, era decrer não durasse muito”, no texto de partida, foi transposta em G com “*being old and suffering from heart trouble, was not expected to last much*” onde constatamos a inserção do verbo “*to be*” e do verbo “*to suffer*”, o que alonga a sentença. Em ML, o termo “cardíaco”, um adjetivo, foi alongado em duas palavras, um substantivo e a sua qualificação em G: “*heart trouble*”.

Já em K, verificamos várias intervenções. Primeiramente, constatamos a inversão do posicionamento das palavras em relação ao trecho de partida. Assim, temos “*would probably not last long because of his age and a heart ailment*”, onde observamos que o verbo “durar”, em ML, está transposto com “*to last*”. K interfere no trecho ao inverter a ordem das sentenças presentes em ML( como observado na tabela).

Notamos, também, em K, que o verbo “decrer” foi transposto com um advérbio (“*probably*”), incluindo a dúvida na sentença que se contrapõe a assertividade (“decrer”) presente neste trecho em ML. A palavra “por” em ML teve um acréscimo e foi transposta por “*because of*” em K. Já o adjetivo “avelhantado”, em ML, foi transposto com um substantivo

“age”, em K. O adjetivo “cardíaco”, em ML, foi transposto com duas palavras em K - um substantivo “*ailment*” e “*heart*” - que o qualifica: “*heart ailment*”.

A expressão idiomática em ML, “na berra pública” foi transposta em G com outra expressão idiomática da língua inglesa: “*the talk of the town*”. Já a expressão “[...] *com rebentamento esperado*”, em ML, foi transposta com “*the final break being*” em G, onde “rebentamento” foi transposto com duas palavras (“*final break*”), e o particípio passado (“esperado”), substituído por um gerúndio (“*being*”).

Já K interfere sintaticamente no trecho “Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado para qualquer hora” ao transformar um sujeito, em ML, num complemento. Assim o sujeito em ML. (“Seu aneurisma”) transforma-se num complemento em K (“*about his aneurism*”) numa interferência sintática.

Observamos, neste trecho, algumas interferências em K: a inserção do verbo “*There be*”; a adição de uma informação que não consta no texto de partida “*tumor in an artery*”; e a modalização do tom de assertividade presente em ML, para a dúvida. “Esperado o rebentamento”, em ML, foi transposto por “*might burst*” por K, o que semânticamente não é a mesma coisa, pois o modal “*might*” sugere a possibilidade, e o verbo “esperado” em ML, deduz uma assertividade.

A expressão “a qualquer hora” em ML teve escolhas diferentes para a transposição: em G, observamos “*at any moment*” e, em K, “*any time*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito rico, em via de influenciar a política no caso de realizar-se tal reviravolta no governo. Lá correu atrás delle e tantas fez para movel-o á sua pretensão que o parente o despediu com promessa formal (p. 31).	Pontes' trump card was a relative in Rio, a rich man on the way to influence in politics, should a change of government occur. Pontes chased after him and worked so hard to interest him in his claim that the man finally dismissed him with a sure promise (p. 34).	Pontes' ace card was a relative in Rio, a wealthy fellow able to exert political pressure if certain changes in the government took place. Pontes followed him around and did so much to win him over to his idea that his relative finally dismissed him with a formal promise (p. 945).

ML inicia este trecho com a sentença: “O az de Pontes era um parente do Rio”. Tanto G como K optam por uma construção similar no idioma de chegada, mas com escolhas diferentes na transposição da palavra “az”: G opta por “*trump*” e K, por “*ace card*”.

Notamos que “um sujeito rico”, presente no texto de partida, teve uma modalização na transposição em G: “*a rich man*”, onde a palavra “*man*” é mais formal do que o substantivo “sujeito”, em ML. Já em K temos “*a wealthy fellow*” sendo que o termo “*fellow*” possui uma conotação mais casual, como consta em ML o que aproxima as duas culturas.

“Em via de influenciar a política”, no texto de partida, teve a transposição em G (“*on the way to influence in politics*”) similar ao conteúdo semântico em ML (“influenciar a política”). Já K opta por “*able to exert political pressure*”, onde o substantivo abstrato em ML (“política”) transforma-se em um adjetivo (“*political*”) seguido por um substantivo (“*pressure*”). A premonição em ML (“em via de influenciar a política”) foi transposta com uma modalização assertiva em K (“*able to exert political pressure*”). A seguir, K desfaz a conotação de assertividade e se aproxima da semântica do trecho do texto de partida, quando opta pela introdução de uma sentença condicional, impondo condições de restrição como as citadas em ML -“no caso de realizar-se tal reviravolta no governo”- “*if certain changes in the government took place*”.

A condição imposta na sentença, em ML, “no caso de realizar-se tal reviravolta no governo” está transposta em G por “*should a change of government occur*” que

impõe, também, uma condição. A expressão “[...] reviravolda no governo [...]” presente em ML, foi transposta por “*a change of government*” em G e, em K, por “*changes in the government*” onde o substantivo singular em ML (“reviravolta”) está transposto no plural (“*changes*”).

Notamos que a sentença “Lá correu atrás dele”, em ML, foi transposta, em G, com “*Pontes chased after him*”, onde há a omissão do dêitico “lá” presente em ML.

Verificamos, também, em G, a intensificação da ação em ML (“coreu”) com o verbo “*to chase*”. Há a presença de outra interferência em G, ao incluir o nome da personagem Pontes (“*Pontes chased after him*”), o que não consta no texto de partida. K opta por incluir, também, o nome da personagem e ameniza a ação utilizando-se do verbo “*to follow*”: “*Pontes followed him*”.

A expressão “e tantas fez para movel-o à sua pretensão” em ML teve uma inversão morfológica em G (“*and worked so hard to interest him in his claim*”). A expressão idiomática “e tantas fez” em ML, foi transposta pelo advérbio “*hard*” precedida pelo intensificador “*so*” e um verbo “*to work*”, o que alonga o texto em G. Em ML, “move-lo” foi transposto com uma modalização “*to interest him*”. Em ML, o substantivo “sua pretensão” foi transposto, em G, com “*in his claim*”, o que eleva o termo.

Já em K temos para o trecho: “[...] *and did so much to win him over to his idea*”, onde a expressão em ML “tantas” está transposta por “*so much*”; o verbo “move-lo” está transposto por “*to win him*”. Constatamos a modalização em K ao transpor “pretensão” em ML, por “*ideas*” o que amenizou, em K, este trecho do texto de chegada.

A sentença “que o parente o despediu com promessa formal”, em ML, teve em G, a seguinte opção na transposição: “*that the man finally dismissed him with a sure promise*”, onde o substantivo “parente” foi transposto com “*man*” o que confere ao fato uma impessoalidade. G inclui o advérbio “*finally*” ao trecho e modaliza ao transpor “formal” pela certeza “*sure*”. Já em K temos: “*that his relative finally dismissed him with a formal promise*”, onde K inclui o advérbio “*finally*” numa reforço à ação e o possessivo “*his*” enfatizando a relação entre a personagem Pontes e seu parente.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Vae socegado, que em a coisa rebentando por cá, e o teu collector rebentando por lá, ninguém mais ha de rir-se de ti. Vae, e avisa-me da morte do homem sem esperar que esfrie o corpo.</p> <p>Pontes voltou, radioso de esperança e aguardou pacientemente a sucessão dos factos, com um olho na política e outro no aneurisma salvador (p. 31-32).</p>	<p>Go in peace, for when the affair breaks out here and your collector breaks down there no one will laugh at you any more. Go, and advice me of the man's death without waiting for the body to cool.”</p> <p>Pontes returned radiant with hope and patiently waited for subsequent events, with one eye on politics and the other on the provident aneurism (p. 34).</p>	<p>Don't worry, for if I get the break I expect in the government and your collector's artery explodes opportunely, nobody is ever going to laugh at you again. Now get along, and let me hear from you when your man dies, and don't wait for his corpse to get cold.”</p> <p>Pontes returned home radiant with hope and patiently awaited the movement of events, one eye on politics and the other on the tumor that was to provide his salvation (p. 945).</p>

Em ML “Vae socegado” está transposto em G por “*go*”, também no imperativo e o advérbio “socegado” sofre uma modalização em sua transposição: “in peace”

Já em K temos “Don't worry” também um imperativo, mas agora, negativo. A palavra “coisa”, uma generalização em ML, foi transposta em G com “*affair*” numa elevação do termo.

Observamos em K uma inversão sintática e morfológica da sentença inicial em ML. Assim, o sujeito “coisa” torna-se um objeto direto, em K, transposto com “*the break*” O sujeito da oração é o pronome pessoal “*I*”, enquanto que, em ML, é “coisa”. Por sua vez, em G, o sujeito é a palavra “*affair*”

O verbo “rebentar” em ML está transposto por um “*phrasal verb*” em G “*break out*” e, em K, “*break*”, mas quem sofre a ação, em K, é o sujeito “*I*”. Há o alongamento, em K, com o verbo “*get*”. O dêitico “*por cá*”, em ML, foi transposto com “*here*” em G e K o omite.

A expressão “[...] o teu collector” em ML foi transposta em G com “*your collector*” e, em K, há um alongamento com o uso do genitivo: “*your collector's artery*”, onde a palavra “artery” constitui-se num acréscimo ao texto de partida.



O termo “rebetando”, em ML, foi transposto com “*break down*” em G e, em K, há uma intensificação da ação com o verbo “*explode*”. O dêitico “por lá” em ML está presente em G com “*there*”. Já K interfere no texto de chegada ao incluir o advérbio “*opportunely*” que é diferente da expressão “por lá”, que consta em ML.

A sentença “ninguem mais ha de rir-se de ti” em ML foi transposta com “*no one will laugh at you any more*”, com a intensificação da proposta em ML: “no more”. Já em K, temos: “*nobody is ever going to laugh at you again*” onde “mais”, em ML, foi transposto com uma intensificação “*ever*” e onde podemos observar a inclusão da palavra “*again*”.

Em ML, “Vae, e avisa-me da morte do homem sem esperar que esfrie o corpo” está transposto em G com: “*Go, and advice me of the man’s death without waiting for the body to cool.*” o que condiz com o texto de partida.

Já em K, temos: “*Now get along, and let me hear from you when your man dies, and don’t wait for his corpse to get cold*”. Há várias interferências por parte do tradutor. Constatamos a inclusão do advérbio de tempo “*now*”, que principia a sentença e que não consta do trecho de partida. O verbo “vae”, em ML, foi transposto com “*get along*”, mais informal. Notamos, também, um acréscimo “*from you*”, que intensifica e personaliza o pedido ao interlocutor.

K faz um outro acréscimo ao texto ao incluir a palavra “*when*”, numa manipulação lexical. Interfere, novamente, no trecho ao fazer uma inserção com o adjetivo possessivo “*your*” o que intensifica a ação e personifica a ação (“*your man*”).

A expressão “sem esperar”, em ML, foi transposta por “*don’t wait*”, onde a palavra “sem” foi substituída na transposição, por um auxiliar do “*Present Tense*” na negativa. Notamos o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*” que intensifica a ação; a palavra “corpo”, em ML, foi transposta por “*corpse*”, de cunho mais formal do que no texto de partida. O verbo “esfriar”, em ML, foi transposto por um verbo “*get*” no idioma de chegada, juntamente com o acréscimo do advérbio “*cold*”.

Em ML, a sentença “Pontes voltou, radioso de esperança [...]” foi transposta em G, literalmente, com “*Pontes returned radiant with hope*” e em K temos: “*Pontes returned home radiant with hope*” onde notamos o acréscimo da palavra “home” que não consta em ML.

Verificamos que em ML a sentença “[...] e aguardou pacientemente a sucessão dos factos” foi transposta, em G, com “[...] *and patiently waited for*

*subsequent events*” onde constatamos a inversão do posicionamento do advérbio (“*patiently*”) que antecede o verbo “*to wait*” em G Já em K temos “ [...] *and patiently awaited the movement of events*“, onde o termo “sucessão” em ML foi transposto em G por “*subsequent*” e em K foi alongado por “*movement of* . Já a palavra “fatos”, em ML, foi transposta com “eventos” em G e em K.

A sentença em ML “[...] com um olho na política e outro no aneurisma salvador” foi transposta, em G, com “[...] *with one eye on politics and the other on the provident aneurism* “onde G modaliza a ação com uma informação inserindo o termo “*provident*”, numa manipulação do trecho.

Já em K temos alguns acréscimos. Vejamos: “[...] *one eye on politics and the other on the tumor that was to provide his salvation.*”, onde notamos a transposição do termo “aneurisma” por “*tumor*”, que não é a mesma coisa.

Notamos o acréscimo de uma sentença em K (“*that was to provide his salvation*”) onde observamos a presença da conjunção “*that*”; do verbo “*to be*”no “*Simple Past Tense*”, do verbo “*to provide*”e a inserção do adjetivo possessivo “*his*”, numa individualização da ação, antecedendo o substantivo abstrato “*salvation*”. Em ML a palavra “*salvador*” qualifica o substantivo “aneurisma”. K ao inserir esta sentença (“*that was to provide his salvation*”) intensifica o conteúdo semântico em ML.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
A crise veio afinal; caíram ministros, subiram outros e entre estes um político negociista, sócio do tal parente. Meio caminho era já andado. Restava apenas a segunda parte (p. 32).	Finally the crisis came; ministries fell others rose to power and among these a negotiating politician, partner of the relative. Half the battle was over, the other half still to be fought (p. 34)	The political crisis came first, ministers fell, others replaced them, and among the latter a party big-shot who was associated with Pontes' relative. The road now was half traveled. Just the second part remained (p. 945).

Verificamos que a sentença em ML “A crise veio afinal” foi transposta em G com “*Finally the crisis came*”, onde o advérbio “*finally*” inicia a sentença. Já em ML, a sentença se inicia com o sujeito (“a crise”).

Em K, temos “*The political crisis came first*” onde notamos a inserção de uma qualificação (“*political*”) para a palavra “crise” que não consta em ML. Temos uma interferência lexical em K, pois, o termo “afinal” foi transposto por “*first*”, o que modifica semanticamente o texto de partida.

Em ML, temos a sentença “[...] caíram ministros, subiram outros e entre estes um político negociista, sócio do tal parente”, que foi transposta em G próxima do texto de partida por: “[...] *ministries fell others rose to power and among these a negotiating politician partner of the relative.*” Já em K, temos : “[...] *ministers fell, others replaced them, and among the latter a party big-shot who was associated with Pontes*”. Há uma modalização em K em relação ao trecho.

Observamos que a expressão “subiram outros” foi transposta por “*others replaced them*” onde notamos, além do alongamento, uma interferência no texto de chegada. Assim, o verbo “subir” foi transposto por “recolocar” e o termo “outros” pelo pronome objeto “*them*”, que não está no trecho de partida. Verificamos um alongamento, em K, ao inserir vários elementos lexicais. Notamos, também, a inserção do termo “*latter*” que, em ML, está generalizado com a palavra “outros”.

Verificamos em K a sentença “[...] *and among the latter a party big-shot*” onde notamos a modalização do trecho, pois K refere-se ao termo “político”, presente em ML, com a expressão “*party big-shot*”, um termo de gíria.

Em ML, a expressão “sócio do tal parente” é alongada tornando-se, em K, outra sentença: “[...] *who was associated with Pontes*”. Observamos o acréscimo do pronome “*who*” e a inserção, ao trecho, do nome da personagem Pontes numa manipulação lexical.

Verificamos, em ML, a sentença “Meio caminho era já andado. Restava apenas a segunda parte”. Esta sentença está transposta, em G, com: “*Half the battle was over, the other half still to be fought.*” G utiliza-se de uma metáfora para descrever a situação da personagem Pontes. Desta forma, a palavra “caminho” foi transposta por “*battle*”; os dois verbos em ML foram sumarizados em um: o verbo “*to be*”, no *Simple Past*. Numa manobra morfológica, o particípio passado “andado”, em ML, foi transposto com um advérbio (“*over*”), em G. A expressão “a segunda parte” foi transposta por “*the other half*” e, G, num interferência no trecho, traz a expressão para o começo de sua sentença.

Coerente com a metáfora de que “uma batalha iria ainda ser travada”, G utiliza-se do verbo “*to be fought*” para transpor “restava”, em ML. O termo “apenas” foi transposto por “*still*”, em G, numa modalização.

Já K intensifica e transpõe a palavra “caminho” para “*road*”, numa elevação do termo. O verbo “caminhar” foi transposto com “*travelled*”, condizente com a imagem que K constrói para a situação. Em K, a palavra “apenas” foi transposta com “*Just*” e o termo inicia a oração. K conserva-se fiel ao trecho em ML e assim o verbo “restava” foi transposto com “*remained*” e a expressão “segunda parte”, com “*second half*”

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Infelizmente, a saúde do major encruára, sem signaes patentes de declínio rápido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e lá engabelava a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegassem, não faria tal esforço (p. 32).</p>	<p>Unfortunately the Major's health came to a standstill without any visible signs of a rapid decline. His aneurism was, according to the doctors who killed by allopathy, a serious thing, which could break with the slightest effort; but the cautious old man was in no hurry to leave a life of comfort, for a better world, so he fooled the illness with an ultra-methodical regime. If a violent effort would kill him then such an effort should not be made (p. 34).</p>	<p>Unfortunately, the Major's health seemed steady, affording no evident signs of an early decline. In the opinion of the doctors who killed patients allopathically, the tumor was a dangerous thing that might burst thus slightest strain. But the surly old tax collector, thus warned, was in no hurry to depart for a better world, leaving behind a life for which the fates had provided plenty of comfort and ease. He did his best therefore to doublecross his incurable malady by following a rigidly methodical regimen. If some violent effort was to kill him, they needn't worry, he just wouldn't make such an effort (p. 945-946).</p>

Ambos os tradutores seguem a construção morfológica e sintática em ML, para o início deste trecho (“Infelizmente”), com o advérbio “*unfortunately*”. “A saúde do Major”, em ML, foi transposta por G e por K com o uso do genitivo (“*the Major's health*”) de acordo com as regras gramaticais do idioma inglês.

Já o verbo “encruara” em ML foi transposto em G com o auxílio de um verbo e de um complemento, alongando a sentença (“*came to a standstill*”). Em K temos, também, um verbo (“*seemed*”) e um complemento (“*steady*”) para o verbo “encruar”, em ML.

A sentença “sem signaes patentes de declínio rápido”, em ML, foi transposta literalmente, em G (“*without any visible signs of a rapid decline*”). Já K manipula o texto e inclui o verbo “*to afford*”. A palavra “sem”, em ML, foi transposta com uma negação (“*no*”) e o advérbio de modo “rápido” foi transposto por um advérbio de tempo “*early*”

Em ML, temos a sentença “Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave, de estourar ao menor esforço”. Neste

trecho o autor, ML, fornece ao leitor sua visão da medicina praticada pela alopatia ... G segue o trecho em ML, quase que em sua literalidade. Modaliza a ação e refere-se ao termo “aneurisma”, em ML, numa modalização como “coisa séria” o que, em ML, está como “coisa grave”.

Já K interfere sintática e morfologicamente na transposição do trecho. Inicia sua oração com “*In the opinion of doctors*” deixando a expressão “seu aneurisma”, para segundo plano. Transpõe o termo “aneurisma”, como tem feito em sua transposição, com “tumor”. A expressão “pela allopathia” foi transposta por uma só palavra: o advérbio de modo “*allopathically*”.

Já K insere a dúvida pelo emprego do verbo modal “*might*” (“*that might burst thus slightest strain*”), num contraponto à assertividade expressa no mesmo trecho, em ML (“de estourar ao menor esforço”).

Em ML, a expressão “[...] mas o precavido velho” foi mantida em G (“[...] *but the cautious old man*”). Já K, interfere com acréscimos ao texto de chegada. Personaliza o substantivo “velho” em ML, classificando-o como um “*tax collector*”.

Faz uma modalização ao inserir o adjetivo “*surlly*”, para delinear a imagem da personagem do major, em ML. Neste trecho, interfere novamente ao modificar o contexto no texto de partida. Acrescenta que o major “fora avisado” dos planos de Pontes (“*thus warned*”).

O trecho “não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe aconchegaram tão fofo o ninho”, em ML, foi simplificado, em G.

Assim: “uma vida onde os fados lhe aconchegaram tão fofo o ninho” foi sintetizada morfologicamente por: “*to leave a life of comfort, for a better world*”, onde as expressões idiomáticas, em ML, foram modalizadas no idioma inglês com o uso de uma linguagem coloquial (“[...] os fados lhe aconchegaram tão fofo o ninho”, onde o verbo ‘aconchegar’ está transposto com “*comfort*”).

Já K opta por “*to depart for a better world*” onde o verbo “deixar” fornece metaforicamente a imagem da viagem: “*to depart*”. K manipula a expressão e intensifica-a com “*leaving behind*”.

As expressões presentes em ML “onde os fados lhe aconchegaram tão fofo o ninho” foram transpostas por “*the fates had provided plenty of comfort and ease*”, onde “*fates*” está para “fados e “o verbo “aconchegar” transposto com um acréscimo lexical “*had provided*”. Assim, também, a expressão “tão fofo o ninho” está transposta com “*plenty of comfort and ease*”, onde notamos que o advérbio “*comfort*” reforça a imagem semântica do verbo “aconchegar”, em ML.

A sentença em ML “e lá engambelava a doença com um regimen ultra-methodico” foi transposta, literalmente, em G com “*so he fooled the illness with an ultra-methodical regime*”, onde verificamos que o verbo “engambelar” em ML, uma gíria, foi transposto com “*to fool*”, linguagem coloquial. Em K, temos o alongamento da sentença inicial, presente em ML, com: “*He did his best therefore to doublecross his incurable malady by following a rigidly methodical regimen*” onde há o acréscimo com a inserção da informação “*He did his best*”. O verbo “engambelar” está transposto com “*doublecross*”. Verificamos várias interferências do tradutor: quando inclui o adjetivo possessivo “*his*”; o adjetivo “*incurable*” para classificar o substantivo “doença”, e a inserção de “*by following*”, subentendido em ML e explícito na transposição em K.

Em ML, a sentença “Se mataria um esforço violento, socegassem, não faria tal esforço” foi transposta em G com “*If a violent effort would kill him then such an effort should not be*” onde “*then*”, um advérbio, está no lugar do verbo no imperativo “socegassem”; o sujeito (“*a violent effort*”), conforme as regras, antecede o verbo A inclusão do pronome objeto “*him*”, depois do verbo, focando a ação na personagem Bentes, o que não consta em ML. Temos a presença do modal “*should*” ligado a um conselho dado.

Já em K, temos: “*If some violent effort was to kill him, they needn't worry, he just wouldn't make such an effort*”. O artigo indefinido em ML (“*um*”) e, em G, (o artigo indefinido “*a*”) torna-se um pronome “*some*”, em K.

Observamos, também, a inclusão do pronome objeto “*him*” como em G. O imperativo “soceguem”, em ML, foi transposto, em K, pela inclusão de uma sentença “*they needn't worry*”, que serve como modalização para o trecho pelo acréscimo do sujeito “*they*”, e do verbo auxiliar “*need*” na negativa, acompanhado do verbo “*to worry*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Ora, Pontes, já meio dono daquelle sinecura, impacientava-se com o equilíbrio desequilibrador dos seus calculos. Como desembaraçar o caminho daquella travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o doutor Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui á puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida (p. 32-33).</p>	<p>Pontes, already almost owner of the prize, became impatient with the swaying balance of his calculations. How could he clear the way of that obstacle? He consulted in Chernovit'z medical manual on aneurisms; learned it by heart. He inquired here and there about all that had been said and written on the matter and became more familiar with the subject than ever Dr. Ioduret, a local doctor, who, we may truthfully say, knew nothing at all (p. 34-35).</p>	<p>Naturally, Pontes, already mentally the occupant of that sinecure, became impatient with this unsettling stalemate to his projects. How was he going to remove this obstacle from his path? He studied up in the Chernoviz medical volumes the chapters on tumors, in fact memorized them; he went about investigating all that was said or written on the subject; he began to know more about it than Dr. Iodope, the local physician, of whom it may be reported here confidentially that he never knew anything at all his whole life (p. 946).</p>

Em ML a sentença: “Ora, Pontes, já meio dono daquelle sinecura, impacientava-se com o equilíbrio desequilibrador dos seus cálculos” foi transposta, em G, por “*Pontes, already almost owner of the prize, became impatient with the swaying balance of his calculations*, onde a palavra “ora”, que inicia o trecho em ML, foi omitida e o nome da personagem inicia o trecho.

G transpõe a expressão “já meio”, em ML, com “*already almost*”; a contração da preposição “de” mais o adjetivo demonstrativo (“daquelle”) foi transposta com a preposição “*of*” e o artigo definido “*the*”. O substantivo “*prize*” em G, modaliza a palavra “sinecura”, em ML. O verbo “impacientar-se” foi transposto com o auxílio de “*to become*” e do adjetivo “*impatient*”.

Já em K, temos a sentença “*Naturally, Pontes, already mentally the occupant of that sinecure*”, onde “*naturally*” transpõe “ora” em ML e igualmente ao texto de partida, o substantivo próprio segue o advérbio no começo do parágrafo, em K



Verificamos a interferência em K ao transpor a expressão “já meio”, em ML, por “*already mentally*”, onde “meio” um adjetivo foi transposto por um advérbio “*mentally*”. Em K, há a referência ao adjetivo demonstrativo “aquele” com a palavra “*that*”.

A palavra “dono” em ML foi transposta, literalmente, em G com “*owner*” e em K por “*occupant*”, numa modalização do termo.

A expressão “equilíbrio desequilibrador” (onde notamos a presença de termos antagônicos juntos), foi transposta em G por “*swaying balance*” e, em K, por uma metáfora: “*unsettling stalemate*”. A palavra “calculos” ficou em G “*calculations*” e, em K, verificamos uma modalização pois o termo foi transposto com “*projects*”.

Em ML, “Como desembaraçar o caminho daquela travanca” está em G como “*How could he clear the way of that obstacle*” onde observamos uma interferência lexical pelo acréscimo de um termo pois o sujeito da oração interrogativa, em G, é “*he*”, que não consta no texto de partida.

O verbo no infinitivo (“desembaraçar”) no trecho de partida está transposto pelo verbo modal “*could*”, que vem reforçar a idéia de possibilidade, juntamente com o verbo “*clear*” na “*base form*” em G. A palavra “*travanca*” em ML, de cunho coloquial, foi transposta, em G, com “*obstacle*”, termo formal. Já em K temos “*How was he going to remove this obstacle from his path?*” K alonga a sentença com o acréscimo do verbo “*be going to*” e, a seguir, há uma intensificação da ação com o verbo “*to remove*”.

Observamos, novamente, em K uma interferência sintática e morfológica no trecho de chegada ao fazer modificações na ordem de posicionamento lexical. Assim “caminho” em ML, um objeto direto, está em K como um adjunto adverbial de lugar (“*from his path*”), onde notamos, também, o acréscimo com a inserção da preposição “*from*” e do adjetivo possessivo “*his*”, intensificando na personagem Pontes a ação do verbo (“*be going to remove*”).

O verbo “ler” no tempo do Pretérito Perfeito (“leu”), em ML, foi transposto com uma modalização: “*consulted*” em G e, em K, notamos a “elevação” da qualidade da ação com a transposição “*studied up*”.

Em ML, temos a sentença: “Leu no Chernoviz o capítulo dos aneurismas, decorou-o”, onde verificamos uma referência à Chernoviz. Com relação a fatos que eram costumeiros no Brasil rural, observamos, em ML, a menção ao livro de medicina do

Dr. Chernoviz<sup>268</sup>. Os conselhos de saúde no livro eram tão inseridos na cultura popular, que a obra dispensava maiores apresentações, na ficção. Desta forma, o escritor Monteiro Lobato não faz menção ao título de Chernoviz (doutor), tratando-o com familiaridade, e sequer menciona sua profissão (médico).

O livro de Chernoviz foi muito utilizado no interior do país, onde a figura do médico era difícil de ser encontrada pelas dificuldades de distância e transporte.

Guimarães (2004)<sup>269</sup> num artigo sobre Piotr Czerniewicz (Dr. Chernoviz), médico polonês, que viveu no Brasil entre 1840-1855, revela-nos algumas informações.

Detalha que o Dr Chernoviz além de médico foi, também, empresário editorial. Suas duas grandes obras editadas no Brasil foram o *Formulário ou Guia Médico* (no prelo, em 1840), indicado para médicos e o *Dicionário de Medicina Popular* (1842), dirigido aos leigos. Ambas as obras ficaram conhecidas como “o Chernoviz”. Em 1890, o *Dicionário de Medicina Popular* teve a sua 6ª e última edição. Segundo as palavras de Guimarães (2004, p. 11-12) diversas personagens de autores brasileiros, em diferentes épocas, citam a obra ou o nome do Dr. Chernoviz<sup>270</sup>.

Guimarães<sup>271</sup> (2004, p. 11) examina a relação entre a personagem Pontes em “O engraçado arrependido” e o médico Chernoviz:

Monteiro Lobato, em “O engraçado arrependido”, mostra um personagem que utiliza o Chernoviz como um passaporte para um emprego garantido, que lhe resolveria a vida. Pontes, aguardando o desfecho letal do aneurisma de seu rival, “leu, no Chernoviz, o capítulo dos aneurismas, decorou-o ... Chegou a entender da matéria mais que Dr. Iodureto, médico da terra...”<sup>272</sup>

<sup>268</sup> BARROS, Maria Paes de - Em *No Tempo de Dantes* (1998), livro de memórias de Maria Paes de Barros, com foco em acontecimentos datados no século XIX, há referências ao livro do Dr. Chernoviz: “[...] vinha vindo o inverno[...]. Nesta época do ano, em que eram feitas as colheitas, costumavam os fazendeiros passar algum tempo em suas fazendas.[...] Iniciavam-se logo os preparativos[...].E assim com o auxílio dos dois grossos volumes de medicina Popular, de Chernoviz, curava-se muita gente. (1998, p. 65-66). [...] Guiada pelo livro do dr. Chernoviz, *O Médico da Famílias*, dava-lhes vermífugos, curava-lhes as feridas[...].” Ibid., 1998, p. 93.

<sup>269</sup> GUIMARÃES, Regina Cotrim. “Os manuais de medicina Popular de Chernoviz na Sociedade Imperial”. In: Revista Cantareira. 5ª edição on line. Nº 5, vol. 1, Ano 02- Abril-Agosto, 2004; ISSN 1677-7794. Cf. Disponível em: <Http://www.historia.uff.br/cantareira> . Acesso em: 9 mar. 2011.

<sup>270</sup> Como curiosidade, entre os autores ou personagens mencionados por Guimarães (2004) temos a personagem Pontes, em Monteiro Lobato, (em “O engraçado arrependido”); o coronel João Batista Pinheiro, personagem de *Sinhazinha* de Afrânio Peixoto; Bento, em “O Lobisomen” de Raymundo Magalhães; *Cirino*, em *Inocência* de Visconde de Taunay; *Jeca*, em *Urupês* de ML; em Cora Coralina no conto “O lampião da Rua do Fogo”; Carlos Drummond de Andrade, no poema *Dr. Mágico*, onde Chernoviz seria Dr Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, “que tem a maior clientela da cidade...”. Até Padre Cícero “entre conselhos e rezas”, segundo Guimarães (2004), baseava-se no *Formulário ou Guia Médico* de Chernoviz que possuía em sua biblioteca (GUIMARÃES, 2004, p. 11-12).

<sup>271</sup> GUIMARÃES, Regina Cotrim. Médica do IPEC / FIOCRUZ e Mestre em História das Ciências da Saúde. (COC/ FIOCRUZ).

<sup>272</sup> Guimarães (2004) na nota de rodapé nomeia a edição do conto: (LOBATO 1961) “O engraçado arrependido”.

K optou por substituir a palavra aneurisma por “tumor”, como já foi visto nos trechos anteriores. O tradutor manipula o texto, pois em ML se lê “capítulo dos aneurismas” e se torna na transposição em K, “*chapters on tumors*”.

Ainda com respeito a expressões corriqueiras, G opta por “*learned it by heart*”, ficando mais próxima do texto em ML (“decorou-o”) ‘

Já K modaliza o trecho de chegada e substitui o termo por “*memorized them*”. Numa manipulação do trecho de chegada, K faz uma pluralização ao trocar o pronome objeto direto “*it*” pelo seu equivalente no plural, “*them*”.

O médico da terra, citado em ML, Dr Iodureto, tornou-se *Dr. Ioduret* em G e *Dr. Iodope* em K. Neste trecho, ML faz uma observação mordaz aos médicos da “terra”, do interior. Assim, “o doutor Iodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui á puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida”, no que foi transposto, em G, com “*Dr. loduret, a local doctor, who, we may truthfully say, knew nothing at all.*”

Em G, observamos que a expressão “médico da terra” está transposto com “*local doctor*”; verificamos a inserção do pronome relativo “*Who*”; o acréscimo do pronome sujeito “*we*” que insinua uma constatação e o modal “*may*”, que está ligado à possibilidade, à uma probabilidade. Entretanto, a seguir, verificamos a inserção da palavra “*truthfully*”, um advérbio, que vem conferir uma idéia assertiva ao trecho.

Já em K, temos “*Dr. Iodope, the local physician, of whom it may be reported here confidentially that he never knew anything at all his whole life*”. Notamos neste trecho uma interferência em K, pois, “o qual” foi transposto em K, por “*of whom*”, com a inclusão da preposição “*of*”.

K mantém o tom de confidencialidade em ML ao mencionar “*it may be reported here confidentially*”. K intensifica a ação ao transpor a palavra “não” por “*never*”; e “*anything*” está como “nenhuma”. Constatamos o acréscimo do possessivo “*his*” e de “*whole*” que intensificam a idéia do trecho.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço. - A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si. A gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir... (p. 33)</p>	<p>The apple of science thus eaten, he was led to the temptation of killing the man, obliging him to burst the aneurism. An effort would kill him? All right Souza Pontes would lead him to make that effort. “A hearty guffaw is an effort,” he satanically philosophized to himself,” so a guffaw can kill. Well, I know how to provoke laughter.” (p. 35).</p>	<p>Having thus bitten into this tempting apple of science, Pontes was gradually led to the notion that he might hurry the man’s death by helping him to burst. Any exertion would kill him? Very well then, Souza Pontes would bring him to make that exertion. “A burst of laughter is an exertion,” he reflected satanically to himself. “A sudden guffaw could kill. Well, I’m an expert at making people laugh... (p. 946).</p>

A expressão “O pomo da ciência”, em ML”, foi transposta em G e, em K, com “*apple of science*” Verificamos uma interferência morfológica e sintática tanto em G como em K. A voz ativa “induziu-o”, presente em ML, foi transposta com a voz passiva “*he was led to*” em G. O verbo “forçar” em ML está como “*oblige*” em G, numa elevação do termo. Constatamos, também, um acréscimo em G, ao inserir o termo “aneurisma” ao trecho, numa explicitação ao leitor. Já K transpõe esta passagem utilizando-se de várias alterações.

Primeiramente, K inicia o parágrafo com um verbo (“*having*”), diferentemente de ML que inicia o parágrafo com um artigo e uma expressão substantivada (“O pomo da sciencia”). Numa metáfora, K utiliza-se do verbo “*bite*” em conexão com a palavra “*apple*” que nos remete a noção do primeiro pecado.e classifica “*the apple of science*” com o adjetivo “*tempting*”, diferentemente do que consta em ML, que utiliza-se de um substantivo (“a tentação”).

K manipula o trecho ao inserir o advérbio de modo “*gradually*”. Há a inserção de uma sentença que não consta em ML “*Pontes was gradually led to the notion*”, onde o nome da personagem surge juntamente com a voz passiva “*to be led*”

A sentença interrogativa em ML “Um esforço o mataria?” foi seguida em sua literalidade, em G com: “*An effort would kill him?*” Temos uma sugestão em K, com o

emprego do modal “*might*” com o “*base form*” de “*hurry*” seguido pela explicação: “*the man’s death*”, que modaliza o sentido em ML, de “forçar” o aneurisma a estourar. A palavra “esforço” em ML é transposta por “*exertion*” em K.

A sentença afirmativa “Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço” foi transposta com: “*All right Souza Pontes would lead him to make that effort*” bem próxima do sentido semântico em ML, onde temos o acréscimo lexical com o verbo “*to make*”, para compor a expressão em inglês “*to make an effort*”; há, também, a omissão da vírgula após a expressão “*All right*”, que consta em ML após “Pois bem”.

Em ML “A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si” foi transposta, em G, por “*A hearty guffaw is an effort, he satanically philosophized to himself*”, onde notamos o emprego de aspas que não constam no trecho de partida. Observamos uma interferência com o acréscimo de “*hearty*” que classificaria o tipo de gargalhada necessária para se premeditar um crime... Já em K temos o emprego de aspas para se iniciar a sentença: “*A burst of laughter is an exertion*”. Temos, também: “*he reflected satanically to himself*”, onde notamos o verbo “*to reflect*” substituindo a palavra “filosofar” em ML, o que veio amenizar a qualidade da ação em K.

Em ML temos “A gargalhada, portanto, mata”. Em G, “*So a guffaw can kill*” e em K o acréscimo de “*sudden*” (“*A sudden guffaw could kill*”), ou seja, K manipula o texto de partida, pois, somente “uma risada súbita” teria o poder de matar.

A sentença: “Ora eu sei fazer rir”, do texto de partida, em G, teve a seguinte transposição: “*Well, I know how to provoke laughter.*” onde há uma modalização, pois o verbo “fazer” em ML foi transposto com “*To provoke*”, mais sugestivo.

Já em K, o tradutor interfere no texto de chegada e, numa elevação da qualidade, faz um acréscimo e declara que Pontes é um “*expert*” na arte de fazer rir (“*I’m an expert at making people laugh*”), expressão mais contundente do que “eu sei fazer rir”, em ML e, em G, “*I know how to provoke laughter.*”

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Longos dias passou, alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente.</p> <p>- Crime? Não! Em que código fazer rir é crime?</p> <p>Se morresse disso o homem, culpa era da sua má aorta (p. 33).</p>	<p>Many days passed, lost to the world in a mental dialogue with Satan. Crime? No! in what code is to be found the provocation of laughter as a crime? If the man died of this the fault would be due to the bad condition of his great artery (p. 35).</p>	<p>Pontes passed many days in seclusion, holding a mental dialogue with the serpent of his temptation.</p> <p>“Is it a crime? No! According to what code is it criminal to cause laughter? If a man should die of it, the blame should fall on his weak aorta” (p. 946).</p>

A sentença “Longos dias passou [...]”, em ML foi transposta em G com “*Many days passed*” onde o termo “*Longos*” (idéia de duração em horas) foi transposto com “*Many*” (idéia de duração em dias). Em K, temos a inclusão do nome da personagem Pontes ao se iniciar o parágrafo. Verificamos, também, uma inversão sintática em K ao utilizar “*many days*” como objeto direto, que em ML está como sujeito: “*longos dias*”.

A expressão “alheio ao mundo” em ML, foi transposta com “*lost to the world*” em G, onde temos o emprego do verbo “*to lose*” no particípio passado e a expressão “*to the world*” para “*ao mundo*”. Já em K, temos um adjunto adverbial “*in seclusion*”, para a expressão “alheio ao mundo”, em ML.

Ambos os tradutores optam pela tradução literal: “diálogo mental” (“*mental dialogue*”), respeitando-se a regra gramatical em inglês de adjetivos precedendo os substantivos, em suas qualificações.

O termo “serpente” em ML foi transposto com “*Satan*”, um substantivo, em G, de acordo com monólogo de Pontes no parágrafo anterior, onde a personagem traçava planos para ocasionar a morte do major “*A hearty guffaw is an effort, he satanically philosophized to himself [...]*”.

A sentença curta e interrogativa em ML: “Crime?” é conservada, em G, de acordo com o texto de partida (“*Crime?*”), e alongada em K: “*Is it a crime?*”

A sentença em ML, “Não! Em que código fazer rir é crime?” está transposta em G com “*No! In what code is to be found the provocation of laughter as a crime?*”. Observamos um alongamento da sentença com alguns acréscimos. O verbo no infinitivo (“fazer”) em ML está transposto com “*is to be found*”; há o acréscimo da expressão “*the provocation of*”; e o verbo rir está transposto pelo substantivo “*laughter*”; o substantivo “*crime*” no texto de partida está transposto numa comparação “*as a crime*”, em G. Já em K temos “*No! According to what code is it criminal to cause laughter?*”. Verificamos o alongamento da sentença com “*According to*” e a inserção do verbo “*to be*” ao trecho de chegada.

Interessantemente, os adjetivos que classificam a artéria que ao romper provocaria o aneurisma (“*sua má aorta*”), em ML, foram transpostos, em G, com a “*great artery*” e a transposição, em K, é “*bad artery*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
A cabeça do maroto virou picadeiro de luta, onde o “plano” se bateu em duelo contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e Deus sabe quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores (p. 33).	The rascal’s head turned into a field of combat where his “plan” fought a duel against all objections raised by conscience. His bitter ambition served as judge of the contest and heaven knows how often said judge prevaricated, led by scandalous partiality for one the combatants (p. 35).	The mind of our evil doer became a battlefield where his plan fought a duel against all the objections sent against it by his conscience. His embittered ambition served as judge and God knows how many times said judge prevaricated, influenced by scandalous partiality for one of the contending parties (p. 946).

A expressão “A cabeça do maroto” em ML, está transposta em G com “*The rascal’s head*” o que confere com o texto de partida.

Em K, temos “*The mind of our evil*” onde notamos um alongamento da sentença pela inclusão do adjetivo possessivo “*our*” juntamente com a inclusão do termo “*evil*” para “maroto”, elevando a qualidade (negativa) do termo em ML.

A sentença “[...] virou picadeiro de luta”, em ML, foi transposta com “*turned into a field of combat*” em G, onde verificamos que a metáfora em ML, “picadeiro de luta”, foi

transposta com outra metáfora “*field of combat*” no texto de chegada e, em K, com “*battlefield*”. Ambos os tradutores elevam a ação pois os termos empregados estão semanticamente ligados a conotação de “praça de lutas”, “de combates do exército”. Em K observamos “[...] *evil doer*” onde temos o emprego da palavra “*evil*” intensificando a qualidade negativa (“*evil doer*”) para o termo “maroto”, em ML.

A sentença “onde o “plano” se bateu em duello” em ML foi transposta em G com “[...] *where his “plan” fought a duel [...]*”, onde observamos uma confirmação de sentido contido no texto de partida.

Em K, temos “[...] *where his plans fought a duel,*” confirmando a idéia inicial em ML. Observamos, em ML, o emprego de aspas para o termo “plano”, no que foi seguido em G. Já K omite as aspas no texto de chegada, perdendo, desta forma, o sentido irônico contido em ML.

“[...] contra todas as objeções mandadas ao encontro pela consciência” em ML está transposta em G com “*against all objections raised by conscience*”, onde “ao encontro” em ML, um substantivo, está transposto pelo verbo no *Past Tense* “*to raise*”.

Já em K temos “[...] *against all objections sent against it by his conscience*”, onde observamos o alongamento com a repetição do termo “*against*”; que substitui, na sua segunda referência, “ao encontro”, em ML. A repetição do termo, em K, enfatiza a qualidade negativa da ação.

A sentença em ML “Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga” foi transposta, em G, por “*His bitter ambition served as judge of the contest*”, onde verificamos uma inversão morfológica, pois, “a sua ambição amarga” precede o verbo e inicia a oração, diferentemente do que observamos em ML.

Em K, temos “*His embittered ambition served as a judge*”, onde “sua ambição amarga” (“*His embittered ambition*”) precede o verbo.

Verificamos que “e Deus sabe quantas vezes tal juiz prevaricou” foi transposta, em G, com “*and heaven knows how often said judge prevaricated*”, e, em K, com “[...] *and God knows how many times said judge prevaricated*”.

Em G, observamos que a expressão “*and heaven knows*” é a transposição para “[...] e Deus sabe” que consta em ML. A expressão, em G, “*how often*” transpõe “quantas vezes”, que consta em ML. Já K, utiliza-se da expressão “*how many times*”.



Em ML, “Tal juiz”, outra expressão, foi transposta, em G e, em K, com “*said judge*”, que aproxima a idéia contida em ML; o verbo “prevaricar” literalmente foi transposto tanto em G, como em K, com “*to prevaricate*”, no *Simple Past Tense*.

Em ML a sentença “[...] levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores” foi, em G, transposta com: “[...] *led by scandalous partially for one of the candidates*” onde temos o substantivo “parcialidade” transposto pelo advérbio “*partially*”, e “*candidates*” transpõe o termo “contendores”. Já em K, temos “[...] *influenced by scandalous partiality for one of the contending parties.*”, onde “contendores” foi transposto com duas palavras: “*contending parties*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Como era de prever, venceu a serpente, e Pontes ressurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos (p. 33).	As was expected, Satan won and Pontes reappeared before the world a little thinner, with dark rings under his eyes but with a strange light of victorious decision in his expression (p. 35).	As was to be expected, the serpent won and Pontes emerged once more into society a bit more lean, with hollows under his eyes, yet with a queer light of victorious resolution shining in them (p. 946).

A sentença em ML, “Como era de prever” foi transposta em G com “*As was expected*” onde verificamos a ausência do sujeito “*it*”. Há um alongamento em K “*As was to be expected*”, onde novamente se verifica a ausência do sujeito. Em ML, o verbo antecede o sujeito da oração (“venceu a serpente”) e, em G, temos “*Satan won*”. Em K, notamos que a sentença “*the serpent won*”, teve o seu sujeito antecedendo o verbo como é próprio da construção gramatical inglesa.

A sentença em ML, “Pontes ressurgiu para o mundo um tanto mais magro” teve a transposição em G com “*Pontes reappeared before the world a little thinner*”, onde “para o mundo” foi transposto com a metáfora “*before the world*” e a expressão “um tanto” modalizado na palavra “*little*”.

Já em K, temos um alongamento com a inserção de “*once more*”, que não consta do texto de partida. A palavra “mundo” em ML foi transposta por “*society*”, marcando uma interferência do tradutor em K.

A palavra “olheiras”, em ML, teve um alongamento (“*dark rings*”) com uma intensificação do substantivo com a inserção de uma qualidade (“*dark*”). Já em K, temos a palavra “*hollows*” para o termo “olheiras”. Notamos que a palavra “olheiras”, um substantivo abstrato, foi transposta por um substantivo concreto, numa manipulação metafórica.

O temo “cavadas”, no texto de partida, foi explicitado tanto em G como em K por “*under his eyes*”, o que alongou o termo no texto de chegada. A conjunção em português “porém” em ML teve sua transposição com “*but*” em G, e com “*yet*”, em K.

Em ML, a sentença “com um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos” foi transposta, em G, com “*with a strange light of victorious decision in his expression*” uma amenização da qualidade “brilho” em ML com o termo “*light*”. A palavra “resolução”, em ML, foi explicitada em G com “*decision*”, um termo com conotação mais incisiva.

Verificamos a interferência, em G, na transposição do termo “nos olhos” com “*in his expression*”, onde há a inclusão do adjetivo possessivo “*his*” e o substantivo concreto “olhos” foi substituído pelo abstrato “*expression*”.

Já em K, verificamos a transposição de “um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos” com a sentença “*with a queer light of victorious resolution shining in them.*” onde há a modalização do termo “brilho”, em ML, por “*light*”. Notamos a elevação da qualidade do substantivo “nos olhos” do texto de partida, com a inclusão da qualidade “*shining*”. O adjunto adverbial de lugar, em ML, “nos olhos” teve uma inversão morfológica. Em K, “nos olhos” está substituído por “*in them*” um pronome objeto.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Tambem notaria nelle o nervoso dos modos quem o observasse com argucia - mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa de somenos, porque o Pontes... - Ora o Pontes!... (p. 33-34).</p>	<p>Anyone observing him closely would note his nervous manner; however, close observation was not a prevailing virtue among his countrymen and furthermore, Pontes' various states of mind were of no importance because Pontes. . . “Well, Pontes was just Pontes!” (p. 35-36).</p>	<p>Also noticeable to those who looked at him with penetration was the nervousness of his manner—but penetration was not an abundant virtue among his fellow citizens, and moreover the state of mind of a Pontes was a matter of no significance, because Pontes... “As for Pontes...” (p. 946).</p>

A sentença em ML “Tambem notaria nelle o nervoso dos modos quem o observasse com argucia” foi transposta, em G, com “*Anyone observing him closely would note his nervous manner*” onde há uma inversão sintática e morfológica. A palavra “também” em ML foi eliminada em G. O pronome “quem”, em ML, foi transposto com “*anyone*”, que inicia o parágrafo em G. A expressão “com argúcia” foi modalizada em G e transposta com “*closely*”, que ameniza a qualidade da expressão em ML. O substantivo “nervoso” foi transposto com um adjetivo “*nervous*”, em G. O plural do substantivo, em ML, “modos” foi transposto com um substantivo no singular “*manner*”, numa manipulação do trecho.

Verificamos, em K, a transposição “*Also noticeable to those who looked at him with penetration was the nervousness of his manner*”,[...]. Constatamos uma inversão morfológica e sintática, em K. O verbo “notar”, em ML, foi transposto com “*noticeable*”, uma qualidade. A palavra “nelle”, que consta deste trecho em ML ,foi omitida no trecho de chegada em K. Notamos, a seguir, um alongamento da sentença com a explicitação “*to those*”, numa interferência lexical ao trecho. A expressão “com argúcia” está transposta com “*with penetration*” que perde a força do teor semântico em ML. A expressão “nervoso dos modos” do texto de partida foi transposto com “*the nervousness of his manner*”, onde notamos a inclusão do possessivo “*his*”, individualizando a ação.

Observamos, também, que o substantivo no plural “modos” foi transposto em G e em K por outro no singular (“*manner*”).

Verificamos que a sentença em ML “mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterrâneos” teve sua transposição, em G, com “*however, close observation was not a prevailing virtue among his countrymen*” onde a conjunção “mas” foi transposta com “*however*”, outra conjunção. O termo “com argucia” do texto de partida teve uma amenização, em G, com “*close observation*”. Em K temos “*but penetration was not an abundant virtue among his fellow citizens*”. K mantém a escolha inicial e transpõe “com argucia”, em ML, por “*with penetration*” que ameniza a qualidade do termo presente em ML. A palavra “conterrâneo” teve transposições diferentes em G e em K. G transpôs o termo com “*countrymen*” e, já K, optou com “*fellow citizens*”.

Observamos que o trecho em ML “além de que estados d’alma do Pontes eram coisa de somenos, porque o Pontes...” foi transposta bem próxima do trecho de partida com “*and furthermore, Pontes’ various states of mind were of no importance because Pontes...*” onde notamos a transposição da expressão “coisa de somenos”, em ML, com “*of no importance*”. Verificamos, em G, neste trecho da transposição, a intensificação do sentido contido em ML. G interfere no texto de chegada e inclui o termo “*various*” antecedendo “estados d’alma” em |ML.

Já em K temos “*and moreover the state of mind of a Pontes was a matter of no significance, because Pontes...*” onde notamos a inversão quanto à flexão em número: a palavra “estados”, em ML, está no plural, e, em K, no singular. Há também uma individualização do substantivo próprio (Pontes) em K, ao anteceder-lo com o pronome indefinido “*the state of mind of a Pontes [...]*”, que não consta no texto de partida. A palavra “alma” foi transposta por “*mind*”, a primeira mais ligada ao plano afetivo e do sentimentos e a segunda ao racional.

Como pudemos observar a expressão “além do mais” em ML teve transposições diferentes nos dois textos de chegada. Em G, “*furthermore*” e, em K, “*moreover*”, o que não afetou semanticamente o sentido inicial em ML.

A expressão em ML, “Ora o Pontes!”, foi alongada em G: “*Well, Pontes was just Pontes!*” onde notamos a repetição do substantivo próprio numa intensificação da ação referente ao sujeito.

Já em K, temos “*As for Pontes...*” onde notamos o uso das reticências presentes no texto de partida e omitidas em G, que optou em conservar o ponto de exclamação, em ML e omitido, por sua vez, em K.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
O futuro funcionario forgicou,então,meticulosos planos de campanha. Em primeiro era mistér approximar-se do major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimidade; estudar suas venetas e cachacinhas até descobrir em que zona do corpo trazia elle o calcanhar d’Achilles (p. 34).	The future employe proceeded to plan a careful campaign. In the first place it was necessary to approach the Major a reserved man and not fond of jests; to ingratiate himself into his home life, study his whims and pet habits until he could discover in what part of his body lay the weak spot (p. 36).	The future office-holder now began to forge careful plans for his campaign. First it was necessary to make contact with the Major, a man who lived a retired life and was very little given to idle conversation; then to insinuate himself into his intimacy; study his whims and hobbies until he found in what part of his anatomy was located his heel of Achilles (p. 946-947).

ML inicia este trecho com “O futuro funcionario forgicou, então, meticulosos planos de campanha”. Em G, temos “*The future employe proceeded to plan a careful campaign*”. Notamos na transposição, em G, uma atenuação da qualidade semântica do verbo “forgicar”, em ML, com “*to proceed to plan*”. O substantivo “planos” foi omitido em G e, a seguir, notamos uma modalização do adjetivo “*meticuloso*” que está em G como “*careful*”, dessa forma a qualidade presente em ML está atenuada.

Em ML, “meticulosos planos de campanha”, uma generalização (devido ao emprego do plural) foi transposta, em G, por uma individualização, “*a careful campaign*” (com o emprego do singular). Observamos, também, a omissão da palavra “então” na transposição, em G.

Verificamos a seguinte transposição para o trecho, em K: “*The future office-holder now began to forge careful plans for his campaign*” onde observamos uma interferência lexical pelo acréscimo de palavras (“*now*” e “*his*”). A expressão “O futuro funcionario”

em ML, foi transposta, em G, por “*The future employe*” e, em K, notamos a “elevação” da qualidade do posto: “*The future office holder*”.

Em ML, a sentença “Em primeiro era mistér approximar-se do major, homem recolhido comsigo e pouco amigo de lérias;” foi transposta em G com “*In the first place it was necessary to approach the Major a reserved man and not fond of jests; [...]*”. Verificamos uma elevação da qualidade quanto ao termo “major” que, em ML, consta em letra minúscula (“*major*”) e, em G, está grafado com maiúscula (“*Major*”). A expressão metafórica “homem recolhido comsigo”, em ML, está encurtada em G e transposta por “*reserved man*”

Já em K, temos um alongamento da sentença em ML com “*First it was necessary to make contact with the Major, a man who lived a retired life and was very little given to idle conversation; [...]*”. Observamos, em K, uma interferência com “*it was necessary*” (“era mister”) onde notamos uma amenização do termo presente em ML.

O verbo “*approximar-se*” que consta no trecho, em ML, foi alongado com a presença de outro verbo (“*to make*”) seguido por um substantivo “*contact*”. A palavra “*Major*”, assim como em G, apresenta uma elevação da qualidade pelo uso da letra maiúscula, que não está presente em ML.

Verificamos, também, em K, a manipulação do trecho com a inclusão do pronome relativo “*who*” e a inserção do verbo “*to live*” no “*Simple Past Tense*”. A expressão, em ML, “recolhido comsigo” foi transposta por “*retired life*” onde o particípio passado foi substituído por outro (“*retired*”) e o pronome reflexivo por um substantivo abstrato (“*life*”).

No trecho de partida, a expressão “pouco amigo de lérias”, foi transposta em G com “*not fond of jests*” e, em K, por “*was very little given to idle conversation*” num prolongamento, onde notamos a inserção lexical do verbo “*to be*”, no Simple Past Tense; verificamos, também, a intensificação do termo “pouco” pela transposição pela expressão “*very little*”

Em ML, “insinuar-se-lhe na intimidade; [...]” foi transposto, em G, com “*to ingratiate himself into his home life, [...]*”, onde temos a palavra “intimidade” modalizada em um adjetivo acompanhado de um substantivo “*home life*”. Observamos a inclusão do possessivo “*his*”, numa personalização da ação.

Notamos, também, a substituição do ponto e vírgula, em ML, pela vírgula em G. Já em K, temos a sentença: “*then to insinuate himself into his intimacy;*” onde notamos a manutenção do ponto e vírgula que consta em ML e a inclusão do termo “*then*”

Em ML, “estudar suas venetas e cachacinhas” foi transposta por outra expressão idiomática no idioma de chegada em G: “[...] *study his whims and pet habits*”, e em K, por “*study his whims and hobbies*”

A sentença em ML “até descobrir em que zona do corpo trazia elle o calcanhar d’Achilles” foi transposta com “*until he could discover in what part of his body lay the weak spot*” em G, onde verifica-se a inclusão do modal “*could*” que fornece uma idéia de probabilidade assim como o adjetivo possessivo “*his*”, individualizando a ação. A expressão “calcanhar d’Achilles” em ML foi explicitada em G: “*his weak spot*”.

Notamos a substituição do verbo “trazer” em ML por “*lay*”, o que é um pouco diferente. Há a exclusão da palavra “elle”.

Já em K, a transposição se deu com a sentença “*until he found in what part of his anatomy was located his heel of Achilles*” onde notamos que a palavra “corpo” foi modalizada pelo termo “*anatomy*”, no idioma de chegada.

O verbo “trazer” em ML foi alongado em “*to be located*” e a expressão metafórica “calcanhar de Achiles” foi transposta em sua literalidade em K.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Começou freqüentando com assiduidade a collectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho (p. 34).	He began to frequent the receiver's office assiduously, under various pretexts, sometimes for stamps, sometimes for information regarding taxes; everything was an excuse for sly and clever prattle meant to undermine the old man's severity (p. 36).	He began to frequent regularly the collector's office under various pretexts, now for stamps on documents, again for information concerning taxes, anything that served as an opportunity for a bit of clever skillful conversation intended to undermine the old man's hostility (p. 947).

Em ML, a sentença “Começou freqüentando com assiduidade a collectoria” foi transposta com “*He began to frequent the receiver's office assiduously*” onde notamos o termo “a collectoria” explicitado com “*the receiver's office*”.

Já em K, temos “*He began to frequent regularly the collector's office*” onde a palavra “assiduidade” em ML, foi transposta com “*regularly*” numa amenização do termo. O gerúndio “freqüentando” foi transposto pelo verbo no infinitivo “*to frequent*” em K. A palavra “collectoria” foi transposta com “*collector's office*” num alongamento do termo.

Verificamos que em ML a sentença “[...] sob pretextos varios, ora para sellos, ora para informações sobre impostos, [...]” foi transposta, em G, com “[...] *under various pretexts, sometimes for stamps, sometimes for information regarding taxes;*” o que se aproxima do texto de partida. Verificamos a inclusão do ponto e vírgula na sentença, que substitui a vírgula em ML.

Em K, notamos a transposição: “*under various pretexts, now for stamps on documents, again for information concerning taxes, [...]*”, onde há a manipulação do texto, verificando-se o alongamento com o termo “*on documents*”, que não consta no trecho de partida. A expressão em ML “ora [...] ora” foi transposta com “*now for stamps [...], again for information*” em K.



Em ML, temos a sentença “que tudo era ensejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado para combalir a rispidez do velho”. Em G a sentença foi transposta com “*everything was an excuse for sly and clever prattle meant to undermine the old man’s severity*”, onde temos a palavra “*excuse*” para “ensejo” em ML.

O superlativo “habilissimo”, em ML, foi amenizado em G pela palavra “*clever*”. O termo “rispidez” foi transposto com “*severity*” o que não seria a mesma coisa, pois “rispidez” tem a ver com “modos bruscos” e severidade com caráter.

Já em K, temos “*anything that served as an opportunity for a bit of clever skillful conversation intended to undermine the old man’s hostility.*” Em ML, verificamos que o termo “tudo” foi transposto, em G, por “*everything*” e, em K, por “*anything*”.

Em K, notamos, também, a inclusão dos termos “*an opportunity*” e “*a bit*” o que interfere na semântica da sentença inicial, em ML. A expressão em ML “parolar manhoso, habilissimo” foi transposta, em K, com uma modalização “*clever skilfull conversation*” que atenua as qualidades da expressão presentes no trecho de partida. A palavra “rispidez”, em ML, foi transposta por “*hostility*”, em K, o que intensifica a qualidade no trecho de chegada.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Tambem ia a negócios alheios, pagar sizas, extrahir guias, coisinhas, fazendo-se serviçal dos amigos que traziam negocios com o fisco (p. 34)	He would go on other people's business for the paying of excise taxes, taking out permits and other little matters. He became of great use to the friends who had business with the exchequer (p. 36).	He even went there on the business of other people, to pay excise taxes, obtain permits, and errands of the sort; he made himself very useful to friends who had dealings with the Treasury (p. 947).

Em ML temos “Tambem ia a negócios alheios” no que foi transposto, em quase toda a sua literalidade em G, com “*He would go on other people's business*”. Verificamos a omissão da palavra “também”, na transposição de chegada. Já em K, temos: “*He even went there on the business of other people*”, onde nota-se a modalização da palavra “também” com o acréscimo do termo “*even*”, que intensifica a ação. Constatamos a substituição do Pretérito imperfeito, em ML, (“*ia*”) por “*went*”, no “*Simple Past Tense*”, em K.

O trecho, em ML, “pagar sizas, extrahir guias, coisinhas, fazendo-se serviçal dos amigos dos amigos que traziam negocios com o fisco” foi transposto em G com “*for the paying of excise taxes, taking out permits and other little matters*” e alongado numa outra sentença com “*He became of great use to the friends who had business with the exchequer*<sup>273</sup>”.

Observamos as seguintes interferências em G: a inclusão de “*for the*”; o verbo no gerúndio (“*paying*”) e, em ML, no infinitivo (“pagar”). A expressão “coisinhas” alongada em “*other little matters*”. G manipula o trecho, pois, inicia outra sentença para transpor “fazendo-se serviçal dos amigos que traziam negocios com o fisco”. Assim temos: “*He became of great use to the friends who had business with the exchequer*”.

Verificamos, novamente, a manipulação lexical do trecho em G, ao inserir novas palavras ao trecho de chegada: “[...] *of great use to the friends*” para a expressão “serviçal dos amigos”, em ML, intensificando o sentido semântico.

<sup>273</sup> Setor de finanças na Inglaterra, ligado ao Ministério das Finanças.

O verbo “trazer negócios”, presente em ML, foi transposto por “*have business*”, em G. O termo “o fisco” foi transposto por “*exchequer*” em G. Já em K, temos “*obtain permits, and errands of the sort; he made himself very useful to friends who had dealings with the Treasury*”. Há o uso da expressão “*obtain permits*” para “extrair guias” em ML, o que seria a mesma coisa. A palavra “coisinhas” foi manipulada, em K e transposta por “*errands of the sort*” o que se trata de uma interferência lexical, no trecho.

Observamos a amenização do trecho em K: “negócios” seria “*dealings*” e, imediatamente, a intensificação com a transposição “*Treasury*” (para a palavra “fisco”) com letra maiúscula, numa elevação do termo.

<b><u>ML</u></b>	<b><u>G</u></b>	<b><u>K</u></b>
O major estranhou tanta assiduidade, e disse-lh’o, mas Pontes escamoteou-se á interpeção montado numa pilheria de truz e perseverou num bem calculado dar tempo ao tempo que fosse de bastardo as arestas agressivas do cardíaco (p. 34).	The Major was surprised at such assiduity and said so, but Pontes evaded the question, turning it into a joke, and persevered in a well calculated conclusion to let time round off the sharp corners of the sick man (p. 36).	The Major was astonished at the frequency of his visits and told him so but Pontes parried this remark by inventing masterful pre-texts and persisted in his well-calculated plan of letting time take its course in wearing down the sharp angles of his acquaintance of the weak heart (p. 947).

A sentença em ML “O major estranhou tanta assiduidade, e disse-lh’o” foi transposta, em G, com “*The Major was surprised at such assiduity and said so*”, onde verificamos a omissão do pronome objeto; a preferência pela letra maiúscula no substantivo “*Major*”, intensificando a importância do cargo, em G. Notamos, também, a modalização na transposição do verbo “estranhar”, do texto de partida, para “*to be surprised*”, em G.

Já em K verificamos a transposição da sentença em ML (“O major estranhou tanta assiduidade e disse-lh’o”), com “*The Major was astonished at the frequency of his visits and told him so[...]*”. Notamos o alongamento assim como a intensificação da qualidade do verbo “estranhar” com a transposição “*to be astonished at*”. A palavra “assiduidade” foi transposta

com “*at the frequency*”, que confere um tom mais vago a mensagem do trecho. Há a interferência, em K, com o acréscimo lexical de “*of his visits*” ao trecho.

Notamos que em ML a sentença “[...] mas Pontes escamoteou-se á interpelação montado numa pilheria de truz” foi transposta com “[...] *but Pontes evaded the question, turning it into a joke,*” onde a expressão metafórica “montado numa pilheria de truz” foi transposta sem a metáfora: “*turning into a joke*”. Em K, temos “*but Pontes parried this remark by inventing masterful pre-texts,* onde a palavra “interpelação” foi transposta com “*remark*”. Verifica-se a interferência, em K, com a transposição para o texto de chegada com “*by inventing masterful pre-texts,* cujo teor não consta do trecho em ML.

Já o trecho em ML “e perseverou num bem calculado dar tempo ao tempo que fosse debastado as arestas agressivas do cardíaco” foi transposto, em G, com “*and persevered in a well calculated conclusion to let time round off the sharp corners of the sick man*”. Verificamos a interferência do trecho, em G, com o alongamento “*calculated conclusion*”. A expressão “dar tempo ao tempo” foi transposta com uma outra expressão “*to let time round off*”.

Observamos, em G, o encurtamento da sentença e a presença de uma metáfora “*the sharp corners of*” para o trecho “que fosse debastado as arestas agressivas”, em ML. Verificamos a presença da modalização com o adjetivo “agressivas”, em ML, para “*sharp*” e a palavra “aresta” transposta com “*corner*”.

Notamos a omissão do verbo “debastar” presente em ML. O termo “cardíaco” do trecho de partida foi alongado e modalizado, em G, com “*sick man*”.

Já em K temos “*and persisted in his well-calculated plan of letting time take its course*”. Constatamos o acréscimo lexical, em K, com as palavras “*his*” e “*plan*”. A expressão idiomática “dar tempo ao tempo” foi transposta por outra expressão “*letting time take its course*”.

A sentença em ML “[...] que fosse debastado as arestas agressivas do cardíaco” foi transposta, em K, por “[...] *in wearing down the sharp angles of his acquaintance of the weak heart,* onde o verbo debastar foi transposto por um *phrasal verb* “*to wear down*”; o adjetivo “agressivas”, presente no trecho em ML, foi transposto por “*sharp*” numa modalização, como já visto em G. A palavra “arestas” foi transposta por “*angles*”, em K.

Verificamos um alongamento com o acréscimo lexical de “*of his acquaintance*” que não constam em ML. Há a modalização e o substantivo “cardíaco” foi transposto por “*the weak heart*”, onde verificamos a presença do artigo definido, um adjetivo e um substantivo.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Dentro de dous mezes já se habituára Bentes áquelle serelepe, como lhe chamava, o qual em fim de contas parecia um bom moço, sincero, amigo de servir, e sobretudo inoffensivo.</p> <p>D’ahi a lá em dia d’accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e tel-o afinal como especie de addido á repartição, foi um passo (p. 35).</p>	<p>Within two months Bentes had become used to that “chipmunk” as he called him, who on the whole seemed a good sort of fellow, sincere, eager to be of use and above all, harmless.</p> <p>From asking him, a favor on a very busy day, then another and still a third, and finally considering him as a sort of adjunct to the department, was only a step (p. 36).</p>	<p>By the end of two months Bentes had become accustomed to that lively “chipmunk” as he nicknamed Pontes, who after all seemed to him a kind-hearted fellow, eager to be of service and quite inoffensive. It was only a step from that point to the time when he asked Pontes to help him out on a day when the work had piled up, and again after that, and even once more. This development finally made Pontes a sort of an associate in his department (p. 947).</p>

O trecho em ML “Dentro de dous mezes já se habituára Bentes áquelle serelepe, como lhe chamava, [...]” foi transposto em G com “*Within two months Bentes had become used to that “chipmunk as he called him [...]*”, onde se nota uma interferência no posicionamento lexical. Observamos o sujeito “Bentes” em ML, movido para frente do verbo, como é comum na gramática inglesa.

Observamos, também, a omissão do advérbio “já” que consta no trecho de partida; a preferência, em G, pelo tempo verbal “*Past Perfect*” com “*had become used to*” que transpõe o Pretérito Mais que Perfeito em ML. A expressão idiomática “serelepe” foi transposta com outra expressão idiomática no idioma de chegada: “*chipmunk*”.

Já em K, temos “*By the end of two months Bentes had become accustomed to that lively “chipmunk” as he nicknamed Pontes [...]*”. Notamos o sujeito representado pelo substantivo “Bentes” o qual, como em G, foi movido para frente do verbo, na sentença. O

verbo “habituará”, em K, está representado pelo *Past Perfect Tense*: “*had become accustomed to*”. Há um acréscimo lexical com o termo “*lively*” que intensifica, pelo acréscimo da elevação da qualidade, o substantivo a que se refere “*chipmunk*”, que transpõe a expressão “serelepe”, em ML.

Verificamos, também, a manipulação do trecho, em K, ao introduzir o nome da personagem “Pontes”, que não consta no trecho de partida.

O substantivo próprio “Pontes” substitui o pronome objeto “*him*”, no texto de chegada em K, assim como há a inclusão da palavra “*nicknamed*”, de cunho informal, para o verbo “chamar”, em ML.

Em ML “o qual em fim de contas parecia um bom moço, sincero, amigo de servir, e sobretudo inofensivo” foi transposto, em G, por “*who on the whole seemed a good sort of fellow, sincere, eager to be of use and above all, harmless*”, onde notamos o alongamento com a inserção da expressão “*sort of*” e a modalização do substantivo “moço”, presente em ML, para “*fellow*”.

Já em K, temos: “*who after all seemed to him a kind-hearted fellow, eager to be of service and quite inoffensive [...]*”. Verifica-se uma inserção lexical, em K, com o pronome objeto “*him*”, o qual alonga a sentença. A expressão em K “*a kind –hearted fellow*” modaliza, em sua transposição, a expressão do texto de partida em ML, “um bom moço”, onde notamos uma elevação da qualidade que intensifica o teor semântico do substantivo comum “moço”, em ML.

O substantivo “moço” foi transposto com um substantivo mais corriqueiro “*fellow*”, no idioma de chegada. A expressão “amigo de servir” em ML foi transposta, em G, com “*eager to be of use*”, onde o verbo “servir” foi transposto com um substantivo: “*use*”. Já em K, temos “*eager to be of service*”, numa transposição próxima da literal. Notamos, também, em K, a intensificação da palavra “sobretudo” com a transposição pelo termo “*quite*”.

Verificamos que no texto de partida a sentença “D’ahi a lá em dia d’accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, [...]” foi transposta, em G, com “*From asking him, a favor on a very busy day, then another and still a third, [...]*” onde observamos várias interferências.

Notamos a inserção do pronome objeto “*him*” que não consta em ML; a omissão da expressão “d’ahi a lá em dia”; a palavra “obsequio” modalizada em “favor”; a expressão “d’accumulo de serviço” transposta por “*on a very busy day*” onde se constata

uma interferência morfológica. O substantivo “accumulo”, em ML, foi transposto com o auxílio de um advérbio e de um adjetivo “*very busy*”, que intensificam a transposição.

Constata-se o acréscimo de uma informação “*day*”, em G, que substitui a palavra “serviço”, o que não seria a mesma coisa, pois “accumulo de serviço” foi transposto com “*very busy day*”. G faz um acréscimo ao texto com a palavra “*still*” que intensifica a ação.

Já em K temos “*It was only a step from that point to the time when he asked Pontes to help him out on a day when the work had piled up, and again after that, [...]*” onde se verificou o alongamento do trecho, resultado de uma manipulação lexical com inclusões e omissões de palavras, inversão de posicionamento sintático e morfológico.

Notamos em K a manipulação da expressão “D’ahi a lá em dia” por “*from that point to the time*”, onde se nota a inclusão “*that point to the time*” que substitui “[...] a lá em dia” em ML.

Constatamos, também, a inversão de posicionamento lexical, pois “*it was only a step*”, em K, “abre” o parágrafo e, em ML, “encerra” o mesmo. Notamos, a seguir, a inclusão do nome da personagem “Pontes”, substituindo o pronome objeto indireto “*he*” em ML. Verificamos, também, que o substantivo “obséquio” foi transposto, em K, com um verbo, “*help out*”, onde se constata a inclusão do pronome “*him*”, numa intensificação da ação.

A palavra “serviço”, em ML, foi transposta com “*work*” em K e, “accumulo”, um substantivo, foi transposto com um verbo no “*Past Perfect Tense*” (“*had piled up*”), numa manipulação morfológica do tradutor. Há o acréscimo da palavra “*again*”, assim como o inclusão da expressão “*even once more*” que intensificam semânticamente a sentença na transposição para o texto de chegada.

Em G, temos “*and finally considering him as a sort of adjunct to the department, was only a step*”, onde verificamos que “*finally*” transpôs a palavra “afinal”; o verbo “ter” em ML, foi substituído por “considerar”, em G, e a palavra “adjunto”, transposta com “*adjunct*”.

Já K, opta por um outro acréscimo, alonga o trecho de chegada incluindo uma outra sentença: “*This development finally made Pontes a sort of an associate in his department*” onde a expressão metafórica em ML “foi um passo” foi omitida e substituída. O tradutor opta por incluir “*finally*”, um advérbio, para o substantivo “passo”, o que interfere no trecho morfológicamente e semânticamente. Em K, a sentença “espécie de adido á repartição”

foi transposta com “*a sort of an associate in his department*” onde se optou pela inserção do adjetivo possessivo “*his*” numa individualização da ação.

O substantivo “addido”, em ML, foi transposto com “*associate*” em K, numa modalização do termo. A palavra “*department*”, tanto em G como em K, transpôs o termo “repartição” em ML, o que ameniza o conteúdo semântico pois o termo “repartição”, no caso, refere-se à uma autarquia pública e a palavra “departamento” está ligada, também, a ideia de uma secção no comercio, numa loja.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Para certas commissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tacto! O major, ralhando certa vez o escrevente, puxou aquella diplomacia como lembrete (p. 35).</p>	<p>For certain commissions there was no one like him. Such earnestness! Such subtleness! Such tact! One day the Major, reprimanding the clerk, held up his diplomacy as an example (p. 37).</p>	<p>For certain services, there was no one like him. What industry! What subtlety! What tact! On scolding one of his clerks once, the Major held up Pontes' diplomacy as an example and a reprimand (p. 947).</p>

Em ML, observamos a sentença “Para certas commissões não havia outro” que foi transposta, em G, com “*For certain commissions there was no one like him*”. Constatamos a literalidade da transposição na expressão inicial do parágrafo “Para certas commissões”, em G, transposta com “*For certain commissions*”.

A seguir, em ML, temos “não havia outro” que, em G, foi transposto com “*there was no one like him*” onde “outro” foi transposto pelo pronome “*him*”. Já em JK, temos “*For certain services, there was no one like him*” onde notamos a interferência lexical pois o termo “commissões” em ML foi transposto com “*services*”.

Em ML, verificamos as locuções interjetivas: “Que diligencia! Que finura! Que tacto!” que foram transpostas, em G, com “*Such earnestness! Such subtleness! Such tact!*” onde observamos a modalização da palavra “finura” para “*subtleness*”, substantivo abstrato incontável, mais ligado ao intelecto e, a palavra “finura” mais ligada aos modos sociais.



Já em K, temos “*What industry! What subtlety! What tact!*” onde notamos a opção pelo substantivo abstrato “*Subtleness*”. K acompanha, na transposição do trecho, as interjeições presentes em ML (“Que diligencia! Que finura!. Que tacto!”)

Em ML a sentença, “O major, ralhando certa vez o escrevente, puxou aquella diplomacia como lembrete” foi transposta com “*One day the Major, reprimanding the clerk, held up his diplomacy as an example*” onde observamos algumas inserções, discutidas a seguir.

Primeramente, verificamos o acréscimo da expressão “*One day*” que não consta do trecho de partida. A palavra “aquella” foi omitida em G e , a seguir, notamos a inserção do adjetivo possessivo “*his*” que individualiza a ação em G.

Há a manipulação do termo “lembrete” que foi transposto com “*example*” com a inclusão do artigo indefinido “*an*” que generaliza a ação em ML.

Já em K temos “*On scolding one of his clerks once, the Major held up Pontes’ diplomacy as an example and a reprimand*”, onde notamos a manipulação do trecho com o termo “*example*” transpondo “lembrete” e a palavra “*reprimand*” como um acréscimo ao trecho.

Verificamos, também, a inclusão do nome da personagem Pontes antecedendo o termo “*diplomacy*” (“*Pontes’ diplomacy*”), que numa individualização intensifica a ação, em K.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>- Grande pasmado! Aprende com o Pontes que tem jeito para tudo, e ainda por cima tem graça. Nesse dia convidou-o para jantar. Grande exultação na alma do Pontes! A fortaleza abria-lhe as portas (p. 35).</p>	<p>You great idiot! Go learn with Pontes who has a knack for everything, and is amusing besides.” That day he invited Pontes to Dinner. Pontes’ soul was filled with joy: the fortress had opened its doors to him (p. 37).</p>	<p>You big idiot! Learn from Pontes who is skillful in everything and witty into the bargain.” On that same day he invited him to dinner. Great was the exultation in the heart of Pontes! The fortress was opening its doors to him (p. 947).</p>

A expressão “Grande pasmado!”, em ML, foi transposta em G com “*You great idiot !*” onde verificamos a inclusão do pronome “*You*” que intensifica a sentença. Em K, notamos a inclusão do mesmo pronome e o adjetivo “*grande*” que, em G, está transposto com “*great*”, e em K, com “*big*”.

A sentença “Aprende com o Pontes que tem jeito para tudo, [...]” foi transposta em G com “*Go learn with Pontes who has a knack for everything, [...]*” onde notamos a inclusão do verbo “*Go*” no imperativo.

A expressão “ter jeito” foi transposta com outra expressão “*to have a knack*” que se aproxima com a conotação do trecho em ML. Já em K, temos “*Learn from Pontes who is skillful in everything*”. A expressão “*who is skillful*” em K, transpõe “que tem jeito” em ML, onde notamos o verbo “*to be*” transpondo o verbo “ter” em ML.

Em ML, a sentença “e ainda por cima tem graça” foi transposta por “*and is amusing besides*.”

Observamos que a palavra “ainda”, em ML, está grafada como “inda”, numa alusão ao jeito de falar interiorano. O termo “graça”, um substantivo, em ML, foi transposto em G com “*amusing*”, um particípio. O termo “*besides*”, em G, transpõe “por cima”, encurtando a expressão. Ao mesmo tempo há a inversão lexical, pois, “*besides*” segue a palavra “*amusing*” e em ML “por cima” antecede a palavra “graça”.

Em K, temos: “*and witty in the bargain*” que transpõe “e inda por cima tem graça”, em ML. Verificamos que K interfere no trecho de chegada intensificando a qualidade para a personagem Pontes pelo acréscimo do termo “*witty*”, o qual não consta do trecho de partida. A palavra “*bargain*”, em K, transpõe “graça”, modalizando o trecho, lexicalmente.

Em ML, a sentença “Nesse dia convidou-o para jantar.” foi transposta, em G, com “*That day he invited Pontes to Dinner*”, onde observa-se que “*that*” substitui “nesse”; notamos, também, a inserção do substantivo próprio “Pontes” que não consta em ML. O substantivo próprio “Pontes” substitui o pronome oblíquo (“o”) que consta em ML. Verificamos, também que o termo “*Dinner*”, em G, foi intensificado na transposição feita com letra maiúscula na inicial do substantivo.

Já em K, temos: “*On that same day he invited him to dinner*”, onde verificamos o acréscimo do termo “*same*”, que alonga a sentença.

A sentença “Grande exultação na alma do Pontes! A fortaleza abria-lhe as portas” em ML, foi transposta com “*Pontes’ soul was filled with joy: the fortress had opened its doors to him.*” Constatamos, também, a manipulação do trecho com a inversão lexical e sintática. Desta forma, G transpõe a expressão “na alma do Pontes”, em ML, com “*Pontes’ soul*”, posicionando-a no começo da oração. e o adjunto adverbial (“[...] na alma de Pontes”), em ML, é transposto com um sujeito (“*Pontes’ soul was filled with joy*”).

Verificamos, também , o alongamento da sentença com a inclusão do verbo “*to be filled*” no “*Simple Past tense*”. A expressão “Grande exaltação” foi amenizada em G com “*with joy*”, onde notamos a exclusão do adjetivo “grande”. O verbo no pretérito “abria”, em ML, foi transposto pelo “*Past perfect tense*” (“*had opened*” ) ,em G, num alongamento da sentença.

Já em K, temos: “*Great was the exultation in the heart of Pontes! The fortress was opening its doors to him*”. Constatamos, em K, uma inversão lexical e sintática em sua transposição. Assim, notamos a inclusão do verbo “*to be*” no *Simple Past Tense* (“*was*”). A palavra “alma”, em ML, foi intensificada na transposição com o substantivo “*heart*”.

K optou por uma outra construção sintática ao preterir o uso do genitivo para a expressão “na alma do Pontes”, em ML. A assertividade semântica observada em ML, com o uso do verbo e do objeto indireto pronominal (“abria-lhe”), de cunho mandatório, no tempo do Pretério, foi transposta, em K, pelo verbo no “*Past Continuous*” (“*was opening*”) que

recorta a ação verbal num determinado momento no passado, modalizando o impacto da ação, em ML. O uso do “*Past Continuous*” também alonga a sentença pela inclusão do auxiliar “*to be*”. Numa individualização da ação, K acrescenta o adjetivo possessivo “*its*”, à sentença de chegada.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Aquelle jantar foi o inicio d’uma série onde o serelepe, agora “factotum” indispensavel, teve campo de primeira ordem para evoluções tácticas (p. 35).	That dinner was the beginning of a series where the “chipmunk,” now an indispensable factotum, found a first-class field of action for his tactics (p. 37).	That meal marked the beginning of a series of movements in which the “chipmunk,” now an indispensable factotum, had a free field for his tactics (p. 947).

A expressão “serelepe” em ML foi transposta com “*chipmunk*”, em G, que conserva no texto de chegada a palavra já anteriormente utilizada. Nota-se, em G, a interferência pela opção das “aspas” junto ao termo, que não consta no texto de partida.

Interessantemente, G opta por remover as “aspas” presentes na palavra em latim “factotum” em ML, numa inversão de escolhas. A sentença “teve campo de primeira ordem para evoluções tácticas” em ML foi transposta, em G, com “*found a first-class field of action for his tactics*” onde encontramos o verbo “ter” no Pretérito, transposto com “*found*”, também no “*Simple Past Tense*”. A expressão “para evoluções tácticas” foi transposta, em G, com “*of action for his tactics*”. Verificamos a individualização da ação com a inclusão do adjetivo possessivo “*his*”, que não consta em ML.

A palavra “*action*”, em G, transpõe “evoluções”, onde observamos que além de uma interferência lexical houve a opção da substituição do substantivo, no singular, para o plural.

Já em K, observamos a sentença “*That meal marked the beginning of a series of movements in which the “chipmunk,”*” onde notamos a modalização lexical pela transposição do termo “jantar” pela palavra “*meal*”, que vem a generalizar o termo (definido) em ML. Há a opção pelo verbo “*mark*” no “*Simple Past Tense*” que transpõe o verbo “ser”, no Pretério Perfeito em ML.

Verificamos, também, a inclusão da expressão “*of movements*”, que vem individualizar a palavra “serie” em ML. O termo “serelepe” em ML foi transposto com “*chipmunk*” numa confirmação da escolha inicial para esta palavra. Assim como em G, a palavra está transposta entre “aspas”, por se tratar de um termo coloquial na língua inglesa.

O termo em latim “*factotum*” no texto de partida está entre “aspas” e, em G e K, nota-se a remoção das mesmas. Ambos os tradutores utilizam-se da expressão “*factotum*” antecedida pelo acréscimo do artigo indefinido “an” que generaliza o termo.

Numa manipulação do trecho, K omite a palavra “evoluções” e numa inversão morfológica, o adjetivo “táticas”, em ML, foi transposto por um substantivo, em K: “*tactics*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
O major Bentes, entretanto, possuía uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros comensales a se erguerem da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava apenas os seus labios. E se não era a graça de superfina agudeza, o collector mofino desmontava sem piedade o contador (p. 35-36).	Major Bentes, however, possessed one invulnerable point: he never laughed, he limited his hilarity to ironical smiles. A joke that would make the other guests rise from the table smothering their mouths in their table-napkins, would barely elicit a smile from him. And if the joke were not of the very best, the bored collector pitilessly guyed the story-teller (p. 37).	Yet Major Bentes appeared invulnerable. He never laughed, but limited his manifestations of hilarity to ironic smiles. A jest that forced other table companions to get up from their chairs and stuff their napkins in their mouths, hardly did more than bring a curl to the Major's lips. And if the humor was not of extraordinary keenness, he used to humble the narrator without pity (p. 947).

ML inicia este parágrafo com a sentença “O major Bentes, entretanto, possuía uma invulnerabilidade: não ria [...]”. Em G, temos “*Major Bentes, however, possessed one invulnerable point: he never laughed*”, onde verificamos uma transposição muito próxima do texto de partida. Notamos, entretanto, a intensificação do trecho em G com o emprego do advérbio “*never*” (“*He never laughed*”) com maior força semântica que a negação simples em ML (“não ria”).

Constatamos, também, uma inversão morfológica, pois G optou por transpor o substantivo, em ML, “*invulnerabilidade*” por um adjetivo “*invulnerable*” acompanhado pelo acréscimo de um substantivo “*point*”. O artigo indefinido “*an*” que generaliza o termo que antecede, foi transposto pelo numeral “*one*”, que individualiza a palavra a que se refere.

Já em K, verificamos algumas intervenções, a saber: o acréscimo da conjunção “*Yet*”, ao início do parágrafo; o verbo “possuir”, em ML, que requer um objeto direto, transposto pelo verbo “aparecer” que requer um advérbio.

A pontuação em ML (“dois pontos”) foi substituída pelo ponto final no texto de chegada em K, e desta forma “não ria”, em ML, constitui-se numa outra oração (“*He never laughed*”), onde também notamos, assim como em G, a intensificação do trecho com o advérbio “*never*”.

Em ML, temos: “limitava suas expansões hilares a sorrisos irônicos”, que, em G, ficou transposto com “*he limited his hilarity to ironical smiles*”, onde a expressão “expansões hilares” foi transposta com um substantivo “*hilarity*”. Em K, temos: “*but limited his manifestations of hilarity to ironic smiles*” onde a expressão “expansões hilares” foi transposta com dois substantivos “*manifestations of hilarity*” no texto de chegada.

A sentença em ML “Pilheria que levava outros comensaes a se erguerem da mesa atabafando a bocca nos guardanapos” teve, em G, a seguinte transposição: “*A joke that would make the other guests rise from the table smothering their mouths in their table-napkins*” bem próxima do texto de partida. Notamos, também, a intensificação do trecho com o acréscimo do adjetivo possessivo “*their*”.

Em K ,temos: “*A jest that forced other table companions to get up from their chairs and stuff their napkins in their mouths [...]*” Observamos a intensificação do trecho com a elevação da qualidade semântica do verbo “levar”, presente em ML, com o verbo “*to force*”, o que semanticamente é bem diferente, pois “levar outras pessoas” não é o mesmo que “forçar alguém” a fazer algo. O substantivo “comensaes” foi transposto com “*table companions*”, que se aproxima do texto de partida.

A sentença em ML “[...] se ergueram da mesa” foi transposta com “[...] *to get up from their chairs*” onde a idéia de uma “mesa” se transforma em “*chairs*”. Nota-se, também, a inclusão do adjetivo possessivo “*their*” que intensifica a sentença de chegada.

Em ML, a metáfora “encrespava apenas os seus lábios” foi transposta com “*would barely elicit a smile from him*”, em G, onde o substantivo concreto “lábios” foi transposto por um abstrato “*smile*”. O verbo “encrespar”, que sugere a metáfora em ML, foi transposto por “*elicit*” numa amenização do termo.

Em K, temos: “[...] *hardly did more than bring a curl to the Major's lips*”, onde verifica-se a manipulação morfológica do texto com a inclusão do termo “*Major*”, que não consta em ML. O verbo “encrespar”, em K, foi transposto numa manipulação pelo verbo “*bring a curl*” onde a palavra “*curl*” é um substantivo. Numa inversão sintática, o termo “*curl*” tem função de objeto direto no texto de chegada e, em ML, o objeto direto está representado por “apenas os seus lábios”.

Observamos que a sentença em ML “E se não era a graça de superfina agudeza, o collector mofino desmontava sem piedade o contador”, foi transposta em G com “*And if the joke were not of the very best, the bored collector*

*pitilessly guyed the story-teller*. A expressão “de superfina agudeza” foi transposta pelo superlativo “*the very best*”. Numa amenização da qualidade, o adjetivo “mofino” em ML foi transposto pela palavra “*bored*”. O verbo “desmontar” que enuncia uma metáfora foi transposto por uma “gíria” representada no verbo “*to guy*”.

Em K, temos uma transposição com expressões de cunho mais formal que em ML: “*And if the humor was not of extraordinary keenness, he used to humble the narrator without pity*”. Assim a palavra “graça” está transposta pelo termo “humor”; a expressão “superfina grandeza” por “*extraordinary keenness*”. Notamos a intensificação da imagem semântica em ML com o acréscimo com o verbo “*used to*” que denota um hábito; e o que faz de certa forma que K manipule, lexicalmente, o trecho.

Verificamos a escolha, em K, por “*to humble the narrator without pity*”, uma opção mais formal mas que aproxima o texto de chegada com o de partida.



<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>- Isso é velho, Pontes, já num almanaque Laemmert de 1850 me lembra de o ter lido. Pontes sorria, com ar vencido; mas consolava-se, dizendo lá por dentro, dos fígados para o rim, que se não pegára d'aquella, d'outra pegaria (p.36).</p>	<p>“That’s old as the hills, Pontes, I remember reading it in Laemmert’s almanac for 1850.” Pontes would smile with a vanquished look; but would inwardly say,—if that one wasn’t appreciated another would be (p. 37).</p>	<p>“That’s an old joke, Pontes. You’ll find in the Laemmer almanac for 1850; I remember reading it.” Pontes smiled meekly, but within himself he took comfort with the reflection that if he hadn’t caught him that time, he would catch him some other time (p. 947).</p>

A expressão “- Isso é velho” foi transposta, em G, com uma expressão idiomática no idioma de chegada: “*That’s old as the hills*”. Verificamos o acréscimo de aspas, em G para a sentença que abre este parágrafo, com a omissão do travessão que consta em ML.

Notamos, também, uma inversão sintática em G. Assim o pronome oblíquo “me” em ML, transforma-se no pronome do caso reto “I”. Há uma generalização da expressão “num almanaque Laemmert” em ML, com a contração da preposição “em” com o artigo indefinido “um” (“num”). Esta expressão foi transposta para o idioma de chegada com uma individualização (“in”). Há a omissão da palavra “já” no trecho, em G, que atenua a intensidade da sentença. Constatamos a referência, em ML, a Laemmert, e ao ano 1850, novamente, neste trecho.

Em K, observamos a seguinte transposição para o trecho: “*That’s an old joke, Pontes. You’ll find in the Laemmer almanac for 1850; I remember reading it.*”, onde notamos uma inversão sintática: o sujeito “you” é acrescido ao trecho de chegada juntamente com o auxiliar “will” e o “base form” do verbo “find”, que anuncia o “Simple Future Tense” ( que não consta do trecho, em ML).

Verificamos, em ML o trecho “[...] que Pontes sorria, com ar vencido; mas consolava-se, dizendo lá por dentro, dos fígados para o rim, que se não pegára d'aquella, d'outra pegaria” que, em G, foi transposto com: “ *Pontes would smile*

*with a vanquished look; but would inwardly say,—if that one wasn't appreciated another would be.*”

Notamos a supressão de vários elementos na transposição como: a omissão da expressão idiomática “dos fígados para o rim”, que consta em ML. A expressão coloquial “que se não pegára d’aquella, d’outra pegaria” foi amenizada com “*if that one wasn't appreciated another would be.*”, onde verificamos uma inversão sintática pois “*that one*” é sujeito em G e, em ML, um objeto direto.

Em K, temos: “*Pontes smiled meekly, but within himself he took comfort with the reflection that if he hadn't caught him that time, he would catch him some other time* onde observamos o alongamento do trecho e uma inverção lexical que reflete na sintaxe desta passagem. Assim temos uma manipulação inicial, em K, pois o substantivo e o adjetivo da expressão “ar vencido”, em ML, foi transposto com o advérbio “*meekly*” que não tem o mesmo significado: um fato é “se sentir vencido” e outro é comportar-se humildemente, gentilmente...

Verificamos que a pontuação foi, também, manipulada nestas intervenções ao se substituir a vírgula pelo ponto e vírgula. Há a omissão da expressão idiomática “dos fígados para o rim” que consta em ML.

A sentença “dizendo lá por dentro”, no trecho de partida, foi alongada com a transposição: “*but within himself He took comfort with the reflection*”, onde foi observada a manipulação do trecho com a inclusão de termos (“*with the reflection*”); o verbo “dizer” foi num alongamento, substituído pela metáfora “*take comfort with the reflection*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Toda a sua sagacidade enfocava no fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou chalaça. Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle pélla-se pelo chiste bonacheirãoda chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilhéos (p. 36).</p>	<p>All his sagacity was focused on the discovery of the Major's weak point. Each man has a preference for a certain class of humor or wit. One delights in wanton jests of rotund friars. Another regales himself with the boisterous good-humoured German joke. Still another would give a year of his life for the Gaul's spicy vulgarity. The Brazilian adores a joke which exposes the rank stupidity of the Portuguese—the most convenient way our people have found to demonstrate by contrast, their own intelligence (p. 37-38).</p>	<p>All his sagacity was focused now on the single goal of soundingout the weakness of the Major. Every man has some preference fora certain type of humor or satire. One is fond of licentious tales about fat friars. Another dotes on good-humored jests connected with German folk-songs. Another would sell his life for a tale with Gallic spice. The Brazilian adores satire which exposes the boorish stupidity of the natives of Portugal or the Azores (p. 947-948).</p>

Em ML, a sentença “Toda a sua sagacidade enfocava no fito de descobrir o fraco do major” teve sua transposição, em G, com: “*All his sagacity was focused on the discovery of the Major's weak point*”, onde o verbo no infinitivo “descobrir” está transposto com o substantivo “*discovery*” no texto de chegada em G. Notamos, no trecho, um acréscimo lexical pois o substantivo “fraco” está transposto no idioma de chegada com o auxílio de um adjetivo e de um substantivo (“*weak point*”), num alongamento do termo. Constatamos a intensificação da importância da personagem do major Bentes na trama, pois G grafa o termo “*Major*” com inicial em letra maiúscula, constando o mesmo, em letra minúscula em ML.

Já em K temos: “*All his sagacity was focused now on the single goal of soundingout the weakness of the Major*” onde podemos observar a manipulação do trecho pelo tradutor com inclusões lexicais. Assim, temos o acréscimo do advérbio de tempo “*now*”; a intensificação do trecho com “*on the single goal*” para o termo “no fito de”, onde “*on the single*” individualiza e ressalta a importância do ato.

Em K, o verbo “descobrir” foi transposto com um substantivo “*the soundingout*”. Observamos, também que o termo “major”, em ML, está ressaltado na transposição assim

como em G, com a inicial em letra maiúscula numa intensificação da importância do cargo e da pessoa da personagem, em ML.

Verificamos em ML, que “Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou chalaça” teve sua transposição, em G, com “*Each man has a preference for a certain class of humor or wit*”, onde a expressão “genero de humorismo” está modalizado com outra expressão: “*class of humor*”.

Notamos, também, que a palavra “chalaça” foi amenizada em sua qualidade em G, com a transposição do termo com a palavra “*wit*”, pois um “dito ou gracejo zombeteiro” não pode ser confundido com uma capacidade mental que denote inteligência ou espírito engenhoso.

Já em K, observamos a transposição com a sentença “*Every man has some preference for a certain type of humor or satire*”, onde notamos a inclusão da palavra “*some*”, numa modalização para “*preference*”. O termo “gênero” foi transposto por “*type*”, em K, numa amenização do termo.

Observamos, em ML, que o trecho: “Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle pélla-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica” foi transposto, em G, com “*One delights in wanton jests of rotund friars. Another regales himself with the boisterous good-humoured German joke*”. O verbo “morrer”, que sugere tristeza, morte, foi transposto com o verbo “*delight*”, numa imagem na “contra mão” do significado inicial em ML.

Não há referência ao termo “fescenina”, presente no texto de partida, e ao que sua conotação semântica acrescenta ao trecho, mas sim, a transposição com “*in wanton jests*” numa manipulação do trecho, em G.

A imagem sugerida em ML, a de um frade “bojudo”, foi transposta em G com uma aproximação do termo: “*rotund*”. Já K, opta por transpor este termo com o adjetivo “*fat*”, numa amenização da qualidade da palavra. A palavra “chiste”, em ML, um substantivo; foi transposta em G por um adjetivo “*boisterous*” numa elevação da qualidade do termo. O termo “bonacheirão”, um adjetivo, em ML, foi transposto com duas palavras, um adjetivo e um substantivo, numa tentativa de aproximação com o texto de partida: “*good-humoured*”. O coloquialismo do termo “*chacota*” foi transposto por uma palavra formal “*joke*” no idioma de chegada.

Já em K, temos a seguinte transposição para este trecho, em ML: “*One is fond of licentious tales about fat friars. Another dotes on good-humored jests connected with German folk-songs*” Há a manipulação do trecho em K, com uma inversão de posicionamento lexical. Assim, a individualização contida no pronome demonstrativo “este”, em ML foi transposto com o pronome indefinido “one”, numa generalização do termo. A metáfora “morrer por uma pilheria” foi amenizada com “*fond of*” e a menção que ML faz à Fescênia, foi transposta em K com o adjetivo “*licentious*” e o substantivo “*tales*”, onde a palavra “*tales*” transpõe “pilherias”, numa modalização do termo. Há a inclusão do verbo “*connect*” ao texto de chegada e a palavra “chacota” foi transposta com “*folk songs*”, que se distancia do termo “chacota” do texto de partida.

Notamos, em ML, a sentença “Aquell’outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza” que, em G, foi transposta com “*Still another would give a year of his life for the Gaul’s spicy vulgarity*”. Observamos a inclusão da palavra “*still*” no trecho; o alongamento da sentença com o acréscimo de “*a year of his [...]*”, que não se encontra no trecho de partida. O tempo verbal também foi manipulado em G pois o presente simples foi transposto com o condicional “*would give*”. Da mesma forma, o adjetivo em ML “gaulesa” foi transposto com um substantivo “*Gaul*”. Numa modalização do termo a palavra “canalhice”, do texto de partida, foi amenizada com “*vulgarity*”, em G. Em K, temos: “*Another would sell his life for a tale with Gallic spice*, onde observamos que K mantém a metáfora do texto de partida ao transpor “*would sell his life for*”. Ao mesmo tempo há a modalização do termo “canalhice”, que foi transposto por “*tale*”, o que não seria a mesma coisa...

Em ML a sentença “O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilhéos” foi transposta, em G, com “*The Brazilian adores a joke which exposes the rank stupidity of the Portuguese—the most convenient way our people have found to demonstrate by contrast, their own intelligence.*”

Verificamos uma interferência do tradutor, no texto de chegada, ao transmitir sua opinião. O (a) tradutor (a) revela que “falar mal” de portugueses seria “[...] *the most convenient way our people have found to demonstrate by contrast, their own intelligence.*” Nesta inserção ao trecho o(a) tradutor(a) expressa sua opinião e ideologia sobre o país com a inserção do possessivo “*our*”([...] “*our people*”). A expressão “burrice tamancuda” foi transposta

numa modalização com “*the rank stupidity*” e a palavra “*portuguese*” substitui os termos gallegos e ilhéos, em G.

Já em K, temos: a sentença: “*The Brazilian adores satire which exposes the boorish stupidity of the natives of Portugal or the Azores*”, onde observamos a modalização do termo “chalaça” em ML com “*satire*”; a expressão “burrice tamancuda” foi transposta com “*boorish stupidity*”, que é um fato diferente, pois o substantivo “estupidez” tem a ver com modos e a palavra “burrice” com raciocínio. “Gallegos e ilhéos”, habitantes de regiões na Europa, foram transpostos com “Portugal”, nome de uma nação, e “Açores”, numa menção ao lugar de onde os ilheus seriam oriundos. A metonímia presente em ML (“O brasileiro adora [...]”) foi mantida em ambas as transposições (“*The Brazilian adores [...]*” e “*The Brazilian adores [...]*”).

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Mas o major? Porque não ria á inglesa, nem á alemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu genero?(p. 36).	But how about the Major? Why did he not laugh at the English, German, French or Brazilian jokes? Which did he prefer? (p. 38).	But the Major? Well, he didn't laugh at humor served English fashion, nor German, nor French, nor even Brazilian. What was his type? (p. 948)

Verificamos que, em ML, a palavra adversativa “mas” que inicia o parágrafo perdeu o “s” num possível lapso de datilografia. Assim temos: “Ma o major? Porque não ria á inglesa, nem á alemã, nem á franceza, nem á brasileira?” Em G, temos a transposição da sentença com: “*But how about the Major? Why did he not laugh at the English, German, French or Brazilian jokes?*” Constatamos o alongamento da sentença com a inclusão dos termos “*how about*” e “*jokes*”. Já em K, temos: “*But the Major? Well, he didn't laugh at humor served English fashion, nor German, nor French, nor even Brazilian*” onde observamos o alongamento da sentença de chegada com o acréscimo dos termos “*at humor*”; “*fashion*”. Ao mesmo tempo, K opta pela supressão do termo de interrogação presente no

texto de partida, que elimina a dúvida contida em ML. K intensifica sua sentença ao acrescentar “*even*” na transposição.

No texto de partida temos a sentença: “Qual o seu genero?” que foi transposta, em G, com “*Which did he prefer?*” onde há a elipse dos termos ‘gênero’ e do adjetivo possessivo “seu”, com a inclusão do pronome pessoal “*He*”. O verbo “ser estar’ foi omitido e, em seu lugar, G optou por “*prefer*”. O questionamento, em ML, marcado pelo ponto de interrogação foi mantido em G.

Em K, temos a modalização do termo “gênero’ que, em K, foi transposto por “*type*”:  
“*What was his type?*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Um trabalho systematico de observação e a methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do riço adversario: o major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso, porém, que viessem juntos. Saporados, negavam fogo. Exquisitices de velho Em surgindo <i>bifes</i> vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatões formidolosos e cachimbo, conjuntamente com frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço de mastigação, como creança a quem acenam com cocada. E quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo (p. 36-37).</p>	<p>Systematic observation and methodical exclusion of the classes of humor already found inefficient, led Pontes to discover the weak point of his stern adversary. The Major delighted in tales of Englishmen and friars. But they must be stories of both together. Separate, they were a failure. Just an old man's crankiness. At the appearance of red-faced Britishers, with cork helmets, checked clothes, formidable boots and pipes, side by side with rotund friars doting upon a hogshead of wine and revelling in feminine flesh, the Major would open his mouth and suspend his chewing like a child enticed by candy; and when the comic climax was reached, he would laugh, but without exaggeration enough to upset the equilibrium of his circulation (p. 38).</p>	<p>A systematic exploration, with the exclusion of humorous types proven ineffective, brought Pontes to the realization of the special weakness of his tough adversary; the Major licked his fingers for tales about Englishmen and friars. However, it was necessary for these to be worked in together. Separately, they missed fire. Such are the peculiarities of an old man. Whenever in the same story, beef-eating, ruddy Englishmen, in checkered suits, with cork helmets, formidable boots, with a pipe in their mouths, figured together with chubby friars, addicted to pipes and to feminine flesh, there and then the Major would actually open his mouth and interrupt the process of chewing, like a child who is being enticed with coconut candy. And when the point of the joke was sprung, he would laugh with pleasure, frankly, although without any abandonment endangering his state of health (p. 948).</p>

Em ML temos “Um trabalho systematico de observação e a methodica exclusão de generos já provados inefficientes” foi transposta, em G, com “*Systematic observation and methodical exclusion of the classes of humor already found inefficient*”, onde notamos a omissão da palavra “trabalho”, contida no texto de partida. A



palavra “gêneros” em ML foi transposta por “*classes of humor*”, numa modalização. Em K, temos: “*A systematic exploration, with the exclusion of humorous types proven ineffective*”, onde observamos a interferência no trecho, em K, com uma manipulação lexical. Deste modo podemos observar que K acrescenta a palavra “*exploration*” que não consta em ML, e ao mesmo tempo elimina o termo ‘trabalho’ e ‘observação’, na passagem. O substantivo “gêneros” em ML foi transposto, numa modalização, para a expressão “*humorous types*”, em K.

Em ML temos: “levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario: o major lambia as unhas por casos de ingleses e frades [...]” que, em G, foi transposto com “*led Pontes to discover the weak point of his stern adversary. The Major delighted in tales of Englishmen and friars*”. Notamos, em G, que o substantivo abstrato “fraqueza” foi transposto com um adjetivo “*weak*”, e num alongamento, observamos o acréscimo do substantivo “*point*”. Verificamos, também, que a pontuação foi modificada, em G. Em ML, temos dois pontos após a palavra “adversário” (“do rijo adversário:”), substituídos pelo ponto final em G (“*his stern adversary.*”). A seguir, inicia-se uma nova oração no idioma de chegada. A palavra “major”, como em outros trechos em G, teve sua inicial grafada em letra maiúscula, numa intensificação da qualidade de importância atribuída à figura da personagem Bentes. A expressão corriqueira “lamber as unhas” que expressa uma metáfora em ML “(o major) lambia as unhas” não foi transposta e, em seu lugar, G optou por “*the major delighted in tales*”, o que notamos como uma interferência no texto de chegada.

Já em K, observamos a sentença [...] “*brought Pontes to the realization of the special weakness of his tough adversary; the Major licked his fingers for tales about Englishmen and friars*”, onde o verbo “descobrir” no infinitivo foi substituído na transposição, em K, pelo substantivo “*realization*”. O verbo “levar”, nesta modalização do trecho, foi transposto por “*bring*” no “*Simple Past Tense*”. Há a manipulação do trecho, pois K insere o adjetivo “*special*” para intensificar a qualidade no substantivo “*s*”.

Verificamos também a substituição da pontuação em K, pois, os dois pontos presentes no texto de partida (“levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversário:”) transformam-se em ponto e vírgula no texto de chegada (“*brought Pontes to the realization of the special weakness of his tough adversary [...]*”).

O trecho em ML “[...] Era preciso, porém, que viessem juntos. Separados, negavam fogo” foi transposto em G, por “[...] *But they must be stories of both*

*together. Separate, they were a failure.*” Verificamos, em G, a inclusão da conjunção “*but*” ao se iniciar o trecho (que substitui “porém”) e a elipse do verbo “precisar”. G opta pela inclusão da modal “*must*”, de cunho mandatório, e o acréscimo do termo “*stories*”. A expressão corriqueira “negar fogo”, uma gíria, teve uma transposição para o idioma de chegada, com uma sentença formal: “*they were a failure*”.

Já em K, temos: “*However, it was necessary for these to be worked in together. Separately, they missed fire.*”, onde a conjunção “*however*” transpõe “porém” em ML. Há uma inversão de posicionamento lexical pois esta conjunção inicia a oração em K, diferentemente do trecho de partida quando “porém” posiciona-se após: “Era preciso, porém [...]”. Constatamos uma manipulação do trecho em K, com o acréscimo do pronome demonstrativo “*these*”, que substitui o pronome oculto “eles”, em ML. Num alongamento da sentença o verbo “vir”, em ML, foi transposto com “*to be worked*”. O particípio passado (“Separados”) foi transposto com um advérbio, “*separately*”, numa manipulação do trecho em K. A expressão idiomática “negar fogo” foi transposta no texto de chegada com uma aproximação metafórica: “*to miss fire*”.

Verificamos, em ML, o trecho: “Exquisitices de velho... Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada [...]”, que foi transposto, em G, com “*Just an old man’s crankness. At the appearance of red-faced Britishers, with cork helmets, checked clothes*”. Observamos a intensificação da sentença com o acréscimo de “*just*” e notamos, também, a inclusão do artigo indefinido “*an*”. O verbo “surgir” em ML foi transposto com um substantivo “*appearance*”; a metáfora “bifes vermelhos” foi transposta com uma expressão formal que descreve a idéia em ML: “*red faced Britishers*”. As outras duas expressões foram transpostas em sua literalidade.

Já em K, temos: “*Such are the peculiarities of an old man. Whenever in the same story, beef-eating, ruddy Englishmen in checked suits, with cork helmets [...]*”. A expressão “Exquisitices de velho [...]”, em ML, foi modalizada em K com o acréscimo de “*Such*” e do verbo “*to be*”; “exquisitices” foi transposta com a palavra “*peculiarities*”.

K manipula o texto ao transpor que os ingleses “comem bifes (carne)”, ou seja, são “*beef eating*”, e que são vermelhos (“*ruddy Englishmen*”), o que em ML está, numa só referência, mas podendo significar ambos os sentidos, isto é, que os ingleses quando notados parecem “bifes vermelhos” (isto porque são conhecidos como apreciadores de carne - o “*roastbeef*” - e alguns têm uma compleição avermelhada, muito provavelmente por causa do frio).

K acrescenta ao texto de chegada que os ingleses são avermelhados: “*ruddy Englishmen*”, com o termo “*Englishmen*” personalizando a informação em ML que optara pela metáfora para designá-los, “bifes vermelhos”. K opta por designar na grafia, o termo “*Englishmen*”, numa personalização da metáfora, em ML.

Há, também, uma inversão de posicionamento lexical em K, pois diferentemente do texto de partida, K opta por posicionar a expressão “*in checkered suits*”, antecedendo “*with cork helmets*”.

Verificamos, também, a manipulação e o conseqüente alongamento do trecho em K, com a inclusão de “*whenever in the same story*”, que não se encontra em ML. Há a modalização da palavra “roupas” que em K aparece como “*suits*”

Em ML temos: “[...] sapatões formidolosos e cachimbo, conjuntamente com frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço de mastigação, como creança a quem acenam com cocada.”, que em G, foi transposto com “*formidable boots and pipes, side by side with rotund friars doting upon a hogshead of wine and revelling in feminine flesh, the Major would open his mouth and suspend his chewing like a child enticed by candy [...]*”.

Em G, a palavra “sapatões” do texto de partida foi modalizada com “*boots*”; a expressão em ML “polpa feminina”, foi transposta com “*feminine flesh*”. G opta pela inclusão do adjetivo possessivo “*his*” ao trecho, numa individualização da ação. Notamos a omissão da palavra “serviço” e do termo “cocada”, este último, numa generalização, foi transposto em G, com a palavra “*candy*”, que pode significar “qualquer guloseima”, não especificamente uma cocada.... Verificamos, também, a supressão do ponto final em favor do ponto e vígula no trecho de chegada.

Já em K temos: “[...] *formidable boots, with a pipe in their mouths, figured together with chubby friars, addicted to pipes and to feminine flesh, there and then the Major would actually open his mouth and interrupt the process of chewing, like a child who is being enticed with coconut candy*”. Constatamos a manipulação do trecho em K, com omissões e inclusões lexicais.

No trecho de partida temos “sapatões formidolosos e cachimbo”. Já em K, temos: “*formidable boots, with a pipe in their mouths*”, onde sapatões foi transposto com “*boots*” e a inclusão da expressão “*in their mouths*”, que não consta em ML. O dêitico em ML “lá” foi transposto com “*there and then*”, que se aproxima do trecho de partida. Há o acréscimo de

verbos como “*is being*” para acompanhar “*enticed*”. Em K, há a menção do doce em ML (“cocada”): “*coconut candy*”.

Em ML, observamos a sentença “E quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilíbrio sanguineo”, que, em G, foi transposto com “*and when the comic climax was reached, he would laugh, but without exaggeration enough to upset the equilibrium of his circulation.*”

A palavra “lance”, em ML, foi intensificada em sua qualidade e numa elevação do termo temos “*climax*”, na transposição em G.

Notamos, também, no texto de partida, a inclusão do verbo “*to be*” e a intensificação da ação pois o verbo “chegar” foi transposto com “*reach*”. Notamos a elipse da expressão “com gosto”. A conjunção “embora”, em ML, foi transposta com “*but*”; já a palavra “sanguineo”, em ML, foi modalizada, em G, com o termo “*circulation*”.

Em K, verificamos que o trecho foi transposto com: “*And when the point of the joke was sprung, he would laugh with pleasure, frankly, although without any abandonment endangering his state of health*”. Observamos na transposição em K, “*when the point of joke sprung*” (“E quando o lance comico chegava”), numa modalização do termo “lance” de cunho semântico mais expressivo que “*point*”. A seguir, o verbo “*to spring*” intensifica a ação numa elevação da qualidade no trecho de chegada para o verbo “chegar”. Verificamos a manipulação do trecho, pois K opta por transpor “equilíbrio sanguineo” com “*his state of health*” numa generalização da expressão.

Constatamos, também, a intensificação deste trecho. Notamos uma inversão de posicionamento lexical e sintático pois o pronome oblíquo “*he*”(um objeto indireto) em ML é transposto com o adjetivo possessivo “*his*” (parte de um objeto direto em “*his state of mind*” ) notando-se, também, a inclusão de “*any*” (“*any abandonment*”). A sentença em ML “sem exaggero capaz de lhe transtornar” foi transposta, em K, com “*without any abandonment endangering*, numa manipulação criativa do trecho.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Pontes, com infinita paciência, bancou nesse genero e não mais sahiu dalli. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dóse de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação (p. 37)	Pontes with infinitive patience bet on that class of fun and stuck to it. He increased the program, the spiciness, the dose of malice and systematically bombarded the Major's great artery with the fruits of his clever manipulation (p. 38).	With infinitive patience, Pontes banked on this sole type of humor and never left it for any other. He increased his repertory, regulated the dosage of wit and malice, and systematically bombarded the major's aorta with the products of a skillful combination.(p. 948).

O parágrafo em ML inicia-se com “Pontes, com infinita paciência, bancou nesse genero e não mais sahiu dalli”, que teve em G a seguinte transposição: “*Pontes with infinitive patience bet on that class of fun and stuck to it.*”

Verificamos a modalização do substantivo “gênero” presente em ML que, em G, ficou com a expressão “*class of fun*”. O pronome demonstrativo “este” (contraído com a preposição “em” - “nesse”) tornou-se “*that*” em G. Notamos a manipulação do trecho, pois, em ML, a sentença “[...] e não mais sahiu dalli” teve a transposição com “*and stuck to it*”, onde a idéia de uma negação foi substituída por uma afirmativa. As duas vírgulas em ML foram omitidas neste trecho, em G.

Já em K, temos: “*With infinitive patience, Pontes banked on this sole type of humor and never left it for any other.*” Verificamos uma manipulação lexical com uma inversão de posicionamento de sentenças. Sendo assim, a sentença entre vírgulas em ML (“com infinita paciência”) inicia o parágrafo em K. Há a intensificação da sentença com a inclusão da expressão “*on this sole*”, que antecede a transposição de “genero” que na transposição ficou com “*type of humor*”. A negação “não” foi transposta com “*never*” com maior força semântica e houve o alongamento da sentença com o acréscimo de “*any other*”.

Em ML temos o trecho “Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dose de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major” que, em G, foi transposto com “*He increased the program, the spiciness, the dose of malice and systematically bombarded the Major's great artery*”. Verificamos que o termo “repertorio”

foi modalizado com “*program*”, que rebaixa a ação. Já a expressão “gradação de sal” foi transposta com “*spiciness*”, que elevou a intensidade do termo; o termo “aorta” foi transposto numa coesão lexical com um hiperônimo “*great artery*”.

Já em K, temos: “*He increased his repertory, regulated the dosage of wit and malice, and systematically bombarded the major’s aorta*”, numa aproximação com o texto de partida

Numa manipulação do trecho, K transforma a idéia inicial em ML numa explicação. Opta por transpor “gradação” (um substantivo) com “*regulated*” (um verbo) e inclui o termo “*wit*” no trecho de chegada.

Verificamos que “[...] com os productos da sua habil manipulação” foi transposto, em G, com. “*with the fruits of his clever manipulation*” onde notamos a intensificação da sentença com a transposição da palavra “produtos” por “*fruits*”, e o adjetivo “habil” transposto com uma qualidade mental: “*clever*”.

Já em K, observamos a transposição: “*with the products of a skillful combination*”. Notamos, no trecho de chegada, a generalização com a omissão do adjetivo possessivo “sua”, que está presente em ML, e o termo “manipulação” foi transposto com “*combination*” numa amenização da expressão.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o efeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:</p> <p>- “E o raio do <i>beefstek?</i>” “E dahi?” “Mister John apitou?” (p. 37).</p>	<p>When the story was a long one, rendered so because the narrator added flourishes with a view to hiding the final climax and heightening the effect, the old man would become highly interested and during the artful pauses would ask for explanations or continuation:</p> <p>“And the rascally Englishman?....And what happened next?....Did Mr. John call for help?” (p. 38-39).</p>	<p>When the story was lengthy because the narrator embellished it to delay and conceal the ending or heighten its effect, the old man showed his quickened interest and during the cleverly placed pauses he would ask for clarification or for the rest of the story.</p> <p>“Well, how about that rascal of a beef-eater? What happened then? Did Mister John whistle?” (p. 948).</p>

Em ML, observamos a sentença “Quando o caso era longo”, que foi transposta, em G, com “*When the story was a long one*” onde notamos o prolongamento da sentença inicial em ML com o uso de “*a; one*”. A palavra “caso” foi explicitada como “*story*” numa intensificação do termo, em G.

Já em K, temos: “*When the story was lengthy*”, onde constatamos a modalização do termo “longo” em ML, que foi transposto, em K, com um advérbio (“*lengthy*”).

Verificamos, em ML, a sentença “[...] porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o efeito.” Observamos, em ML, uma possível criação semântica do autor com o uso de “florejar”, onde em G, o termo ficou transposto com um verbo (“*added*”) e um substantivo no plural (“*flourishes*”) mantendo a etimologia lexical (“florejar”/“*flourishes*”). Notamos, também, que o verbo “esconder”, em ML, foi transposto por um substantivo em G: “*hiding*” (*with a view to hiding the final climax and heightening the effect*). O substantivo “desfecho” foi transposto pela expressão “*the final climax*” numa intensificação da qualidade da ação em ML.

O trecho em ML “[...] o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:” foi transposto, em G, com

“[...], *the old man would become highly interested and during the artful pauses would ask for explanations or continuation:*”, onde observamos o desdobramento do verbo reflexivo “interessar-se”, em ML, com o verbo “*become*” no futuro do condicional, juntamente com a inclusão do particípio “*interested*”.

Em K, temos: “*the old man showed his quickened interest and during the cleverly placed pauses he would ask for clarification or for the rest of the story*”, onde observamos que o verbo “interessar-se”, em ML, foi transposto por uma expressão “*his quickened interest*” onde o substantivo “*interest*” transpôs a idéia contida no verbo do texto de partida e mantém a raiz etmológica. Verificamos o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*” com o termo “*quickened interest*” que veio intensificar a ação em K. Notamos o advérbio “*cleverly*” uma qualidade da inteligência, transpondo “manhoso”, em ML que personifica uma atitude, e o que não significa a mesma coisa. Houve uma manipulação do trecho, em K, com o alongamento lexical “*the cleverly placed pauses*” e “[...] *for the rest of the story*”, que transpõe a palavra “continuação” em ML.

“E o raio do *beefstek*?” E dahi?” “Mister John apitou?” As sentenças questionadoras, em ML, com a presença dos estrangeirismos “*beefstek*” e “*Mister*” foram transpostas, em G, com “*And the rascally Englishman?.. And what happened next?....Did Mr. John call for help?*” O substantivo “raio”, uma “gíria” no idioma de partida, foi transposto pelo advérbio “*rascally*”. O termo “*beefstek*”, um estrangeirismo, foi transposto por “*Englisman*”, numa explicitação da conotação do termo em ML. Monteiro Lobato utiliza-se do termo “*beefsteak*”, grafando o termo como “*beefstek*”. Em parágrafo anterior (Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada [...]), ML já havia se referido aos ingleses como “bifes vermelhos” numa alusão à tez avermelhada característica de muitos ingleses assim como ao hábito dos ingleses de comer carne (“*roastbeef*” e “*steak*”).<sup>274</sup>

A sentença em ML foi no texto de chegada desdobrada e alongada (“*And what happened next?*”) onde notamos a presença da inclusão do verbo “*happen*” e do pronome interrogativo “*what*” A alusão ao inglês, *Mr John*, em ML, com o verbo “apitar” teve em G uma construção formal “*Did Mr. John call for help?*”

<sup>274</sup> Na revolução industrial, os mineiros levantavam-se muito cedo, ainda noite, para descerem às minas. Para o café da manhã, os mineiros se serviam de “*steaks*”, comida substanciosa, para que pudessem ficar muitas horas sem outra refeição durante o trabalho nas minas de carvão.



Já em K, temos:” *Well, how about that rascal of a beef-eater<sup>275</sup>? What happened then?*

*Did Mister John whistle?*” Notamos o alongamento da sentença em K com o acréscimo de “*well*”; “*how about*” e da gíria “raio”, que foi transposta por “*rascal*”. O estrangeirismo em ML “*beef stek*” (possivelmente “*beef steak*”, num lapso de digitação) foi transposto por “*beef eater*”, em K, que além da conotação de “apreciador de carne” tem ligação com à história britânica, pois os celebrados guardas da Torre de Londres se vestem como os antigos “*beefeaters*”, que serviam ao monarca inglês nas ocasiões oficiais. Em outro alongamento, que intensificou a ação temos, em K, a inclusão do verbo “*happen*” e do pronome interrogativo “*what*”. (“*What happened then?*”). O verbo “apitar” em ML teve sua transposição em sua literalidade: “*whistle*”: “*Did Mister John whistle?*”

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro collector não desesperava, confiando no apologo da bilha que de tanto ir á fonte lá ficou. Não era máo o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma (p. 37-38).</p>	<p>Although the fatal peal of laughter was long in coming, the future collector did not despair, pinning his faith on the fable of the pitcher that went so often to the well that it finally broke The calculation was well made. Psychology, as well as Lent, was on his side (p. 39).</p>	<p>Although the fatal guffaw was slow in coming, the future tax-collector did not despair, trusting in the fable about the pitcher that went to the water so often that it finally cracked. His plan was really not too bad. Psychology was working for him—and also Lent (p. 948).</p>

Este parágrafo inicia-se com uma conjunção subordinativa concessiva em ML (“Embora”), que teve igual opção em G e em K (“*Although*”).

Em ML, o trecho “[...] tardasse a gargalhada fatal” sofreu uma manipulação lexical em G, pois o verbo “tardar” foi transposto com “*to be long in coming*”, com o acréscimo de uma informação explicativa (“*in coming*”). Em K, o verbo do texto de partida “tardar” foi transposto com “*to be slow in the coming*”, onde notamos, também, o mesmo recurso explicativo com o acréscimo da informação (“*in coming*”).

<sup>275</sup> “*Beefeater*”. De acordo com o dicionário *Webster’s Third New International Dictionary* (1976, p. 196) um “*beefeater*” seria: “*a yeoman of the guard that forms part of an English monarch’s train on state occasion; a warder of the Tower of London uniformed like a beefeater.*”

O termo “gargalhada” presente em ML foi estendido, em G, com a expressão “*peal of laughter*”<sup>276</sup> onde verificamos uma intensificação do substantivo e, em K, por “*guffaw*”<sup>277</sup> numa confirmação de escolhas para os termos, em outros trechos da transposição. O adjetivo “fatal”, em ML, foi transposto em sua literalidade (“*fatal*”) tanto em G como em K.

Interessantemente, G refere-se ao advérbio “*long*” que nesta sentença apresenta uma conotação de tempo (“*Although the fatal peal of laughter was long in coming [...]*”);e já em K, observamos a escolha pelo termo “*slow*”. (“*Although the fatal guffaw was slow in coming [...]*”).

Em ML, o *verbo* antepõe-se ao *sujeito* (“tardasse a gargalhada fatal”) numa manobra de posicionamento de ordem lexical. Já em G e em K, o *sujeito* antepõe-se ao *verbo* como é usual na língua inglesa.

A sentença “o futuro collector não desesperava”, em ML, foi transposta na sua literalidade, em G: “*the future collector did not despair*”. Em K, observamos um acréscimo ao trecho com o substantivo “*tax*” que nesta passagem assume a função de um adjetivo, “*tax collector*”, numa intervenção léxical.

Em ML, a metáfora “confiando no apólogo da bilha que de tanto ir á fonte lá ficou” foi transposta, em G, por “*pinning his faith on the fable of the pitcher that went so often to the well that it finally broke*” onde notamos uma manipulação lexical pois o verbo “confiara”, presente em ML, foi transposto com “*to pin his faith*” numa elevação da qualidade e num prolongamento da sentença. O verbo “ficar” em ML foi transposto por “*broke*”, numa explicitação da metáfora de ML. Já em K, temos: “*trusting in the fable about the pitcher that went to the water so often that it finally cracked*”. Numa interferência lexical, K transpõe que o jarro “rachou” ao invés “de lá ficou”, como verificado em ML, e aproximando-se da imagem definida em G.

---

<sup>276</sup> “*A peal of laughter*” pode também significar uma “sucessão” de risadas.

<sup>277</sup> Ambos os tradutores utilizam-se do termo “*guffaw*” em alguns trechos. G utiliza-se, também, da expressão “*pearl of laughter*” para transpor a palavra “gargalhada”. Em G, temos “*Here comes Pontes!*” in the tone of those who check laughter or prepare themselves for a hearty guffaw” p. 31; “[...] writhed in a hearty guffaw, highly delighted”, pag. 35; “*A hearty guffaw is an effort [...]*”. p. 41; “[...] a half smile, a detained smile, the spark of laughter which is the preparation for a peal of laughter [...]” p. 41; “*Major Antonio Pereira da Silva Bentes broke into a hearty peal of laughter [...]*” p. 41; “*A peal of laughter equal to that of Teufelsdröckh before John Paul Rütcher*” (1925,p. 41).

K também faz uso do termo “*guffaw*” para transpor “gargalhada”, em ML, em alguns trechos: “*A sudden guffaw could kill. Well, I’m an expert at making people laugh ...* (p. 946). “*Major Antonio Pereira da Silva Bentes let forth the first guffaw in his life [...]*” (1947, p. 949).

A sentença em ML “Não era máo o calculo” teve, em G, uma manipulação morfológica pois o autor valeu-se de um advérbio com conotação positiva (“*well*”) para transpor palavras negativas (“não” e “máo”) numa inversão lexical. Temos: “*The calculation was well made*”. G utiliza-se da voz passiva ao invés da ativa, como verificado em ML.

Já em K, temos: “*His plan was really not too bad*” onde constatamos a interferência lexical com o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*” que individualiza e intensifica a ação na personagem Pontes. Notamos a intensificação da sentença com a presença dos advérbios “*too*” e “*really*”, que não constam no texto de partida e conferem um tom coloquial a sentença.

Em ML, verificamos a sentença “Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma” que, em G, foi transposta com “*Psychology, as well as Lent, was on his side*”. Observamos uma inversão sintática, pois, a palavra “psicologia”, em G, assume a função sintática de sujeito ao invés de objeto direto como está em ML. Notamos uma outra intervenção lexical, em G, com a inclusão de “*as well as*”. Da mesma forma, constatamos uma manipulação verbal pois os dois verbos presentes em ML (“*tinha*” e “*teve*”-*Tinha a psychologia por si, e teve também por si [...].*) foram transpostos por um verbo (“*to be*”). Notamos a interferência do tradutor no texto de chegada com a presença da explicitação “*on his side*”, onde constatamos, também, a inclusão do adjetivo “*his*” numa personificação da ação.

Em K, temos “*Psychology was working for him—and also Lent*” onde o Pretérito Imperfeito (“*tinha*”) e perfeito (“*teve*”) do verbo “*ter*”, em ML, foi transposto pelo *Present Continuous* (“*was working*”), com a substituição de “*ter*” por “*to be working*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno de uma enorme piabanha recheada, presente d'um collega.</p> <p>O estrudo desmazorrára a alma dos commensaes, e a do amphytrião, que estava naquelle dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.</p> <p>O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os apperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal (p. 38).</p>	<p>One day, Carnival having passed, the Major gathered his friends about an enormous stuffed fish, a present from the clerk.</p> <p>Carnival sport had enlivened the hearts of the guests as well as of the host who on that day was pleased with himself and the whole world, as though he had seen the blue-bird ( p. 39).</p> <p>Verificar nota de rodapé para omissão de trecho<sup>278</sup>.</p>	<p>On a certain occasion toward the end of the Carnival, the Major gathered his friends around an enormous stuffed fish presented to him by one of his colleagues. The Carnival sports had enlivened the spirits of his table companions as well as those of their host, who on that day was contented with himself and the world, as if he had beheld some extraordinary marvel.</p> <p>The odors of cooking coming from the kitchen took the place of liquid appetizers and called forth upon all faces an expression of gastronomic anticipation (p. 948).</p>

O trecho em ML “Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno de uma enorme piabanha recheada, presente d'um collega” foi transposto com “*One day, Carnival having passed, the Major gathered his friends about an enormous stuffed fish, a present from the clerk.*”, em G.

G transpõe a expressão “certa vez” do trecho de origem por “*one day,*” reafirmando a indeterminação em ML. Em contrapartida, a individualização presente em ML com a referência ao peixe do Rio Paraíba do Sul<sup>279</sup> (“a piabanha”) foi generalizada em G, com a palavra “*fish*”. G faz uma intervenção morfológica ao transpor o artigo indefinido “um” (“presente d'hum colega”) por “*the*” que personifica o trecho. Ao mesmo tempo a palavra “collega” foi transposta por “*clerk*”, numa personalização, pois confere ao indivíduo um trabalho no comércio: “*a clerk*”.

<sup>278</sup> Neste trecho, G omite a passagem presente em ML: “O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os apperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal”. Este trecho será retomado adiante por G, na página 39, em “The Penitent Wag”.

<sup>279</sup> Piabanha - Peixe nobre, que pode atingir 80 cm. e pesar de 8 a 10 kilos, frequentemente visto no rio Paraíba do sul. Cf. Disponível em: <<http://www.casa da cidadania.org.br>>. Acesso em: 14 out. 2011.

Já em K, temos “*On a certain occasion toward the end of the Carnival, the Major gathered his friends around an enormous stuffed fish presented to him by one of his colleagues*” onde observamos que o verbo “findar” em ML foi transposto pela expressão “*toward the end of*”, que alonga a sentença. Observamos, também, que K interfere na cronologia dos eventos ao utilizar-se de “*toward the end of Carnival*” pois, em ML, o carnaval já findara... (“findo o carnaval”).

Notamos, também, a manipulação lexical com o acréscimo de “*to him*” que personifica a ação em ML.

Em ML, o trecho “O entrudo desmazorrara a alma dos commensaes, e a do amphytrião” foi transposto, em G, por “*Carnival sport had enlivened the hearts of the guests as well as of the host*” onde a palavra “entrudo”, do latim “*introitu*” (“introdução”), em ML, encontra-se mais alongada em G e em K com o acréscimo do termo “*sport*” ( e, em K, uma variação em número - “*sports*”, pois a festa acontece em três dias) numa adequação para o substantivo “Carnaval” em ML.

Já em K, observamos a sentença “*The Carnival sports had enlivened the spirits of his table companions as well as those of their host*” onde verificamos uma variação em número, em K, com o plural “*sports*”. O substantivo abstrato “almas” em ML foi transposto, em G, por “*hearts*”, um substantivo concreto e em K, a palavra “almas” teve uma modalização por “*spirits*”, também um substantivo abstrato, como verificado em ML. A escolha em ML pelo termo “almas” ligado à espiritualidade é próximo da opção em K (“*spirits*”), enquanto que em G a palavra “*hearts*” (um “órgão muscular”), está vinculado à fantasia popular que o liga aos sentimentos.

Verificamos que o trecho em ML “[...] que estava naquele dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde” foi transposta por “*who on that day was pleased with himself and the whole world, as though he had seen the blue-bird*”. Notamos a intensificação do trecho com o acréscimo do termo “*whole*” e a metáfora, presente no texto de origem, “enxergado o passarinho verde” foi transposta com “*seen blue bird*”.

Em K, temos “*who on that day was contented with himself and the world, as if he had beheld some extraordinary marvel*” onde observamos uma interferência pois a expressão metafórica “enxergar passarinho verde”, em ML, foi transposta numa outra metáfora, com “*beheld some extraordinary marvel*”. Verificamos a intensificação da qualidade da expressão

“passarinho verde” que, numa explicação, K detalha como “*extraordinary marvel*”. Como constatamos, os tradutores dão soluções diferentes para transpor a expressão “enxergar passarinho verde”. G revela que, no idioma de chegada, o passarinho seria “azul” para exemplificar a cena que suspostamente “demonstra” a felicidade do indivíduo, e já K, aponta que enxergar passarinho “verde” seria um fato extraordinário e maravilhoso pelo inusitado da cena...

O trecho em ML “O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os aperitivos de garrafaria, punha nas caras um enternecimento estomacal” foi omitido em G, numa intervenção ao texto. Este trecho será transferido para outra passagem, por G, como veremos, a seguir.

Já em K, verificamos a transposição para o idioma de chegada com “*The odors of cooking coming from the kitchen took the place of liquid appetizers and called forth upon all faces an expression of gastronomic anticipation*”. O substantivo no singular (“cheiro”) foi transposto com outro substantivo, agora no plural (“*odors*”). O substantivo “cozinha”, em ML, numa interferência morfológica foi transposto com um verbo (“*cooking*”). O verbo no gerúndio, em ML, que compõe a expressão “valendo por todos” foi transposto pelo verbo no *Past Tense* “*took*” (“*took the place*”) onde a expressão contida no texto de partida foi modalizada em K. Notamos a intensificação no texto de chegada com o acréscimo de “*all*” (“*all faces*”). K intensifica a expressão “um enternecimento estomacal”, presente em ML, com “*an expression of gastronomic anticipation*”, onde a palavra “estomacal” está transposta numa elevação do termo por “*gastronomic*”, palavra ligada ao refinamento do paladar. O termo “*anticipation*” revela ao leitor, em K, que o fato está por acontecer, isto é, implica numa expectativa de prazer e, em ML, não há essa expectativa, pois os convivas já sentiam um “enternecimento estomacal”...

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Quando o peixe entrou, scintillaram os olhos do major. Pescado fino era com elle, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquele brodio primára a Gertrudes num tempero que excedia ás raias da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe! (p.38)	When the fish was brought in, the Major's eyes sparkled; it was well worth all the bottled aperitives and reflected in all faces an epicurean tenderness. Fine fish was the Major's delight, especially when cooked by Gertrude. And for that dinner Gertrude had excelled in a seasoning that transcended all culinary art and soared to the height of the most exquisite poetry. What fish! (p. 39).	When the fish was brought in the Major's eyes sparkled. He doted on excellent fish, all the more when cooked by his faithful Gertrude. And at that banquet Gertrude surpassed herself in the seasoning which excelled the limits of the culinary art and rose to lyrical heights. What a fish! (p. 948-949).

Em ML, a sentença que inicia o parágrafo foi transposta de forma praticamente literal por ambos os tradutores. Como um exemplo de escolhas semelhantes, em G e em K, o verbo na construção da voz ativa em ML, “Quando o peixe entrou scintillaram os olhos do major”, foi transposto pela voz passiva, no texto de chegada (“*When the fish was brought in*” [...]). Em G, temos: “*When the fish was brought in, the Major's eyes sparkled;*” onde observamos que o ponto final presente em ML foi substituído por um ponto e vírgula. Em K, temos “*When the fish was brought in the Major's eyes sparkled*”, onde notamos que a vírgula, presente em ML e em G, foi eliminada. Numa manipulação lexical a expressão “com ele”, em ML, foi transposta com “*well worth*”, em G.

G transfere para este parágrafo as linhas contidas no anterior, em ML, que não haviam sido transpostas: “[...] *all the bottled aperitives and reflected in all faces an epicurean tenderness*”, onde a expressão “enternecimento estomacal”, presente em ML, foi transposta numa elevação da qualidade com “*epicurean tenderness*”, onde o termo “*epicurium*” está ligado ao prazer corpóreo e “enternecimento”, em ML, ao lirismo...

Em ML, temos “Pescado fino era com elle, inda mais cozido pela Gertrudes” que em G está transposto por “*Fine fish was the Major's delight, especially when cooked by Gertrude*” onde notamos a manipulação lexical com a inclusão do termo “*Major*”, personificando “elle” e a intensificação da cena com o acréscimo do termo “*delight*”.

Constatamos uma manobra morfológica e lexical em G, pois a expressão “inda mais”, foi transposta pelo advérbio “*especially*” acompanhado pela conjunção temporal “*when*”, numa atenuação da intensificação presente em ML. Verificamos, também, o nome próprio “Gertrudes”, em ML, transposto sem o “s” final numa aproximação com o idioma de chegada. K utiliza-se também de “Gertrude” para a personagem.

Em K, temos a seguinte transposição para o texto: “*He doted on excellent fish, all the more when cooked by his faithful Gertrude*”. Observamos uma intervenção sintática e lexical na transposição da sentença, pois o sujeito em ML “peixe fino” foi transposto com um objeto, e numa inversão sintática, o sujeito da oração, em K, é “*He*”. Verificamos a transposição do adjetivo “fino”, presente em ML, que privilegia a origem aliada ao sabor, pois o peixe era “uma piabanha recheada” (“peixe nobre e recheado”), por “*excellent fish*” em K, que intensifica a qualidade dada ao sabor.

Como resultado de manipulações sintáticas e lexicais o verbo em ML “era” foi substituído por “*dote on*”. Numa outra interferência, o tradutor acrescenta ao trecho uma qualidade à cozinheira (“*faithful*”) que não consta do texto de partida, o que confere à cozinheira uma qualidade: era uma serviçal, provavelmente, com bastante anos de serviços prestados na casa do Major.

A seguir, observamos as sentenças “E naquele brodio primára a Gertrudes num tempero que excedia ás raias da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe!” que foram transpostas em G com: “*And for that dinner Gertrude had excelled in a seasoning that transcended all culinary art and soared to the height of the most exquisite poetry. What fish!*”

G utiliza-se de uma modalização quando transpõe o substantivo “brodio”, um banquete geralmente “animado”, pelo termo “*dinner*”, palavra informal que não necessariamente define um “festim”. Num alongamento da sentença, o verbo “primara” em ML, foi transposto por “*had excelled*”, no “*Past Perfect Tense*”, em K. A contração da preposição “em” com o demonstrativo “aquele” (“naquele”) foi transposta com “*for that*”. Notamos uma inversão de posicionamento lexical, em G, ao transpor a expressão “num tempero”, que antecede o verbo em ML, para “*in a seasoning*”, após o verbo. Em ML, o verbo “exceder” se encontra no tempo do Imperfeito e num alongamento foi transposto no *Past Perfect Tense* em G (“*had excelled*”).



Em ML temos “[...] e se guindava” que foi transposto, em G, com “*and soared to the height*” onde notamos a elipse do pronome reflexivo “se”. G faz outra interferência ao acrescentar a palavra “*all*” ao trecho (“*all culinary art*”), elevando a qualidade da expressão em “*culinary art*”. O termo “puro”, em ML, numa intensificação da qualidade, foi transposto com o superlativo, em G (“*the most exquisite*”).

Já em K, verificamos as sentenças para o trecho: “*And at that banquet Gertrude surpassed herself in the seasoning which excelled the limits of the culinary art and rose to lyrical heights. What a fish!*”. Notamos que a palavra “bródio” foi transposta com “*banquet*”, o que se aproxima do texto de partida. O verbo “primar” do texto de partida foi transposto com “*surpass*” em K, e numa individualização da ação, K acrescenta ao texto o pronome reflexivo “*herself*”. A expressão “as raias” foi transposta com “*the limits*”, expressão mais formal. Numa intensificação, o termo “culinária”, presente em ML teve, como em G, o acréscimo da palavra “*art*” (“*culinary art*”) numa intensificação da qualidade.

O substantivo “lirismo” em ML, numa manipulação morfológica, foi transposto com um adjetivo: “*lyrical*”. O adjetivo “puro” foi modalizado e transposto com o substantivo “*heights*” numa elevação da qualidade; o verbo reflexivo “guindar-se” foi transposto com “*to rise*” no *Simple Past Tense*. A locução interjetiva “Que peixe!” foi transposta na sua literalidade, em G: “*What fish!*”; já em K, verificamos o acréscimo do artigo indefinido “*a*” “*What a fish!*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Vatel o assignaria com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrevente, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxista do paladar (p. 38).	Vatel could have signed it with the pen of impotence dipped in the ink of envy, said the clerk, well up as a reader of Brillat-Savarin and other authorities on good things to eat (p. 39).	Vata would have signed it himself with the pen of his helplessness moistened in the ink of envy, one of the clerks remarked,an observation read in Brillat-Savarian and in other artists of the palate.(p. 948-949).

ML inicia o parágrafo com uma referência a Vatel, grande cozinheiro francês, a serviço do Príncipe Condé, nobre general francês.

ML faz a referência a personagem com a frase “Vatel o assignaria com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja”. Esta referência, em G, está com “*Vatel could have signed it with the pen of impotence dipped in the ink of envy*”, onde observamos que a transposição do trecho aproxima-se do texto de partida. Verificamos, entretanto, que o verbo, em ML, no Imperfeito está transposto num alongamento ao trecho, com o auxílio do modal “*could*”, que sugere a possibilidade, juntamente com o “*Present Perfect Tense*”(“*have signed*”).

Já em K temos “*Vata would have signed it himself with the pen of his helplessness moistened in the ink of envy [...]*”, onde notamos um lapso de digitação pois Vatel está grafado “Vata”. Verificamos, também, o alongamento da sentença inicial em ML, pelo tempo do Condicional Perfeito (*would have signed*). Notamos a inclusão do pronome reflexivo “*himself*” numa intensificação da ação sobre o sujeito(“Vatel”), em K.

A sentença “disse o escrevente”, em ML, foi modalizada em K com “*one of the clerks remarked*”, onde há a manipulação lexical com a inclusão da expressão “*one of the*”, que denota uma multiplicação de convidados... O verbo “dizer”, (“disse”) em ML, foi transposto em K com “*remark*”, no “*Simple Past Tense*”, que sugere além da “fala” uma atitude, pois ao fazer um comentário o indivíduo necessariamente externa uma opinião.

Numa outra referência a ilustres personagens franceses, ML insere na ficção o nome de “Brillat-Savarin”<sup>280</sup>, na sentença: “sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar” Esta sentença foi transposta, em G, com “*well up as a reader of Brillat-Savarin and other authorities on good things to eat*”, onde constatamos que G insere uma comparação: “*well up as a reader*”. O termo “paladar” foi transposto num alongamento com a adição do adjetivo (“*good*”), do substantivo (“*things*”) e de um verbo (“*to eat*”) na transposição (“*good things to eat*”).

Já em K, temos: “*an observation read in Brillat-Savarian and in other artists of the palate*”, onde observamos a manipulação lexical, pois a palavra “sujeito” foi omitida e em seu lugar temos “*an observation*”, o que vem a modificar o sentido inicial presente em ML. A palavra “praxista” está transposta em G por “*authorities*” numa aproximação com o texto de partida e modalizada, em K, com “*artist*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
Entre goles de rica vinhaça era a piabanha introduzida nos estomagos com religiosa unção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude (p. 38).	Between swallows of rich wine the fish was eaten with religious rites. No one dared break the silence of that bromotological beatitude (p. 39).	Amidst swallows of strong but inferior wine, the fish was gradually being inserted into stomachs with appreciative fervor. No one dared to break the silence of this alimentary blissfulness (p. 949).

Em ML, temos “Entre goles de rica vinhaça era a piabanha introduzida nos estomagos com religiosa unção” que foi transposta em G or “*Between swallows of rich wine the fish was eaten with religious rites.*”. O substantivo “vinhaça”<sup>281</sup>, foi elevado em qualidade em G e transposto por “*wine*” e verificamos que foi mantido o adjetivo “rich” (“rica”) presente em ML. Em G, o particípio (“introduzida”) precedido pelo verbo

<sup>280</sup> “Jean Anthelme Brillat-Savarin was born on April 1, 1775 in Belley, França and died on February 2, 1826, in Paris, France He was a French lawyer, magistrate and politician, who wrote of the most celebrated works on food, “*Physiologie du Gout*” which was published only months before his death (08 volumes). There are few recipes but many anedoctes and observations covering all aspects of the pleasures of the table. He was quite possibly the greatest food critic ever.” Disponível em: < <http://www.foodreference.com/html>>. Acesso em 06 jun. 2011.

<sup>281</sup> O termo vinhaça está ligado a ideia de aguardente, produto da cana de açúcar ou, então, a um vinho de baixa qualidade.

“ser” (“era”) no pretérito Imperfeito foi omitido na transposição e, em seu lugar temos o verbo “*to be eaten*”, que modalizou o trecho de chegada. Como em opção anterior, G omite o tipo de peixe (“piabanha”) a que ML se refere neste trecho, mas opta pelo substantivo comum “*fish*”, numa generalização do termo. Esta escolha é feita também em K para o substantivo próprio “piabanha”, presente em ML.

Observamos a seguinte sentença em K: “*Amidst swallows of strong but inferior wine, the fish was gradually being inserted into stomachs with appreciative fervor*” que, diferentemente de G, acrescenta uma informação a sua transposição do substantivo “vinhaça”, quando opta por uma explicação para o termo, num alongamento: “*a strong but inferior wine*”, onde o adjetivo “*strong*” confere um certo valor a uma bebida de duvidosa qualidade...

Em K, observamos uma manipulação lexical com a introdução do advérbio “*gradually*”, que não consta em ML. A ideia de religiosidade presente em ML (“[...] a piabanha introduzida nos estômagos com religiosa unção”) é mantida em G (“*the fish was eaten with religious rites*”) e afastada em K (“*the fish was gradually inserted into stomachs with appreciative fervor*”).

Em ML, a sentença “Ninguém se atrevia a quebrar o silêncio da bromatológica beatitude” foi transposta em G com “*No one dared break the silence of that bromatological beatitude*” com a transposição bem próxima do trecho de partida, onde notamos somente a inserção do demonstrativo “*that*”.

Em K, temos: “*No one dared to break the silence of this alimentary blissfulness*”, onde verificamos que o termo “bromotológica”, conectado com o universo das “ciências”, foi transposto com “*alimentary*”, numa modalização do termo.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Pontes presentiu oportuno o momento da cartada. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades barbadinhos, anecdotas que elaborára á custa da melhor matéria cinzenta do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo (p. 39).</p>	<p>Pontes foresaw the opportune moment to play his game. He had brought full-cocked a case of an Englishman, his wife and two bearded friars, an anecdote built from the best grey cells of his brain, rendered ever more perfect through long nights of insomnia. It had been kept in ambush for days awaiting the moment in which everything would contribute towards the greatest possible effect (p. 39-40).</p>	<p>Pontes felt that this was the opportune moment for his final blow. He had prepared a story about an Englishman, his wife, and two Franciscan friars, an anecdote that he had elaborated by the effort of insomnia. For a number of days he had his trap all set, always awaiting the right occasion when everything would cooperate to obtain for him the maximum result. (p. 949).</p>

ML inicia este parágrafo com uma menção à personagem Pontes. Assim temos: “Pontes presentiu oportuno o momento da cartada” que, em G, foi transposto com “*Pontes foresaw the opportune moment to play his game*” onde verificamos uma manipulação lexical e sintática. Em ML, a palavra “oportuno” tem a função de predicativo e a expressão “o momento da cartada”, de objeto direto. Ambas as palavras foram transpostas, em G, numa só expressão, “*the opportune moment*”, que possui a função sintática de objeto direto. O substantivo “cartada” em ML, numa manobra lexical e morfológica, foi transposto com o verbo “*to play his game*”. Já em K, temos “*Pontes felt that this was the opportune moment for his final blow*” onde verificamos a inserção do demonstrativo “*this*”, que inicia uma outra oração. Numa amenização, o verbo “presentir” foi modalizado por “*feel*” no *Simple Past Tense*.

K transpõe a metáfora “o momento da cartada” com outra “*his final blow*”, onde verificamos, também, a inserção do adjetivo possessivo “*his*”, numa personalização da ação para a personagem Pontes.

Em ML, verificamos o trecho “Trazia engatilhado um caso de inglês, sua mulher e dois frades barbadinhos, anedota que elaborára á custa da melhor matéria cinzenta do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longas noites de insomnia”, que foi transposto, em G, com “*He had brought full-cocked*”<sup>282</sup> *a case of an Englishman, his wife and two bearded friars, an anecdote built from the best grey cells of his brain, rendered ever more perfect through long nights of insomnia.*” A metáfora em ML “Trazia engatilhado um caso de inglês [...]” foi transposta com outra metáfora no idioma de chegada, com uma aproximação ao texto em ML (“*He had brought full cocked a case of an Englishman [...]*”) onde notamos, também, a inserção do artigo indefinido “*an*”.

Constatamos seguintes interferências no trecho: a supressão do pronome relativo “que”; o verbo “elaborara” no Pretérito mais que perfeito, em ML, foi transposto com o particípio “*built from*”; a presença da modalização, em G, pois o substantivo “*cells*” foi transposto com o termo “matéria”; o verbo “aperfeiçoando”, no geúndio foi transposto com “*rendered*”, um particípio numa manobra morfológica; o advérbio “constantemente” está transposto com “*ever more perfect*” num alongamento da frase e numa intensificação (com o uso do comparativo de superioridade) que evidenciou a intenção da personagem Pontes em aprimorar suas histórias e casos hilários.

Em K, temos a seguinte transposição para o trecho em ML “*He had prepared a story about an Englishman, his wife, and two Franciscan friars, an anecdote that he had elaborated by the effort of insomnia*”. No início deste trecho (“*He had prepared a story about an Englishman [...]*”), verificamos a modalização da sentença e a ausência da metáfora presente neste trecho em ML (“Trazia engatilhado um caso de inglês”). Observamos a individualização à referência feita, em ML, a dois “barbadinhos” que K, numa interferência, qualifica a ordem religiosa: “*Franciscan friars*”.

Em K, constatamos a omissão de um trecho longo, que está presente em ML, onde se “perde” a referência sutil e irônica relativa a inteligência da personagem Pontes: “[...] á custa da melhor matéria cinzenta do seu cérebro[...]”.

---

<sup>282</sup> “*To cock a gun*”-“*To cock a gun is to prepare an old fashioned gun for firing .In the case of the present weapons when the safety catch is released, the gun is ready for firing*”; “*To set the trigger for firing*” (In: *Webster’s New Collegiate Dictionary*, 1976, p. 435).

Em ML, observamos “Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo” onde, em G, temos “*It had been kept in ambush for days awaiting the moment in which everything would contribute towards the greatest possible effect*”. Constatamos neste trecho, a omissão do advérbio “sempre” que atenua o sentido semântico presente em ML. Notamos, também, a supressão da palavra “della”.

Em G, verificamos que superlativo “*the greatest*” (“*the greatest possible effect*”) no idioma de chegada corresponde bem a palavra “maximo” em ML (“para obter della o effeito maximo”). e constatamos, também, o alongamento da sentença com o acréscimo da palavra “*possible*”.

Em K, observamos a seguinte transposição para o trecho: “*For a number of days he had his trap all set, always awaiting the right occasion when everything would cooperate to obtain for him the maximum result.*” onde verificamos a presença da metáfora “*For a number of days he had his trap all set*” onde a palavra “*trap*” transpõe o termo “tocaia”, em ML. Verificamos, também, a inversão de posicionamento lexical com o advérbio “*always*” precedendo o verbo “*awaiting*”.

Em K, a palavra “momento” foi elevada em sua qualidade ao ser transposta com “*occasion*”. O relativo “que” foi transposto com a conjunção “*when*”, ligada a ideia de “tempo”, focando a importância da ação naquela oportunidade específica.

Constatamos, também, uma troca sintática e lexical pois a palavra “della”, que se refere a anedota que Pontes pretendia contar à Bentes e, desta forma, ocasionar o aneurisma fatal, foi omitida. K acrescenta uma informação numa intensificação ao trecho: “*for him*”, que enfatiza o beneficiário (“a personagem Pontes”), ênfase inexistente em ML. Esta manipulação sintática e lexical reflete-se no conteúdo semântico, presente no texto de partida.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Era a derradeira esperança do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia duas balas nos miolos. Reconhecia impossivel manipular-se torpedo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrório, a medicina uma miseria, o doutor Iodureto uma cavalgada e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão jámais aquecido pelo sol – indigno, portanto, de viver (p. 39).</p>	<p>It was the last hope of the villain, his last cartridge. If it failed to go off he would decidedly blow out his brains. He saw that it was impossible to manipulate a more ingenious torpedo. Should the aneurism resist the shock, then the aneurism was a bluff, the great artery a fiction, Chernovitz mere twaddle, medical science worthless and Dr. Ioduret an ass and he, Pontes, the dullest, most insipid creature under the sun, therefore unworthy to live (p. 40).</p>	<p>This was the final hope of our villain, his last cartridge. If it misfired, he was resolved to put two bullets into his own brain. He realized it was impossible to contrive a more ingenious explosive than this story. If the stick artery resisted this shock, then the so-called tumor was a fake, the aorta a figment of the imagination, the Chernoviz medical disquisition a stream of nonsense, medicine a failure, Doctor Iodope an ass, and he, Pontes, the most complete simpleton ever warmed by the sun—and therefore unfit to live (p. 949).</p>

Neste trecho do conto “O engraçado arrependido” a personagem Pontes vive um de seus momentos mais dramáticos, pois avalia sua situação e percebe que está jogando sua “última cartada” para uma mudança de vida. Assim a sentença que inicia este parágrafo, em ML, é: “Era a derradeira esperança do facinora, seu ultimo cartucho”. Em G foi transposta com “*It was the last hope of the villain, his last cartridge*”, que se aproxima do texto de partida, onde observamos a modalização do termo “facinora” por “*villain*”. Já em K, temos “*This was the final hope of our villain, his last cartridge*”, onde notamos a individualização da ação com o demonstrativo “*this*”. Observamos, também, o acréscimo com a inclusão do adjetivo possessivo “*our*”, precedendo o substantivo “*villain*”, e esta inclusão aproxima o drama vivido pela personagem ao leitor.

Em ML, temos “Negasse fogo e, estava resolvido, mettia duas balas nos miolos” que, em G, foi transposto por “*If it failed to go off he would decidedly blow out his brains*” onde notamos: a manipulação lexical com a omissão das palavras “duas balas”.



Constatamos que a palavra “miolos” (“metia duas balas nos miolos”), em ML, teve uma elevação de qualidade pois foi transposta em G com uma construção mais formal: “*to blow out his brains*”, onde a palavra “*brain*” pode estar ligada à inteligência. Em ML, observamos o uso de uma linguagem informal com a expressão “negasse o fogo” que em G está com “*If it failed to go off*”, onde notamos a inserção do condicional “*if*” para aproximar-se da idéia de negação contida em ML. Já em K, temos “*If it misfired, he was resolved to put two bullets into his own brain*”, onde além da inclusão do condicional “*if*”, como em G, observamos a presença do verbo “*misfire*”, que sintetiza em uma só palavra, o verbo e o objeto direto contidos em ML (“negar o fogo”). Constatamos, também, a intensificação da personalização da ação em K, ao incluir o termo “*own*” (“*his own brain*”).

A seguir, em ML, temos “Reconhecia impossível manipular-se torpedo mais engenhoso” que, em G, está com o “*He saw that it was impossible to manipulate a more ingenious torpedo*”.

Observamos, em G, a modalização com a transposição do verbo “reconhecer” por “*to see*”. O verbo “manipular” com o indeterminador “se”, um apassivador, teve sua transposição sem essa palavra (“*[...] to manipulate a more ingenious torpedo*”). Verificamos, também, o alongamento com o acréscimo da sentença “*that it was impossible*” para transpor o termo “impossível”.

Já em K temos “*He realized it was impossible to contrive a more ingenious explosive than this story*”, onde notamos, na transposição em K, o alongamento da sentença com a inserção de “*this story*”, que não consta no trecho de partida.

Em ML, observamos “Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrório, a medicina uma miséria, [...]” que, em G, está com “*Should the aneurism resist the shock, then the aneurism was a bluff, the great artery a fiction, Chernovitz mere twaddle, medical science worthless*”. Notamos a inserção do verbo modal “*should*”, que confere a conotação de um “conselho”, e ao fazer esta opção, G deixa de utilizar a conjunção condicional “*if*”. Há a omissão do pronome oblíquo “*lhe*”, em G, que consta no texto de partida. A expressão popular “potoca”, em ML, foi transposta em G, com “*bluff*”, também um termo informal no idioma de chegada. O substantivo “aorta”, em ML, foi transposto num alongamento explicativo com “*the great artery*”, em G. A palavra “medicina” está transposta, num alongamento, por “*medical science*” e a palavra “miséria”, neste caso ligada a ideia de algo sem valor, foi transposta por “*worthless*” numa aproximação com o texto de partida.

Já em K temos “*If the stick artery resisted this shock, then the so-called tumor was a fake, the aorta a figment of the imagination, the Chernoviz medical disquisition a stream of nonsense,[...]*”. O termo “aneurisma” sofreu uma modalização na transposição em K (“*the stick artery*”) onde constatamos a inclusão do adjetivo “*stick*”. Notamos, também, a supressão do pronome oblíquo “*lhe*” juntamente com a intensificação da expressão “embate” com “*this shock*” onde “*this*” individualiza a ação. Constatamos, também, uma intervenção lexical com a inclusão, em K, da opinião “*the so-called*” (“*[...] the so-called tumor was a fake [...]*”), num reforço a ideia de descrédito...

O termo “aneurisma” foi transposto, como em ocasiões anteriores, por “tumor” o que vem a modificar o sentido do trecho de partida. A expressão “potoca” foi transposta com a palavra “*fake*”, numa intensificação da qualidade da ação que, também, deflagra o coloquialismo contido em ML. O termo “aorta” foi transposto na sua literalidade em K. O substantivo “ficção” foi alongado em K com “*a figment of the imagination*”. Observamos a intervenção lexical com a informação sobre a atividade de Chernoviz (medicina) que não consta em ML: “*the (Chernoviz) medical disquisition [...]*”. Num alongamento, K transpõe o termo “palavrório” por uma expressão “*a stream of nonsense*”, numa metáfora.

Em ML, temos “o doutor Iodureto uma cavalgada e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão jámais aquecido pelo sol – indigno, portanto, de viver” que em G foi transposto por “*and Dr. Ioduret an ass and he, Pontes, the dullest, most insipid creature under the sun, therefore unworthy to live.*” Constatamos uma manobra lexical pela inclusão do conetivo “*and*”, que não consta em ML. Quanto à nomeação do médico doutor Iodureto em ML, temos em G, a constatação da abreviação da designação para “Dr.”. Verificamos, também, que o nome próprio foi manipulado e transposto sem a vogal final (“o”), em G ;a expressão “cavalgada”, transposta com um termo correlato “*ass*”, no idioma de chegada.

Em ML, temos a expressão “o mais chapado semsaborão” que, em G, foi transposta com os superlativos “*the dullest, most insipid (creature)*”. A sentença negativa “jámais aquecido pelo sol”, em ML, teve uma manobra lexical em G, pois houve a omissão da expressão “jámais aquecido” e a inclusão do advérbio “*under*” ao trecho.

A conjunção “portanto”, presente em ML, teve uma mudança de posicionamnto de ordem na oração: no texto de partida, está entre vírgulas e após o termo “indigno” e em G, está transposto após o adjetivo “*unworthy*”. Já em K, temos “*Doctor Iodope an ass, and he, Pontes, the most complete simpleton ever warmed by the sun—and therefore unfit to live*”

numa transposição bem aproximada do texto de partida, onde notamos a intensificação com a inclusão da palavra “*complete*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>Matutava o Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veio ao seu encontro, e lhe piscou o olho esquerdo. - E’ agora! Pensou o bandido – e com infinita naturalidade, pegando numa garrafinha de molho como por acaso, poz-se a ler o rotulo (p. 39).</p>	<p>Pontes meditated thus, alluring the poor victim with the eyes of psychology when the Major met him halfway and winked his left eye at him. “The time has come,” thought the scoundrel and in the most natural way he took up the little bottle of sauce as though casually and began to read the label: (p. 40).</p>	<p>Thus Pontes meditated, gazing appealingly with the eyes of psychology, on his intended victim, when the major met him half-way; he blinked his left eye, a sign that he was all set to listen. “Here goes now,” thought our bandit; and with peerless naturalness, picking up as if by chance a bottle of sauce, he began to read the label (p. 949).</p>

G faz uma manobra de posicionamento lexical pois a expressão “*the poor victim*” precede “*with the eyes of psychology*” vindo logo a seguir do verbo “*to allure*”; que, em ML, encontra-se diferentemente (“negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima’). Já em K temos, “*Thus Pontes meditated, gazing appealingly with the eyes of psychology, on his intended victim*”. O fato da personagem Pontes “matutar” na forma mais adequada para atrair o major, com o auxílio da psicologia, foi transposto numa aproximação com o texto de partida, mas notamos a intensificação da ação com o acréscimo do advérbio “*appeallingly*” que, juntamente com a opção do verbo “*to gaze*”, configura a proposta do em ML.

A sentença “quando o major veio ao seu encontro, e lhe piscou o olho esquerdo” foi transposta em G, na sua literalidade, com “*when the Major met him halfway and winked his left eye at him*”. Observamos na transposição a elevação da importância dada ao cargo da personagem Bentes, pois a palavra “*major*” está transposta em letra maiúscula.

Já em K temos “[...] *when the major met him half-way; he blinked his left eye, a sign that he was all set to listen*”, onde notamos uma intervenção ao trecho com a inserção de uma

informação que não consta em ML, e prepara o leitor para o possível evento: “[...] *a sign that he was all set to listen*”, o que vem alongar o texto de chegada.

A seguir, no texto de partida, temos “E’ agora! Pensou o bandido – e com infinita naturalidade, pegando numa garrafinha de molho como por acaso, poz-se a ler o rotulo” que, em G, consta como “*The time has come,*” *thought the scoundrel and in the most natural way he took up the little bottle of sauce as though casually and began to read the label*”. O verbo no *Present Perfect* “*has come*” fornece ao leitor a mensagem “é agora”. Constatamos o alongamento do trecho de chegada com a inserção do “*Present Perfect Tense*” (“*has come*”), que transpõe o verbo “*to be*”, no “*Simple Past Tense*”.

A expressão “com infinita naturalidade” foi transposta com o superlativo “*the most natural way*”; o verbo “pegando”, no gerúndio foi transposto com o *Simple Past Tense* do verbo “*take up*” (“*took up*”); a expressão “por acaso”, foi transposta com o advérbio de modo “*casually*”.

Já em K, observamos “*Here goes now*”, *thought our bandit; and with peerless naturalness, picking up as if by chance a bottle of sauce, he began to read the label*” onde a expressão “É agora!”, em ML está transposta com outra expressão corriqueira “*Here goes now*”. O termo “*garrafinha*” foi sofreu uma intervenção em K e foi transposto com “*bottle*”. Numa aproximação com o texto de partida a palavra “bandido”, em K, foi transposta com um cognato: “*bandit*”.

<u>E</u> <b><u>ML</u></b>	<b><u>G</u></b>	<b><u>K</u></b>
<p><i>Perrins, Lea and Perrins</i>. Será parente daquela lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?  Inebriado pelos amavios do peixe, o major aluminou um olho concupiscente, guloso de chulice.  - Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi marca X. P. T. O. Conta lá, serelepe (p. 40).</p>	<p>“Perrins, Lea &amp; Perrins. I wonder if this might be a relation of that Lord Perrins, who baffled the two bearded friars?”  Inebriated by the seductions of the fish the Major’s eyes lit up covetously, greedy for a spicy tale:  “Two bearded friars and a Lord! The story must be A-1! Fire away, Chipmunk” (p. 40).</p>	<p>“Perrins: Lea and Perrins. I wonder if he can be a relative of that Lord Perrins who tricked two Franciscan friars?”  Intoxicated by the delicious fish, the Major’s eyes sparkled with a lustful light of greediness for a spicy story.  “Two friars and a Lord! This story must be A 1. Tell it to us, Chipmunk (p. 949).</p>

Em ML temos o parágrafo iniciando-se com - *Perrins, Lea and Perrins*<sup>283</sup>, ou seja, o nome da firma inglesa em itálico, com a repetição do primeiro sobrenome. Em G, temos “Perrins, Lea & Perrins”, não grafado em itálico e com a inclusão do símbolo “&”, omitindo o conector “and”.

Em K, podemos observar outra interferência ao texto de partida: há a menção do nome da empresa, com o uso dos dois pontos, e a exclusão da vírgula, que consta no trecho de partida: “Perrins: Lea and Perrins.”

Em ML, temos o questionamento: “Será parente daquela lord Perrins que bigodeou os dois frades barbadinhos?”, que foi transposto, em G, com “*I wonder if this might be a relation of that Lord Perrins, who baffled the two bearded friars?*”. Notamos o alongamento da sentença com a inclusão do pronome pessoal “*I*” e do verbo “*wonder*”. A dúvida presente gerada na interrogação em ML “Será?” foi transposta num alongamento em G, com a inclusão de “*if this might be*”. Em K, temos “*I wonder if he can be a relative of that Lord Perrins who tricked two Franciscan friars?*”, onde se verifica uma

<sup>283</sup> Lea&Perrins. *Lea & Perrins* é a marca de um famoso molho do condado de Worcester. O molho foi preparado por dois químicos, John Lea e William Perrins, no começo dos anos 1800, a pedido de Lord Sandys, que havia trazido a receita de Bengal à Inglaterra

manobra lexical com a inclusão do pronome pessoal “*he*” e a menção ao nome da ordem franciscana (“*Franciscan friars*”).

Já em K, o questionamento em ML (Será?) foi transposto com “*I wonder if he can be [...]*”. O advérbio “barbadinho” em ML não consta do trecho de chegada em K, numa interferência ao texto.

No texto de partida, temos “Inebriado pelos amavios do peixe, o major aluminou um olho concupiscente, guloso de chulice” que, em G, aproxima-se da imagem construída em ML com “*Inebriated by the seductions of the fish the Major’s eyes lit up covetously, greedy for a spicy tale*”, onde notamos que o termo “chulice” foi transposto com “*a spicy tale*”, que veio alongar o trecho. Como em escolhas anteriores, o substantivo “major” está grafado em letra maiúscula, valorizando o cargo da personagem Bentes na trama. Observamos, também, uma interferência sintática ao transpor o objeto direto “um olho” em ML, por um sujeito, agora no genitivo e no plural “*Major’s eyes*”. Há a generalização com a omissão do artigo “um”, que consta no trecho de partida.

Já em K, observamos “*Intoxicated by the delicious fish, the Major’s eyes sparkled with a lustful light of greediness for a spicy story.*” Notamos a intensificação, em K, com a transposição da palavra “inebriado” com “*intoxicated*” onde, como presente em G, notamos a transposição do termo “chulice” para “*a spicy story*” e a manobra lexical com “*Major’s eyes*”. A palavra “concupiscente, numa manobra lexical, foi alongada na expressão “*a lustful light*”.

Em ML, temos “Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi marca X. P. T. O<sup>284</sup>. Conta lá, serelepe”, que, em G, foi transposto com “*Two bearded friars and a Lord! The story must be A-1! Fire away, Chipmunk*”. Observamos a interferência em G ao grafar a palavra “*lord*” em letra maiúscula. Notamos que a palavra “patifaria” em ML foi modalizada na transposição por “*the story*”. A expressão “foi marca X.P.T.O.” está transposta com “*must be A-1!*” onde o verbo modal “*must*” indica uma situação mandatória. O vocativo “Conta lá” foi transposto numa expressão coloquial “*fire away*”. Em G, a gíria “serelepe” (do imaginário nacional) foi transposta com outro coloquialismo “*Chipmunk*” (um tipo de esquilo norte-americano), numa aproximação com a cultura do leitor norte-americano.

Em K temos “*Two friars and a Lord! This story must be A 1. Tell it to us, Chipmunk*”, onde observamos a omissão da palavra “barbadinhos”, que qualificam os dois frades em ML. Verificamos a individualização com o acréscimo da palavra “*this*”, precedendo o substantivo

<sup>284</sup> X.P.T.O. Significa algo muito sofisticado ou de qualidade. Em Grego, a sigla refere-se ao nome de Cristo.

“*story*”, que foi a opção do tradutor para o termo “patifaria” numa modalização do substantivo em ML.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>E mastigando machinalmente absorveu-se no caso fatal A anedota correu capciosa, pelos fios naturaes, até ás proximidades do desfecho, narrada com arte de mestre, segura e firme, num andamento estrategico onde havia genio. Por essas immediações a maranha empolgou de tal fórma o pobre velho que o poz suspenso, de bocca entreaberta, uma azeitona fisgada no garfo detida a meio caminho. Um ar de riso – riso parado, riso estopim que não é senão o armar bote da gargalhada, iluminava-lhe as faces (p. 40).</p>	<p>And chewing mechanically he became absorbed in the fatal story. The anecdote ran on insidiously in a natural strain, told with a master’s art, firm and sure, with strategic progression, showing real genius, until it nearly reached the climax. Around about this point the entanglement so held the attention of the poor old man that he remained motionless, with lips parted and an olive, stuck on his fork in mid air. A half smile,—a detained smile, the spark of laughter which is the preparation for a peal of laughter, <i>lit up</i> his face (p. 41).</p>	<p>And chewing unconsciously, he became absorbed in the fateful tale. The anecdote ran along craftily, combining the usual threads of events until the denouement was near. It was related with a masterly art, clear and precise, in a strategic development full of genius. Half way toward the end, the plot had the old man so spellbound that it held him in suspense, his mouth half-open, an olive stuck on his fork stopped in mid-ar. A readiness to burst out laughing—now held in check but eager to explode—a roaring laugh about to erupt, illuminated his face (p. 949).</p>

Em ML, observamos a sentença “E mastigando machinalmente absorveu-se no caso fatal” que foi transposto com G “*And chewing mechanically he became absorbed in the fatal story*”. O verbo reflexivo “absorveu-se” foi transposto com o adjetivo “*absorbed*” numa interferência morfológica juntamente com o acréscimo, ao trecho, do verbo “*to become*” no *Simple Past Tense*, eliminando-se, desta maneira, o reflexivo em ML.

Já em K, temos: “*And chewing unconsciously, he became absorbed in the fateful tale*”. Notamos a inserção da vírgula após o advérbio “*unconsciously*”, que não consta no texto de partida. O verbo “absorver-se”, no pretérito perfeito, foi transposto com “*to become*”, no *Simple Past Tense*, com a ausência do pronome reflexivo “se”. Verificamos, em K, a modalização do substantivo “caso” por “*tale*”.

A seguir, o trecho em ML “A anedota correu capciosa, pelos fios naturaes, até ás proximidades do desfecho, narrada com arte de mestre, segura e firme, num andamento estrategico onde havia gênio” foi transposto, em G, com “*The anecdote ran on insidiously in a natural strain, told with a master’s art, firm and sure, with strategic progression, showing real genius, until it nearly reached the climax*”. Constatamos uma manipulação morfológica no posicionamento lexical, pois o trecho, “até as proximidades do desfecho”, transposto com “*until it nearly reached the climax*”, encontra-se entre vírgulas após “fios naturaes” em ML e, em G, este trecho segue “*showing real genius*” que transpõe a expressão “com arte de mestre”.

Verificamos, também, uma manobra lexical em G ao transpor a palavra “desfecho”, que consta em ML, com “*the climax*”, numa elevação do termo, pois um desfecho de uma ação não pressupõe um “clímax”; bem como notamos uma intervenção lexical ao acrescentar ao trecho, o adjetivo “*real*”, que vem qualificar o substantivo “gênio” (“*real genius*”).

Já em K, temos “*The anecdote ran along craftily, combining the usual threads of events until the denouement was near. It was related with a masterly art, clear and precise, in a strategic development full of genius*”. Verificamos a manipulação lexical do tradutor com acréscimos ao trecho, como a inserção do verbo “*combining*”, da palavra “*usual*” e a intensificação da palavra “naturaes” para “*events*”.

Notamos, também, o alongamento com o acréscimo do verbo “*to be*” no “*Simple Past*”, numa intensificação da ação em K. Numa manobra sintática e lexical, K utiliza-se para este trecho, de duas orações. Na segunda oração, utiliza-se de uma construção na voz passiva (“*it was related*”). A expressão “de mestre” em ML (onde a palavra “mestre” é um substantivo), foi transposta pelo advérbio “*masterly*”, em K, numa interferência morfológica. A palavra “andamento” foi intensificada com um outro substantivo “*development*”. Notamos, também, outra inserção do tradutor quando precede, num acréscimo, o substantivo “genius” com “*full of*”, numa intensificação ao substantivo “gênio” presente em ML

Observamos, em ML, o trecho “Por essas immediações a maranha empolgou de tal fórmula o pobre velho que o poz suspenso, de bocca entreaberta, uma azeitona fisdada no garfo detida a meio caminho” que foi transposto, em G, com “*Around about this point the entanglement so held the attention of the poor old man that he remained motionless, with lips parted and an olive, stuck on his fork in mid air.*” O verbo “por em suspenso” foi transposto com “*hold the attention*” e “maranha” por “*entanglement*”. Notamos o alongamento da sentença com a inclusão de “*he remained*



*motionless*”, que reforça a imagem do major atônito, pela piada “sui generis” que Pontes contava e que esperava ser fatal ao major.

Em K, temos “*Half way toward the end, the plot had the old man so spellbound that it held him in suspense, his mouth half-open, an olive stuck on his fork stopped in mid-ar.*” K, numa antecipação ao leitor do desenlace do drama vivido pela personagem Pontes, insere ao trecho “*half way toward the end*”. Numa amenização a palavra “maranha”, em ML, é transposta com “*plot*” e o trecho “que o poz suspenso”, em ML, resumido com um adjetivo: “*spellbound*”.

Em ML, temos “Um ar de riso – riso parado, riso estopim que não é senão o armar bote da gargalhada, iluminava-lhe as faces” que, em G, está com “*A half smile,—a detained smile, the spark of laughter which is the preparation for a peal of laughter, lit up his face*”. Constatamos uma intervenção na transposição da imagem cênica da personagem Pontes: a mesma portava “um ar de riso” em ML, e a expressão foi transposta com “*a half-smile*” em G, numa atenuação da cena pois um “*half-smile*” é mais contido do que um ar maroto...

Notamos, em G, a omissão da expressão “o armar de bote” presente em ML, cuja eliminação ameniza, de certa forma, o impacto da descrição da personagem Pontes. G confirma sua opção anterior para o termo “gargalhada” ao utilizar-se, novamente, da expressão “*a peal of laughter*”.

Já em K temos para o trecho, a seguinte transposição: “*A readiness to burst out laughing — now held in check but eager to explode — a roaring laugh about to erupt, illuminated his face*” K faz uma transposição livre do trecho, pois, “um ar de riso” é intensificado na ação “*a readiness to burst out laughing*”. A ação que transcreve o “riso parado” está transposta por um alongamento explicativo “[...] *now held in check*”. K antecipa a ação em ML com “*eager to explode*”, numa referência a gargalhada “presa”, mas que “teimava em explodir” a qualquer momento (“riso estopim”)...

Notamos, também, em K, a eliminação do pronome objeto indireto “lhe”, e numa manobra lexical e morfológica, verificamos a inclusão do adjetivo possessivo “*his*”, individualizando a ação. A expressão coloquial “armar bote” foi modalizada em “*a roaring laugh about to erupt*”, num alongamento do trecho.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Pontes vacillou. Presentiu o estouro da arteria. A consciencia brecou-lhe a lingua por uns instantes, mas Pontes deu-lhe um pontapé e com voz firme desfechou o gatilho (p. 40).	Pontes hesitated. He foresaw the break of the artery. Conscience cramped his tongue, but only for an instant. Pontes let conscience quiet down again and pulled the trigger (p. 41).	Pontes hesitated. He foresaw the bursting of the artery. For an instant his conscience put a brake on his tongue, but Pontes kicked it aside and with a steady voice pulled the trigger (p. 949).

Neste parágrafo temos, na primeira sentença, uma aproximação tanto em G como em K, com o texto de partida. Em G, temos a amenização da expressão “o estouro”, que consta em ML, por “*the break*”. Já em K, temos a aproximação com o texto de partida (“*the bursting*”).

Em ML, temos “A consciencia brecou-lhe a lingua por uns instantes, [...]” que, em G, está com “*Conscience cramped his tongue, but only for an instant [...]*” onde verificamos a omissão do pronome oblíquo “lhe”, um objeto indireto em ML, e o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*”, parte da expressão “*his tongue*”, um objeto direto. Verificamos o acréscimo da vírgula após o substantivo “*tongue*” que não consta em ML. Numa flexão de número, a expressão “por uns instantes”, foi transposta com uma intervenção ao optar pelo singular “*but only for an instant*”, que individualiza a generalização no plural, contida em ML, para este trecho. G opta por não colocar a vírgula após “*for an instant*” e inicia uma nova oração. Em K, observamos a sentença “*For an instant his conscience put a brake on his tongue,*” que nos mostra uma inversão de posicionamento de ordem sintática na sentença.

A seguir, temos em ML “[...] mas Pontes deu-lhe um pontapé e com voz firme desfechou o gatilho” que, em G, foi transposto com “*Pontes let conscience quiet down again and pulled the trigger*”. Constatamos uma manipulação lexical e morfológica, pois a metáfora “deu-lhe um pontapé” foi transposta com “*let conscience down*” numa tradução livre do trecho. Ao repetir, novamente, nesta sentença a palavra “*conscience*”, G reforça a violência do conflito moral vivenciado por Pontes naquele momento. A conjunção adversativa “mas” foi eliminada neste trecho.

Numa referência ao fato que Pontes não conseguia “livrar-se” de sua “tormenta” íntima, G intensifica a ação, acrescentando a palavra “*again*” ao texto. Já em K, temos “*For an instant his conscience put a brake on his tongue, but Pontes kicked it aside and with a steady voice pulled the trigger.*” Notamos a manipulação sintática e morfológica em K, pois em ML temos “por uns instantes” e K opta pelo singular para a expressão (“*for an instant*”) antecedendo o sujeito da oração (“*his conscience*”), diferentemente do que está grafado em ML. K utiliza-se da metáfora (“*his conscience put a break on his tongue*”) como visto no texto de partida.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada igual á de Teufelsdröckh deante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas, attonitos, viram-no cahir de borco sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha (p. 40-41).</p>	<p>For the first time in his life Major Antonio Pereira da Silva Bentes broke into a hearty peal of laughter; frank, resounding,—which could be heard all down the street; a peal of laughter equal to that of Teufelsdröckh before John Paul Richter. The first and the last, because in the midst of it his astonished guests saw him fall face-downwards over his plate, while at the same time a gush of blood reddened the table-cloth (p. 41).</p>	<p>Major Antonio Pereira da Silva Bentes let forth the first guffaw in his life, a loud resounding roar that could be heard to the end of the street, a bellow like that of Carlye’s Teufelsdröckh facing Jean Paul Richter. It was his first, to be sure, but also his last, for in the midst of it his astounded companions saw him slump face down over his plate, at the same time that a jet of blood reddened the tablecloth (p. 949-950).</p>

Dando importância ao que se vai tratado a seguir, ML cita o nome do major por completo, ao iniciar o parágrafo “O major Antonio Pereira da Silva Bentes desferiu a primeira gargalhada da sua vida, franca, estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, [...]” que, em G, está com “*For the first time in his life Major Antonio Pereira da Silva Bentes broke into a hearty peal of laughter; frank, resounding,—which could be heard all down the street*”. Já G, ressalta o fato de ter sido esta a primeira grande gargalhada do major, colocando este fato em primeiro plano, numa intervenção sintática. Assim a expressão “*for the first time*” antecede o nome completo do major e inicia o parágrafo, diferentemente do que ocorre no texto de partida. A palavra “major” como em trechos anteriores encontra-se em letra maiúscula e, em ML, em letra minúscula. O verbo “desferir” no Pretérito Perfeito foi transposto com um “*phrasal verb*” (“*broke into*”), também no “*Simple Past Tense*”. Constatamos a intensificação da sentença, pois G explicita lexicalmente, com a inclusão do termo “*hearty*”, o tipo de gargalhada desferida pelo major. G opta pelo ponto e vírgula após a palavra “*street*” e no texto de partida notamos a vírgula. Como em passagens anteriores, G opta pela expressão “*a peal of laughter*” para descrever o tipo de risada deflagrada pelo major.

Em K, temos a passagem: “*Major Antonio Pereira da Silva Bentes let forth the first guffaw in his life, a loud resounding roar that could be heard to the end of the street*”. Constatamos, primeiramente, o alongamento do trecho, pois o verbo “desferir” foi transposto com o auxílio de um verbo (“*let*”) e de um advérbio (“*forth*”). K opta por “*guffaw*” como já o fizera, anteriormente, para transpor a palavra “gargalhada”. O substantivo “*roar*” e o adjetivo “*loud*” intensificam a ação na sentença, pois espera-se que toda gargalhada seja dada num “tom alto de voz”...

Em ML, temos: “gargalhada igual á de Teufelsdrockh deante de João Paulo Richter” que em G está com “*a peal of laughter equal to that of Teufelsdrockh before John Paul Richter*” ML menciona a célebre personagem de Thomas Carlyle, o professor Diogenes Teufelsdröcker, da obra *Sartor Resartus* (1833-1834) e faz uma conexão com o alemão Jean Paul Richter.<sup>285</sup> ML opta por referir-se ao nome do escritor alemão em português (João Paulo Richter), já G opta pela anglicismo: John Paul Richter, numa aproximação com o leitor norte-americano. Em K, a escolha recai sobre a forma como o escritor é conhecido mundialmente: Jean Paul Richter. K manipula o texto de chegada ao inserir uma informação que não está contida em ML: *Carlye’s Teufelsdrockh*.

Nas próximas linhas deste parágrafo, ML descreve a cena em que o major sofre o rompimento da artéria: “Primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas, attonitos, viram-no cahir de borco sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha”. G transpôs a cena com: “*The first and the last, because in the midst of it his astonished guests saw him fall face-downwards over his plate, while at the same time a gush of blood reddened the table-cloth*” Notamos o acréscimo com a conjunção “*while*” e a intensificação com o termo “*gush*” que vem a elevar a “qualidade” do substantivo “onda”, pela imagem de maior teor dramático que confere a cena. Já em K, temos: “*It was his first, to be sure, but also his last, for in the midst of it his astounded companions saw him slump face down over his plate, at the same time that a jet of blood reddened the tablecloth*”, onde notamos a inserção do adjetivo possessivo “*his*” numa

---

<sup>285</sup>Johann Paul Friedrich Richter. “*Richter was born on 21 st March 1763 in Wundsiedel, Bavaria and died on 14th November, 1825 in Bayreuth. He was a humorist writer and there in lay many of his grotesque qualities. His humour is mingled with all his thoughts and to some extent determines the form in which he embodies his most serious reflections. This humour originates from the perception of the absurdity between ordinary facts and ideal laws. Richter depicts the world as both wakefulness and dreamlike, rational and absurd, disjoined and whole, and lyric and grotesque. [...]. In his theoretical work Vorschule der Ästhetik he writes about a darker and terribly grotesque style of humour, which is painful and recognizes evil. This style of writing and his satanic sense of black humour place him securely in the tradition of the grotesque.*” Disponível em: <[http://www.german.leeds.ac.uk/RWI/2002-03\\_project2/Jean\\_Paul\\_Richter.htm](http://www.german.leeds.ac.uk/RWI/2002-03_project2/Jean_Paul_Richter.htm)> Acesso em: 18 jun. 2011. (Nota: O escritor Richter sentia grande admiração pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau daí advindo a mudança de seu nome).

personalização do texto e o acréscimo, ao trecho, da expressão “*to be sure*” e da palavra “*also*” que não consta em ML. Constatamos, também, a elevação do trecho pois K opta na transposição da palavra “onda” pelo termo “*jet*”, que intensifica a dramaticidade do ato.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
O assassino ergueu-se, allucinado, e aproveitando a confusão esgueirou-se para a rua, qual outro Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes e a noite inteira, suou gelado. Os menores rumores retraziam-no de pavor: policia?(p. 41).	The assassin rose hallucinated and making the most of the confusion, slipped out onto the street, a modern Cain. He hid himself at home, locked in his room, his teeth chattering the night through, in a cold sweat. The least noise filled him with terror: was it the Police? (p. 41)	The assassin rose, hallucinated. Taking advantage of the confusion, he slipped out into the street like a second Cain. He hid himself in his house, bolted the door of his room, his teeth chattered all night long, his perspiration ran cold. The slightest noises filled him with terror. Could it be the police? (p. 950).

Em ML temos “O assassino ergueu-se, allucinado, e aproveitando a confusão esgueirou-se para a rua, qual outro Cain[...]” que em G foi transposto com “*The assassin rose hallucinated and making the most of the confusion, slipped out onto the street, a modern Cain.*” Notamos a manipulação do trecho com a inserção do verbo “*making*” juntamente com o superlativo (“*the most confusion*”) que transfere a personagem Pontes, uma ação verbal não verificada no trecho de partida. Constatamos, também, a intervenção lexical, em G, ao classificar Pontes como a “*modern*” Cain, enquanto que no trecho de origem Pontes é comparado à um “outro” Cain.

Já em K, observamos a seguinte sentença: “*The assassin rose, hallucinated. Taking advantage of the confusion, he slipped out into the street like a second Cain.*”

K elimina a conjunção aditiva e inicia uma outra oração numa manobra sintática e lexical. Notamos, também, a inserção de uma comparação explicativa “*like a second Cain*”, onde a personagem Pontes é comparada à um “segundo Cain”. K mantém a vírgula após o verbo (“*rose*”) presente em ML mas inicia uma nova oração com o verbo “*to take*” (“*taking advantage*”).

A seguir, temos em ML “Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes e a noite inteira, suou gelado” que em G foi transposta por “*He hid himself at home, locked in his room, his teeth chattering the night through, in a cold sweat.*” Observamos a intervenção sintática pois o sujeito oculto em ML (“ele”) foi eliminado e, em seu lugar, G opta por “*his teeth*”, onde verificamos a inclusão do adjetivo possessivo “*his*” antecedendo o substantivo “*teeth*”. O verbo “bater” (os dentes), em ML, está no *pretérito perfeito* (“bateu os dentes”) e, em G, no gerúndio (“*his teeth chattering [...]*”). O verbo “suar” foi transposto numa intervenção morfológica, num substantivo (“*sweat*”) e o advérbio “gelado”, que consta no texto de partida, passa a ser, em G, o adjetivo “*cold*”. Já em K temos “*He hid himself in his house, bolted the door of his room, his teeth chattered all night long, his perspiration ran cold*”. Verificamos a intensificação das sentenças com a transposição do verbo “trancar-se” “por “*to bolt*” que intensifica a imagem da cena que exemplifica o desespero que se apoderou da personagem Pontes. Numa manipulação lexical, K faz o acréscimo da palavra “*door*” que não consta em ML. Numa manipulação sintática o advérbio “no quarto” é substituído pelo objeto direto “*the door*”. O verbo “suar” em ML, foi transposto com um substantivo (“*perspiration*”) antecedido pelo adjetivo possessivo “*his*” que individualiza a ação, numa intervenção morfológica e lexical.

Em ML, temos “Os menores rumores retraziam-no de pavor: polícia?” que em G foi transposto por “*The least noise filled him with terror: was it the Police?*” Verificamos que palavra crucial em ML, “polícia”, sofreu uma intervenção onde notamos o alongamento da sentença com a inclusão de sujeito (*it*), do verbo “*to be*” no *Simple Past Tense*, e do artigo definido (“*the*”). Constatamos no trecho, também, a manipulação em flexão de número, pois em ML a expressão “os menores rumores”, no plural, foi transposta, em G, no singular: “*the least noise*”.

Já em K, temos “*The slightest noises filled him with terror. Could it be the police?*” Notamos uma manobra lexical e sintática com a palavra “polícia”, presente no texto de partida. Assim, observamos a inserção do modal “*could*” que sugere a possibilidade, do verbo “*to be*” alongando a sentença e a inserção do sujeito representado pelo pronome pessoal “*it*”.

A palavra “menores”, presente em ML, teve escolhas diferentes nos textos de chegada: em G, o termo foi transposto com “*the least*” e em K, por “*the slightest*”.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Semanas depois é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda gente levou á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre deante dos olhos a mesma visão: o velho, de bruços no prato, golfando sangue, emquanto no ar, inda vibrantes, os echos de sua derradeira gargalhada (p. 41).</p>	<p>Weeks later he began to get over that soul-fright which everyone attributed to sorrow over the death of his friend. Notwithstanding, he had ever before his eyes the same sight: the old man fallen over his plate, spurting blood while the echo of his last peal of laughter still rang in the air (p. 41-42).</p>	<p>It took weeks for that agitation of his soul to begin to calm down. Everybody attributed his indisposition to his sorrow over the death of his friend. Nevertheless, his eyes constantly beheld the same vision: the collector slumped over his plate, his mouth spurting blood, while in the air there echoed that shriek of his last laughter (p. 950).</p>

Em ML, temos “Semanas depois é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda gente levou á conta de dôr pela morte do amigo”, que em G consta como “*Weeks later he began to get over that soul-fright which everyone attributed to sorrow over the death of his friend*”. O verbo “declinar” foi transposto com o phrasal verb “*get over*” numa explicação que enfatiza a situação da personagem Pontes. Notamos, também, a intensificação da qualidade da palavra “transtorno”, presente em ML, que foi transposta por “*fright*”, numa “elevação” dos sentimentos que atormentavam Pontes, àquela altura dos acontecimentos. Numa interferência lexical e sintática, verificamos que a expressão “levar à conta” foi transposta com o auxílio de um verbo “*to attribute*”, o que encurtou o trecho. A expressão “toda gente” (numa generalização) foi transposta por “*everyone*” (numa marcação individualizada). O substantivo “dor” foi transposto numa manobra morfológica por um verbo “*to sorrow*”.

Já em K, observamos “*It took weeks for that agitation of his soul to begin to calm down. Everybody attributed his indisposition to his sorrow over the death of his friend.*” K manipula o texto numa intervenção lexical e sintática ao explicitar que “*it took weeks for that agitation [...]*”, onde notamos a inclusão do sujeito “*it*” e do verbo “*take*”, no “*Simple Past Tense*”, num alongamento.



Notamos a modalização da palavra “transtorno” para “*agitation*”. Num desdobramento sintático, K inicia outra oração para explicitar o “estado de alma” da personagem. A expressão “levar á conta”, presente em ML foi suprimida e em seu lugar K opta pelo verbo “*to attribute*”. Notamos, também, a individualização da ação com a inclusão do adjetivo possessivo “*his*” numa intensificação do trecho (“*his indisposition*”; “*his sorrow*”; “*his friend*”).

Em ML, temos a seguir: “Não obstante, trazia sempre deante dos olhos a mesma visão” e, em G “*Notwithstanding, he had ever before his eyes the same sight*”. Notamos, neste trecho, a inclusão do adjetivo possessivo “*his*”, numa individualização da ação.

Já em K, observamos a seguinte transposição “*Nevertheless, his eyes constantly beheld the same vision*” que apresenta uma manipulação sintática por parte do tradutor, pois o sujeito em ML (“ele”) foi modificado em K (“*his eyes*”) juntamente com a supressão do verbo “trazer”.

Observamos o encerramento deste parágrafo, em ML, com a dramática descrição da cena: o major Bentes já morto. Assim: “o velho, de braços no prato, golfando sangue, enquanto no ar, inda vibrantes, os ecos de sua derradeira gargalhada”. Em G, temos a seguinte transposição para o trecho: “*the old man fallen over his plate, spurting blood while the echo of his last peal of laughter still rang in the air*”. Notamos a supressão da expressão “*de braços*”, e o verbo “*fall over*”, no *Simple Past Tense*” indicando a queda do major sobre o prato. Notamos a individualização do trecho pelo acréscimo do possessivo “*his*”. Observamos, também, a manipulação em flexão de número, pois o plural em ML (“ecos”) se transforma em singular em G (“*echo*”). Verificamos a modalização pois a palavra “derradeira” de forte impacto dramático na cena é transposta pelo termo “*last*”, com menor efeito semântico do que seria, por exemplo, o termo “*final*”. Observamos uma manobra de posicionamento de ordem lexical pois “enquanto no ar”, que está entre vírgulas em ML, em G, encontra-se posicionado no fim da oração. Numa intervenção morfológica o advérbio “vibrante” foi transposto com o verbo “*rang*” (“*ring*”, na *Base form*).

Já em K, temos o seguinte trecho: “*the collector slumped over his plate, his mouth spurting blood, while in the air there echoed that shriek of his last laughter*”, onde observamos a menção ao cargo do major (“*the collector*”), alvo da pretensão da personagem Pontes, numa intervenção lexical. A expressão “de braços” foi transposta por um verbo “*to*

*slump*” no *Simple Past Tense* e, como em G, há o acréscimo com o possessivo “*his*” numa individualização da ação. K, numa intervenção lexical e sintática intensifica a ação, pois explicita a cena dramática pelo acréscimo da informação (“*his mouth*”).

A expressão “*his mouth*” é o sujeito da sentença em K (“*his mouth spurting blood*”), diferentemente do que acontece em ML, onde o sujeito seria o major (“o velho, [...], golfando sangue”). Constata-se a amenização da tragédia, pois a palavra “vibrante” é suprimida, em K, na transposição. Notamos a modalização, pois a palavra “derradeira” em ML foi transposta, como em G, com “*last*”.

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
<p>E foi nesse deplorável estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: “Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua leviandade fez-te perder a melhor ocasião da vida Guarda para teu governo este latim: “<i>tarde venientibus ossa</i>”, e sê mais esperto para o futuro” (p. 41-42).</p>	<p>While in this deplorable condition, Pontes received a letter from the relative in Rio. Among other things the holder of the trump card wrote: “Since you did not advise me in time, as per our agreement, I learned of Bentes death only through the newspapers; I looked up the Minister but it was too late, the appointment of his successor had already been signed. Your frivolousness has lost you the best chance of your life. Remember this for your future guidance: <i>tarde venientibus ossa</i>, and be smarter in the future” (p. 42).</p>	<p>While he was in this depressed frame of mind, he received a letter from his Rio relative. Among other things, this influential person wrote: “As you didn’t notify me in time according to our understanding, it was only through the newspaper that I found out about the death of Bentes. I went to the Minister but it was too late, the name of a successor had already been selected. Your carelessness made you lose the best chance in your life. Keep in mind for your guidance this Latin dictum: <i>‘tarde venientibus ossa, whoever arrives late finds only bones’</i>—and be more alert in the future” (p. 950).</p>

Em ML, temos “E foi nesse deplorável estado que recebeu a carta do parente do Rio”, que em G está com “*While in this deplorable condition, Pontes received a letter from the relative in Rio*” A conjunção “e” foi omitida na transposição juntamente com o verbo “*to be*” e num alongamento constatamos a inserção da conjunção

“*while*”. Notamos a modalização, em G, com a palavra “*condition*” que transpôs o termo “estado”.

Já em K, temos “*While he was in this depressed frame of mind, he received a letter from his Rio relative*”. A generalização em ML (“E foi nesse deplorável estado [...]”) foi transposta numa individualização da ação (“*While he was in his depressed frame of mind*”) onde observamos a inserção do pronome pessoal sujeito (“*he*”) a intensificação da ação com a palavra “*depressed*” ( transpondo “deplorável”) e a transposição da palavra “estado” por “*frame of mind*”, num alongamento do trecho. K mantém a informação fornecida em ML: parente do Rio (“*from his Rio relative*”).

A seguir, temos em ML: “Entre outras cousas dizia o az: Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes”, que em G está foi transposto por “*Among other things the holder of the trump card wrote: “Since you did not advise me in time, as per our agreement, I learned of Bentes death only through the newspapers; [...]”*” Notamos o alongamento da sentença com a inserção da expressão “*the holder of the trump card*” para transpor “az”, numa ênfase dada a importância do parente de Pontes do Rio. O verbo “dizer” foi transposto com “*write*” numa intervenção lexical. Observamos, também, a inserção do possessivo “*our*”, que reforça a idéia do acordo entre Pontes e o parente do Rio e personaliza, também, o trecho em G.

Verificamos que a ordem da construção da sentença em ML foi invertida no texto de chegada, pois “*I learned of Bentes*” precede “*only through the newspaper*”, diferentemente do que está no texto de partida. Em G, notamos também a intervenção pois o ponto final em ML foi substituído, neste trecho, pelo ponto e vírgula.

Em K, temos a seguinte passagem: “*Among other things, this influential person wrote: As you didn’t notify me in time according to our understanding, it was only through the newspaper that I found out about the death of Bentes.*” Numa manobra lexical, constatamos a inserção da informação “*this influential person*”, que alonga o trecho e enfatiza a importância social do parente de Pontes, transpondo a palavra “az”. Notamos, também, a intensificação da ação com a transposição do verbo “avisar” com “*notify*”, de cunho mais formal usado na linguagem jurídica. Observamos a personalização do trecho com o adjetivo possessivo “*our*” que precede a palavra “*understanding*” que , numa modalização, transpõe a palavra “combinado”.

Temos, em ML, o seguinte trecho “Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor” que em G está com “*I looked up the Minister but it was too late, the appointment of his successor had already been signed.*” Notamos a transposição do verbo “ir” por “look up”, um “*phrasal verb*”, assim como verificamos a inserção da palavra “too” que enfatiza a ação em G. Numa manobra lexical, G interfere no texto de chegada e transpõe “estava lavrado” em ML, com “*had been signed*” onde notamos a amenização do verbo “lavar”, em ML, ligado à linguagem jurídica, com “*to sign*”, numa modalização do termo. Ao mesmo tempo, G segue a estrutura gramatical inglesa e posiciona o sujeito (“*his successor*”) precedendo o verbo da sentença, diferentemente do texto de partida onde o verbo precede o sujeito (“já estava lavrada a nomeação do successor”).

Em K, temos a seguinte transposição: “*I went to the Minister but it was too late, the name of a successor had already been selected*”. Notamos a intensificação da sentença pela inserção da palavra “too” e, numa manobra sintática K utiliza-se de uma sentença na voz passiva onde o objeto da ativa, em ML, transforma-se, nesta intervenção, no sujeito da passiva (como em G).

Em ML, temos a seguinte passagem “A tua leviandade fez-te perder a melhor ocasião da vida” que, em G, está com “*Your frivolousness has lost you the best chance of your life*” numa transposição bem aproximada com o texto de partida.

Já em K, temos “*Your carelessness made you lose the best chance in your life*” onde notamos a intensificação da qualidade do substantivo “ocasião” que foi transposto com “*chance*”.

A seguir, observamos em ML a sentença: “Guarda para teu governo este latim: “tarde venientibus ossa”, e sê mais esperto para o futuro” que, em G, está com “*Remember this for your future guidance: tarde venientibus ossa, and be smarter in the future*”. Observamos o acréscimo da palavra “*this*” numa individualização do trecho e numa manobra lexical a expressão “para teu governo” em ML, foi transposta com “*your future guidance*”, enfatizando um tom de conselho.

G opta por não transpor a expressão “esse latim” que consta em ML e a expressão “*tarde venientibus ossa*” é grafada em itálico. Já em K observamos “*Keep in mind for your guidance this Latin dictum: ‘tarde venientibus ossa, whoever arrives late finds only bones’—and be more alert in the future*”, onde notamos a inserção da palavra “*dictum*” numa intervenção lexical. Numa intervenção morfológica e sintática, K manipula o

trecho e o alonga ao inserir o provérbio em língua inglesa ao lado da menção em latim (“*tarde venientibus ossa*” - “*whoever arrives late finds only bones*”), numa aproximação do texto com o leitor norte-americano.

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
Um mez depois encontraram-no pendurado numa trave, com a lingua de fóra, rígido. Enforcara-se numa perna de ceroula. Quando a noticia deu volta á cidade, toda a gente achou graça o caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros: (p. 42).	A month later they found him hanging from a beam in his room with his tongue lolling his body rigid. He had hung himself by a leg of his drawers. When the news got about town everyone found it amusing. The Portuguese grocer commented thus to the cashiers: (p. 42).	One month later he was found hanging from a beam, stiff, his tongue out. He had strangled himself with the leg of a pair of drawers). When the news spread in the city, everyone was amused by this detail. The Portuguese department store owner passed this comment before his clerks: (p. 950).

Em ML, “Um mez depois encontraram-no pendurado numa trave, com a lingua de fóra, rígido”, foi transposta, em G, com: “*A month later they found him hanging from a beam in his room with his tongue lolling his body rigid*”. Verificamos a manipulação do trecho num alongamento lexical pois G acrescenta uma informação que não consta em ML (“*in his room*”). A expressão “de fóra”, em ML, foi transposta com um verbo “*lolling*”, em G, numa interferência lexical e morfológica. O verbo no particípio em ML (“pendurado”) foi transposto com o gerúndio (“*hanging*”) no texto de chegada. Numa intensificação da ação, G opta por acrescentar o substantivo “*body*” ao trecho, bem como o adjetivo possessivo “*his*” numa personificação da ação (“*his body rigid*”).

Já K opta por transpor “*One month later he was found hanging from a beam, stiff, his tongue out*” onde constatamos que a voz ativa em ML (“encontraram-no”) foi transposta com a voz passiva (“*he was found*”) e numa inversão gramatical própria desta transferência, o sujeito, em K, é “*he*”, diferentemente do texto de partida (“eles”). Numa manobra lexical, notamos o acréscimo com o adjetivo possessivo “*his*” que vem a personalizar a ação em K. Observamos outra manipulação ao trecho quando K opta por posicionar a palavra “*stiff*” entre

vírgulas, precedendo a sentença “*his tougue out*” diferentemente do que verificamos em ML (“.[...] com a língua de fóra, rígido”).

A seguir, temos no texto de partida o trecho “Enforcara-se numa perna de ceroula” que, em G, foi transposto com “*He had hung himself by a leg of his drawers*”. Num alongamento, G opta pelo *Past Perfect Tense* (“*had hung*”) e inclui o possessivo “*his*” numa individualização da ação. Em K, temos “*He had strangled himself with the leg of a pair of drawers*” onde observa-se o uso do *Past Perfect Tense* (“*had strangled*”) e numa manobra morfológica, K substitui o artigo indefinido em ML pelo o artigo definido “*the*” que individualiza a ação.

Em ML, temos “Quando a noticia deu volta á cidade, toda a gente achou graça o caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros:[...]”. Já em G observamos a seguinte transposição “*When the news got about town everyone found it amusing. The Portuguese grocer commented thus to the cashiers*”. Verificamos a manobra lexical e sintática pois o substantivo “graça”, um objeto direto em ML foi transposto com um adjetivo “*amusing*” e a expressão “*the case*” foi transposta com o pronome objeto “*it*”, o que veio “encurtar” o trecho. A vírgula que consta em ML logo após a palavra “cidade” foi eliminada em G. Novamente, como em opção anterior, o termo “gallego” foi transposto com “*Portuguese*” e notamos, também, a interferência lexical pelo acréscimo do termo “*thus*”, que alonga o trecho nesta passagem.

Já em K, temos “*When the news spread in the city, everyone was amused by this detail. The Portuguese department store owner passed this comment before his clerks*”. Notamos a modalização, em K, pois o substantivo “caso” foi transposto com “*detail*”.

Verificamos, a seguir, uma nota explicativa em K que “eleva” a qualidade da ação (“*The Portuguese department store owner*”), onde se atribui ao “galego”, em ML, a propriedade de um armazém. O verbo “commentar” presente no texto de partida foi transposto, num alongamento, com um verbo “*to pass*”, seguido por um substantivo “*comments*” que está precedido pelo demonstrativo “*this*”, num acréscimo ao trecho. O termo “caixeiros” parece ter, como observado em trecho anterior, oferecer opções diferentes a ambos tradutores. Para G, caixeiros (“balconistas”) seriam “*cashiers*” (“pessoas ligadas ao recebimento de pagamentos”) e para K, “*clerks*” (“funcionários”).

<u>ML</u>	<u>G</u>	<u>K</u>
<p>Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforçar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes! (p. 42).</p>	<p>“What a fellow! Even on his dying day he cracks a joke! Hung himself by a drawers leg! Only Pontes would remember to do that.” (p. 42).</p>	<p>“What a funny fellow he was! Even at his death he thinks up a prank. To hang oneself on one’s drawers! That’s a trick that only Pontes could pull off.”(p. 950) .</p>

Em ML temos “Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforçar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes! ...” transposta em G com “*What a fellow! Even on his dying day he cracks a joke! Hung himself by a drawers leg! Only Pontes would remember to do that!*” Numa interferência lexical e morfológica, G opta por transpor o verbo no imperativo “Vejam” com uma locução interjetiva “*What a fellow!*” Verificamos a modalização do trecho pois a palavra “creatura”, em ML, foi transposta com “*fellow*”, termo também utilizado para ex - membros de faculdades e tem a conotação de “parceiro” ou de colega numa instituição de ensino. O verbo “morrer” foi transposto numa manobra lexical e morfológica com um “adjetivo “*dying*” e, numa intervenção, G acrescenta uma informação “*day*”, ao adjetivo. Notamos, também, a particularização com o acréscimo do adjetivo possessivo “*his*”. Verificamos o alongamento da sentença com a inclusão dos verbos “*would remember*” e, G posiciona o substantivo próprio “Pontes”, antecedendo os verbos. Já em K, observamos “*What a funny fellow he was! Even at his death he thinks up a prank. To hang oneself on one’s drawers! That’s a trick that only Pontes could pull off.*”

Notamos, em K, o alongamento da sentença com o acréscimo do adjetivo “*funny*” que fornece ao leitor uma opinião (“*What a funny fellow he was!*”) O verbo “vejam” no imperativo foi substituído na transposição pela locução interjetiva “*What a funny fellow!*”. Notamos o alongamento com o acréscimo do sujeito, representado pelo pronome pessoal “*he*” e do verbo “*to be*” no *Simple Past Tense*. O verbo “morrer” em ML foi transposto com um substantivo (“*death*”) precedido pelo possessivo “*his*”, numa intervenção morfológica. O verbo “fazer” (no “Pretérito Perfeito”) foi transposto com “*think up*” no *Simple Present Tense*. Há o acréscimo com a expressão “*one’s*” que particulariza o ato. Constatamos, também, o

alongamento do trecho pois K optou por desdobrar a sentença interjetiva, sem verbos, em duas orações com os respectivos predicados.

Verificamos, também, o acréscimo com a inclusão do verbo “*to be*” e do modal “*could*” (“denotando uma habilidade”) juntamente com o *phrasal verb* “*pull off*”. K intervem no texto de chegada ao acrescentar uma informação que não consta em ML: “*trick.*” (“*That’s a trick [...]*”).

<u><b>ML</b></u>	<u><b>G</b></u>	<u><b>K</b></u>
E reeditaram em cômico meia dúzia de “quás” – único epitáfio que lhe deu a sociedade...(p.42).	And they repeated in chorus a series of “Ha, has !!”... the only epitaph given him by man (p. 42).	And the group around him echoed in chorus a half dozen “Ha Ha!’s”—the sole epitaph granted by society to poor Pontes (p. 950).

Em ML, temos “E reeditaram em cômico meia dúzia de “quás” – único epitáfio que lhe deu a sociedade...” cuja transposição, em G, foi “*And they repeated in chorus a series of ‘Ha, has !!’... the only epitaph given him by man*”. Notamos que a particularidade sugerida em ML na expressão “meia dúzia” foi transposta com uma generalização “*a series of*”.

No texto de partida, o barulho das “gargalhadas” está grafado com “quás” e, em G, numa intervenção onomatopáica que aproxima o texto da cultura do leitor norte-americano, temos o som do riso em inglês: “*Ha, has!*”...

Notamos, também, a inserção do artigo definido “*the*” e a manipulação lexical e sintática, pois G transpõe como sujeito da sentença “*the only epitaph*” e, em ML, temos a palavra “sociedade” como sujeito. Observamos, também, a escolha por G pelo verbo no particípio (“*given*”) e no texto de partida o verbo “dar” está no Pretérito Perfeito. G opta por acrescentar ao trecho a expressão “*by man*”, numa personalização para o substantivo “sociedade”, presente em ML.



Já em K, observamos a seguinte transposição para o trecho final em ML: “*And the group around him echoed in chorus a half dozen “Ha! Ha!’s”—the sole epitaph granted by society to poor Pontes.*”

Notamos, em K, a manobra lexical e sintática realizada com o acréscimo da informação “*and the group around him*”, que também é o sujeito da sentença (em ML, temos o sujeito oculto “eles”- “E reeditaram em câoro meia dúzia [...]”).

O pretérito perfeito do verbo “dar” (“[...] que lhe deu a sociedade”), em ML, foi transposto com o particípio “*granted*” ([...] *granted by society*) e K, numa intervenção lexical e, alongando o trecho, cita nominalmente a personagem central conferindo-lhe um adjetivo que não consta em ML (“*poor Pontes*”).

A risada em ML “quás” foi transposta numa manobra onomatopaica por outro som - “*Ha! Ha!’s*” - atendendo às expectativas do novo leitor e, numa elevação da qualidade, K grafa a inicial da palavra em letra maiúscula.

.....

Antes de passarmos para as “Considerações Finais” deste trabalho, gostaríamos de fazer uma reflexão, tomando por empréstimo as palavras de Hans Robert Jaus:

Uma obra antiga não sobrevive na tradição histórica da experiência estética por questões eternas, nem por respostas permanentes, mas em razão de uma tensão mais ou menos aberta entre questões e respostas, problema e solução, que pode suscitar uma compreensão nova e determinar a retomada do diálogo do presente com o passado (apud ZILBERMAN, 1989, p. 74).

É com esse espírito que encerramos a segunda parte desta tese. Constatamos que a produção literária de Monteiro Lobato, aqui analisada, perpassou gerações não só de brasileiros mas, como foi observado, teve sua inserção em outro sistema literário, o norte-americano, em vários momentos distintos de sua história. Essas leituras têm gerado um novo olhar sobre a obra lobatiana bem como uma retomada estimulante de um diálogo entre presente (2012) e passado (1918), através de leitores nascidos em diferentes épocas e oriundos de uma outra cultura, o que confere à obra de Monteiro Lobato uma experiência estética valiosa.

## **Considerações Finais**

## Considerações Finais

But even if all good translation is difficult because of the many and varied features it is required to possess, the most difficult task of it is to translate effectively what the original author wrote in a copious and ornate style.

LEONARDO BRUNI called ARETINO, 1374-1444. Italian humanist, translator of Plato and Aristotle. Extracts from *De interpretatione recta*, ("The Right Way to Translate" published in 1420. *Apud* LEFEVERE, 1992, p 85).

Pouco se conhece sobre as transposições para o idioma inglês da obra adulta do escritor Monteiro Lobato pela dificuldade de se encontrar material para estudo no Brasil, como já nos referimos anteriormente. Na tabela da página 38, observamos as publicações das traduções que se iniciam na década de 1920 e, em 1925, temos a apresentação feita pelo crítico literário Isaac Goldberg em *Brazilian Short Stories*, que publica esta coletânea no mercado norte-americano, pela editora Haldeman - Julius, de Girard, Kansas.

Desta forma, as transposições em Língua Inglesa do conto "O Engraçado Arrependido" de Monteiro Lobato em "The Penitent Wag" (1925), inserido nesta primeira coletânea e, posteriormente, em *A World of Great Stories*, como "The Funny-Man Who Repented" (1947/2003) foram objeto de análise desta tese pela singularidade do tema e, como já foi mencionado na "Introdução", pela seara virgem que o assunto sinalizava.

Investigamos, também, dados sobre o Prof. Isaac Goldberg, que a crítica literária brasileira reconhece como tendo um papel pioneiro nos EUA, pela introdução e apresentação que lhe é atribuída de obras brasileiras no mercado livreiro norte-americano, principalmente na década de 1920, figura que ainda tem entre nós pouca visibilidade, pela exiguidade de informações a seu respeito. Seu perfil pôde ser apurado pelas notas de declarações emitidas pelo editor norte-americano Haldeman-Julius, de seu orientador em Harvard, Prof. J. D. Ford, e através de brasileiros como Gilberto Freyre, Oliveira Lima e do próprio autor Monteiro Lobato, que mantiverem contato com o crítico literário, em um determinado período.

Ao longo da tese deparamos com a curiosidade em levantar pareceres de professores universitários, de editores, e de intelectuais sobre os prováveis motivos da parca circulação de obras brasileiras no sistema literário norte-americano. As razões a que chegamos são parciais, mas esperamos que a iniciativa venha estimular outras pesquisas, no sentido que se

desenvolvam estratégias que fomentem uma circulação mais significativa de nossos autores e de suas obras, em outros mercados.

Outra faceta desta tese foi investigar a publicação e data das obras de ficção adulta do escritor Monteiro Lobato nos Estados Unidos que, de certo modo, testemunham o desejo (concretizado) do escritor brasileiro em acontecer... na América.

Os apontamentos obtidos poderão desdobrar-se em outras perspectivas de trabalho para pesquisadores da obra lobatiana, pois entrevêm caminhos ainda não trilhados, no que diz respeito à recepção do autor brasileiro e de sua obra no sistema literário norte-americano.

Quanto ao tema das duas transposições para a Língua Inglesa, procuramos relevar neste estudo, as intervenções, manipulações e alterações realizadas nos dois textos de chegada pelos tradutores, tendo como consideração, em alguns momentos da análise, o fato de que realizaram seu trabalho em épocas distintas. De acordo com a explicitação dada por Lefevere (1992, p. 14):

Translations are not made in a vacuum. Translators function in a given culture at a given time. The way they understand themselves and their culture is one of the factors that may influence the way in which they translate.

A primeira transposição publicada em 1925 revela uma aproximação com o inglês britânico, pois a Europa (França e Inglaterra) exercia, nos primeiros acordes do século XX, uma influência marcante nas Américas, onde segundo a informação da “Introdução” (1925), o tradutor (a) é egresso. Já em 1947, após a vitória dos aliados na segunda grande guerra, os EUA emergem como uma das “super - potências” e o “*American way of life*” transforma-se num dos ditames do mundo ocidental, com sua informalidade e coloquialismo.

Desse modo, G (1925) ao delinear a personagem Pontes ao leitor, pondera que: “*He [...] enjoined silence like a representative or speechified like a patriot at a street meeting*” (1925, p. 27-28) onde, em K, temos: “*He could [...] call for silence like a congressman in power [...]*” (1947, p. 942). Observamos que G opta pela palavra “*representative*” enquanto que K escolhe “*congressman*”, termo ligado à vivência política do leitor norte-americano. Um antigo provérbio inglês seria “*That’s old as the hills, Pontes*” (1925, p. 37) que foi transposto em K de uma forma mais informal e moderna: “*That’s an old joke, Pontes*” (1947, p. 947). Em G, observamos “*Hold on man, you’ll make me gag!*” (1925, p. 29) e, em K, “*Stop, man, you’re killing me!*” (1947, p. 943), onde o auxiliar no “*Simple Future Tense*” (“*will*”) foi

substituído pelo “*Present Continuous*”; a expressão inglesa “*you make me gag*” transposta pela expressão bem coloquial: “*you’re killing me!*”

Após as duas grandes guerras, particularmente após a segunda guerra mundial, a medicina teve um grande avanço no mundo ocidental com novas descobertas científicas. Assim, em G, temos que o major Bentes poderia morrer devido às más condições “[...] *of his great artery*” (1925, p. 35) onde em K observamos a palavra “*aorta*”, para designar artéria, termo apropriado cientificamente (1947, p. 946).

Arrojo (2007, p. 38) argumenta que “[...] todo tradutor não poderá evitar que seu contato com os textos (e com a própria realidade), seja mediado por [...] suas concepções, seu contexto histórico e social”. Dessa forma, observamos em G: “*Within two months Bentes had become used to that ‘chipmunk’ as he called him [...]*” (1925, p. 36), onde K opta por “*By the end of two months Bentes had become accustomed to that lively ‘chipmunk’ as he nicknamed Pontes*” (1947, p. 947). Constatamos, em K, a escolha pela palavra “*nicknamed*” de cunho mais informal, mais de acordo com a informalidade vigente, do que a opção em G (“*call*”), termo mais formal no contexto.

Ainda em relação à “época” e seu linguajar, temos em G a expressão “*federal collector’s office*” que, em K, está com “*federal internal revenue office*”. A palavra “*revenue*” sinaliza um jargão de cunho financeiro utilizado nas empresas corporativas e no governo, principalmente após a segunda grande guerra.

Auferimos, também, os seguintes dados comparativos que fornecem número de páginas, palavras, caracteres, parágrafos, linhas e notas de rodapé dos três textos analisados:

“O Engraçado Arrependido”	“The Penitent Wag”	“The Funny-Man Who Repented”
Páginas: 23-42	Páginas: 27-42	Páginas: 941-950
Palavras: 3.551	Palavras: 4.052	Palavras: 4.509
Caracteres sem espaços: 17.432	Caracteres sem espaços: 19.054	Caracteres sem espaços: 21.154
Parágrafos: 498	Parágrafos: 577	Parágrafos: 431
Linhas: 543	Linhas: 634	Linhas: 469
Notas de rodapé: nenhuma	Notas de rodapé: uma.	Notas de rodapé: nenhuma.

Constatamos que o texto de partida em relação aos textos, tanto em G como em K, possuem mais páginas, provavelmente por ter um tamanho de folha ou de letras maior do que os dois textos de chegada.

Verificamos, também, que em sua transposição Kurz utilizou-se de um maior número de palavras em relação aos outros dois textos como, também, de um menor número de parágrafos do que observado no texto de origem e na transposição, em G, o que reforça o caráter discursivo de cada um dos tradutores, frente ao texto de origem.

Segundo Bassnett (2003, p. 8) a relação de desigualdade de estrutura entre texto de chegada e texto de partida deve ser reconsiderada hoje à luz das novas perspectivas em torno das discussões dos estudos pós- coloniais, pois “[...] tanto o original como a tradução são vistos como produtos iguais da criatividade do autor e tradutor” embora, citando Octavio Paz (1992), Bassnett reconheça que há tarefas que cabem a cada um.

Paz (1992) pondera que “ao escritor cabe dar às palavras uma forma ideal e imutável enquanto ao tradutor cabe a tarefa de as libertar do confinamento da língua de partida insuflando-lhes uma nova vida na língua para que são traduzidas” (PAZ, 1992 apud Bassnett, 2007, p.8).

Em geral, tanto G como K, em seus papéis de leitores do texto de partida e produtores do texto de chegada, preocuparam-se em detalhar elementos contidos no texto inicial, próprios de nossa cultura e vivências, para o cenário do leitor norte-americano, de acordo com as demandas deste público. Assim converteram medidas de pesagem <sup>286</sup>, acrescentaram dados como “café”<sup>287</sup> ao texto no afã, por exemplo, de fornecer a dimensão da riqueza da família de Pontes; modificaram, também, a onomatopéia do riso, expressa no texto de origem, para atender as expectativas do leitor norte-americano<sup>288</sup>. Temos, a respeito dessa estratégia, a argumentação de Bassnett e Lefevere (1992) quando explicitam que:

Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way. [...] Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices, and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another. (In: “General editor’s preface”. LEFEVERE, 1992, p. XI - XII).

<sup>286</sup> “An arroba equals 32 pounds.” In: LOBATO, M. “The Penitent Wag”, 1925, p. 27.

<sup>287</sup> G refere-se à família Souza Pontes como “[...] *rich planters of ‘Barreiros’ and owners of thirty thousand ‘arrobos’ of coffee*”. In: LOBATO, M. “The Penitent Wag”, 1925, p. 27.

<sup>288</sup> “*Ha!Ha! Ha! You’re killing me, man!*” In: LOBATO, M. “The Funny –Man Who Repents”, 1947, p. 944.

Por fim verificamos que os dois tradutores procuraram respeitar o texto de chegada nas suas transposições, não deixando, entretanto, de marcar seu(s) texto(s) com uma releitura pessoal. Foi constatado que em algumas passagens os tradutores manipularam seus textos ao alongar sentenças, acrescentando informações, adicionando nomes próprios, adjetivando a fim de explicitar detalhes que talvez achassem de difícil compreensão para o leitor de outro sistema literário e com outra cultura. De acordo com a argumentação de Arrojo (2007, p.44), estas ferramentas estão de acordo com as opções deixadas ao(s) tradutor (es) pois:

[...] nossa visão de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que consideramos ser o texto original, àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como já sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.

Finalizando, podemos apontar que a leitura cuidadosa dos dois textos transpostos para a língua inglesa, levou em consideração tanto as escolhas como as estratégias articuladas pelos tradutores frente ao texto de partida, e como tais posicionamentos foram transplantados, em datas distintas, para um público leitor de outro sistema literário, com outro idioma e cultura.

## **REFERÊNCIAS**



## REFERÊNCIAS

ALBIERI, Thais de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2009.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução. A teoria na Prática*. São Paulo: Ática, 2007.

AZEVEDO C. L.; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Furacão na Botucúndia*. São Paulo: Senac, 1997.

BARROS, Maria Paes de. *No tempo de Dantes*. Prefácio: Monteiro Lobato. Introdução: Caio Prado Junior. São Paulo: Paz e Terra, 2 ed. 1998.

BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução. Fundamentos de uma Disciplina*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Terceira Reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato. (1918-19125)*. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2007.

BRAIT, Beth. *Literatura e Outras Linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

CAMPOS, Geir. *O que é Tradução?* São Paulo: Brasiliense, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 12 edição. São Paulo – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato, vida e obra*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros para a Companhia Editora Nacional, 1955.

CREVECOEUR, Michael – Guillaume Jean de. *Letters from an American Farmer. Letter III*. “What is an American”? Primeira publicação: 1782. In: Wright, Louis B. et al. *American Literature. The 17th and the 18th centuries. Volume 01*. New York: Washington Square Press, In., 1966. *American Culture*. Second Edition. USA and Canada: Routledge: 2006.

CRUZ, Heloísa de Faria (org.) *São Paulo em revista. Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana 1870- 1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1977. (p. 221) apud MARTINS, Milena Ribeiro. Tese (Doutorado em Letras) – Campinas: IEL/Universidade Estadual de Campinas, 2003, p. 13.

DOZER, Donald M. *America Latina. Uma perspectiva Histórica*. Tradução de Leonel Vallandro. 2 edição. Porto Alegre: Globo, 1974.

DUMAIN, Ralph. “The Autodidact Project”. Disponível em: <<http://www.autodidactproject.org>>. Acesso em: 13 dez. 2009.

ENSLEN, Joshua Alma. *Cinderella in the Belly of Brazil: Monteiro Lobato and his pre-modernist voice*. Tese (M.A.). The University of Georgia: Athens, Georgia, August 2004. Disponível em: <<http://ugakr.lib.uga.edu/bitstream/handle>>. Acesso em: 30 set. 2011.

FAGGION-HATJE, Válmi. “A migração de contos machadianos: intervenções na (re)apresentação em língua inglesa. In: *X Congresso ABRALIC*, 2006. Disponível em: <<http://www.idelberavelar.com/abralic/Amigracao.html>>. Acesso em: 14 fev. 2010.

FORD, Henry. *Os Princípios da Prosperidade*. Rio de Janeiro: Brand Ltda. Tradução e Prefácio de Monteiro Lobato, Julho de 1954.

FRANCE, Peter- *Translation Studies and Translation Criticism*. In: FRANCE, Peter (ed). - *The Oxford Guide to Literature Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 3. (apud BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Fundamentos de uma Disciplina. Tradução

de Vivina de Campos Figueiredo. Revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p.3 - 5).

GARCIA, Frederick C. H. *Critic turned author: Isaac Goldberg*. In: *Luso-Brazilian Review*, vol. 9, nº 1 (Summer, 1972, p. 21-27) EUA: University of Wisconsin Press. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>. Acesso em: 01 maio 2010.

GOLDBERG, Isaac, Ph.D. (org.). *Brazilian Literature*. (with a foreword by John D. M. Ford). New York: Alfred Knopf Inc. September, 1922.

\_\_\_\_\_. *Brazilian Tales*. Translated from the Portuguese with an Introduction by Isaac Goldberg. Boston: Boston International Pocket Library. Edited by Edmund R. Brown. The Four Seas Company, 1921.

\_\_\_\_\_. *The Spirit of Brazilian Literature*. Little Blue Books nº 646. Girard, Kansas: Haldeman Julius Company, 1924.

GOLDBERG, Isaac. "Um Novelista do Nacionalismo Brasileiro". In: "Notas do Exterior". *Revista do Brasil*. Anno VI. Vol. XVIII. nº 72. Dezembro de 1921.

\_\_\_\_\_. "Renascença literária Norte-Americana". In: "Notas do Exterior". *Revista do Brasil*. nº103, Julho de 1924, p. 276-278.

\_\_\_\_\_. "A ACTUAL NOVELLA AMERICANA". In: "Notas do Exterior". *Revista do Brasil*. Anno IX. Vol. XXVII. nº 105, Novembro de 1924, p. 281-283.

\_\_\_\_\_. *Studies in Spanish American Literature*: New York: Brentano, 1920.

GOMES, Ângela de Castro (org.). *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas (SP): Mercado de Letras Ed. e Livraria Ltda., 2005.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os Leitores de Machado de Assis. O Romance Machadiano e o Público de Literatura no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2004.

GUIMARÃES, Lúcia. “Partido de um só homem”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, Seção “Sabático”, Literatura americana, p. S3, 15 de janeiro de 2011.

GUIMARÃES, Regina Cotrim. “Os manuais de medicina Popular de Chernoviz na Sociedade Imperial”. *Revista Cantareira*. 5ª edição on line. Nº 5, vol. 1, Ano 02- Abril-Agosto, 2004; ISSN 1677-7794. Disponível em: <[http:// www.historia.uff.br/cantareira](http://www.historia.uff.br/cantareira)>. Acesso em: 09 mar. 2011.

HALDEMAN-JULIUS, E. *First Hundred Million*. How to Skyrocket your Book Sales Slam Dunk Titles. 2ª ed. Vancouver: Angelican Press, 2008.

HAYDN Hiram e CURNOS John. *A World of Great Stories*. Tradução de Harry Kurz. New York: Crown Publishers, 1947.

\_\_\_\_\_. *A World of Great Stories*. 115 stories, the best of modern literature. 2ª ed. New York: Gramercy Books, 2003.

HERDER, Dale M.: “Haldeman – Julius The Little Blue Books and The Theory of Popular Culture.” In: *Journal of Popular Culture*, vol. IV, nº 4, [s.n.] Spring 1971, p.881-891.

HIGH, Peter B. *An Outline of American Literature*. New York: Longman, 2002.

KARNAL, Leandro et al. *História dos Estados Unidos*. Das Origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS Vanda Maria. *Ler e Compreender os sentidos do texto*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato. Um Brasileiro Sob Medida*. São Paulo: Moderna Ltda., 2006.

LAJOLO, Marisa & CECCANTINI, João Luís. *Monteiro Lobato Livro A Livro*. São Paulo: Ed. UNESP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LEFEVERE, André. *Translation/History/Culture. A SourceBook*. London/New York: Routledge, 1992.

\_\_\_\_\_. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London / New York: Routledge, 1992.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 1º e 2º Tomos. Obras Completas de *Brazilian Short Stories* Monteiro Lobato. 10ª ed. Vol. 11 e Vol. 12. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.

\_\_\_\_\_. *América*. São Paulo: Editora Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mister Slang e o Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. *O Presidente negro*. 2 ed. São Paulo: Editora Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Editora Globo, 2009.

\_\_\_\_\_. *Urupês*. Contos. Nona Edição. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. – Editores, 1923.

\_\_\_\_\_. *Urupês*. 30ª ed. Capa de Regina Vater. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. “Farm Magnate”. USA: *World Fiction*. January, 1923.

\_\_\_\_\_. “Patchwork Quilt”. Tradução de Isaac Goldberg. USA: *Our World*. April, 1923.

\_\_\_\_\_. “Modern Torture”. Boston: *The Stratford Monthly*. April, 1924.

\_\_\_\_\_. *Brazilian Short Stories*. (Introd. Isaac Goldberg). In: *Little Blue Books* nº 733. Kansas: Haldeman – Julius Company, 1925.

\_\_\_\_\_. “The Penitent Wag”. In: *Brazilian Short Stories*. Girard, Kansas: Haldeman-Julius Company, 1925, p. 27-42.

\_\_\_\_\_. “The Farm-Magnate”. In: LIEBER, Maxim. *Great Stories of All Nations*. New York: Brentano Publishers, 1927.

\_\_\_\_\_. “The Farm-Magnate”. In: LIEBER, Maxim & WILLIAMS, Blanche Colton. *Great Stories of All Nations*. New York: Tudor Publishing CO., 1944.

\_\_\_\_\_. “The Funny-Man Who Repented”. In: *A World of Great Stories*. Tradução de Harry Kurz. 1ª ed. New York: Crown Publishers, 1947 e New York: Gramercy Books, Random House, Inc., 2003.

\_\_\_\_\_. “The Vengeance of the Redwood”. In: ONÍS, Harriet de. *The Golden Land*. New York: Alfred A. Knopf, 1948.

\_\_\_\_\_. “The Funnyman who Repented”. Tradução de Harry Kurz In: *Atlantic Monthly*, February, 1956, p. 161-165.

\_\_\_\_\_. “The Funnyman who Repented”. In: JACKSON, K. David. *Oxford Anthology of the Brazilian Short Stories*. New York: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. *America*. In: MOSER, Robert Henry and TOSTA, Antonio Luciano de Andrade. *Luso American Literature*. USA: Rutgers University Press, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: Um Diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2003.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Quem conta um conto...aumenta, diminui, modifica*. O processo de escrita do conto lobatiano. Tese de Mestrado - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1998.

MILTON, John. *O Poder da Tradução*. São Paulo: Ars Poética Ltda, 1993.

*Novo Michaelis*. Dicionário Ilustrado.vol I. 7th ed. São Paulo: Edições Melhoramentos e Wiesbaden, Germany: F.A.Brockhaus, 1968.

NUNES, Cassiano (Org). *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda / Record, 1986.

O' CALLAGHAN, B. *An Illustrated History of the USA*. 19<sup>th</sup> impression. China: Longman, 2006.

ONÍS, Harriet de. *The Golden Land*. An Anthology of Latin American Folklore in Literature. New York: Alfred A. Knopf, 1966.

PAES, José Paulo. *Tradução: A Ponte Necessária*. Aspectos e Problemas da Arte de Traduzir. 1<sup>a</sup> edição. 2<sup>a</sup> impressão. São Paulo: Ática, 2008.

PAZ, Octavio. "Translation: Literature and Letters." Trad. Irene del Corral. In: SHULTE, Rainer; BIGUENET, John (ed.). *Theories of Translation. An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: University of Chicago Press, 1992, p. 36-55. Apud BASSNETT, Susan. *Estudos de Tradução*. Fundamentos de uma Disciplina. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Revisão Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 8.

\_\_\_\_\_. In: ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. A teoria na Prática. São Paulo: Ática, 2007, p. 11.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. "Tal Brasil, Qual América?" A América Brasileira e a Cultura Ibero- Americana. In: *Diálogos Latinoamericanos*. Red. de *Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal*. Universidad Autónoma Del Estado de

México e Universidad de Aarhus, 12 de noviembre, 2007. Aarhus, Latinoamericanistas. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/162/16201203.html>>. Acesso em: 02 jul. 2010.

REIS, Roberto. “A Literatura Brasileira nos EUA”. In: São Paulo: Revista *Escrita*, Ano II, nº 20, maio de 1977. Disponível em: <<http://www.conexoesitaucultural.org.br/?tag=roberto-reis>>. Acesso em: 05 e 06 set. 2011.

RÓNAI, Paulo. *Escola de Tradutores*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1981.

ROYOT, Daniel. *A literatura americana*. Revisão Técnica de Marcos César de Paula Soares. São Paulo: Editora Ática, 2009.

SANTOS, André Luiz. *Caminhos de alguns Ficcionalistas Brasileiros após as Impressões de Leitura de Lima Barreto*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, p. 89.

SENNA, Homero. *A Republica das Letras*, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. Disponível em <<http://tirodeletras.com.br/entrevistas/LuciaMiguelPereira.htm>>. Acesso em: 06 jun. 2010.

SILVEIRA, Brenno. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos: Editora UNESP, 2004.

SOARES, Marcos César de Paula. In: Revista *Cadernos EntreLivros. Panorama da Literatura Americana*. São Paulo: Duetto Editorial Ltda., s.d.

TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

*Webster's New Collegiate Dictionary*. Springfield, Massachusetts: G. C. Merriam CO., Publishers, 1949.



*Webster's Third New International Dictionary of the English Language Unabridged. Vol. I; II; III. First Ed. 1909. USA: G&C. Merriam CO, 1976.*

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção E História Da Literatura. São Paulo: Editora Ática, 1989.*

# ANEXOS

## ANEXO 1

*Abaixo segue a tradução livre do trecho em Inglês, que consta no Capítulo III (pp.49-51), deste trabalho.*

### **O que a América deseja ler.**

*Por que os Little Blue Books contam uma história de grande importância.*

Meus nove anos de editor da série conhecida no mundo todo como *Little Blue Books* seriam, talvez, interessantes como fruto de uma realização pessoal na área de editoração, mas esta conquista pessoal teria somente valor para um grupo limitado de pessoas. Acredito que seja mais interessante fabricar um relógio do que imprimir um livro que custa 5 cents; e seria ainda mais espetacular fabricar um relógio de valor do que imprimir e encadernar um livro caro. Não é por que tenha produzido livros em larga escala a preços baixos que tornaram os meus livros Blue Books de vital importância.

Este é o mundo dos negócios e das vendas. Existem negócios mais espetaculares com fabricação mecânica mais complicada e com uma maior dinâmica de vendas no mundo.

O aspecto empresarial de vendas e de produção dos meus *Little Blue Books* é interessante, pois os mesmos contam a história que nenhuma outra série de livros ou editores de livros em qualquer lugar poderia contar. Contam aquilo que a América tem vontade de ler. Acreditei que fosse possível colocar livros ao alcance de todos, ricos e pobres, sobretudo os sem poder aquisitivo ou, para aqueles numa escala social, que são considerados nem ricos nem pobres. Acreditei, também, que ao publicar livros em grande quantidade pudesse vendê-los, todos, no mesmo nível de preço.

Nenhum livro meu seria preterido por outro devido à diferença de preço.

O preço dos meus livros seria tão baixo que nenhum outro livro seria escolhido somente pelo fator preço.

Para ser mais explícito, os *Little Blue Books* da forma em que existem agora, representam a democracia da literatura. Todos os livros da série Blue Books nascem iguais e nenhum deles recebe uma maior propaganda do que o outro. Todos os livros seguem o mesmo padrão de encadernação e são todos do mesmo tamanho: 3 1/5 por 5, com exceção dos dicionários. O que modifica nos Blue

Books é o número de páginas: de 32 a 128 páginas. A maioria, entretanto, fica ao redor de 64 páginas.

Os livros são adquiridos porque os compradores desejam lê-los e não por uma questão de status. Os Little Blue Books são oferecidos por 05 *cents* de dólar, em média 64 páginas, com 15 mil palavras no texto, sem modificações do original. Tenho uma escolha de um mil e duzentos e sessenta títulos, que podem ser enviados para qualquer endereço, e são pós-pago. Os amantes de livros os colecionam porque são caros e não necessariamente porque desejam lê-los. Entretanto os compradores dos *Little Blue Books* compram livros para serem lidos e não, necessariamente, para conservá-los.

O comprador pode comprar um mínimo de 20 livros por pedido postal, o que nos leva a quantia de um dólar.

Em 1 de Janeiro de 1928, que é a data em que esses dados estão baseados, há 1.260 títulos diferentes de *Little Blue Books*- todos oferecidos, não importa o tamanho da edição, pelo mesmo preço.

Uma ordem de pedido de compra exige um mínimo de 20 livros, que é a quantia mínima que o comprador deverá requisitar num pedido de compra, de uma vez só.

Mas o comprador poderá pedir mais de 20 livros se assim o desejar, numa só ordem de pedido.

Dos 1.260 livros oferecidos qualquer indivíduo poderá selecionar 20 livros ou mais que deseje ler. Esta série é provavelmente a mais representativa amostragem literária publicada num preço padrão e com um formato uniforme. Não publicamos somente obras literárias, nem somente as formas de literatura reconhecidamente consideradas no comércio livreiro como clássicas, como as biografias, história, ou similares - mas a Bíblia e livros contra a Bíblia-, publicamos livros do tipo aprenda sozinho, temas como o amor e paixão, trabalhos médicos – em suma, um pouco de cada coisa. Caso o leitor americano deseje, enormemente, ler um determinado tipo de livro, poderá encontrar uma forma de conseguir seu intento, ao montar sua seleção dos Little Blue Books.

*FIRST HUNDRED MILLION.* (E. HALDEMAM –JULIUS. USA: Angelican Press, 2008).

## ANEXO 2

Neste anexo se encontram as páginas digitadas, do original, dos contos “O engraçado arrependido”, “em *Urupês*, Nona edição de 1923, pela Monteiro Lobato & Cia. - Editores.

Posteriormente, no **ANEXO 3** seguem as páginas digitadas do conto “The Penitent Wag” em *Brazilian Short Stories*, de autoria do escritor Monteiro Lobato, publicadas em 1925, no mercado norte-americano pela Haldeman-Julius Company.

Consta, também, digitada, neste anexo, a Nota Introdutória do crítico literário norte-americano Isaac Goldberg, para a série 733 dos *Little Blue Books*.

A necessidade da digitação ocorreu pela precariedade das condições materiais das páginas e da impressão, devido à ação do tempo.

Acreditamos que a digitação do conto do escritor Monteiro Lobato, na coletânea *Urupês*, Nona Edição, 25º --30º Milheiros, 1923, e em *Brazilian Short Stories*, virá facilitar ao leitor, a leitura desta Tese.

No **ANEXO 4** temos a digitação do conto “The Funny-Man Who Repented” presente na coletânea *A World of Great Stories* publicada pela Crown Publishers em 1947 e republicada, em 2003, pela Gramercy Books/Random House, para compor a formatação uniforme do trabalho, visto que esta transposição para o idioma inglês, é objeto de análise nesta Tese.

No **ANEXO 5** temos a relação de *Little Blue Books Séries n°600 à 799*. O escritor Monteiro Lobato está ligado a duas Séries dos *Little Blue Books*: a Série n° 646 - *The spirit of Brazilian Literature*- de Isaac Goldberg e, na Série n°733 com três de seus contos, em *Brazilian Short Stories*, com a “Introdução” e comentários de Isaac Goldberg.

## **ANEXO 2**

Monteiro Lobato

---

# URUPÊS

CONTOS

---

Nona Edição

25°--30° MILHEIROS

\_\_\_\_\_S. PAULO\_\_\_\_\_

Monteiro Lobato & Cia. – Editores

\_\_\_\_\_1923\_\_\_\_\_

---

## O engraçado arrependido

Francisco Teixeira de Souza Pontes, galho bastardo d'uns Souza Pontes de trinta mil arrobas, fazendados no Barreiro, só aos trinta e dois annos de idade entrou a pensar sériamente na vida. Como fosse de natural engraçado, vivera até allí à conta de veia comica, e com ella amanhã casa, mesa, vestuario e o mais. Sua moeda corrente eram micagens, pilherias, anedotas de inglez e tudo quanto bole com os musculos faciaes do animal que ri, vulgo homem, repuxando risos ou matracolejando gargalhadas.

Sabia de cór a Encyclopeda do Riso e da Galhofa, de Fuão Pechincha, a creatura mais dissaborida que Deus botou no mundo; mas era tal a arte do Pontes, que as semsaborias mais relamborias ganhava, em sua bocca um chiste raro e os ouvintes babavam de puro goso.



-24 -

Para arremedar gente ou bicho, era um genio. A gamma inteira das vozes do cachorro, da acuação aos caitetús ao uivo á lua, e o mais, rosnado ou latido, assumia em sua bocca perfectibilidade capaz de illudir aos proprios cães – e á lua.

Tambem grunhia de porco, cacarejava de gallinha, coaxava de untanha, ralhava de mulher velha, choramingava de fedelho, silenciava de deputado governista ou perorava de patriota em sacada. Que vozeio de bipede ou quadrúpede não copiava elle ás maravilhas, quando tinha pela frente um auditorio predisposto?

Descia outras vezes á prehistoria. Como fosse d'algumas luzes, quando os ouvintes não eram pecos reconstituia os vozeirões paleontológicos dos bichos extinctos – roncos de mastodontes, ou berros de estegosaurios ao avistarem-se com “homos” pelludos, repimpados em fétos arboreos, coisa muito de rir e divulgar a sciencia do Sr. Barros Barreto.

Na rua, se pilhava um magote de amigos parados á esquina, aproximava-se de mansinho e – “nhoc”! - arremessava um bote de munheca á barriga da perna mais a geito. Era de ver o pinote assustado e o – “passa”! – nervoso do incauto, e logo em.

-25 -

seguida as risadas sem fim dos outros, e a do Pontes, que gargalhava d'um modo todo seu, estrepitoso e musical – musica d'Offenbach.

Pontes ria parodiando o riso normal e espontaneo da creatura humana, unica que ri além da raposa bebedeira, e estacava de golpe, sem transição, cahindo n'um serio de irresistível comico.

Em todos os gestos e modos, como no andar, no ler, no comer, nas acções mais triviaes da vida, o raio do homem differençava-se dos demais no sentido de amolecal-as prodigiosamente.

E chegou a ponto que escusava abrir a bocca ou esboçar um gesto para que se torcesse em risos a humanidade. Bastava sua presença. Mal o avis-tavam, já as caras refloriam; se fazia um gesto, espirravam risos; se abria a bocca, espigaitavam-se uns, outros afrouxavam os cóses, terceiros desabo-toavam os colletes. Se entrabria o bico, nossa se-nhora! eram cascalhadas, eram rinchavelhos, eram guinchos, engasgos, fungações e asphyxias tremendas.

- E' da pelle, este Pontes!

- Basta, homem, você me afoga!

E caso o pandego se innocentava, com cara palerma:

- 26 -

- Mas que estou fazendo? Se nem abri a bocca

- Quá, quá, quá! – a companhia inteira, desmandibulada, choravano espasmo supremo dos risos incoerciveis.

Com o decorrer do tempo não foi preciso mais que seu nome para deflagrar a hilaridade. Pronunciando alguém a palavra “Pontes”, accendia-se logo o estopim das fungadelas pelas quaes o homem se alteia acima da animalidade que não ri.

Assim viveu Pontes até á idade do Christo, numa parabola risonha, a rir e fazer rir, sem pensar em nada serio – vida de filante que dá mômicos em troca de jantares e paga continhas miúdas com pilherias de truz.

Um negociante caloteado, disse-lhe um dia, entre frouxos de riso baboso:

- Você ao menos diverte, não é como o major Carapuça que caloteia de carranca.

Aquelle recibo sem sello mortificou seu tanto ao nosso pandego; mas a conta subia a quinze mil réis – valia bem a pelotada. Entretanto, lá ficou a lembrança della espetada como alfinete na almofadinha do amor proprio. Atrás desse vieram outros, e outros, estes fincados de leve, aquelles até á cabeça.

- 27 -

Tudo cança. Farto de tal vida, o hilarião entrou a sonhar as delicias de ser tomado a serio, falar e ser ouvido sem repuxo de musculos faciaes, gesticular sem promover a quebra da compostura humana, atravessar uma rua sem pressentir na piúgada um côro de – “Lá vem o Pontes!” em tom de quem se espreme na contensão do riso ou se ageita para uma barrigada das boas.

Reagindo, tentou Pontes a seriedade.

Desastre.

Pontes serio mudava de tecla, cahia no humorismo inglez. Se antes divertira como o clown, divertia agora como o Tony.

O estrondoso exito do que se afigurou a toda a gente uma faceta nova da sua veia comica, lançou mais sombras na alma do engraçado arrependido.

Era certo que se não poderia traçar outro caminho na vida, além daquelle, ora odioso? Palhaço, então, eternamente palhaço á força?

Mas a vida de um homem feito tem exigências sisudas, impõe gravidade e até casmurrice dispensaveis nos annos verdes. O cargo mais modesto da administração, uma simples vereança, requer na cara a immobilidade da idiotia que não ri. Não

-28 -

se concebe vereador risonho. Falta ao dito de Rabelais uma exclusão: o riso é proprio á espécie humana, fóra o vereador.

Com o dobar dos annos a reflexão amadureceu, o brio crystallizou-se, e os jantares cavados acabaram por saber-lhe a azedo. A moeda pilheria tornou-se-lhe dura ao cunho; já a não fundia com a frescura antiga; já usava della como expediente de vida, não por folgança despreocupada como outróra. Comparava-se mentalmente a um palhaço de circo, velho e achacoso, a quem a miséria obriga transformar rheumatismo em caretas hílares, como as quer o publico pagante.

Deu de fugir dos homens, e gastou bons mezes no estudo da transição necessária ao conseguimento de um emprego honesto. Pensou no commercio, na industria, na feitoria d'uma fazenda, na montagem d'um botequim – que tudo era preferível á paspalhice comica de até então.

Um dia, bem maturados os planos, resolveu mudar de vida. Foi a um negociante amigo e sinceramente lhe expoz os propósitos regeneradores, pedindo por fim um lugar na casa, de varredor que fosse. Mal acabou a exposição, o gallego e a caixeirada em peso, que espiava de longe á espera

- 29 -

do desfecho, torceram-se em estrondoso gargalhar, como sob cócegas.

- Esta é boa ! É de primeiríssima! Quá ! quá ! quá ! Com que então ... quá! quá! quá! Você me arruina os figados, homem ! Se é pela continha dos cigarros, vá socegado, que me dou por pago! Quá! quá! quá! Este Pontes tem cada uma...

E a caixeirada, os freguezes, os sapos de balcão, e até passantes que pararam na calçada para “aproveitar” o “espírito”, desbocaram-se em *quás* de matraca até lhe doerem os diaphragmas.

O miserando, atarantado e seriíssimo, tentou desfazer o equívoco.

- Falo sério, e o senhor não tem o direito de rir-se. Pelo amor de Deus não zombe de um infeliz que pede trabalho e não gargalhadas.

O negociante sabotou os cócs da calça.

- Fala sério, pff! Quá! quá! quá! Olhe, Pontes, você...

Pontes largou-o em meio da phrase, e se foi com a alma atanzada entre o desespero e a colera.

Era demais. A sociedade o repellia, então? Impunha-lhe uma comicidade eterna?

Correu outros balcões, explicou-se como melhor pode, implorou. Mas o caso foi julgado, por voz

-30 -

unanime, como uma das melhores pilherias do “in-corrigível”, e muita gente o commentou com a observação do costume:

- E' sempre o mesmo! Não se emenda o raio do rapaz! E olhem que já não é creança

Barrado no commercio, voltou-se para a lavoura. Procurou um velho fazendeiro que despedira o feitor e expoz-lhe o seu caso.

O coronel, depois de ouvir-lhe attentamente as allegações, conclusas pelo pedido de um lugar de capataz, explodiu num ataque de hilaridade:

- O Pontes capataz! Ih! Ih! Ih!

- Mas...

-Deixe-me rir, homem, que cá na roça isto é raro. Ih! Ih! Ih! E' muito boa! Eu sempre digo: graça como o Pontes, ninguém!

E berrando para dentro:

- Maricota, venha ouvir esta do Pontes.

Ih! Ih! Ih!

Nesse dia o infeliz engraçado chorou. Compreendeu que não se desfaz do pé para a mão o que levou annos a crystallizar-se. A sua reputação de pandego, de impagavel, de monumental, de homem do chifre furado ou da pelle, estava construida

-31 -

com muito boa cal e rijo cimento para que assim esboroasse de chofre.

Urgia, entretanto, mudar de vida, e Pontes voltou as vistas para o Estado, patrão commodo e unico possivel no caso, porque abstracto, porque não sabe rir, nem conhece de perto as cellulas que o compõem. Esse patrão, só elle, o tomaria a serio – o caminho da salvação, pois, embicava por alli.

Estudou a possibilidade da agencia do correio, os tabellionatos, das collectorias e do resto. Bem ponderados prós e contras, trunfos e naipes, fixou a escolha da collectoria federal, cujo occupante, major Bentes, por avelhantado e cardiaco, era de crer não durasse muito. Seu aneurisma andava na berra publica, com rebentamento esperado para qualquer hora.

O az de Pontes era um parente do Rio, sujeito ricaço, em via de influenciar a politica no caso de realizar-se tal reviravolta no governo. Lá correu atrás d'elle e tantas fez para movel-o á sua pretensão que o parente o despediu com promessa formal.

- Vae socegado, que em a coisa arrebetando por cá, e o teu collecter rebentando por lá, ninguem mais ha de rir-se de ti. Vae,e avisa-me da morte do homem sem esperar que esfrie o corpo



-32 -

Pontes voltou, radioso de esperança e aguardou pacientemente a successão dos factos, com um olho na política e outro no aneurisma salvador.

A crise veio afinal; cahiram ministros, subiram outros e entre estes um político negociista, socio do tal parente. Meio caminho era já andado. Restava apenas a segunda parte.

Infelizmente, a saúde do major encruára, sem signaes patentes de declinio rápido. Seu aneurisma era, na opinião dos medicos que matavam pela allopathia, coisa grave, de estourar ao menor esforço; mas o precavido velho não tinha pressa de ir-se para melhor, deixando uma vida onde os fados lhe conchegaram tão fofo ninho, e lá engabelava a doença com um regimen ultra-methodico. Se o mataria um esforço violento, socegassem, não faria tal esforço.

Ora, Pontes, já meio dono daquelle sinecura, impatientava-se com o equilibrio desequilibrador dos seus calculos. Como desembaraçar o caminho da quella travanca? Leu no Chernoviz o capitulo dos aneurismas, decorou-o; andou em indagações de tudo quanto se dizia ou se escreveu a respeito; chegou a entender da materia mais que o doutor lodureto, medico da terra, o qual, seja dito aqui á

-33 -

puridade, não entendia de coisa nenhuma desta vida.

O pomo da sciencia, assim comido, induziu-o á tentação de matar o homem, forçando-o a estourar. Um esforço o mataria? Pois bem, Souza Pontes o levaria a esse esforço.

- A gargalhada é um esforço, philosophava satanicamente de si para si. A gargalhada, portanto, mata. Ora, eu sei fazer rir...

Longos dias passou, alheio ao mundo, em dialogo mental com a serpente.

- Crime? Não! Em que código fazer rir é crime? Se morresse disso o homem, culpa era da sua má aorta.

A cabeça do maroto virou picadeiro de lucta, onde o “plano” se bateu em duello contra todas as objecções mandadas ao encontro pela consciencia. Servia de juiz da contenda a sua ambição amarga, e Deus sabe quantas vezes tal juiz prevaricou, levado de escandalosa parcialidade por um dos contendores.

Como era de prever, venceu a serpente, e Pontes ressurgiu para o mundo um tanto mais magro, de olheiras cavadas, porém com um brilho estranho de resolução victoriosa nos olhos. Tambem notaria

- 34 -

o nervoso dos modos quem o observasse com argúcia - mas a argucia não era virtude sobeja entre os seus conterraneos, além de que estados d'alma do Pontes eram coisa de somenos, porque o Pontes...

- Ora o Pontes!...

O futuro funcionario forgicou, então, meticulo-  
sos planos de campanha. Em primeiro era mistér  
approximar-se do major, homem recolhido comsigo  
e pouco amigo de lérias; insinuar-se-lhe na intimi-  
dade; estudar suas venetas e cachacinhas até des-  
cobrir em que zona do corpo trazia elle o calcanhar  
d'Achilles.

Começou freqüentando com assiduidade a col-  
lectoria, sob pretextos varios, ora para sellos, ora  
para informações sobre impostos, que tudo era en-  
sejo de um parolar manhoso, habilissimo, calculado  
para combalir a rispidez do velho.

Tambem ia a negocios alheios, pagar sizas, ex-  
trahir guias, coisinhas, fazendo-se serviçal dos  
amigos que traziam negocios com o fisco.

O major estranhou tanta assiduidade, e disse-  
lh'o, mas Pontes escamoteou-se á interpellação mon-  
tado numa pilheria de truz e perseverou num bem  
calculado dar tempo ao tempo que fosse debastando  
as arestas aggressivas do cardiaco.

-35-

Dentro de dous mezes já se habituára Bentes áquelle serelepe, como lhe chamava, o qual em fim de contas parecia um bom moço, sincero, amigo de servir, e sobretudo inoffensivo.

D'ahi a lá em dia d'accumulo de serviço pedir-lhe um obsequio, e depois outro, e terceiro, e tel-final como especie de addido á repartição, foi um passo.

Para certas commissões não havia outro. Que diligencia! Que finura! Que tacto!

O major, ralhando certa vez o escrevente, puxou aquella diplomacia como lembrete.

- Grande pasmado! Aprende com o Pontes que tem geito para tudo, e inda por cima tem graça.

Nesse dia convidou-o para jantar.

Grande exultação na alma do Pontes! A fortaleza abria-lhe as portas.

Aquelle jantar foi o inicio d'uma série onde o serelepe, agora "factotum" indispensavel, teve campo de primeira ordem para evoluções tacticas.

O major Bentes, entretanto, possuia uma invulnerabilidade: não ria, limitava suas expansões hilares a sorrisos ironicos. Pilheria que levava outros comensaes a se erguerem da mesa atabafando a bocca nos guardanapos, encrespava apenas os seus

-36-

labios. E se não era a graça de superfina agudeza, o collector mofino desmontava sem piedade o contador.

- Isso é velho, Pontes, já num almanaque Laemert de 1850 me lembra de o ter lido.

Pontes sorria, com ar vencido; mas consolava-se, dizendo lá por dentro, dos figados para o rim, que se não pegára d'aquella, d'outra pegaria.

Toda a sua sagacidade enfocava no fito de descobrir o fraco do major. Cada homem tem predilecção por um certo genero de humorismo ou chalança. Este morre pela pilheria fescenina de frades bojudos. Aquelle pélla-se pelo chiste bonacheirão da chacota germanica. Aquell'outro dá a vida pela pimenta da canalhice gauleza. O brasileiro adora a chalaça onde se põe a nú a burrice tamancuda de gallegos e ilhéos.

Mas o major? Porque não ria á ingleza, nem á allemã, nem á franceza, nem á brasileira? Qual o seu gênero?

Um trabalho systematico de observação e a methodica exclusão de generos já provados inefficientes, levaram Pontes a descobrir a fraqueza do rijo adversario: o major lambia as unhas por casos de inglezes e frades. Era preciso, porém, que viessem

-37 -

juntos. Saporados, negavam fogo. Exquisitices de velho... Em surgindo *bifes* vermelhos, de capacete de cortiça, roupa enxadrezada, sapatos formidolosos e cachimbo, conjuntamente com frades redondos, namorados da pipa e amigos da polpa feminina, lá abria o major a bocca, e interrompia o serviço de mastigação, como creança a quem acenam com cocada. E quando o lance comico chegava, elle ria com gosto, abertamente, embora sem exaggero capaz de lhe transtornar o equilibrio sanguineo.

Pontes, com infinita paciencia, bancou nesse genero e não mais sahiu dalli. Augmentou o repertorio, a gradação do sal, a dóse de malicia, e bombardeou systematicamente a aorta do major com os productos da sua habil manipulação.

Quando o caso era longo, porque o narrador o florejava no intento de esconder o desfecho e realçar o effeito, o velho interessava-se vivamente, e nas pausas manhosas pedia esclarecimento ou continuação:

- “E o raio do *beefstek*?” “E dahi?” “Mister John apitou?”

Embora tardasse a gargalhada fatal, o futuro collector não desesperava, confiando no apologo da bilha que de tanto ir á fonte lá ficou.

- 38 -

Não era máo o calculo. Tinha a psychologia por si, e teve tambem por si a quaresma.

Certa vez, findo o carnaval, o major reuniu os amigos em torno de uma enorme piabanha recheada, presente d'um collega.

O entrudo desmazorrára a alma dos commensaes, e a do amphytrião, que estava naquelle dia contente de si e do mundo, como se houvera enxergado o passarinho verde.

O cheiro vindo da cozinha, valendo por todos os apperitivos de garrafaria, punha nas caras um enter-necimento estomacal.

Quando o peixe entrou, scintillaram os olhos do major. Pescado fino era com elle, inda mais cozido pela Gertrudes. E naquele brodio primára a Gertrudes num tempero que excedia ás raias da culinaria e se guindava ao mais puro lyrismo. Que peixe! Vatel o assignaria com a penna da impotencia molhada na tinta da inveja, disse o escrevente, sujeito lido em Brillat-Savarin e outros praxistas do paladar.

Entre goles de rica vinhaça era a piabanha introduzida nos estomagos com religiosa unccção. Ninguem se atrevia a quebrar o silencio da bromatologica beatitude.

-39 -

Pontes presentiu opportuno o momento da carta-da. Trazia engatilhado um caso de inglez, sua mulher e dois frades barbadinhos, anecdotas que elaborára á custa da melhor matéria cinzenta do seu cerebro, aperfeiçoando-a constantemente em longás noites de insomnia. Já de dias a tinha de tocaia, aguardando sempre um momento em que tudo concorresse para obter della o effeito maximo.

Era a derradeira esperança do facinora, seu ultimo cartucho. Negasse fogo e, estava resolvido, mettia duas balas nos miolos. Reconhecia impossivel manipular-se torpedo mais engenhoso. Se o aneurisma lhe resiste ao embate, então é que o aneurisma era uma potoca, a aorta uma ficção, o Chernoviz um palavrório, a medicina uma miseria, o doutor lodureto uma cavalgada e elle, Pontes, o mais chapado semsaborão jámais aquecido pelo sol –indigno, portanto, de viver.

Matutava o Pontes assim, negaceando com os olhos da psychologia a pobre victima, quando o major veio ao seu encontro, e lhe piscou o olho esquerdo.

- E' agora! Pensou o bandido – e com infinita naturalidade, pegando numa garrafinha de molho como por acaso, poz-se a ler o rotulo.



-40 -

- *Perrins, Lea and Perrins*. Será parente da-  
quella lord Perrins que bigodeou os dois frades  
barbadinhos?

Inebriado pelos amavios do peixe, o major alu-  
minou um olho concupiscente, guloso de chulice.

- Dois barbadinhos e um lord! A patifaria foi  
marca X. P. T. O. Conta lá, serelepe.

E mastigando machinalmente absorveu-se no  
caso fatal.

A anedota correu capciosa, pelos fios naturaes,  
até ás proximidades do desfecho, narrada com arte  
de mestre, segura e firme, num andamento estra-  
tegico onde havia genio. Por essas immediações a  
maranha empolgou de tal fórma o pobre velho que  
o poz suspenso, de bocca entre-aberta, uma azeitona  
fisgada no garfo detida a meio caminho. Um ar de  
riso – riso parado, riso estopim que não é senão o  
armar bote da gargalhada, iluminava-lhe as faces.

Pontes vacillou. Presentiu o estouro da arteria. A  
consciencia brecou-lhe a lingua por uns instan-  
tes, mas Pontes deu-lhe um pontapé e com voz  
firme desfechou o gatilho.

O major Antonio Pereira da Silva Bentes des-  
feriu a primeira gargalhada da sua vida, franca,  
estrondosa, de ouvir-se ao fim da rua, gargalhada

- 41 -

igual á de Teufelsdröckh deante de João Paulo Richter. Primeira e ultima, entretanto, porque em meio della os convivas, attonitos, viram-no cahir de borco sobre o prato, ao tempo que uma onda de sangue avermelhava a toalha.

O assassino ergueu-se, allucinado, e aproveitando a confusão esgueirou-se para a rua, qual outro Cain. Escondeu-se em casa, trancou-se no quarto, bateu dentes e a noite inteira, suou gelado. Os menores rumores retraziam-no de pavor: policia?

Semanas depois é que entrou a declinar aquelle transtorno d'alma que toda gente levou á conta de dôr pela morte do amigo. Não obstante, trazia sempre deante dos olhos a mesma visão: o velho, de bruços no prato, golfando sangue, emquanto no ar, inda vibrantes, os echos de sua derradeira gargalhada.

E foi nesse deplorável estado que recebeu a carta do parente do Rio. Entre outras cousas dizia o az: "Como não me avisaste a tempo, conforme o combinado, só pelas folhas vim a saber da morte do Bentes. Fui ao ministro mas era tarde, já estava lavrada a nomeação do successor. A tua levianidade fez-te perder a melhor occasião da vida.

- 42 -

Guarda para teu governo este latim: “tarde vênientibus ossa”, e sê mais esperto para o futuro”.

Um mez depois encontraram-no pendurado duma trave, com a lingua de fóra, rígido.

Enforcara-se numa perna de ceroula.

Quando a noticia deu volta á cidade, toda a gente achou graça o caso. O gallego do armazem commentou para os caixeiros:

- Vejam que creatura! Até morrendo fez chalaça! Enforcar-se na ceroula! Esta só mesmo do Pontes!

E reeditaram em côro meia dúzia de “quás” – único epitaphio que lhe deu a sociedade...

## **ANEXO 3**

LITTLE BLUE BOOK No. 733

Edited by E. Haldeman-Julius

BRAZILIAN SHORT  
STORIES

Monteiro Lobato

With an introduction by

**Isaac Goldberg**

HALDEMAN-JULIUS COMPANY

GIRARD, KANSAS

# CONTENTS

	PAGE
Introduction.....	5
Modern Torture.....	11
The Penitent Wag .....	27
The Plantation Buyer .....	43

## INTRODUCTION

Monteiro Lobato represents the most recent phase of the Brazilian reaction against Gallic literary influence. Though not pretending primarily to be a writer, he yet has inaugurated what amounts to almost to a new period of the national letters. At the bottom of his nationalism, however, is the one valid foundation of art: sincerity. If occasionally he overdoes his protest against the French, he may well be forgiven because of its sound basis; it is part of his own personality to see things in the primary colors, to play the national zealot not in any chauvinistic sense; he is no blind follower of the administrative powers, no nationalist in the ugly sense of cheap partisan drum beating, but in the sense that true nationalism is the logical development of the fatherland's potentialities. A personally independent fellow, then, who would achieve for his nation that same independence.

The beginning of the World War found Monteiro Lobato established upon a fazenda, far from the thoughts and centers of literature. It was by accident that he discovered his gifts as a writer. The story is told that one day, rendered indignant by the custom of clearing stubble fields by fire, and thus endangering the bordering inhabitants, he sent a letter of protest to a large daily in Sao Paulo. It seems that the letter was too important, too well-

## BRAZILIAN SHORT STORIES

written, too plainly indicative of natural literary talent, to be relegated to the corner where readers jeremiads usually wail, and that, instead, it was "featured" upon the first page. From that day the die was cast. The episode, in my opinion, is far more important than it appears. For, whatever form in which the man's later writings are published, they are in a more important degree just what this initial venture was: a protest, a means of civic betterment, a national contribution.

It was with the collection named "Urupês (Fungi) that Lobato definitely established himself. Upon the success of that book he has built a powerful publishing house, a splendid magazine ("Revista do Brasil"- The Brazilian Review), a veritable literary movement. He excels in stinging comment upon current affairs; he writes books for the primary schools; he is a practical nature bent upon visibly altering the national course. As a writer, he is "anti-literary", scorning the finer graces. Together with a similar group in Buenos Aires he underestimates the aesthetic element in art, confusing it, perhaps, with the snobbish, aloof, vapory spirits who have a habit of infesting all movements with their neurotic lucubrations. Yet such a view may do him as it does Manuel Gálvez in Argentina, or Upton Sinclair in the United States, injustice. His style, his attitude, his product, are directly conditioned by the ambient in which he works and the problems he has set out to solve. Less unjust, surely is the criticism that may be made against him when-as is characteristic



## BRAZILIAN SHORT STORIES

of such natures-his earnestness generates into special pleading, when his intensive feeling tapers off into sentimentality, and when what was meant to be humor falls away to caricature.

Labato's work in every phase is first of all an act of nationalism. To this caustic spirit, the real Brazil-the Brazil that must set to work stamping its impress upon the arts of the near future-lies in the interior of the country, away from the cosmopolitanism of the littoral. Yet his practice largely belies this implied regionalism.

That he is gifted with the rare faculty of self-criticism may be seen from a letter I received from him some time after I had introduced him to North American readers in a newspaper article.

"I was born," he wrote, "on the 18<sup>th</sup> of April, 1883, in Taubate, State of São Paulo, the son of parents who owned a coffee plantation. I began my studies in the city, proceeding later to Sao Paulo, where I matriculated as a law student, being graduated, like everybody else, as a Bachelor of Laws. Fond of literature, I read a great deal in my youth: my favorite authors were Kipling, Maupassant, Tolstoi, Dostoievsky, Balzac, Wells, Dickens, Camillo Castello Branco, Eça de Queiroz and Machado de Assis.... But I never allowed myself to be dominated by any one." ( Let me interrupt the letter long enough to quote Labato on literary influences. In his stimulating collection of critiques entitled "Idéas de Jéca Tatu" he has said: "Let us agree that imitation is, in fact, the greatest of creative forces. He imitates who assimilates

## BRAZILIAN SHORT STORIES

processes. Who copies, does not imitate; he steals. Who plagiarizes does not imitate; he apes." And let us recall that Lobato presents this book as "a war-cry in favor of personality"). To continue with the letter:

"I like to see with my own eyes, smell with my own nose. All my work reveals this personal impression, almost always cruel, for, in my opinion, we are remnant of a race approaching annihilation. Brazil will be something in the future, but the man of today, the Luso-Africano-Indian will pass out of existence, absorbed and assimilated by other, stronger races. . . . just as the primitive aborigine passed. Even as the Portuguese caused the disappearance of the Indian, so will the new races cause the disappearance of the hybrid Portuguese, whose rôle in Brazilian civilization is already fulfilled, having consisted in the vast labor of clearing the land by destruction of the forests. The language will remain, gradually more and modified by the influence of the new milieu, so different from the Lusitanian milieu.

"Brazil is an ailing country."

Let me interrupt once again to say that in his pamphlet "Problema Vital," Lobato studies this problem, indicating that man will be victorious over the tropical zone through the new arms of hygiene. The pamphlet caused a turmoil throughout Brazil, and sides were at once formed, the one considering Lobato a defamer of the nation, the other seeing in the work an act of sanative patriotism. As a result, a national program of sanitation was inaugu-

## BRAZILIAN SHORT STORIES

ated. This realism of approach, so characteristic of Lobato, made of his figure Jéca Tatu a symbol that has in many minds replaced the idealized image of Pery, from Alencar's "Guarany." Jéca thus stands for the most recent critical reaction against national romanticism.

"I recognize now," continues Lobato in the letter, "that I was cruel, but it was the only way of stirring opinion in that huge whale of most rudimentary nervous system which is my poor Brazil. I am not properly a literary man. I take no pleasure in writing, nor do I attach the slightest importance to what is called literary glory and similar follies. I am a particle of extremely sensitive conscience that adopted the literary form,—fiction, the conte, satire,—as the only means of being heard and heeded. I achieved my aim and today I devote myself to the publishing business, where I find a solid means of sustaining the great idea that, in order to cure an ailing person he must first be convinced that he is, in fact, a sick man."

Here, as elsewhere, Lobato's theory is harsher than his practice. He is, of course, a literary man, and has achieved a distinctive style; but he knows, as his letter hints, that his social strength may prove his literary weakness. The truth would seem to be that Monteiro Lobato is not so much a teller of stories as he is a critic of men. The three tales by which he is represented in this booklet come from his "Urupês"; they exhibit him at his favorite pursuit of caricaturing his fellow men, of deriding their political foibles, their personal weakness, their social shortcomings. "Modern

## BRAZILIAN SHORT STORIES

Torture” would not have ashamed Mark Twain. It is not so intimately Brazilian that it cannot apply, with little alteration, to wardheelers in the United States. “The Penitent Wag” is an experiment in the macabre that also serves as a piece of social criticism. “The Plantation Buyer” is just as comical in the United States of America as in the United States of Brazil.

As I write, Lobato’s Sao Paulo is seething with revolt. Revolution, in ideas and in action have been the history of that region. It is not the least of Lobato’s virtues that his intellectual revolt seeks practical outlet. He means his blue-prints to be, some day, inspiring temples.

And he is one of the finest social architects of contemporary Brazil.\*

Isaac Goldberg

Roxbury, Massachusetts, 1924.

---

\*The translations are by a woman friend of Lobato’s, resident in Brazil.

A more extended account of Senhor Lobato may be found in my *Brazilian Literature*, pages 277 to 291 (New York, 1922).

## BRAZILIAN SHORT STORIES

### THE PENITENT WAG

Francisco Teixeira de Souza Pontes, bastard scion of a Souza Pontes family, rich planters of Barreiros and owners of thirty thousand "arrobas"\* of coffee, at thirty-two years of age began to take life seriously.

A wag by nature, up to that time he had lived off his comic strain and thereby reaped board, lodging, clothing and all else. His currency consisted of grimaces, jokes, anecdotes about Englishmen and everything that tickles the facial muscles of the animal that laughs commonly called man, provoking hilarity or raising hearty guffaws.

He knew So-and-So's "Encyclopedia of Laughter and Mirth" by heart—the most mirthless creature God ever made, but such was Pontes' ability that he could turn the most feeble jokes into excellent witticisms, to the delight of his hearers.

He had a knack for imitating man and beast. The entire gamut of a dog's voice, from the baying of the hound chasing the wild pig, to howling at the moon and all other sounds, growling or barking, were imitated by him to such perfection as to deceive both dogs and moon.

He also grunted like a pig, cackled like a hen, croaked like a toad, scolded like an old woman, whimpered like a baby, enjoined silence like a Representative or speechified like a patriot at

Nota do Tradutora: An arroba equals 32 pounds.

## BRAZILIAN SHORT STORIES

a street meeting. What two-legged or four-legged hum of voices did he not mimic to perfection as long as he had before him an audience well equipped with those “muscles of mirth” invented by our talented authoress Albertina Bertha?

On other occasions he reverted to prehistoric times. When his hearers were not over ignorant, drawing upon his own modicum of learning, he would reconstruct for their intellectual delectation the paleontological roars of extant brutes, love-growls of mammoths to their mates or the yells of the *stegosaurus* upon seeing hairy *homos* perched upon tree-ferns, according to the laughable descriptive science of Barros Barreto.

If he ran across a group of friends talking on a street corner, he would come quietly up to them and slap the calf of the nearest leg. It was funny to see the frightened jump and hear the nervous “Get out!” of the unsuspecting victim, followed by the hilarious laughter of the others and also of Pontes who had his own mode of laughter, boisterous and musical—music after Offenbach. Pontes’ laugh was an imitation of the natural and spontaneous laughter of the human species, the only one that laughs with exception of the drunken fox,—and passed abruptly without transition into a seriousness irresistibly comic.

In all gestures and, manner, in his way of walking, reading, eating; in the most trivial detail of life, this man possessed of the devil, differed from the others in that he made prodigious fun of everything.

This reached such a point that it was only

## BRAZILIAN SHORT STORIES

necessary for him to open his mouth or raise his hand for humanity to writhe in laughter. The sight of him was enough. As soon as he appeared, all faces beamed; if he made a spontaneous gesture, laughter could be heard, if he opened his mouth some shrieked, others loosened their belts so as to laugh better. If he spoke, good Lord! one heard shrieks of laughter, yells, squeaks, chokes, sniffing and tremendous catching of breath.

“He beats the devil, this Pontes!”

“Hold on, man, you’ll make me gag!”

And when the wit tried to look innocent and idiotic, remarking:

“But what did I do? I never opened my mouth. . .”

“Ha, ha, ha! everyone laughed, their jaws aching, weeping spasmodically with uncontrollable hilarity.

As time passed, the mere mention of his name was enough to provoke merriment. If anyone pronounced the word “Pontes” the gun-cotton of risible by which man raises himself above animals who do not laugh, would instantly ignite.

Thus he lived until the age of Christ in a smiling parable, laughing and provoking laughter, without a serious thought,—a vagabond life that exchanges grimaces for dinners and pays small bills with ponderous jokes. A merchant whom he had cheated once said to hi, amidst bursts of spluttering laughter:

“You amuse me, at least, and are not like Major Carapuça who cheats with a face like a wooden Indian.

That unstamped receipt troubled our wag

## BRAZILIAN SHORT STORIES

not a little; but as the Bill amounted to two dollars, it was well worth the trick. However, the memory of it remained, like a pin-prick to his self-respect. Following this came other pin-pricks, some shoved in with less force, others straight through.

One wearies of everything. Sick of such a life, the tireless joker began to dream of the joy of being taken seriously, of speaking and being listened to without the play of facial muscles of gesticulating without disturbing human dignity, of crossing a street without hearing a chorus of "Here comes pontes" in the tone of those who check laughter or prepare themselves for a hearty guffaw.

Attempting reaction. Pontes tried to be serious—a disaster! Pontes solemnly changed his tactics and adopted English humorism. Formerly he was amusing as a clown, now he took the part of Tony.

The enormous success which everyone supposed to be a new phase of his comic strain, threw the penitent wag into despair. Was it possible that he could never follow any other path in life than that one, now so hateful to him? A clown then, everlastingly a clown against his will?

But the life of a grown man requires seriousness, gravity and even soberness unnecessary in youth.

Even the most humble government employment, an office of alderman, requires that immobility of countenance characteristic of laughterless idiocy. One cannot conceive a smiling alderman. Rabelais' phrase is lacking



## BRAZILIAN SHORT STORIES

in one exception: laughter is the prerogative of the human species—alderman excepted.

As the years passed, reflection matured, self-respect grew and the free dinners tasted bitter to him. The coining of joke currency became very difficult; it no longer was cast with the former light-heartedness; now it was done as a livelihood not in thoughtless merriment of the days past. He mentally compared himself to a circus clown, old and ailing, obliged through poverty to transform rheumatism into comical faces required by the paying public.

He began to flee from mankind and spent months in the study of the transition necessary to obtain an honest employment for his activities. He thought of going into business commerce, the administration of a plantation, the setting up of a bar—anything was preferable to the comic idiocy adopted up to the present.

One day, his plans fully matured, he decided to change his way of living. He looked up a friendly tradesman and frankly told him of his intentions to reform, finally asking him for a place in his business-house, if only that of sweeper. He hardly finished telling his plans when the Portuguese and all the cashiers who looked on at a distance awaiting the outcome, writhed in a hearty guffaw, highly delighted.

“What a good joke! First class! Ha! ha! ha! Then you. . . ha! ha! ha! You’ll give me a pain, man! If it’s on account of that little bill for cigarettes, rest easy, I’m already paid for it! Ha! ha! ha! Pontes has. . . Do you hear that one, Jose? Ha! ha! ha!”

## BRAZILIAN SHORT STORIES

And the clerks, customers, the loafers and even the passers-by stopped on the sidewalk to hear the joke, and their laughter sounded like policemen's rattles as they shook until their sides ached.

The wretched creature, bewildered and perfectly serious, tried his best to dispel the misunderstanding:

"I am in earnest and you have no right to laugh. For God's sake, don't make fun of a poor unfortunate who asks for work and not laughter."

The merchant loosened his belt.

"You mean it? Pshaw! Ha! ha! ha! Look here, Pontes, you. . ."

Pontes left him in the middle of his sentence and went forth with his soul tortured by despair and rage. It was too much. Then everyone spurned him?

He applied at other houses in the town, explained as best he could, implored. The case was judged unanimously as one of the best jokes of the "incurable" wag and many persons commented upon it with the usual observation:

"He is still the same! He'll never behave, that devil of a fellow, and he is no longer young. . ."

Barred from trade, he turned his attention towards the farms. He looked up an old planter who had dismissed his overseer and stated his case. The Colonel, after listening attentively to his reasons, ending up with the offer to take on the job as overseer on the farm, exploded in a fit of laughter.

## BRAZILIAN SHORT STORIES

“Pontes overseer! He! he! he!”

“But. . .”

“Let me laugh, man, you don’t hear this sort of thing in the country very often. He! he! he! Splendid! I have always said there was no wit like Pontes! None!”

And shouting within doors:

“Maria come and hear Pontes’ latest. He! he! he!”

That day the unfortunate wag wept. He understood that one cannot destroy overnight what has taken years to form. His reputation as a funny man, as a joker, as inimitable, as monumental, was built of far too good mortar and cement to crumble so soon.

However, it was necessary to change his mode of life and Pontes began to reflect on government employment, the most convenient and only possible master in this abstract case, because it neither knows how to laugh, nor does it know from close observation the cells whence laughter arises. This master, and this one alone, would take him seriously—the road to salvation, therefore, lay in that direction.

He studied the possibility of a postoffice agency, notary office, collector’s office and others.. Weighing well the pros and cons, trumps and suits, he decided upon the choice of a federal collector’s office, the occupant of which, a Major Bentes, being old and suffering from heart trouble, was not expected to last long. His aneurism was the talk of the town, the final break being, expected at any moment.

## BRAZILIAN SHORT STORIES

Pontes trump card was a relative in Rio, a rich man on the way to influence in politics, should a change of government occur. Pontes chased after him and worked so hard to interest him in his claim that the man finally dismissed him with a sure promise.

“Go in peace, for when the affair breaks out here and your collector breaks down there no one will laugh at you any more. Go, and advice me of the man’s death without waiting for the body to cool.”

Pontes returned radiant with hope and patiently waited for subsequent events, with one eye on politics and the other on the provident aneurism.

Finally the crisis came; ministries fell others rose to power and among these a negotiating politician, partner of the relative. Half the battle was over, the other half still to be fought.

Unfortunately the Major’s health came to a standstill without any visible signs of a rapid decline. His aneurism was, according to the doctors who killed by allopathy, a serious thing, which could break with the slightest effort; but the cautious old man was in no hurry to leave a life of comfort, for a better world, so he fooled the illness with an ultra-methodical regime. If a violent effort would kill him then such an effort should not be made.

Pontes, already almost owner of the prize, became impatient with the swaying balance of his calculations. How could he clear the way of that obstacle? He consulted in Chern-

## BRAZILIAN SHORT STORIES

vit'z medical manual on aneurisms; learned it by heart. He inquired here and there about all that had been said and written on the matter and became more familiar with the subject than ever Dr. Ioduret, a local doctor, who, we may truthfully say, knew nothing at all.

The apple of science thus eaten, he was led to the temptation of killing the man, obliging him to burst the aneurism. An effort would kill him? All right Souza Pontes would lead him to make that effort.

"A hearty guffaw is an effort," he satanically philosophized to himself," so a guffaw can kill. Well, I know how to provoke laughter."

Many days passed, lost to the world in a mental dialogue with Satan. Crime? No! in what code is to be found the provocation of laughter as a crime? If the man died of this the fault would be due to the bad condition of his great artery.

The rascal's head turned into a field of combat where his "plan" fought a duel against all objections raised by conscience. His bitter ambition served as judge of the contest and heaven knows how often said judge prevaricated, led by scandalous partiality for one the combatants.

As was expected, Satan won and Pontes reappeared before the world a little thinner, with dark rings under his eyes but with a strange light of victorious decision in his expression. Anyone observing him closely would note his nervous manner; however, close observation was not a prevailing virtue

## BRAZILIAN SHORT STORIES

Among his countrymen and furthermore, Pontes' various states of mind were of no importance because Pontes. . .

"Well, Pontes was just Pontes! "

The future employe proceeded to plan a careful campaign. In the first place it was necessary to approach the Major a reserved man and not fond of jests; to ingratiate himself into his home life, study his whims and pet habits until he could discover in what part of his body lay the weak spot.

He began to frequent the receiver's office assiduously, under various pretexts, sometimes for stamps, sometimes for information regarding taxes; everything was an excuse for sly and clever prattle meant to undermine the old man's severity.

He would also go on other people's business for the paying of excise taxes, taking out permits and other little matters. He became of great use to friends who had business with the exchequer.

The Major was surprised at such assiduity and said so, but Pontes evaded the question, turning it into a joke, and persevered in a well calculated conclusion to let time round off the sharp corners of the sick man.

Within two months Bentes had become used to that "chipmunk" as he called him, who on the whole seemed a good sort of fellow, sincere, eager to be of use and above all, harmless. From asking him, a favor on a very busy day, then another and still a third, and finally considering him as a sort of adjunct to the department, was only a step.

## BRAZILIAN SHORT STORIES

For certain commissions there was no one like him. Such earnestness! Such subtleness! Such tact!

One day the Major, reprimanding the clerk held up his diplomacy as an example.

“You great idiot! Go learn with Pontes who has a knack for everything, and is amusing besides.”

That day he invited Pontes to Dinner.

Pontes' soul was filled with joy: the fortress had opened its doors to him.

That dinner was the beginning of a series where the “chipmunk,” now an indispensable factotum, found a first-class field of action for his tactics.

Major Bentes, however, possessed one invulnerable point: he never laughed, he limited his hilarity to ironical smiles. A joke that would make the other guests rise from the table smothering their mouths in their table-napkins, would barely elicit a smile from him. And if the joke were not of the very best, the bored collector pitilessly geyed the story-teller.

“That's old as the hills, Pontes, I remember reading it in Laemmert's almanac for 1850.”

Pontes would smile with a vanquished look; but would inwardly say,—if that one wasn't appreciated another would be.

All his sagacity was focused on the discovery of the Major's weak point. Each man has a preference for a certain class of humor or wit. One delights in wanton jests of rotund friars. Another regales himself with the boisterous good-humoured German joke. Still another would give a year of his life for the Gaul's

## BRAZILIAN SHORT STORIES

spicy vulgarity. The Brazilian adores a joke which exposes the rank stupidity of the Portuguese—the most convenient way our people have found to demonstrate by contrast, their own intelligence.

But how about the Major? Why did he not laugh at the English, German, French or Brazilian jokes? Which did he prefer?

Systematic observation and methodical exclusion of the classes of humor already found inefficient, led Pontes to discover the weak point of his stern adversary. The Major delighted in tales of Englishmen and friars. But they must be stories of both together. Separate, they were a failure. Just an old man's crankiness. At the appearance of red-faced Britishers, with cork helmets, checked clothes, formidable boots and pipes, side by side with rotund friars doting upon a hogshead of wine and revelling in feminine flesh, the Major would open his mouth and suspend his chewing like a child enticed by candy; and when the comic climax was reached, he would laugh, but without exaggeration enough to upset the equilibrium of his circulation.

Pontes with infinitive patience bet on that class of fun and stuck to it. He increased the program, the spiciness, the dose of malice and systematically bombarded the Major's great artery with the fruits of his clever manipulation.

When the story was a long one, rendered so because the narrator added flourishes with a view to hiding the final climax and heightening the effect, the old man would become high-



## BRAZILIAN SHORT STORIES

ly interested and during the artful pauses would ask for explanations or continuation:

“And the rascally Englishman?.....And what happened next?....Did Mr. John call for help?”

Although the fatal peal of laughter was long in coming, the future collector did not despair, pinning his faith on the fable of the pitcher that went so often to the well that it finally broke.

The calculation was well made. Psychology, as well as Lent, was on his side.

One day, Carnival having passed, the Major gathered his friends about an enormous stuffed fish, a present from the clerk.

Carnival sport had enlivened the hearts of the guests as well as of the host who on that day was pleased with himself and the whole world, as though he had seen the blue-bird.

When the fish was brought in, the Major's eyes sparkled; it was well worth all the bottled aperitives and reflected in all faces an epicurean tenderness. Fine fish was the Major's delight, especially when cooked by Gertrude. And for that dinner Gertrude had excelled in a seasoning that transcended all culinary art and soared to the height of the most exquisite poetry. What fish! Vatel could have signed it with the pen of impotence dipped in the ink of envy, said the clerk, well up as a reader of Brillat-Savarin and other authorities on good things to eat.

Between swallows of rich wine the fish was eaten with religious rites. No one dared break the silence of that bromotological beatitude.

Pontes foresaw the opportune moment to play

## BRAZILIAN SHORT STORIES

his game. He had brought full-cocked a case of an Englishman, his wife and two bearded friars, an anecdote built from the Best grey cells of his brain, rendered ever more perfect through long nights of insomnia. It had been kept in ambush for days awaiting the moment in which everything would contribute towards the greatest possible effect.

It was the last hope of the villain, his last cartridge. If it failed to go off he would decidedly blow out his brains. He saw that it was impossible to manipulate a more ingenious torpedo. Should the aneurism resist the shock, then the aneurism was a bluff, the great artery a fiction, Chernovitz mere twaddle, medical science worthless and Dr. Ioduret an ass and he, Pontes, the dullest, most insipid creature under the sun, therefore unworthy to live.

Pontes meditated thus, alluring the poor victim with the eyes of psychology when the Major met him halfway and winked his left eye at him.

"The time has come," thought the scoundrel and in the most natural way he took up the little bottle of sauce as though casually and began to read the label:

"Perrins, Lea & Perrins. I wonder if this might be a relation of that Lord Perrins, who baffled the two bearded friars?"

Inebriated by the seductions of the fish the Major's eyes lit up covetously, greedy for a spicy tale:

"Two bearded friars and a Lord! The story must be A-1! Fire away, Chipmunk."

## BRAZILIAN SHORT STORIES

And chewing mechanically he became absorbed in the fatal story.

The anecdote ran on insidiously in a natural strain, told with a master's art, firm and sure, with strategic progression, showing real genius, until it nearly reached the climax. Around about this point the entanglement so held the attention of the poor old man that he remained motionless, with lips parted and an olive, stuck on his fork in mid air. A half smile,—a detained smile, the spark of laughter which is the preparation for a peal of laughter, lit up his face.

Pontes hesitated. He foresaw the break of the artery. Conscience cramped his tongue, but only for an instant. Pontes let conscience quiet down again and pulled the trigger.

For the first time in his life Major Antonio Pereira da Silva Bentes broke into a hearty peal of laughter; frank, resounding,—which could be heard all down the street; a peal of laughter equal to that of Teufelsdröckh before John Paul Richter. The first and the last, because in the midst of it his astonished guests saw him fall face-downwards over his plate, while at the same time a gush of blood reddened the table-cloth.

The assassin rose hallucinated and making the most of the confusion, slipped out onto the street, a modern Cain. He hid himself at home, locked in his room, his teeth chattering the night through, in a cold sweat. The least noise filled him with terror: was it the Police?

Weeks later he began to get over that soul-fright which everyone attributed to sorrow over

## BRAZILIAN SHORT STORIES

the death of his friend. Notwithstanding, he had ever before his eyes the same sight: the old man fallen over his plate, spurting blood while the echo of his last peal of laughter still rang in the air.

While in this deplorable condition, Pontes received a letter from the relative in Rio. Among other things the holder of the trump card wrote: "Since you did not advise me in time, as per our agreement, I learned of Bentes death only through the newspapers; I looked up the Minister but it was too late, the appointment of his successor had already been signed. Your frivolousness has lost you the best chance of your life. Remember this for you future guidance: *tarde venientibus ossa*, and be smarter in the future."

A month later they found him hanging from a beam in his room with his tongue lolling his body rigid.

He had hung himself by a leg of his drawers.

When the news got about town everyone found it amusing. The Portuguese grocer commented thus to the cashiers:

"What a fellow! Even on his dying day he cracks a joke! Hung himself by a drawers leg! Only Pontes would remember to do that."

And they repeated in chorus a series of "Ha, ha!"... the only epitaph given him by man.

LITTLE BLUE BOOK SERIES  
OTHER LITTLE BLUE BOOKS

<b>Biography</b>	
5 Life of Samuel Johnson. Macaulay.	142 Bismarck and the German Empire. Bowicke.
393 Life of Frederick the great. Macaulay.	147 Cromwell and His Times.
33 Brann: Smasher of Shams. Gunn.	227 Keats: The man, His Works, and His Friends.
312 Life and Works of Laurence Sterne. Gunn.	236 State and Heart affairs of Henry VILL.
429 Life and Works of Jonathan Swift. Gunn	269-270-271-272 Contemporary Portraits. 4 Vols. Harris.
522 Life of Thomas Paine. Gunn.	323 Life of Lincoln. Bowers.
523 Life of Benjamim Franklin. Gunn.	433 Life of Marat. Gottschalk.
51 Bruno. His Life and Martyrdom. Turnbull.	438-439 Secret Memoirs of Madam de Pompadour. Vols. Collected and arranged by Jules Beaujoir.C.
69 Life of Mary, Queen of Scots. Damas.	490 Life of Michelangelo (as Seen by Georg Brandes). Moritzen.
88 Vindication of Paine. Ingersoll.	506 Life of Voltaire (as Seen by Georg Brandes).
123 Life of Madam du Barry. Tichenor.	525 Life of Goethe (as seen by George Brandes). Moritzen.
183 Life of Jack London. Tichenor.	526 Life of Julius Caesar (as Seen by Georg Brandes). Moritzen.
323 Life of Joan of Arc. Tichenor.	518 The Life and Works of Charles Dickens. Swasey.
343 Life of Columbus. Tichenor.	521 Life of John Brown. Gold
128 Julius Caesar: Who He Was and What He Accomplished	666-667 Sarah Bernhardt As I knew Her. 2 Vols. Dorian
139 Life of Dante.	<b>Drama</b>
141 Life of Napoleon. Finger.	(See "Literature (Ancient)" for Greek and Roman drama
328 Joseph Addison and His Time. Finger.	See "Shakespeare" for Shakespearean Plays and Criticism
339 Thoreau: The man Who Escaped From the Herd. Finger.	See "Oscar Wilde."
394 Boswell's Life of Johnson. Finger.	See "French Literature" For Moliere, Victor Hugo and Maeterlinck. See "Ibsen, Henrik.")
395 Autobiography of Cellini. Finger.	90 The Mikado. Gilbert.
412 Life of Mahomet. Finger.	226 The Anti-Semites. Schnitzler.
537 Life of Barnum: The man Who Lured The Herd. Finger.	308 She Stoops to Conquer. Goldsmith.
565 Magellan and the Pacific. Finger.	335 The Land of Heart's Desire. Yeats.
	337 Pippa Passes. Browning.

## LITTLE BLUE BOOK SERIES

<p>371 Empedocles on Etna. Arnold.</p> <p>378 The Maid of Orleans. Samuels.</p> <p>383 The Creditor. Strindberg.</p> <p>384 Four One –Act Plays. Strindberg.</p> <p>396 Embers. Haldeman-Julius.</p> <p>406 The Pierrot of the Minute. Dowson.</p> <p>462 Everman. A Morality Play.</p> <p>539 None Beneath the King</p> <p>416 The God of Vengeance. Asch. Translated by Isaac Goldberg.</p> <p>572 The beggar's Opera. Gay.</p> <p>589 The Pot-Boiler. Sinclair.</p> <p><b>Emerson, Ralph Waldo</b></p> <p>60 Essays on Compensation and Friendship.</p> <p>179 Gems from Emerson.</p> <p>423-424-426 Representative Men. 4 Vols.</p> <p>542 Essays on Power and Behavior.</p> <p>543 Essays on Experience and Politics.</p> <p>544 Essays on the Poet and Nature.</p> <p>545 Essays on Character and Manners.</p> <p>546 Essays on Love, Heroism, and Prudence.</p> <p>547 Essays on Spiritual Laws and Circles.</p> <p>548 Essays on History and Intellect.</p> <p>549 Essays on Nominalist and Realist, Gifts, and the Over-Soul.</p> <p>550 Essays on Art and Self-Reliance.</p> <p>551 Essays on Beauty and Worship.</p> <p>552 Essays on Fate and Illusions.</p> <p>553 Essays on Wealth and Culture.</p> <p>338 A guide to the Philosophy of Emerson. Tichonor.</p>	<p style="text-align: center;"><b>ESSAYS— (COLLECTIONS)</b></p> <p>(See "Emerson Ralph Waldo")</p> <p>48 Truth, and Other Essays Bacon.</p> <p>70 Charles Lamb's Essays.</p> <p>176 Four Essays. Ellis.</p> <p>235 Essays. Chesterton.</p> <p>278 Friendship. and Other Essays. Thoreau.</p> <p>448 Essays on Montaigne, Pascal and Voltaire. Powys.</p> <p>449 Essays on Rousseau, Balzac and Hugo Powys.</p> <p>450 Essays on De Maupassant, Anatole France William Blake. Powys.</p> <p>451 Essays on Remy de Gourmont and Byron. Powys.</p> <p>452 Essays on Emily Bronte and Henry James. Powys.</p> <p>453 Essays on Joseph Conrad and Oscar Wilde. Powys.</p> <p>460 Miscellaneous Essays. Haldeman-Julius</p> <p>461 Literary Essays Haldeman-Julius.</p> <p>534 Honey and Gall. Powys.</p> <p style="text-align: center;"><b>Fiction</b></p> <p>21 Carmem. Merimee.</p> <p>23 Great Stories of the Sea. Cooper. Loti and Marryat.</p> <p>29 Dreams. Schreiner</p> <p>37 Dream of John Ball. Morris.</p> <p>352 XIIIth Century prose Tales. Morris.</p> <p>40 The house and the Brain Lytton.</p> <p>41 A Christmas Carol. Dickens.</p> <p>58 Tales from the Decameron. Boccaccio.</p> <p>72 The color of Life. Haldeman-Julius.</p> <p>102 Sherlock Holmes Tales. Doyle.</p> <p>107 The Dream Woman. Collins.</p> <p>145 Great Ghost Stories.</p> <p>148 The Strength of the Strong. London.</p>
--	---

## LITTLE BLUE BOOKS SERIES

<p>151 The Man Who Would Be a King. Kipling.  331 The Finest Story in the World. Kipling.  382 The Man Who Was, and Other Stories. Kipling.  336 The Mark of the Beast. Kipling.  357 City of the Dreadful Night. Kipling.  161 The Country of the Blind. Wells.  182 Daisy Miller. James.  307 A Tillyloss Scandal. Barrie.  215 The Miraculous Revenge. Shaw.  232 The Three Strangers. Hardy.  277 The Man Without a Country. Hale.  285 Euphorian in Texas. Moore.  355 Aucassian and Nicolete. Lang  363 Miggles and other Stories. Harte.  397 Irish Fairy Tales.  420 Short Stories from the Spanish.  454 The Unworthy Coopers, etc. Haldeman-Julius.  334 Caught and other Stories. Haldeman-Julius.  489 Great Yiddish Short Stories. Edited by Goldberg.  577 The Lifted Veil. Eliot.  583-584-585-586-587-588 The Jungle. 6 Vols. Sinclair.  590-591-592 The Millenium. 3 Vols. Sinclair.  594 The Overman. Sinclair.  595 The Happy Hypocrite. Beerbohm.</p> <p style="text-align: center;"><b>Fine Arts</b></p> <p>476 A Handbook on the Gilbert and Sullivan Operas. Goldberg.  287 Whistler: The man and His Work.  387 History of Painting. Sheehan.  XX History of Music. Sheehan.  466 A History of Sculpture.</p>	<p>468 A History of Architecture. Sheehan.  413 The need for Art in Life. Holborn.  507 Richard Wagner: An Introduction. Goldberg.  (Note: In the operatic titles listed below, Mr. Theo. M. R. van Keler gives short biographical sketches, the story of the opera and helpful criticism of the music, illustrated by excerpts from the score.)  410 Die Walkuere. Wagner.  440 Cavalleria Rusticana. Mascagni.  441 I Pagliaci. Leoncavallo.  455 Richard Strauss's Salome.  456 Carmem. Bizet.  457 Lohengrin. Wagner.  458 Tannhauser. Wagner.  459 Das Rheingold. Wagner.  494 Siegfried. Wagner.  495 Rigoletto. Verdi  569 Gotterdammerung. Wagner.</p> <p style="text-align: center;"><b>History</b></p> <p>50 Paine's Common Sense  34 The Mystery of the Iron Mask, Van Keler.  67 Church History. Tichenor.  83 Marriage: Its Past, Present and Future. Besant.  125 War Speeches of Woodrow Wilson. Edited by Smith.  126 History of Rome. Giles.  149 Historic Crimes and Criminals. Finger.  150 Lost Civilizations. Finger.  169 Voices From the Past. Tichenor.  174 Trial of William Penn.  185 History of Printing. Disraeli.  201 Satan and the Saints. Tichenor.  214 Speeches of Lincoln.  276 Speeches and Letters of George Washington.  286 When the Puritans Were in Power. Tichenor.  469 The Egypt of Yesterday; A History of Exploring .Moritzer.</p>
---	---

## **ANEXO 4**



**A WORLD OF GREAT STORIES**

# A WORLD OF GREAT STORIES

*Edited by Hiram Haydn and John Cournos*

## BOARD OF EDITORS

PIERRE BRODIN *Head, Lycee Francais [sic] de New York*

YOUNGHILL KANG *Assistant Professor of Oriental Culture, New York University (on leave of absence with the office of Civil Information, Seoul, Korea)*

HARRY KURZ *Associate Professor of Romance Languages, Queens College*

JOSEPH REMENYI *Professor of English, Western Reserve University*

CROWN PUBLISHERS . NEW YORK

MONTEIRO

LOBATO

*The Funny-  
Man Who  
Repented*

Monteiro Lobato was Born in Taubaté, Brazil, in 1886. He has had a great influence upon young writers. His first collection of tales was *Urupés*, his two best collections, *Contos Pesados*, from which our tragi-comic story is taken, and *Contos Leves*. [Used by permission of the author; translated by Harry Kurz]

FRANCISCO TEIXEIRA DE SOUZA PONTES, illegitimate scion of a Souza Pontes Who owned some large Barreiro plantations, began to think seriously on life only when he reached his thirty-second birth-day.

A natural clown, he had used his comic gifts until then to make his way and provide him with home, food, clothing, and the rest. The

### Monteiro Lobato

Currency he used in payment consisted of funny –faces , jokes, stories about the English, and everything calculated to produce an effect on the facial muscles of the laughing animal commonly called man, by summoning him to chortle or break into guffaws.

He knew by heart the *Enciclopedia of Laughter* and Merriment by Fuaio Pechincha, the most insipid author God ever let into his world; but Pontes' art was so fine that he the most pointless tales received , when recounted by him , a special tang, enough to make his listeners froth at the mouth with pure joy.

He was a genius at imitating people or animal. The entire gamut of canine noises, from the baying at the wild boar, to the howling at the moon, and the rest, all these were molded in his mouth with such perfection that he could fool the dogs themselves- and even the moon.

He could also grunt like a pig, cackle like a hen, croak like a toad, scold like an old woman, whimper like a crybaby, call for silence like a congressman in power, or harangue like a patriot on the balcony. When he had before him a favorable audience, what cry of biped or Quadruped could he not imitate to perfection?

On other occasions, he would hark back to pre-historic times. As he had received some education, when his listeners were not ignorant he would reconstruct for them the paleontological roar of extinct monsters-snarls of mastodons or the bellows made by colossal creatures at their first glimpse of hairy , ape-like men lolling on tree ferns- a performance that would have added fun and popularity tom the lectures on fossils by our famous Barros Barreto.

On the street, if he ran across a group of friends standing on the corner, he would steal up behind and-bing1- he would deliver a Slap with his wrist on the calf of the handiest leg. It was fun to witness The frightened leap and the startled exclamation of the unsuspecting Victim, and, after that, the continuous laughter of the others, and of Pontes who guffawed in a manner all his own, a combination of the Boisterous and musical as in Offenbach's operas. Pontes' laugh was a parody on the normal spontaneous laughter of a human being, presumably the only creature that could make that sound except a drunken fox; but he would suddenly stop, without being gradual about it, falling abruptly into a seriousness that was irresistibly funny.

In all his gestures and ways, in walking, reading, eating, in the most insignificant doings of life, this devilish fellow was different from all the others because he made them seem terribly ridiculous to one another. This reached such a point that merely to open his mouth or begin a gesture was sufficient to send all around him into spasms. Just his being present was enough. They hardly spied him before their faces were creased in smiles; if he made a move , ripples of laughter spread; if he opened his mouth, some roared, others loosed their belts, still others unbuttoned their vests. If he merely half opened his snout, Holy Mother! what outbursts, horselaughs,

### The funny man who repented

screams, chokings, snorts, and terrifying efforts to catch one's breath.

"That fellow Pontes is unbeatable!"

"Stop, man, you're killing me!"

The joker however wore an air of innocence on his idiotic face.

"But I'm not doing anything. I didn't even open my mouth."

"Ha! Ha! Ha!" the whole company shouted open-mouthed, tears streaming down their cheeks as they shook in spasms of uncontrollable laughter.

With the passing of time the mere mention of his name was enough to kindle boisterous merriment. If anybody uttered the word "Pontes," the round of snorting hilarity was set going, the noise by which man rises superior to the animals that don't laugh.

In this manner pontes lived along into his early thirties in the midst of a smiling parabola, as it were, himself laughing and making others laugh, and never thinking of anything serious—the life of a sponger who exchanges funny grimaces for his meals and pays his small debts with a currency of excellent jokes.

A merchant to whom he owed some money said to him one day amidst sputters of laughter, "you at least are amusing, not like Major Sourpuss, who lets his bills go unpaid with a frown."

This left-handed compliment vexed our joker, more or less; but his debt amounted to fifteen milreis, and it seemed better to swallow the taunt. However, the memory of that prick stuck in his mind like a pin in the cushion of his self-respect. Later on he felt the pins stick into him more and more, some just lightly, others right up to their heads.

In the end, he couldn't take it any longer. Fed up with the life he was leading, our playboy began to reflect on the pleasure of being taken seriously, of speaking and being heard without the exertion of facial muscles, of gesturing without breaking down the composure of friends, of walking along a street without hearing on his trail a chorus of, "Here comes Pontes!" shouted in tones of people doubled up in bursts of merriment or all prepared to let out huge belly-laughs.

Reacting to this situation, Pontes tried to be serious.

Catastrophe.

Pontes, now harping on a sober string, naturally fell into the English style of humor. Whereas before he had figured as a diverting clown, now he was considered even more amusing as Gloomy Gus.

The resounding success of what everybody imagined to be a new facet of his comic gifts, made more morose the soul of our repentant joker. Was it then fated that he would never be able to strike out afresh on a road different from one he had followed and which he now hated? Laugh, clown, laugh, that is thy destiny.

But the life of an adult has its solemn requirements, calling for gravity and dignity not so essential in the immature years. The most modest position in an office, the job of simple town-selectman, demands the facial steadiness of at least some idiot who doesn't laugh,

### Monteiro Lobato

One just can't imagine a boisterous city-father. Rabelais' dictum has one exception: laughter is common to all the human species except to city alderman.

With accumulating years, his judgment matured, his self-respect steadied, and parasitic meals began to taste sour. His currency of tricks seemed harder to coin; he could no longer cast it with wonted freshness, for he was using it now for a livelihood and not for idle relaxation as formerly. In his mind he compared himself to a circus clown, old and ailing, whom poverty forces to make funny faces out of his rheumatic pains because the paying public enjoys them.

He began to avoid people, and spent several months studying the changes necessary in him for the attainment of an honest job. He thought of being a counter salesman, or working in some factory, or being foreman of a plantation, or possibly opening up a bar—for anything at all seemed preferable to the comic foolishness of his life till then.

One day, his plans well advanced, he decided to change his way of living. He went to a business friend and earnestly explained his wish to mend his ways, ending by asking him for a job in his firm, even if only as sweeper. Hardly had he finished his statement when his Portuguese friend and those who were watching them near-by waiting for the point of the joke, all broke out into loud guffaws as if someone were tickling them.

"That's a good one! It's the best he has pulled off! Ha! Ha! Ha! So that now. . . Ha! Ha! Ha! You're killing me, man! If you're thinking of what you owe me for tobacco, forget it, for I've got my money's worth. That pontes is full of tricks."

And the clerks, the customers, the idlers at the counters and even the passers-by halted on the sidewalk in front to enjoy the joke, and made the air quiver with their roars like the beat of a rattle, till their diaphragms ached.

Perturbed and insistently solemn, pontes tried to make them understand they were wrong.

"I'm speaking seriously and you don't have the right to laugh at me. For the love of God, don't make sport of a poor man who is begging you a job and who doesn't want your laughs."

The merchant loosened the belt of his trousers.

"He's speaking seriously, pff! Ha! Ha! Ha! Look, Pontes, you..."

Pontes walked out on him in the middle of his sentence and went off, his soul torn between despair and anger. This was too much. So society was rejecting him? Was he condemned to remain frozen forever in his comic mold?

He visited other firms, explained as best he could, implored. But his act was judged by unanimous agreement as one of the neatest tricks of an incorrigible joker. Many persons repeated the usual comment: "That devil of a fellow refuses to change his ways! And yet, he is no longer a child. . ."

### The funny-man who repented

Thwarted in his commercial quest, he turned toward agriculture. He sought out a ranch owner who had discharged his foreman and explained his situation to him.

After listening attentively to his statements, followed by the request to get the foreman's place, the Colonel exploded in a hilarious burst, "Pontes the foreman! Sh! Sh! Sh!"

"But. . ."

"Let me laugh, man, for I don't get a chance often to do so here in the back woods. Sh! Sh! Sh! That's a good one! I've always said that for making jokes, pontes, old boy, there's no one your equal!"

And bellowing into the house, "Maricota, come out here and listen to this new one of Pontes. It's a scream! Sh! Sh! Sh!"

On that day our unhappy joker wept. He finally understood that one cannot destroy in a twinkling what it has taken years to build. His reputation as the unexcelled life of the party and as a joker unequalled and monumental, was build of lime too good and cement too hard to be overthrown suddenly.

Yet he felt impelled to change his way of living. Pontes now turned his consideration toward a political job, for government is an accommodating employer, perhaps the only one approachable under circumstances; it is impersonal, it has nothing to do with laughter and doesn't even know intimately the separate units that make it up. Such an employer alone would take him seriously—yes, the road to salvation led that way.

He examined the possibility of serving in the postoffice, or the department of justice, or with the tax collector and all the rest. Weighing the pros and cons carefully, with all the trumps in the deck, he fixed his choice upon the federal internal revenue office, whose head, Major Bentes, would probably not last long because of his age and a heart ailment. There was public gossip about his aneurism or tumor in an artery that might burst any time.

Pontes' ace card was a relative in Rio, a wealthy fellow able to exert political pressure if certain changes in the government took place. Pontes followed him around and did so much to win him over to his idea that his relative finally dismissed him with a formal promise.

"Don't worry, for if I get the break I expect in the government and your collector's artery explodes opportunely, nobody is ever going to laugh at you again. Now get along, and let me hear from you when your man dies, and don't wait for his corpse to get cold."

Pontes returned home radiant with hope and patiently awaited the movement of events, one eye on politics and the other on the tumor that was to provide his salvation.

The political crisis came first, ministers fell, others replaced them, and among the latter a party big-shot who was associated with Pontes' relative. The road now was half traveled. Just the second part remained

Unfortunately, the Major's health seemed steady, affording no

### Monteiro Lobato

evident signs of an early decline. In the opinion of the doctors who killed patients allopathically, the tumor was a dangerous thing that might burst thus slightest strain. But the surly old tax collector, thus warned, was in no hurry to depart for a better world, leaving behind a life for which the fates had provided plenty of comfort and ease. He did his best therefore to doublecross his incurable malady by following a rigidly methodical regimen. If some violent effort was to kill him, they needn't worry, he just wouldn't make such an effort.

Naturally, Pontes, already mentally the occupant of that sinecure, became impatient with this unsettling stalemate to his projects. How was he going to remove this obstacle from his path? He studied up in the Chernoviz medical volumes the chapters on tumors, in fact memorized them; he went about investigating all that was said or written on the subject; he began to know more about it than Dr. Iodope, the local physician, of whom it may be reported here confidentially that he never knew anything at all his whole life.

Having thus bitten into this tempting apple of science, Pontes was gradually led to the notion that he might hurry the man's death by helping him to burst. Any exertion would kill him? Very well then, Souza Pontes would bring him to make that exertion.

"A burst of laughter is an exertion," he reflected satanically to himself. "A sudden guffaw could kill. Well, I'm an expert at making people laugh..."

Pontes passed many days in seclusion, holding a mental dialogue with the serpent of his temptation.

"Is it a crime? No! According to what code is it criminal to cause laughter? If a man should die of it, the blame should fall on his weak aorta."

The mind of our evil doer became a battlefield where his plan fought a duel against all the objections sent against it by his conscience. His embittered ambition served as judge and God knows how many times said judge prevaricated, influenced by scandalous partiality for one of the contending parties.

As was to be expected, the serpent won and Pontes emerged once more into society a bit more lean, with hollows under his eyes, yet with a queer light of victorious resolution shining in them. Also noticeable to those who looked at him with penetration was the nervousness of his manner—but penetration was not an abundant virtue among his fellow citizens, and moreover the state of mind of a Pontes was a matter of no significance, because Pontes...

"As for Pontes..."

The future office-holder now began to forge careful plans for his campaign. First it was necessary to make contact with the Major, a man who lived a retired life and was very little given to idle conversation; then to insinuate himself into his intimacy; study his whims



### THE FUNNY-MAN WHO REPENTED

and hobbies until he found in what part of his anatomy was located his heel of Achilles.

He began to frequent regularly the collector's office under various pretexts, now for stamps on documents, again for information concerning taxes, anything that served as an opportunity for a bit of clever skillful conversation intended to undermine the old man's hostility.

He even went there on the business of other people, to pay excise taxes, obtain permits, and errands of the sort; he made himself very useful to friends who had dealings with the Treasury.

The Major was astonished at the frequency of his visits and told him so but Pontes parried this remark by inventing masterful pretexts and persisted in his well-calculated plan of letting time take its course in wearing down the sharp angles of his acquaintance of the weak heart.

By the end of two months Bentes had become accustomed to that lively "chipmunk" as he nicknamed Pontes, who after all seemed to him a kind-hearted fellow, eager to be of service and quite inoffensive. It was only a step from that point to the time when he asked Pontes to help him out on a day when the work had piled up, and again after that, and even once more. This development finally made Pontes a sort of an associate in his department. For certain services, there was no one like him. What industry! What subtlety! What tact! On scolding one of his clerks once, the Major held up Pontes' diplomacy as an example and a reprimand.

"You big idiot! Learn from Pontes who is skillful in everything and witty into the bargain."

On that same day he invited him to dinner. Great was the exultation in the heart of Pontes! The fortress was opening its doors to him.

That meal marked the beginning of a series of movements in which the "chipmunk," now an indispensable factotum, had a free field for his tactics.

Yet Major Bentes appeared invulnerable. He never laughed, but imitated his manifestations of hilarity to ironic smiles. A jest that forced other table companions to get up from their chairs and stuff their napkins in their mouths, hardly did more than bring a curl to the Major's lips. And if the humor was not of extraordinary keenness, he used to humble the narrator without pity.

"That's an old joke, Pontes. You'll find in the Laemmer almanac for 1850; I remember reading it."

Pontes smiled meekly, but within himself he took comfort with the reflection that if he hadn't caught him that time, he would catch him some other time.

All his sagacity was focused now on the single goal of sounding out the weakness of the Major. Every man has some preference for a certain type of humor or satire. One is fond of licentious tales about fat friars. Another dotes on good-humored jests connected with

### Monteiro Lobato

German folk-songs. Another would sell his life for a tale with Gallic spice. The Brazilian adores satire which exposes the boorish stupidity of the natives of Portugal or the Azores.

But the Major? Well, he didn't laugh at humor served English fashion, nor German, nor French, nor even Brazilian. What was his type?

A systematic exploration, with the exclusion of humorous types proven ineffective, brought Pontes to the realization of the special weakness of his tough adversary; the Major licked his fingers for tales about Englishmen and friars. However, it was necessary for these to be worked in together. Separately, they missed fire. Such are the peculiarities of an old man. Whenever in the same story, beef-eating, ruddy Englishmen, in checkered suits, with cork helmets, formidable boots, with a pipe in their mouths, figured together with chubby friars, addicted to pipes and to feminine flesh, there and then the Major would actually open his mouth and interrupt the process of chewing, like a child who is being enticed with coconut candy. And when the point of the joke was sprung, he would laugh with pleasure, frankly, although without any abandonment endangering his state of health.

With infinitive patience, Pontes banked on this sole type of humor and never left it for any other. He increased his repertory, regulated the dosage of wit and malice, and systematically bombarded the major's aorta with the products of a skillful combination.

When the story was lengthy because the narrator embellished it to delay and conceal the ending or heighten its effect, the old man showed his quickened interest and during the cleverly placed pauses he would ask for clarification or for the rest of the story.

"Well, how about that rascal of a beef-eater? What happened then? Did Mister John Whistle?"

Although the fatal guffaw was slow in coming, the future tax-collector did not despair, trusting in the fable about the pitcher that went to the water so often that it finally cracked. His plan was really not too bad. Psychology was working for him—and also Lent.

On a certain occasion toward the end of the Carnival, the Major gathered his friends around an enormous stuffed fish presented to him by one of his colleagues. The Carnival sports had enlivened the spirits of his table companions as well as those of their host, who on that day was contented with himself and the world, as if he had beheld some extraordinary marvel. The odors of cooking coming from the kitchen took the place of liquid appetizers and called forth upon all faces an expression of gastronomic anticipation.

When the fish was brought in the Major's eyes sparkled. He doted on excellent fish, all the more when cooked by his faithful Gertrude. And at that banquet Gertrude surpassed herself in the seasoning which excelled the limits of the culinary art and rose to lyrical heights. What a fish! Vata would have signed it himself with the pen of his

### THE FUNNY-MAN WHO REPENTED

helplessness moistened in the ink of envy, one of the clerks remarked, an observation read in Brillat-Savarian and in other artists of the palate.

Amidst swallows of strong but inferior wine, the fish was gradually being inserted into stomachs with appreciative fervor. No one dared to break the silence of this alimentary blissfulness.

Pontes felt that this was the opportune moment for his final blow. He had prepared a story about an Englishman, his wife, and two Franciscan friars, an anecdote that he had elaborated by the effort of insomnia. For a number of days he had his trap all set, always awaiting the right occasion when everything would cooperate to obtain for him the maximum result.

This was the final hope of our villain, his last cartridge. If it misfired, he was resolved to put two bullets into his own brain. He realized it was impossible to contrive a more ingenious explosive than this story. If the stick artery resisted this shock, then the so-called tumor was a fake, the aorta a figment of the imagination, the Chernoviz medical disquisition a stream of nonsense, medicine a failure, Doctor Iodope an ass, and he, Pontes, the most complete simpleton ever warmed by the sun—and therefore unfit to live.

Thus Pontes mediated, gazing appealingly with the eyes of psychology, on his intended victim, when the major met him hal-way; he blinked his left eye, a sign that he was all set to listen.

“Here goes now,” thought our bandit; and with peerless naturalness, picking up as if by chance a bottle of sauce, he began to read the label.

“Perrins: Lea and Perrins. I wonder if he can be a relative of that Lord Perrins who tricked two Franciscan friars?”

Intoxicated by the delicious fish, the Major’s eyes sparkled with a lustful light of greediness for a spicy story.

“Two friars and a Lord! This story must be A 1. Tell it to us, chipmunk.”

And chewing unconsciously, he became absorbed in the fateful tale.

The anecdote ran along craftily, combining the usual threads of events until the denouement was near. It was related with a masterly art, clear and precise, in a strategic development full of genius. Half way toward the end, the plot had the old man so spellbound that it held him in suspense, his mouth half-open, an olive stuck on his fork stopped in mid-air. A readiness to burst out laughing—now held in check but eager to explode—a roaring laugh about to erupt, illuminated his face.

Pontes hesitated. He foresaw the bursting of the artery. For an instant his conscience put a brake on his tongue, but Pontes kicked it aside and with a steady voice pulled the trigger.

Major Antonio Pereira da Silva Bentes let forth the first guffaw in his life, a loud resounding roar that could be heard to the end of the street, a bellow like that of Carlye’s Teufelsdröckh facing Jean Paul Richter. It was his first, to be sure, but also his last, for in the midst

950

**MONTEIRO LOBATO**

of it his astounded companions saw him slump face down over his plate, at the same time that a Jet of blood reddened the tablecloth.

The assassin rose, hallucinated. Talking advantage of the confusion, he slipped out into the street like a second Cain. He hid himself in his house, bolted the door of his room, his teeth chattered all night long, his perspiration ran cold. The slightest noises filled him with terror. Could it be the police?

It took weeks for that agitation of his soul to begin to calm down. Everybody attributed his indisposition to his sorrow over the death of his friend. Nevertheless, his eyes constantly beheld the same vision: the collector slumped over his plate, his mouth spurting blood, while in the air there echoed that shriek of his last laughter.

While he was in this depressed frame of mind, he received a letter from his Rio relative. Among other things, this influential person wrote: "As you didn't notify me in time according to our understanding, it was only through the newspaper that I found out about the death of Bentes. I went to the Minister but it was too late, the name of a successor had already been selected. Your carelessness made you lose the best chance in your life. Keep in mind for your guidance this Latin dictum: *'tarde venientibus ossa, whoever arrives late finds only bones'*—and be more alert in the future."

One month later he was found hanging from a beam, stiff, his tongue out.

He had strangled himself with the leg of a pair of drawers.

When the news spread in the city, everyone was amused by this detail. The Portuguese department store owner passed this comment before his clerks:

"What a funny fellow he was! Even at his death he thinks up a prank. To hang oneself on one's drawers! That's a trick that only Pontes could pull off."

And the group around him echoed in chorus a half dozen "Ha Ha's"—the sole epitaph granted by society to poor Pontes.

## **ANEXO 5**

**ANEXO 5*****Relação de Little Blue Books Séries nº600 à 799.***

Como curiosidade e para sabermos o tipo de leitura editado pela Haldeman-Julius, de Girard, Kansas e entrever um determinado perfil do leitor das Séries, transcrevemos neste Anexo os títulos das Séries de nº600 a 799.

***LITTLE BLUE BOOKS  
PUBLISHED BY E. HALDEMAN-JULIUS (1919-1951)***

***and by***

***HENRY J. HALDEMAN 1951-1976)***

600. The Essence of the Bible, selected and edited by Henry C. Vedder.
601. Recollections of Oscar Wilde [by] Ernest La Jeunesse, Andre Gide and Franz Blei; translation and introduction by Percival Pollard.
602. The Great Pyramid of Egypt, the Sphynx, and the Religion and Magic of Ancient Egypt [by] Hereward Carrington.
603. The ABC of the Electron Theory of Matter [by] Maynard Shipley.
604. Life of Theodore Roosevelt [by] Charles J. Finger.
605. The Indians of the Pueblos [by] Flora Warren Seymour.
- 606a. The First French Republic [by] Louis R. Gottschalk.  
606b. How to Play Chess [by] James Juvenal Hayes.
607. Solving the Mystery of the Comets [by] Maynard Shipley.
608. The Origin and Development of the Atomic Theory [by] Maynard Shipley.
609. Are the Planets Inhabited? [by] Maynard Shipley.
610. Life of Martin Luther [by] Henry C. Vedder.
611. H. L. Mencken [by] Isaac Goldberg.
612. Disraeli: England's Novelist-Premier [by] Lloyd E. Smith.
613. Ancient Philosophers [by] Vance Randolph.
614. Religious Philosophers [by] Vance Randolph.
615. Modern Philosophers [by] Vance Randolph.
616. The Lady of the Lake [by] Sir Walter Scott, edited, with introduction and notes, by Lloyd E. Smith.
617. Hamilcar: Great Man of Carthage [by] Gustave Flaubert; introduction by John W. Gunn.

618. Poems of William Wordsworth, edited with introduction and notes, by Nelson Antrim Crawford.
619. The Tragical History of Doctor Faustus [by] Christopher Marlowe.
620. John Bunyan's Pilgrim's Progress, edited, with an introduction, by Lloyd E. Smith.
621. The Wit and Wisdom of Disraeli [by] Lloyd E. Smith.
622. Xenophon's Memorabilia of Socrates, edited, with an introduction, by Lloyd E. Smith.
623. Electra [by] Sophocles, translated from the original Greek by Alexander Harvey.
624. The Gospel of Luke, a New Translation, edited, according to modern literary form, by Henry C. Vedder.
625. The Gospel of Mark, translated and edited, according to modern literary form, by Henry C. Vedder.
626. Negro Songs, and Anthology, edited, with and introduction, by Clement Wood.
627. A Short History of the Jews [by] Clement Wood.
628. The Making of the Old Testament [by] Clement Wood.
629. Hand-book of Legal Forms [by] John W. Shannon.
630. The Second-Story Man [by] Upton Sinclair.
631. The Naturewoman [by] Upton Sinclair.
632. The Machine [by] Upton Sinclair.
- 633a. Prince Hagen [by] Upton Sinclair.
- 633b. Was Lenin a Great Man? [by] Anna Louise Strong.
634. A Captain of Industry, Being the Story of a Civilized Man: Volume 1 [by] Upton Sinclair.
635. A Captain of Industry, Being the Story of a Civilized Man: Volume 2 [by] Upton Sinclair.
636. The Greatest Thing in the World [by] Henry Drummond.
- 637a. Pax Vobiscum [by] Henry Drummond.
- 637b. Pocket Dictionary: English-German, German-English [by] Vance Randolph.
638. The Crime of Poverty, an Address by Henry George.
639. 4,000 Most Essential English Words (a basic literacy test).
640. The Apostate [by] Jack London.
641. The Philosophy of Immanuel Kant [by] Will Durant.
642. New Atlantis [by] Francis Bacon.
643. A Collection of Apothegms [by] Francis Bacon.
- 644a. Poem of the Cid: Volume I, translated by Archer M. Huntington, with introduction and notes by Nelson Antrim Crawford.
- 644b. Women Who Have Lived for Love [by] Leo Markun.
- 645a. Poem of the Cid: Volume II, translated by Archer M. Huntington, with introduction and notes by Nelson Antrim Crawford.
- 645b. Confidential Chats with Wives [by] Gloria Goddard.

## 646. The Spirit of Brazilian Literature [by] Isaac Goldberg.

647a. The Clouds [by] Aristophanes, translated from the original Greek by Alexander Harvey.

647b. The Truth about Los Angeles [by] Louis Adamic.

648a. Rejuvenation--Science's New Fountain of Youth [by] William J. Fielding.

648b. The Facts About Rejuvenation [by] Morris Fishbein.

649. A Defence of Cosmetics [by] Max Beerbohm.

650. KKK, the Creed of the Klansmen, a Symposium by E. Haldeman-Julius and others.

651. How to Psycho-Analyze Yourself; a Confidential Analysis of your Personality [by] Daniel H. Bonus.

652. Is the Ku Klux Klan Constructive or Destructive? A Debate Between Imperial Wizard Evans, Israel Zangwill and Others; Reported by Edward Prive Bell, Staff Writer, the Chicago Daily News.

653. What Every Boy Should Know [by] William J. Fielding.

654. What Every Young Man Should Know [by] William J. Fielding.

655. What Every Young Woman Should Know [by] William J. Fielding.

656. What Every Married Man Should Know [by] William J. Fielding.

657. What Every Married Woman Should Know [by] William J. Fielding.

658a. Walking Tours [by] Robert Louis Stevenson.

658b. Toasts for All Occasions, edited by Clarice Cunningham.

659. The Lost Phoebe and Old Rogaum and His Theresa [by] Theodore Dreiser.

660. My Brother Paul, and W. L. S. [by] Theodore Dreiser.

661. Neurotic America and the Sex Impulse and Some Aspects of Our National Character [by] Theodore Dreiser.

662. Amusing Answers to Correspondents, and Other Pieces [by] Mark Twain.

663. Journalism in Tennessee, and Other Humorous Sketches [by] Mark Twain.

664. Oscar Wilde's Letters to Sarah Bernhardt, edited by Sylvestre Dorian.

665. Sarah Bernhardt's Love Letters to Sardou, edited by Sylvestre Dorian.

666. Sarah Bernhardt as I Knew Her, Volume 1 [by] Sylvestre Dorian.

667. Sarah Bernhardt as I Knew Her, Volume 2 [by] Sylvestre Dorian.

668. Humorous Fables [by] Mark Twain.

669. Josh Billings' Humorous Epigrams.

670. Josh Billings' Comical Lexicon, and Other Amusing Skits.

671. Moral Discourses of Epictetus, edited, with a foreword, by Lloyd E. Smith.

672. Illicit Love, and Other Stories [by] Boccaccio.

673. Tales of Love and Life [by] Boccaccio.



674. The Falcon, and Other Tales [by] Boccaccio.
675. Sarah Bernhardt's Philosophy of Love, translated by Sylvestre Dorian.
676. Sarah Bernhardt's Love-Letters to Pierre Berton, translated by Sylvestre Dorian.
- 677a. Poems and Prose of William Blake, edited, with introduction and notes, by Floyd Dell.  
677b. What can a Free Man Worship? [by] Bertrand Russell.
678. E. Haldeman-Julius--The Man and His Work [by] John W. Gunn.
679. Chemistry for Beginners [by] Hereward Carrington.
680. Louis Pasteur, The Man and His Work [by] Morris Fishbein.
681. Spelling Self Taught [by] Lloyd E. Smith.
682. Grammar Self Taught [by] Lloyd E. Smith.
683. Punctuation Self Taught [by] Lloyd E. Smith.
684. Essence of Judaism (a Guide to Fact of Jewish Law and life) [by] Rabbi Leo Jung.
685. Practical Hints on Interior Decoration [by] b. Russell Herts.
686. Records of Evolution [by] Mildred Adams Fenton and Carroll Lane Fenton.
687. U.S. Constitution, Declaration of Independence and the Monroe Doctrine.
688. Teeth and Mouth Hygiene [by] Louis Reiss, D.D.S. and William J. Fielding.
689. Woman's Sexual Life [by] William J. Fielding.
690. Man's Sexual Life [by] William J. Fielding.
691. The Child's Sexual Life [by] William J. Fielding.
692. Homo-Sexual Life [by] William J. Fielding.
- 693a. Memorandum Book.  
693b. New Experiments in Animal Psychology [by] Vance Randolph, drawings by Peter Quinn.
694. The Evidence for Evolution [by] Carroll Lane Fenton.
695. Embryology and Its Evidence for Evolution [by] Carroll Lane Fenton.
696. How to Pronounce 4000 Proper Names [by] Lloyd E. Smith.
697. 4000 Words Often Mispronounced [by] Lloyd E. Smith.
698. Tales of Chicago Streets [by] Ben Hecht.
699. Broken Necks, and Other Stories [by] Ben Hecht.
700. The Story of Schopenhauer's Philosophy [by] Will Durant.
- 701a. Poems of Robert Herrick, edited, with an Introduction, by Floyd Dell.  
701b. Why I Am a Heretic [by] Harry Hibschan.
702. Cup-Bearers of Wine and Hellebore [by] Llewelyn Powys.

703. Physiology Self Taught [by] Vance Randolph.
- 704a. Diderot and the French Encyclopedists, by John W. Gunn.  
704b. What You Should Know About Palmistry [by] Leo Markun.
- 705a. Charles Lamb and His Friends [by] John W. Gunn.  
705b. 100 Professions for Women [by] Betty Van Deventer.
706. The Bible: Should It Be in the School Room? The Question Considered Legally, Morally and Religiously [by] Franklin Steniner.
707. Epigrams of Love, Life and Laughter [by] Anatole France, selected and translated by Sylvestre Dorian.
708. An Introduction to Philology (the science of language) [by] Clement Wood.  
*Note: also entitled The Romance of Words, an Introduction to Philology [by] Clement Wood.*
709. Sociology for Beginners [by] Clement Wood.
710. Botany for Beginners [by] Clement Wood.
- 711a. The Sociology of Lester Ward [by] Clement Wood.  
711b. Odd Facts About American Life, a Symposium.
712. Shelley and the Women He Loved [by] Clement Wood.
713. Byron and the Women He Loved [by] Clement Wood.
714. Emerson: the Man and His Works [by] Clement Wood.
715. Auction Bridge for Beginners [by] Clement Wood.
716. Mother Goose, An Anthology, with an introduction, by Clement Wood.
717. Modern Sexual Morality [by] Clement Wood.
718. Great Women of Antiquity [by] Clement Wood.
719. Poetry of the Southern States, edited, with a foreword, by Clement Wood.
720. The Intelligence of Invertebrate Animals [by] Maynard Shipley.
721. The Intelligence of Vertebrate Animals [by] Maynard Shipley.
722. Electricity and Life [by] Maynard Shipley.
723. Soviet Form of Government, Its Application to Western Civilization.
- 724a. Short Poems of Frederick Holderlin, English Versions, with a biographical introduction, by Pierre Loving.  
724b. Address at the Grave of Luther Burbank [by] Judge Ben B. Lindsey.
725. Zoology Self Taught [by] Vance Randolph, drawings by Peter Quinn.
726. Simple Facts About Venereal Diseases [by] Joseph H. Greer.
727. The Psychology of the Affections [by] Vance Randolph.
728. Life Among the Bees [by] Vance Randolph, drawings by Peter Quinn.
- 729a. Poe's Marginalia, edited by Isaac Goldberg.  
729b. How to Budget the Family Income [by] Josephine Headen.
- 730a. Poe as a Literary Critic, by Isaac Goldberg.  
730b. Mistresses of Today [by] Leo Markun.

731a. Critical Excerpts from Poe, edited, with introduction and notes, by Isaac Goldberg.  
 731b. The Mental Differences Between Men and Women; Neither of the Sexes Is to an Important Extent Superior to the Other [by] Leo Markun.

732. The Spirit of Yiddish Literature [by] Isaac Goldberg.

**733. *Brazilian Short Stories* [by] Monteiro Lobato, with an Introduction by Isaac Goldberg.**

734. A Book of Useful Phrases, selected and arranged by Lloyd E. Smith.

735. Confessions of St. Augustine, edited, with introduction by Lloyd E. Smith.

736. Morals of Seneca, edited, with a foreword, by Lloyd E. Smith.

737. Thoughts on the Meaning of Life [by] Joseph Joubert, edited, with an introduction, by Lloyd E. Smith.

738. Poor Richard's Almanac [by] Benjamin Franklin, edited by Lloyd E. Smith.

739. Tales in Verse of Terror and Wonder, edited by Lloyd E. Smith.

740. Poems of William Cullen Bryant, edited, with introduction and notes, by Nelson Antrim Crawford.

741. Poems of John Greenleaf Whittier, edited, with introduction and notes, by Nelson Antrim Crawford.

742. Poems of Ralph Waldo Emerson, edited, with introduction and notes, by Nelson Antrim Crawford.

743. Great Christian Hymns, edited, with introduction and notes, by Nelson Antrim Crawford.

744. Poems of Percy Bysshe Shelley, edited, with introduction and notes, by Nelson Antrim Crawford.

745. Montes: The Matador [by] Frank Harris.

746. A Daughter of Eve [by] Frank Harris.

747. The True Story of Eleonora Duse's Love Affair With D'Annunzio [by] Luigi Dei Riccio.

748a. A History of Social Ideals (from ancient to modern times) [by] W. b. Mahan.

748b. Elementary Plane Geometry Self Taught [by] Lawrence a. Barrett.

749. Camping, Woodcraft and Wildcraft [by] Raymond S. Spears.

750. Helpful Hints for Hikers; How to Get the Most Out of Touring on Foot [by] Raymond S. Spears.

751a. Wit and Wisdom of Walter Scott, selected from the Letters and Diaries of Scott by Robert Swasey.

751b. Hints on How to Merchandise [by] Ralph Cheyney.

752a. The Life and Works of Walter Scott [by] Robert Swasey.

752b. Facts You Should Know About California [by] Louis Adamic and Others.

753. The Essence of Catholicism [by] Ralph W. Church.

754a. History of the New York Indians [by] Flora Warren Seymour.

754b. An International Dictionary of Authors [by] Leo Markun.

755a. The Five Civilized American Indian Tribes [by] Flora Warren Seymour.

755b. Life Among Hollywood's "Extra" Girls [by] Edgcumb Pinchon.

756. The Story of the Sioux Indians [by] Flora Warren Seymour.

- 757a. The Consulate of Napoleon Bonaparte [by] Louis R. Gottschalk.  
757b. Facts You Should Know About Today's South; a Symposium.
758. The Frogs [by] Aristophanes, translated from the Greek by Alexander Harvey.
- 759a. The Birds, a Comedy [by] Aristophanes, translated from the original Greek by Alexander Harvey.  
759b. How to Conquer Stupidity [by] Leo Markun.
760. Agamemnon [by] Aeschylus, translated from the Greek by Henry T. Schnittkind.
761. Food and Diet in Relation to Life and Health [by] Hereward Carrington.
762. Optimism or Pessimism: Which is the More Reasonable Philosophy of Life? [by] Henry Frank and Percy Ward.
763. The Gist of Burton's Anatomy of Melancholy [by] Charles J. Finger.
764. Hints on Writing Book-Reviews [by] Leo Markun.
765. Life of Francis of Assisi [by] Henry C. Vedder.
766. Gallant Cassian, a Puppet-Play, [by] Arthur Schnitzler, translated from the third edition of the original by Adam L. Gowans.
- 767a. Hauptmann and Sudermann: Two German Dramatists [by] George Seibel.  
767b. What You Should Know About Astrology [by] Leo Markun.
- 768a. A Guide to the Philosophy of the German Idealists [by] Ernest Brucken.  
768b. The Best Jokes About Lawyers, edited by George Milburn.
769. Life of Thomas Jefferson [by] John W. Gunn.
- 770a. Talks with Lamb, Coleridge and Goethe (Henry Crabb Robinson), edited by John W. Gunn.  
770b. Adventures of Kit Carson: Frontier Hero [by] Stanley Vestal.
771. The Humor of "Bill" Nye, edited, with an introduction, by John W. Gunn.
772. The Philosophy of Herbert Spencer [by] Will Durant.
- 773a. Pictures of Travel [by] Heinrich Heine, selected and translated by Bayard Quincy Morgan, with an introductory note by George Sylvester Viereck.  
773b. Good Habits and How to Form Them [by] Leo Markun.
774. Famous German Poems, edited, with introduction and notes, by Margaret Munsterberg.
- 775a. Modern German Poetry, translated, with an introduction, by Ludwig Lewisohn.  
775b. First Aid for Investors [by] C. L. Byrne.
776. The Foundations of Science [by] a. G. Miller.
- 777a. Revolt in German Drama [by] Pierre Loving.  
777b. The Riddle of Human Behavior [by] Harry Hibschan.
778. Facts You Should Know about the Environment of Life [by] Carroll Lane Fenton.
779. The Fitness of Life [by] Carroll Lane Fenton.
780. The Blessed Damozel and Other Poems [by] Dante Gabriel Rossetti, edited, with an introduction, by George Sylvester Viereck.
- 781a. The House of Life a Sonnet Sequence [by] Dante Gabriel Rossetti, edited, with an introduction by George Sylvester Viereck.  
781b. Catholicism and Sex [by] Gerald Harrington.
782. Psycho-Analysis and the Link Between Mind and Body [by] Daniel H. Bonus.

783. *Mandalay, and Other Poems* [by] Rudyard Kipling.
784. *Association Tests Used in Psycho-Analysis* [by] Daniel H. Bonus.
785. *Ballads of Sir Walter Scott, with foreword, and notes*, by Lloyd E. Smith.
- 786a. *Panthea, and Other Poems* [by] Oscar Wilde, edited by George Sylvester Viereck.  
786b. *Catherine the Great and Her Lovers* [by] Leo Markun.
787. *The Harlot's House and Other Poems* [by] Oscar Wilde, edited, with an introduction, by George Sylvester Viereck.
- 788a. *Warbeck and Other Poems* [by] Lord Alfred Douglas with an introduction, by George Sylvester Viereck.  
788b. *The American Negro and His Problems* [by] Walter White.
- 789a. *The City of the Soul, and Other Sonnets* [by] Lord Alfred Douglas, with and introduction by George Sylvester Viereck.  
789b. *A Digest of U.S. Marriage and Divorce Laws* [by] Frank O. Eagin.
790. *Poems of Francois Villon*, edited, with introduction and notes, by George Sylvester Viereck.
791. *Poems and Ballads* [by] Algernon Charles Swinburne, with an introduction by George Sylvester Viereck.
792. *The Triumph of Time, and Other Poems* [by] John Davidson, edited, with and introduction, by George Sylvester Viereck.
793. *A Ballad of a Nun, and Other Poems* [by] John Davidson, edited, with an introduction, by George Sylvester Viereck.
794. *The "Patent Medicine" and the Public Health* [by] Arthur J. Cramp.
795. *Gunga Din, and Other Poems* [by] Rudyard Kipling.
796. *Life Among the Butterflies* [by] Vance Randolph, drawings by Peter Quinn.
797. *Twenty Years Among African Negroes* [by] C. J. Bender.
798. *Religious and Ethical Beliefs of African Negroes, Duala and Wakweliland* [by] C. J. Bender.
799. *The Deserted Village* [by] Oliver Goldsmith, introduction by Clyde K. Hyder.
- .....